

FLÁVIA NASCIUTTI

A GANGUE COMO ESPAÇO DE SUBJETIVIDADES

Universidade Católica de Goiás
2005

FLÁVIA NASCIUTTI

A GANGUE COMO ESPAÇO DE SUBJETIVIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia da Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Psicologia.
Orientadora: Prof. Dra. Mercedes Vila Cupolillo

Universidade Católica de Goiás
Goiânia – 2005

FLÁVIA NASCIUTTI

A GANGUE COMO ESPAÇO DE SUBJETIVIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Universidade Católica de Goiás,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Banca Examinadora:

Profª Drª Mercedes Villa Cupolillo
Presidente UCG

Profª Dra Sônia Margarida Gomes Sousa
Membro UCG

Profª Drª Eulália Henriques Maimone
Membro UNIUBE

Profª Dra. Vannuzia Leal Andrade Peres
(Suplente) UCG

Goiânia – GO, Agosto de 2005

:

Agradecimentos

A minha mãe, pelo apoio e suporte que me deram coragem;

Ao meu pai, pelo incentivo, pela orientação e compreensão, principalmente nos momentos difíceis;

A Mercedes, por sua paciência e capacidade de ensinar com o mais profundo respeito e amor diante de meus limites;

A Fernando González Rey, por enriquecer minha formação durante as reflexões nas aulas do mestrado;

A todos os amigos e familiares, que compartilharam os momentos de minha aprendizagem enquanto pesquisadora, dando-me sua solidariedade e apoio.

Às educadoras, que participaram desta pesquisa: Dorinha, Clarice e Olívia.

Finalmente, a Levi, Bruno, Mariana, Talisson e Juliana, por se disponibilizarem a co-construir os conhecimentos gestados neste trabalho.

A Ana e João, por uma
vida plena de todo viver!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	14
CAPÍTULO I O Processo de Desenvolvimento Humano: uma proposta para sua compreensão	14
CAPÍTULO II A Constituição da Subjetividade nos Grupos de Gangue.....	22
2.1 Os grupos de gangues e a constituição subjetiva	22
2.2 Desenvolvimento humano e contexto social	33
2.3 O sujeito e o grupo de gangue	37
CAPÍTULO III Metodologia	39
3.1 O estudo da constituição subjetiva do participante de grupos de gangue.....	39
3.2 O percurso da pesquisa	44
3.3 O contexto da pesquisa	47
CAPÍTULO IV – Construção das Informações.....	49
4.1 O contexto social das gangues.....	49
4.1.1 Levi.....	49
4.1.2 Talisson.....	70
4.1.3 Bruno	99
4.2 O contexto social da escola	113
4.2.1 A Escola Gameleira: Professora Clarice	116
4.2.2 A Escola Ipê: Diretora Olívia e Professora Dorinha	136
4.2.3 O Grupo Focal	154
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173
ANEXOS	179

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa sobre a constituição da subjetividade em sujeitos que experienciam, no contexto social, a participação em grupos de gangue. Sob a ótica das teorias de Vigotski e de González Rey problematiza-se o movimento de formação de grupos de gangue na sociedade capitalista, assim como sua expressão no que se refere aos tipos de relações estabelecidas entre o mundo social e o homem. Desta maneira, permite-se estudar o fenômeno das gangues, compreendendo seu lugar de mediador do desenvolvimento dos sujeitos, considerando a constituição subjetiva um processo dialético e complexo firmado em bases histórico-culturais. Dentre os objetivos deste trabalho de mestrado estão: 1) Conhecer como se produz os sentidos subjetivos a partir da visualização do fenômeno das gangues; 2) compreender de que forma a subjetividade individual se articula com a subjetividade social na constituição do sujeito e da sociedade, com suas instituições ou grupos (família, escola e gangue, por exemplo); 3) visualizar os modos de expressão individual e coletiva do sujeito de gangue em diferentes contextos sociais, assim como essa vivência constitui sua subjetividade. As informações foram construídas por meio de análise de momentos de interação e diálogo com sujeitos participantes de gangues, entrevistas com familiares desses sujeitos e educadores que compartilham ou já compartilharam de vivências escolares com esses sujeitos. As situações dialógicas nesta pesquisa caracterizam-se por entrevistas semi-estruturadas, grupo focal e situações de diálogos. As informações produzidas durante a pesquisa indicam que a sociedade atual e suas condições sócio-culturais geram situações de desenvolvimento nos homens, em que se revelam questões, como a produção da exclusão social e os mecanismos velados de sua reprodução, manifestando-se, por exemplo, sob forma de violência em vários níveis. Faz-se necessário compreender os múltiplos pontos implicados na formação e afirmação de gangues em nossa sociedade, visto que práticas de violência são questões parciais do espaço de subjetivação criado por um grupo de gangue. A Psicologia tem importante papel no entendimento de questões sociais como esta para, só assim possibilitar transformações na realidade posta.

Palavras-chave: Grupos de gangue, constituição subjetiva, desenvolvimento humano, exclusão social e contextos sociais.

ABSTRACT

This work consists of a research of the subjectivity in subjects that experience, in the social contingent, the participation in groups of gangs. Under the optics of theories of Vigotski and González Rey problematical the movement of formation of groups of gang in the capitalist society, as well as the expression as for the types of relations established between the social world and the man in this way, allowing to study the phenomenon of the gangs understanding its place of mediator of the development of the subjects. Considering the subjective constitution firming a dialect and complex process in historical-cultural bases. Amongst the objectives of this mastership word of is: 1) Know as if it produces the subjective senses from the visualization of the phenomenon of the gangs; 2) Comprehension as the individual subjectivity if it articulates with the social subjectivity in the constitution of the subject and the society with the institutions or groups (family, school and gang, for example); 3) Look the ways of collective individual expression of the subject of gang in different social contexts, as well as this live deeply constitute its subjectivity. The information had been constructed by means of analysis of interaction moments and dialogue with participant subjects of gangs, interview with familiar of these subjects and educators who share or already had shared of ways pertaining to school experiences. The talk situations in this research are characterized for half-structuralized interviews, focal group and situations of dialogues. The information produced during the research indicates that the current society and its socio-cultural conditions generate situations of development in the men. Thus disclosing questions as the production of the social exclusion and the guarded mechanisms of its reproduction appearing, for example, in the manifestation of the violence in some levels. One becomes necessary to understand the multiple points implied in the formation of gangs in our society, since practical of violence they are partial questions of the subjectivity space created by a group of gang. Psychology has a very important paper in the deepening of social matters as this and so to propitiate possibilities of transformation of the dispatches by post.

Word-key: Groups of gang, subjective constitution, human development, social exclusion and social contexts

INTRODUÇÃO

A experiência durante o nosso trabalho em uma instituição pública de ensino fundamental trouxe indagações quanto ao lugar de vida do aluno e como os contextos sociais participam na constituição desses sujeitos. Essas primeiras indagações impulsionaram a busca de maiores subsídios teórico e prático, que originaram idéias relativas à necessidade de melhor conhecer a relação entre sociedade e indivíduo.

Muitas questões, quanto ao modo de vida das pessoas, o estabelecimento de relações no contexto de suas histórias pessoais, a contingência do meio sócio-cultural emergiram durante o nosso caminhar na prática profissional. Diante disso, surgiu o questionamento acerca da contribuição do exercício da Psicologia para (re)pensar o trabalho educacional, a realidade social dialeticamente constituída no meio escolar e como tudo isso se entrelaça com uma realidade maior. Ou seja, buscamos compreender como os homens se desenvolvem na constante relação entre o individual e o mundo social.

Ao examinarmos a literatura sobre esta temática, deparamo-nos com representações teóricas dentro da Psicologia, muitas vezes pautadas em concepções que privilegiavam determinados focos de análise. Dentre essas abordagens, podemos citar a Psicologia Comportamental, que, segundo González Rey (2004), representa uma das tendências mais enraizadas e duradouras da Psicologia. Epistemologicamente o comportamentalismo enfatizava a padronização, a medição e a universalidade, além de centrar-se no indivíduo, considerando pouco o social no estudo do desenvolvimento psíquico dos homens.

Por outro lado, nas abordagens humanista e psicanalítica os processos do desenvolvimento humano são compostos, de um modo geral, pela organização individual, influenciados pelo social. Isto gera a idéia de uma psique como um sistema dinâmico, porém individualizada e, muitas vezes, racionalmente compreendida. Em nenhuma destas

concepções teóricas, encontramos respostas suficientes para nossas indagações, pois, ao pensarmos na constituição psíquica, aproximamo-nos dos fatores históricos, sociais e culturais que interagem nos processos de desenvolvimento do homem.

Dentre os inúmeros caminhos de estudo do desenvolvimento do ser humano, tanto na pluralidade quanto na singularidade, chamaram-nos mais a atenção as idéias e formulações de Vigotski (1896-1934), que, juntamente com seus colaboradores, gerou a concepção teórica atualmente conhecida como perspectiva Histórico-Cultural.

Pensar o meio humano relacional como parte integrante da ordem cultural e da expressão direta de uma subjetividade própria e continuamente constituída fomentou o encontro dos caminhos do estudo e da pesquisa.

Considerando o social um sistema simbólico e subjetivo implicado em uma produção cultural e histórica, este delimita um espaço de prática individual compartilhada. Sendo assim, é de fundamental importância analisar como a sociedade brasileira tem gestado e vivenciado a expressão dos diversos grupos sociais que a compõem.

No caso deste trabalho de mestrado, os grupos de gangue são abordados a partir do sujeito que se agrega a esse espaço social, tendo por aporte teórico a perspectiva sócio-histórica da Psicologia crítica inspirada na obra de Vigotski e na Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey. Na busca de melhor compreender a complexidade humana, utilizamos também o referencial da Teoria da Subjetividade desenvolvida por González Rey.

Por meio do relato das experiências dos sujeitos e da interlocução da expressão do fenômeno psicológico em diferentes espaços sociais, a exemplo do grupo de gangue, meio escolar e meio familiar, o presente trabalho pretende compreender as nuances das configurações dos grupos de gangue e de que forma se constituem subjetivamente aos níveis individual e social.

Articular a subjetividade individual com a subjetividade social é um dos pontos

centrais desta pesquisa, já que este prisma de produção científica permite gerar conhecimentos capazes de vislumbrar a complexidade da psique humana. Um exemplo disso são os cenários sociais da escola, da família e da sociedade, espaços permanentes de produção de subjetividade.

As concepções de Vigotski a respeito do desenvolvimento humano enquanto processo dialético complexo (VIGOTSKI, 1998), em contínua transformação e dotado de contradições, alimentam a Teoria da Subjetividade de González Rey, que considera a constituição subjetiva envolvida nas dimensões do individual e do social. Revela-se a categoria sujeito central no estudo da subjetividade, visto que provoca mudanças em todos os espaços de construção do conhecimento psicológico (GONZÁLEZ REY, 2004).

Nutrindo-se nas idéias de Vigotski e González Rey este trabalho propõe mobilizar pontos de reflexão sobre as gangues como espaço de subjetividade; quais as características desses grupos são características da subjetividade social da contemporaneidade; de que maneira os contextos escolar e familiar estão inseridos em um contexto social maior, criando, assim, uma articulação no engendramento de sentidos subjetivos, o que possibilita aos sujeitos um pensar e agir transformador do social em psicológico.

É de grande valor a formulação deste tema de pesquisa, pois nossa intenção é contribuir para a ciência psicológica e, conseqüentemente, para a formação profissional e melhor elaboração da prática de psicólogos. Outra contribuição deverá alcançar o que diz respeito às políticas públicas voltadas para a educação escolar e para as condições de vida em sociedade, pois as gangues constituem-se em fenômeno de nossa realidade objetiva e subjetiva, integrando a multiplicidade de expressões da história e da cultura da sociedade ocidental.

Mais do que caracterizar as gangues, o interesse deste estudo é considerá-la constitutiva e constituinte dos processos psicossociais do desenvolvimento humano. Portanto,

na construção das informações adotamos o método construtivo-interpretativo¹ para a análise das informações.

Na primeira parte deste trabalho, apresentaremos a contextualização teórica dentro da Psicologia Histórico- Cultural e suas contribuições para o melhor conhecimento dos processos de desenvolvimento humano e da constituição subjetiva dos sujeitos que transitam por múltiplos lugares onde se configuram as vivências sociais, permeadas pela história e pela cultura de uma determinada realidade objetiva.

Na segunda parte, discutiremos como os grupos de gangue produzem espaços de mediação do desenvolvimento humano. Além disso, buscaremos caracterizar esses grupos e sua expressão na sociedade, produzindo sentidos e significados para a experiência social. Por meio da revisão de literatura, mostraremos a abordagem do tema em diferentes áreas do conhecimento, em que se defende serem escola, família e grupo de gangue contextos inter-relacionais e promotores de mudanças qualitativas dentro da singularidade de cada sujeito. Esses espaços geram novos sentidos e significados que se agregam e transformam o desenvolvimento individual e social de maneira permanente e integrada.

No terceiro capítulo traremos a discussão metodológica e apresentaremos o percurso da pesquisa, descrevendo o contexto da construção das informações onde a pesquisa configura-se em um recorte do momento estudado. Sendo a relação pesquisador-sujeito, ponto determinante na construção das idéias.

No quarto capítulo relataremos os caminhos de cada estudo de caso, assim como apresentaremos as informações produzidas ao longo do trabalho de campo.

Na quinta parte trataremos das considerações finais, quando refletiremos sobre o papel da Psicologia diante da realidade social que constitui os homens atualmente. Por fim, segue-se os anexos do trabalho (relatos, entrevistas, grupo focal e transcritos).

¹ Proposição da Epistemologia Qualitativa de Fernando González Rey.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

CAPÍTULO I O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO:

uma proposta para sua compreensão

Na história da Psicologia, enquanto ciência, o conhecimento produzido acerca do desenvolvimento humano alcançou compreensões por diferentes olhares. Entre esses saberes produzidos está a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, sendo que Lev Semenovich Vigotski (1896-1934), um de seus precursores, norteará este trabalho, como referencial na compreensão da constituição da subjetividade, do desenvolvimento do sujeito e na sustentação a nossa proposta metodológica.

A Psicologia sócio-histórica baseia-se na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski para quem esta é uma possibilidade de superação das dicotomias presentes na compreensão do fenômeno psicológico (BOCK, 2002).

Os seus fundamentos epistemológicos e teóricos possibilitam reorientar o estudo dos fenômenos psíquicos, adotando a filosofia marxista e o materialismo histórico e dialético como referenciais principais.

A construção teórica de Vigotski propõe uma compreensão do processo de desenvolvimento humano, que se diferencia da ciência psicológica de sua época (início do século XX). Seu trabalho teve influência das áreas de Lingüística, Sociologia e Antropologia, o que o torna pioneiro na descrição dos mecanismos pelos quais o cultural e o social se tornam parte na constituição de cada pessoa (VIGOTSKI, 1998; PALANGANA, 2001).

Percebendo o homem como participante ativo da própria existência, Vigotski, em sua metodologia de pesquisa, assimila as mudanças ao longo do desenvolvimento, possibilitando visualizar o modo do homem atuar no mundo e em si mesmo, focalizando o problema da determinação histórica e transmissão cultural da psicologia dos seres humanos (VIGOTSKI, 1998).

Na verdade, o cenário da Psicologia que Vigotski defronta descreve o conflito entre as abordagens influenciadas pela Filosofia empirista, embasando a Psicologia nas ciências naturais e as abordagens influenciadas pelo idealismo filosófico de estudiosos europeus ou Psicologia introspeccionista (PALANGANA, 2001).

Assim, buscava-se contrapor essas abordagens. O desenvolvimento humano percebido para além das visões centradas no indivíduo abriu caminhos para a idéia de complexidade da constituição psíquica do homem e sua estreita relação com fatores históricos, sociais e culturais. Relação esta aqui compreendida como processo em uma interação dialética, em contínua transformação e dotada de contradições.

Nosso conceito de desenvolvimento implica a rejeição do ponto de vista comumente aceito de que o desenvolvimento cognitivo é o resultado de uma acumulação gradual de mudanças isoladas. Acreditamos que o desenvolvimento da criança é um processo dialético complexo caracterizado pela periodicidade, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos (...) (VIGOTSKI, 1998, p. 96 e 97)

A representação da psique humana por um sistema complexo e que se organiza enquanto processual e dinâmico, possibilitando uma revolução na ciência psicológica. Isto se dá por meio desse enfoque que transcende as dicotomias social-individual, consciente-inconsciente, afetivo-cognitivo, que têm acompanhado a história da Psicologia em seu desenvolvimento científico (GONZÁLEZ REY, 2003).

A idéia de um ser humano que se desenvolve processualmente, de maneira gradual e em constante relação de tensão e conflito entre o sujeito e o mundo revela um homem que se constitui ao mesmo tempo nas relações com outros homens e seu meio sócio-cultural. É fundamental compreender, também, que essas relações são mediadas por instrumentos concretos e psicológicos, sendo o psiquismo humano constituído na unidade dialética objetividade/subjetividade em que o indivíduo e o social são inseparáveis e o particular contém em si o universal (LANE, 2002).

Portanto, neste estudo apoiamo-nos na concepção de desenvolvimento humano enquanto fenômeno plurideterminado, histórico, dotado de uma complexidade que assimila constantemente os aspectos internos (intrapsíquicos) e os externos (interpsíquicos)². E é na interação dos sujeitos com os significados culturalmente estabelecidos e com outros sujeitos que as emoções e a linguagem se articulam. Assim, constroem novas formas de interagir com o mundo e consigo próprios.

A visibilidade gerada pela teoria de Vigotski na compreensão da constituição do homem enquanto tal é de suma importância para a Psicologia. Este teórico cria categorias conceituais muito significativas para o estudo da psique humana, a saber:

- a) Concepção de internalização;
- b) sistemas simbólicos;
- c) funções psicológicas superiores e seu desenvolvimento;
- d) níveis de desenvolvimento real e proximal;
- e) situação social do desenvolvimento e outros.

Nesse sentido, González Rey (2003) afirma que Vigotski apresenta uma ontologia qualitativamente diferente da psique humana, em que o sujeito apresenta uma psique

² Os aspectos externos ou processos externos do desenvolvimento humano remete ao social. Segundo Vigotski (1986) toda função psicológica superior foi externa, o que significa que ela foi social. Antes da função se tornar parte das formas individuais de atividade mental, foi uma relação social entre pessoas, o que outros teóricos mais tarde desdobrariam nos conceitos de sentido subjetivo, subjetividade social e individual.

individual comprometida com a formação cultural e social. Dessa maneira, ele consegue articular uma visão social do indivíduo com uma visão psicológica da mente.

De acordo com Cupolillo (2004), o desenvolvimento humano alcança compreensão na interação social, considerando os contextos histórico e cultural, em que o indivíduo está inserido. Assim, a reação do sujeito diante de um evento gera uma produção singular de sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2003), que interatuam na situação do desenvolvimento.

A categoria de sentido subjetivo é essencial à produção de conhecimentos para este estudo, já que se articula a outras categorias conceituais importantíssimas, a exemplo da configuração subjetiva, subjetividades social e individual (GONZÁLEZ REY, 2003), que serão discutidas mais adiante.

Pensar a psique nos moldes de um sistema configurado subjetivamente na contínua relação das vivências objetivas e concretas das pessoas em situações sociais, históricas e culturais também concretas, remete-nos aos espaços constituintes e constituídos nesse sistema configuracional. Por exemplo, a família, a escola, os grupos sociais (inclusive os grupos de gangue) são importantes cenários de desenvolvimento, pois aí aparece o sujeito com suas vivências, a dimensão dos sentidos subjetivos, a produção da emocionalidade e a articulação com o simbólico no estabelecimento de códigos de interação.

No trabalho de Vigotski a compreensão do desenvolvimento humano utiliza o conceito de sentido para se referir ao sentido das palavras, para considerá-lo um sistema organizado por meio de diferentes zonas de significação e um elo entre emoções e fenômenos psíquicos na complexa organização psicológica, via sistemas de sentido.

Vigotski (1993, p. 125) afirma que: “O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico (...) Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em

contextos diferentes, altera o seu sentido.”

O que Vigotski refere enquanto consciência, González Rey em sua construção teórica atribui à constituição subjetiva ou subjetividade, entendendo, desse modo, a psique como um fenômeno subjetivo que passa pelo social, biológico e suas tendências, no discurso, na narrativa e em outros desdobramentos. Nesse viés, o conceito de sentido interliga ação e psique, ou seja, a ação dos sujeitos interage com os significados culturalmente estabelecidos na constante relação entre aspectos internos e externos.

Segundo González Rey (2003, p. 252), a categoria de sentido subjetivo possibilita compreender a forma do sujeito organizar os elementos da sua história e suas expressões diretas e indiretas:

A categoria de sentido subjetivo permite a representação de cada experiência do sujeito em sentidos diferentes, segundo sua inclusão em outros registros de sentido já constituídos no nível subjetivo. O sentido é responsável pela grande versatilidade e formas diferentes de expressão no nível psíquico das experiências histórico-sociais do sujeito. O sentido é subversivo, escapa do controle, é impossível de predizer, não está subordinado a uma lógica racional externa.

O lugar do sentido subjetivo entrelaça-se com o espaço da vivência das emoções, outro ponto fundamental na compreensão de como se dá o desenvolvimento dos homens. O sentido não é produzido intencionalmente e o sujeito não o apresenta em um nível consciente. É como a emoção que não surge sob a égide da racionalidade mas sim algo que flui, está na linguagem, no espaço simbólico, na relação com o outro. Pois em nossas vivências trazemos um conjunto de emoções que permeia nossas relações, o que nos leva a produzir sentidos subjetivos ao longo de nossas experiências.

Segundo Lane e Camargo (1995), para Vigotski, a importância das emoções está na mediação entre as categorias constitutivas do psiquismo humano como atividade, consciência

e personalidade; categorias que se desenvolvem pela mediação da linguagem e do pensamento.

Ainda refletindo o papel da mediação emocional na constituição do psiquismo humano, Sílvia Lane (1995, p. 62) afirma que:

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam.

A categoria de sentido subjetivo vincula-se ao sujeito ao possibilitar a singularidade e a diferenciação dos sujeitos, segundo González Rey (2004), inferindo, também, que todo sentido subjetivo tem a marca da história de seu protagonista.

O sujeito se constitui com uma subjetividade singular por meio dos sentidos subjetivos produzidos na ação originada em necessidades e motivações, ou seja, a compreensão do desenvolvimento desse sujeito ao longo de sua história vivida passa necessariamente pelo entendimento de suas necessidades e como são geradas.

Vigotski (1998, p. 122) fala de um sujeito em que as necessidades têm um “caráter especial” para podermos “entender a singularidade” das mudanças em seu processo de desenvolvimento. O sujeito é uma categoria desenvolvida e legitimada nas ciências sociais em oposição ao individualismo, associação presente na visão racionalista da modernidade.

Sobre isto González Rey (2003, p. 224) argumenta:

A idéia do sujeito recupera o caráter dialético e complexo do homem, de um homem que de forma simultânea representa uma singularidade e um ser social, relação esta que não é uma relação de determinação externa, mas uma relação recursiva (...)

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural o sujeito é coletivo e histórico, ou seja, constitui-se na relação, produz significados e sentidos para suas experiências e vivências. É um sujeito interativo que age e experimenta, “ele representa o momento vivo do processo de subjetivação.” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 153)

Já que mencionamos os processos de subjetivação, é fundamental compreender a articulação entre o sujeito, sua emocionalidade e a vivência geradora de necessidades.

As necessidades são estados promotores de sentidos, associados à atuação do sujeito em uma atividade concreta (GONZÁLEZ REY, 2003). As diferentes emoções vinculam-se às necessidades justamente no curso das interações do sujeito com outros sujeitos. E isso constrói novas formas de ver o mundo, interagir com ele e consigo próprio sob a regência de dispositivos afetivos gerados pelas diferentes emoções vividas.

É nessa relação entre as necessidades, as emoções e a atuação do sujeito que a subjetividade humana vai se delineando. De acordo com Cupolillo et al(2004), para Vigotski, as experiências do sujeito adquirem sentido no processo de subjetivação que caracteriza a realidade e não o seu significado objetivo. E no corpo conceitual deste autor as emoções se relacionarão aos motivos, às necessidades e à personalidade.

A noção de subjetividade considerada na complexa dimensão do individual e do social em que está envolvida desvela nesse sujeito, um ser que se posiciona, cria, entra em confronto, experimenta reciprocidades, dialoga com a cultura, com a sua própria história, com as ideologias e representações sociais (GONZÁLEZ REY, 2003).

Tendo nas idéias de Vigotski e González Rey o aporte teórico, neste trabalho de mestrado, falamos de um sujeito constituído dialeticamente na relação entre realidade objetiva e subjetiva, tornando-se um ser que se afirma em sua historicidade e totalidade social. Dessa forma, não é possível falar em sujeito e em constituição da subjetividade sem pensar no fenômeno psicológico como algo que abarca as relações sociais, materiais e intrapsíquicas.

Diante da proposta de estudo da constituição subjetiva o materialismo histórico-dialético traz a possibilidade de alcançar toda a processualidade e complexidade deste fenômeno psíquico.

Em se tratando da constituição subjetiva de participantes de gangue, neste trabalho compreendemos o desenvolvimento humano como processual e acontecendo durante toda a vida do sujeito. Entendemos também que o contexto vivido integra a confrontação entre o mundo psíquico do sujeito e as novas demandas sociais, assim gerando, em diferentes momentos, novas qualidades no processo de desenvolvimento. O estabelecimento de uma relação dialética entre os mundos externo e interno atribui à constituição da subjetividade um caráter complexo e contraditório.

CAPÍTULO II A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NOS GRUPOS DE GANGUE

2.1 Os Grupos de Gangue e a Constituição Subjetiva

A vivência dentro de um grupo de gangue cria várias possibilidades de subjetivação para cada sujeito que a experiencia. Pensar a gangue como espaço social de subjetivação requer compreender a complexidade que envolve o fenômeno, pois este é concomitantemente histórico, cultural, social, individual, coletivo e emocional.

O que são os grupos de gangue? Como compreendê-los? Primeiramente é importante apreender a temática estendendo-a a um campo teórico capaz de produzir novos conhecimentos. A literatura recente a respeito do fenômeno das gangues descreve trabalhos direcionados a vertentes de pensamento e análise.

Por um lado as gangues são associadas às macrodinâmicas sociais, a exemplo da organização e do papel do Estado, pobreza, crises econômicas, desigualdades sociais, entre outros (ABRAMOVAY, 2002). Já, por outra ótica, o fenômeno se relaciona a questões microdinâmicas, como psicopatologias de grupos ou indivíduos, condutas de risco por parte dos jovens e adolescentes, envolvimento destes com drogas, armas e crimes, violência intrafamiliar etc.

Essas vertentes se produziram a partir de diferentes abordagens conceituais e aportes teóricos, o que também acontece devido aos diversos olhares produzidos em situações sociais próprias de determinadas realidades com suas singularidades históricas e culturais.

Pesquisas realizadas indicam que as gangues são bastante comuns na realidade brasileira e geralmente se constituem de grupos juvenis articulados em torno de atos ilícitos

de variados tipos (WAISELFISZ, 1998), ou ainda, uma realidade objetiva do “processo de juvenilização da violência” (MARTINS e TELAROLLI, 2004, p. 55).

De um modo geral, estudos recentes indicam que os grupos de gangue encontram-se em todos os níveis sócio-econômicos da população brasileira e caracterizam-se, basicamente, por um agrupamento de pessoas (em sua maioria jovens entre 15 e 24 anos de acordo com critério apontado pela ONU, 2004) que se organiza em seus territórios, identificando-se com líderes, tipos de linguagem e gestual, criando normas próprias para entrada e permanência no grupo.

Muitos estudos realizados indicam que o fenômeno das gangues relaciona-se diretamente ao período da adolescência, pois, segundo Aguiar, Bock e Ozella (2002, p. 167 e 169), este é um período que se caracteriza pelas relações sociais e culturais do momento. Sendo assim, a adolescência torna-se “referência cultural para o próprio sujeito que se constitui”.

Esses estudiosos compreendem a adolescência a partir da abordagem Histórico-Cultural, a mesma utilizada na orientação teórica deste trabalho, o que permite conceituá-la como uma criação historicamente construída pelos homens com significados próprios da cultura e do meio social. A adolescência é considerada um fenômeno social em que os jovens têm referência “para construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual”.

Diante desta questão, percebe-se que a Psicologia Histórico-Cultural se coloca de modo que o período da adolescência não seja visto como uma “fase natural” do desenvolvimento humano.

É preciso superar as visões naturalizantes e entender a adolescência como constituída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais e olhar e compreender suas características como características que vão se constituindo no processo. Cada jovem se constituirá em relações que dão por suposto essa passagem e esperam

encontrar no jovem aquelas características. Os modelos estarão sendo transmitidos nas relações sociais, através dos meios de comunicação, na literatura e através das lições dadas pela Psicologia.
(AGUIAR, BOCK e OZELLA, 2002, p. 171)

São correntes dentro da Psicologia, durante todo o século XX, visões que naturalizam e universalizam a adolescência como um período de crise, comportamentos instáveis e de rebeldia, pontos estes, considerados manifestações normais de um indivíduo saudável. No entanto, faz-se necessário adotar uma postura crítica, e romper com preconceitos acerca da adolescência que possibilite uma visão dos jovens em suas condições objetivas e materiais de vida, além da sua inserção na história e na cultura .

Várias pesquisas atuais levantam um ponto fundamental na vinculação de adolescentes a grupos de gangue: a questão da vulnerabilidade social dos jovens diante da atual conjuntura da sociedade capitalista. Há questões importantes a serem consideradas como experiência de trabalho, nível educacional, composição e recursos familiares, assim como oportunidades sociais e culturais na vivência dos jovens na atualidade.

A vulnerabilidade social é uma categoria muito utilizada na análise e compreensão do fenômeno da violência, principalmente quando praticada e sofrida por jovens, pois pesquisadores e estudiosos das ciências sociais e humanas indicam que a juventude mostra-se mais vulnerável diante das dificuldades de acesso a estruturas de oportunidades. Essas estruturas compõem um conjunto de fatores relativos a educação, saúde, cultura, lazer e trabalho, pontos fundamentais para o desenvolvimento “material e simbólico” (FILGUEIRA, 2001, apud ABRAMOVAY, 2002).

Por outro lado, na análise de Goldstein e Conoley (2004) da cultura da violência na sociedade norte-americana, esta coexiste na conjuntura social com questões relacionadas a pobreza, desemprego, racismo, escolas inadequadas, alienação cultural, fácil acesso a armas, álcool e drogas, falta de infra-estruturas sociais para jovens, redução da influência de instituições socializadoras, como igreja e família, e difusão de ideologias e soluções

agressivas por meio da mídia. Estes autores sugerem ainda que atos de vandalismos, violência e formação de gangues vinculam-se diretamente a toda essa conjuntura.

Como parte da realidade material de nossa sociedade atual, as gangues também se inscrevem na realidade subjetiva dessa sociedade, determinando uma dimensão dialética³ e complexa em sua condição sócio-histórica.

Os grupos de gangue, estabelecendo uma relação entre os níveis macro e microestruturais⁴ da sociedade em seu todo, constituirão um espaço mediador do desenvolvimento humano. As relações estabelecidas entre os seus membros geram possibilidades para a constituição de um sujeito que busca na própria ação e atuação espaço para compartilhar experiências e sentimentos (MARTINS e TELAROLLI, 2004).

Além de atos ilícitos e de práticas de violência, as gangues também se caracterizam por relações que legitimam os laços de amizade e afinidade (MARTINS e TELAROLLI, 2004; WAISELFISZ, 1998).

Os grupos são constituídos por meio das relações de vizinhança, proximidade de bairros e também na sociabilidade do ambiente escolar, ou seja, estabelecimento de amizade nas relações no âmbito da escola.

Para Kodluboy (2004), as atividades de gangue desenvolvem-se principalmente na população estudantil do ensino médio, que iniciam suas ações nesses grupos em áreas próximas à escola. Outros estudos sobre o fenômeno das gangues apontam a relação direta entre participação em grupos de gangue, violação da disciplina na escola, violência física e afastamento da escola (WILCZYNSKI, 2004).

No que se refere às idades de ingresso e saída varia de grupo para grupo. Há situações

³ A compreensão da constituição do grupo de gangue remete a uma dimensão dialética, partindo das “relações dinâmicas, sempre mutáveis, em construção e transformação contínua.” (GUARESCHI, 1996)

⁴ Nível macroestrutural: esta denominação remete à idéia de superestrutura utilizada no pensamento marxista (consciência social e Estado).

Nível microestrutural: idéia de base organizacional do sistema econômico, condicionando a existência da macroestrutura.

em que ingressam por volta de onze anos, ou depois de 14 anos, mas também varia em função da história individual de cada sujeito, o que permite pensar que não há um padrão formal quanto à idade de entrada, permanência e saída do grupo. De acordo com relatórios da Secretaria de Ação Social do Município de Araguari, alguns grupos abarcam diferentes idades, desde dez anos até 28 anos, apresentando, também, escolaridade interrompida ou afastamento dos estudos.

Quando se fala em gangues logo vem a idéia de grupo ligado à prática de violência, porém é crucial entender que este fenômeno tem múltiplas facetas de expressão e constituição na história de nossa sociedade ocidental, fundada na cultura do sistema capitalista.

A violência tornou-se questão atual e abrangente, que, de acordo com Abramovay e colaboradores (2002, p. 16), tem-se generalizado por não existirem mais grupos sociais protegidos, diferentemente de outros momentos da história das sociedades latino-americanas. Atualmente a violência não se “restringe a determinados nichos sociais, raciais, econômicos e/ou geográficos, mas pode se acentuar por gênero, idade, etnia e classe social”.

Dentro da discussão sobre a violência, vários desdobramentos geram diferentes pontos de compreensão do fenômeno e de sua constituição no seio da sociedade capitalista. A realidade com que este trabalho de mestrado se defronta, integra-se ao cenário social das gangues, fenômenos de violência juvenil e vulnerabilidade social, categorias muito estudadas na América Latina nas últimas décadas.

Voltando a falar sobre a vulnerabilidade social, já citada anteriormente, podemos concebê-la como um conceito que possibilita compreender a situação do jovem na atualidade e suas condições de vida perpassadas pela vivência da violência, ainda levando em conta que a construção teórica da vulnerabilidade social encontra-se em formação. Estudiosos na América Latina compreendem a vulnerabilidade social como:

(...) o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade. Esse resultado se traduz em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. (VIGNOLI, 2001; FILGUEIRA, 2001; MOSER, 1998; apud ABRAMOVAY, 2002, p. 29)

Diante disto, percebemos que tanto a vulnerabilidade social quanto a violência são elementares na composição de um quadro capaz de compreender o fenômeno das gangues na atualidade, pois pesquisas voltadas para a realidade da América Latina indicam que a violência não mais se limita a determinados estratos sociais, econômicos, raciais ou geográficos. Estatísticas, principalmente, apontam que a violência atinge de forma mais intensa jovens do sexo masculino e piores situados na escala de distribuição de riquezas (AZARRO, 2001, apud ABRAMOVAY e col. 2002, p. 38).

Em publicações da Unesco (WAISELFISZ et al, 1998, 1999; ABRAMOVAY et al, 2002; MINAYO et al, 1999) estudiosos buscam esclarecer alguns matizes da relação juventude e violência, percebendo as dinâmicas sociais em que se inscrevem desigualdades de oportunidades relativas à educação, ao trabalho e ao lazer, assim como a combinação desses fatores na formação ética e cultural de valores de cidadania, solidariedade e inclusão social.

É justamente nesse contexto que a vulnerabilidade social encontra um cenário para a violência juvenil, pois as gangues, os rappers, quadrilhas de tráfico de drogas e armas aí emergem como meio de quebrar a invisibilidade e os processos de exclusão social e político vivenciados na sociedade brasileira (ABRAMOVAY et al, 2002).

Dessa maneira o contexto das gangues gera espaços de expressão e de pertencimento social antagônicos à condição de segregação vigente nos sistemas social e político, os quais se constituem enquanto grupo social estabelecido por relações de variados tipos e ordens que leva à formação de diferentes grupos de gangue.

Segundo Guareschi (1996, p. 89) um grupo se constitui por suas relações reveladas na

“vida social”, sendo essa vida construída nas e pelas relações e “as relações podem ser diferentes, até mesmo contraditórias, dependendo do momento”. Podemos pensar, então, a gangue como um lugar de subjetividades engendradas na complexidade das redes relacionais; em que os processos sociais, culturais, ideológicos e históricos se interpenetram na “vida” particular e coletiva.

Estudos no enfoque sociológico destacam a relação entre as gangues e a estrutura social da sociedade contemporânea.

Maffesoli (citado por GUIMARÃES, 1996) fala da emergência de um período de predomínio das atitudes grupais, em que cada grupo conta suas histórias, denominado pelo autor de “neotribalismo”. Esses grupos sociais ou tribos dão forma aos seus territórios e às suas ideologias.

Apesar de Maffesoli não abordar especificamente o tema das gangues, ele sugere o conceito de tribos para as formações grupais de pessoas que criam redes relacionais, cuja implicação são as vivências sociais de afetos e emoções. Embora mantenham suas especificidades e diferenças, as tribos e as gangues são espaços de interação de indivíduos implicados em uma relação direta com a cultura.

A gangue enquanto espaço de interação dos sujeitos gera continuamente sentidos e significados que inserem o grupo e seus participantes em uma relação com os significados culturalmente estabelecidos. Dentro desse processo social-relacional, os indivíduos da gangue constituem-se subjetivamente, o que será expresso em sua realidade constituída e constituinte.

Sobre a constituição subjetiva e o modo do sujeito expressá-la, Cupolillo et al (2004, p. 108) refletem que na ação do sujeito:

Os sentidos subjetivos procedentes de diferentes áreas de sua experiência social, passam a se constituir como elementos de sentido de sua expressão atual. Assim, o sujeito que aprende expressa a subjetividade social dos diferentes espaços sociais em que vive.

Outro autor que estuda as gangues sob a ótica sociológica é Martín Sanches-Jankowski. Ele conceitua as gangues como fenômeno sociológico, que “não devem ser entendidas nem como uma reunião de indivíduos de comportamento desviante” nem uma forma “desviante” de comportamento coletivo, mas, antes, uma organização composta de pessoas, cujos valores são os mesmos e objetivos reconhecidos e legitimados pela sociedade, “em que a conduta coletiva da gangue seria um tipo específico de resposta organizacional a condições sócio-econômicas particulares.”

O autor citado tem por foco principal o papel social no estudo do fenômeno dos grupos de gangue, com ênfase à constituição de valores comuns aos componentes de gangue. Revelando o espaço da gangue um lugar de expressão e produção da subjetividade social do momento vivido por cada um desses sujeitos.

A constituição de valores nas vivências coletivas dos grupos de gangue traz à tona a intensidade das experiências. Diógenes (citado por FALEIROS, 1998) chama a atenção para a rede de significados da violência junto a essas gangues. A violência adquire, assim, o valor de um acontecimento que dinamiza a existência da gangue. As expressões de violência constituem-se em linguagem articulada pelo grupo (FALEIROS, 1998).

A violência é um grave problema no Brasil e em quase toda a América Latina, principalmente entre a população jovem, como já foi apresentado anteriormente neste trabalho, sendo os jovens, entre 15 e 24 anos, os mais expostos a situações de vulnerabilidade social. É importante, também, agregar a esta reflexão a ligação entre violência, formação de grupos de gangue e construção da identidade masculina. Atualmente, diversos estudos sugerem que há uma cultura de masculinidade pautada em valores de violência e agressividade, uso da força, brigas e banalização do uso de armas (BREINES et al, 2000; NOLASCO, 2001; MARTINS e TELAROLLI, 2004; MORRISON e BIEHL, 2000).

A violência entre jovens e o fenômeno das gangues mostram-se uma questão presente

não apenas na vida de adolescentes de países latinos, mas também em países, como os Estados Unidos e França, o que pode ser percebido na revisão de literatura. Na última década há grande número de estudos e programas de intervenção voltados para prevenção e controle da violência juvenil, assim como se caracteriza a expressão de gangues, na sociedade norte-americana especificamente.

Outras questões que também permeiam o contexto das gangues e da violência, são o tráfico de drogas e o consumo de álcool, associados diretamente à violência doméstica contra crianças e adolescentes (MORRISON e BIEHL, 2000), caracterizando-se como fatores de vulnerabilidade social. “O alcoolismo e o uso de drogas são fatores de risco bem estabelecidos para a violência doméstica e social, tanto nos níveis individual quanto no comunitário/societário” (MORRISON e BIEHL, 2000, p. 41).

O mesmo descreve Pechansky, Szobot e Savoletto (2004) ao associar o uso de álcool na adolescência a uma série de comportamentos de risco, aumentando a chance de envolvimento em acidentes, violência sexual e participação em gangues.

Waiselfisz (1998), ao estudar as gangues na cidade de Brasília, percebe que diferentes vivências dos jovens nos contextos social e histórico, parecem impulsioná-los para a prática coletiva da violência. Por conseguinte, suas análises se aproximam do conceito de gangue, enquanto fenômeno sociológico. Para este estudioso, as gangues “formam verdadeiras organizações que se identificam com líderes e com territórios nos quais a circulação é apenas permitida entre os enturmados.” (p. 39)

Nos ditos corriqueiros e popularmente usados, referir-se a gangues traz logo a conotação de práticas violentas, como roubos, brigas, vandalismo, ameaça, vingança, rivalidades, entre outras. Essa visão indica que as gangues, e sua expressividade na realidade objetiva, participam de todo o processo histórico percorrido por nossa sociedade capitalista. Com isto, adentramos no campo de visão que compreende dialeticamente esta questão, ou

seja, o fenômeno das gangues perpassa os níveis sociais e individuais, que, por sua vez, são portadores de elementos contraditórios, mas também integradores.

Nesse sentido, Pegoraro (2002) aponta certas tendências nos estudos deste tema, em que tradicionalmente se identifica violência juvenil com o surgimento e a existência de gangues, tribos ou turmas. No entanto, necessário se faz abrir os olhos para os múltiplos pontos implicados na formação e afirmação de gangues em nossa sociedade, visto que “práticas violentas” são expressões parciais da constituição de um grupo de gangue.

Pegoraro (2002, p. 312), ao chamar a atenção para a necessidade de um conceito suficientemente capaz de tornar inteligível o comportamento violento dos jovens quando parte de grupos de gangue, observa:

el fenómeno social que enmarca la violencia juvenil en la sociedad moderna es la exclusión social y a su vez la inclusión cultural, tanto material como simbólica, la falta de trabajo y la no retención escolar por un lado, y la difusión en ellos de la necesidad de tener y disfrutar de objetos, em especial ropas y modos de vida que “humanizan” socialmente a los jóvenes – sujetos.

As gangues são compreendidas enquanto grupo de pessoas compartilhando um espaço social de subjetivação, ou ainda, um espaço inter-relacional. Neste sentido, a gangue torna-se possibilitadora de expressão da subjetividade individual em articulação com outros espaços sociais de subjetivação, tais como a família e a escola.

Cupolillo et al (2004) analisam que nos grupos há situações interativas que proporcionam vivências de conflitos, emoções e construção de significados e sentidos entre aqueles que se envolvem nessas interações.

Essas situações interativas geram e são geradas por um espaço subjetivo. Assim, o grupo de gangue se constitui como espaço de subjetividades, propiciando ao sujeito transformar o social em psicológico e se apropriar deste, o que ainda possibilita a criação de

um pensar e agir.

A gangue se insere em um campo social que circunda a família, a escola, os próprios indivíduos e outros grupos sociais. Estes são espaços interativos em que se processa a constituição subjetiva. Os sistemas sociais aí presentes, que constituem o sujeito, são chamados Situação social do desenvolvimento, categoria desenvolvida a partir de estudos de Vigotski.

Para Vigotski(apud GONZÁLEZ REY, 2003) o sujeito se inscreve em seu tempo e história de maneira própria e singular. Assim, as experiências do sujeito articuladas no contingente do social adquirem sentido no processo de constituição da subjetividade, segundo a teoria da subjetividade de González Rey. A subjetivação vai caracterizando a realidade, e não o seu significado objetivo, por isso, a situação social do desenvolvimento se caracteriza pelos sentidos e significados que o sujeito atribui à experiência.

A gangue, a família e a escola podem ser entendidas como espaços em que a situação social de desenvolvimento acontece. Esses espaços, como já foi dito, de expressão e constituição de subjetividades, são produtores de novos sentidos e significados que se agregam, transformando o desenvolvimento individual e social de maneira permanente e integrada.

Mais do que caracterizar as gangues, o interesse deste estudo é considerá-las constitutivas e constituintes dos processos psicossociais do desenvolvimento humano considerando a idéia de momentos de mudanças qualitativas e não quantitativas ou sob formas padronizadas.

2.2 Desenvolvimento Humano e Contexto Social

Há uma relação inseparável e constante entre os mundos circunscritos aos âmbitos social e individual no desenvolvimento dos seres humanos.

Por sua vez, o contexto social do homem constrói sistemas apoiados na cultura e na história de nossa sociedade. De acordo com Cupolillo (2003), entre o meio e o homem está o mundo social, que retrata e orienta tudo o que parte do homem para o mundo, e do mundo para o homem. Nesse sentido, Contini (2002) afirma que não é possível falar do mundo interno sem falar do mundo social que o constitui, pois o fenômeno psicológico deve ser compreendido como algo constituído nas e pelas relações sociais e materiais, englobando o subjetivo e o objetivo, aspectos de um mesmo movimento de construção.

Moraes e Nascimento (2002) tecem reflexões acerca da transformação da sociedade capitalista e sua complexa articulação com a produção de subjetividades contemporâneas, o que revela profundas mudanças nos modos de se compor os movimentos sociais fundados, a partir de sistemas de valores, estruturas ideológicas, políticas e econômicas. Estes autores entendem, com base em premissas foucaultianas, que a produção de subjetividade está intimamente vinculada aos sistemas e às estruturas da sociedade capitalista, que atualmente descreve mecanismos de poder impostos e naturalizados, definida por eles como sociedade de controle dos riscos.

Muitos estudos têm-se dirigido na vertente da inter-relação entre a constituição do sujeito, a sociedade e a produção de subjetividades. Isto nos permite destacar a importância desta temática, embora a revisão da literatura indique diferenças de abordagens e, por vezes, visões distintas, já que o tema da subjetividade é um sistema em desenvolvimento e encontra expressividade em perspectivas da Psicanálise, Histórico-Cultural e Sociológica. Pudemos constatar que nas obras mais recentes a subjetividade aparece como um conceito estudado em

diferentes contextos históricos e sociais.

Guattari é um autor que considera em sua reflexão teórica a articulação da produção da subjetividade com os complexos processos sociais. Sua obra é de grande valor heurístico pois propõe uma visão crítica à epistemologia psicanalítica difusora de um “universalismo totalizador das construções freudianas e lacanianas” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 97). O conceito de subjetividade capitalista é construído em sua obra a partir de um pensamento que integra uma visão crítica da ciência e das noções produzidas quanto ao fenômeno psicológico, desta forma, referindo-se ao social como fundamental no processo de constituição da subjetividade individual, o que ele relaciona à “singularização”, assim compreendida:

Uma maneira de recusar todos esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação e de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 17)

Ao se referir à subjetividade como essencialmente “fabricada e modelada” por determinada constituição social, Guattari dimensiona a idéia de uma subjetividade de natureza industrial e “maquínica”, ou seja, produzida por sistemas do tipo “capitalismo” que se caracteriza pela produção industrial e em escala internacional. Assim, este estudioso fornece alguns subsídios para a análise de questões como o movimento de gangues em nossa estruturação social e cultural na conjuntura histórica engendrada pelo capitalismo mundial. As dimensões maquínicas de subjetivação, nessa ordem sócio-cultural, assimila “a heterogeneidade dos componentes que concorrem para a produção de subjetividade.” (GUATTARI, 1992, p. 17). Neste trabalho também é levada em conta essa heterogeneidade ao pesquisarmos o sujeito participante de gangue e sua configuração subjetiva.

Podemos pensar que a expressão grupos de gangue, enquanto modos de organização individual e coletivo diante de uma dada situação social do desenvolvimento dos sujeitos, é produto da subjetivação capitalística, tratando-se de “sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias que definem a maneira de perceber o mundo” (GUATTARI & ROLNIK 1986, p.27).

A subjetividade capitalística é fonte constituída e construtora de novas práticas sociais, articulando processualmente agentes individuais e grupais na criação de múltiplos sistemas gerados na emocionalidade, na produção ideológica, no sistema de valores, nos modelos políticos e econômicos, na estrutura organizacional da sociedade e seus agentes, na visão dos sistemas biológicos, corporais, etc.

Na atualidade as gangues integram no cenário do capitalismo uma prática social inerente à realidade da população jovem imersa em uma cultura de massa muito centrada no consumismo, em um esvaziamento do ser e no culto ao ter. E é neste contexto que a subjetivação capitalística produz grupos de minorias excluídas, sendo as gangues um espaço representativo dessa subjetivação, pois, de acordo com Guattari (1986, p. 26), o sistema capitalista produziu suas margens, equipando, de algum modo, novos territórios subjetivos, como os indivíduos, as famílias, os grupos e as instituições sociais, as minorias, etc.

Os territórios subjetivos ou espaços sociais de subjetivação , a exemplo da família, da escola e da gangue são elementares para o norteamento das análises sobre a constituição da subjetividade dos sujeitos participantes de gangues. Esses sujeitos compartilham das “realidades social, econômica e cultural como dimensões constituintes do mundo psicológico” (CUPOLILLO ET AL., 2004), conduzindo à recursividade da interconexão entre subjetividade individual e social.

Para acessar as subjetividades social e individual, González Rey (2004, p. 141) propõe que se considere a complexidade do sistema subjetivo com “dois espaços de constituição

permanente e inter-relacionados: o individual e o social, que se constituem de forma recíproca e, ao mesmo tempo, cada um está constituído pelo outro”.

O contexto social dos homens é perpassado pelas condições objetivas de vida organizadas no registro da produção Histórico-Cultural nos níveis individual e coletivo. Assim, a subjetividade social e individual é integrante do mesmo sistema. Segundo González Rey (2003, p. 215):

O conceito de subjetividade social integra os elementos de sentido subjetivo que, produzidos nas diferentes zonas da vida social da pessoa se fazem presentes nos processos de relação que caracterizam qualquer grupo ou agência social no momento atual de seu funcionamento. Da mesma forma, a subjetividade social aparece constituída de forma diferenciada nas expressões de cada sujeito concreto, cuja subjetividade individual está atravessada de forma permanente pela subjetividade social.

Ao se aproximar da pluridimensão da constituição humana, olhando o indivíduo na simultaneidade da determinação histórica, cultural e social, o conceito de subjetividade social permite-nos visualizar as gangues para além da constituição dos indivíduos que as integram,

O grupo de gangue é dotado de estrutura e modelos de organização e reorganização do contexto de desenvolvimento humano. Essa organização grupal se insere em uma ordem social constituída historicamente e integrada pelas vivências dos sujeitos nela envolvidos. Dir-se-ia, então, que no grupo de gangue os sujeitos vivenciam uma realidade repleta de contradições da condição social do homem, gerando uma integração complexa do individual com o social. Assim, compreender que a gangue gera e é gerada por uma subjetividade social, atravessada por sentidos configurados social e individualmente, é ponto relevante à análise do presente estudo.

2.3 O Sujeito e o Grupo de Gangue

Quem é o sujeito que participa de grupos de gangue? Como ele se constitui em sua realidade objetiva e subjetiva?

Sem dúvida, é necessário percorrermos a visão científica norteadora da noção de sujeito neste estudo. Pensar a subjetividade dentro da perspectiva Histórico-Cultural é vincular-se ao sujeito, pois este representa ativamente os processos de subjetivação. De acordo com González Rey (2004), o sujeito coloca-se tanto ao nível social quanto ao nível individual como indivíduo ou grupo que legitima seu valor, gerando de modo singular suas ações, mantendo sua identidade “através dos vários espaços de contradições e confrontações que necessariamente caracterizam a vida social” (p. 153).

O homem se faz sujeito de modo particular e individual, concomitantemente, na vivência de suas experiências, pois é um ser riquíssimo com questões em sua existência que vão além dos dados objetivos e aparentemente observáveis. Isto porque a idéia de sujeito abarca um pensamento complexo, ou seja, um pensamento capaz de associar contradições, ambivalências, incertezas advindas das ordens biológica e subjetiva, conforme analisa Morin (1996).

Petraglia (2001, p. 57) ao se referir à noção de sujeito no pensamento de Edgar Morin, afirma:

Morin apresenta as características não elementares da individualidade, explicando que todo indivíduo constitui-se de características infra, extra, supra, meta-individuais, que correspondem respectivamente aos seus elementos químicos, na infra, ao ecossistema, na extra e à sociedade em que está inserido, na supra e meta. Essas características particulares do indivíduo ao mesmo tempo que o singulariza, o distingue e diferencia, não enquanto membro de uma categoria pertencente à espécie, mas como autor de seu processo organizador, que o torna sujeito.

Diante da realidade determinada por um processo histórico na dinâmica objetiva

(bases materiais como modo de produção e base econômica concreta) e também subjetiva (campo dos valores por exemplo) o indivíduo é o sujeito ímpar dessa dinâmica. O modo de vida desse sujeito conjugará fatores sociais e de personalidade que possibilitarão determinadas formas de atividade concretas, assim como potencialidades próprias e formas de expressão emocional, intelectual, etc.

O sujeito se desenvolve também no espaço do grupo de gangue, onde se expressam as contradições sociais do modo de vida engendrado na sociedade a que pertence.

A sociedade atual descreve um espaço social propício à formação de identidades coletivas, ou seja, as gangues e outras formações de grupos de jovens têm manifestações distintas ligadas a música, lazer e delinquências. Por meio dessas manifestações, esses grupos e os seus sujeitos integrantes encontram formas de afirmação de identidades (WAISELFISZ e col. 1998).

Pegoraro (2002) analisa que os jovens vivem, desde os anos 80, uma mudança crucial em seu processo socializador, pois, cada vez mais, a família, a escola e o trabalho têm deixado de assumir sua função formadora dos indivíduos na sociedade. É cada vez maior o espaço ocupado pelos meios de comunicação de massa, as vivências em grupos minoritários e o espaço urbano das ruas nos cenários de afirmação e formação dos sujeitos.

As formas que os sujeitos tomam para si como personalidade, identidade e subjetividade têm uma das fontes de explicação na cultura e nas relações sociais em que estão inseridos. É neste ponto que o grupo de gangue constitui os sujeitos que se integram a ele e, ao mesmo tempo, é constituído por seus integrantes numa relação dinâmica e processual.

O sujeito no espaço da gangue desenvolverá relações produtoras de afetos, emoções, construções simbólicas e cognitivas.

CAPÍTULO III METODOLOGIA

3.1 ESTUDO DA CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO PARTICIPANTE DE GRUPOS DE GANGUE

O estudo, neste trabalho, da constituição subjetiva do sujeito que participa do grupo de gangue, neste trabalho, vincula-se à proposição metodológica da Epistemologia Qualitativa, discutida por Fernando González Rey, que pressupõe um método capaz de apreender a dinâmica do desenvolvimento humano em sua processualidade e complexidade.

A investigação do ser humano nas ciências humanas e sociais tem sido marcada historicamente por uma perspectiva metodológica de bases científicas positivistas. Na ciência psicológica, essa questão metodológica é ponto fecundo de discussões e propostas.

Para Vigotski (1998, p. 80) os métodos de pesquisa da Psicologia humana devem entender que o “desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral de nossa espécie”. Assim, ele propõe uma metodologia baseada na abordagem materialista dialética para teorizar, estudar e gerar novas compreensões acerca do homem.

Os fundamentos metodológicos em que este trabalho se baseia partem de uma concepção de mundo, de homem e de saberes. Esta concepção vislumbra o objeto de estudo diante da fundamentação do materialismo histórico e dialético que considera o sujeito “ativo na materialidade social e histórica” (GONÇALVES, 2002, p. 126), evidenciando, de acordo com Vigotski, que o ser humano e o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores se caracterizam na interação do indivíduo com o seu mundo sócio-cultural.

O social, o cultural e as produções históricas estabelecem uma relação dialética, abarcando um homem ao mesmo tempo único, social e histórico, mas que, ao fazer parte de um todo sócio-histórico, não se dilue nele, pois são diferentes.

Uma das grandes contribuições de Vigotski à Psicologia foi apontar a necessidade de um método que apreendesse os processos internos em sua expressividade no externo, na materialidade de realidade objetiva, sem deixar de considerar os processos internos e externos envoltos em uma relação dialética, em que o homem modifica e é modificado pela natureza. Partindo deste referencial, discutirá questões muito importantes para a Psicologia do início do século XX, porém ainda pertinentes aos tempos atuais, segundo Gonçalves (2002), apontando como razão para a crise da Psicologia os limites metodológicos para lidar com as dicotomias (externo-interno, social-individual, afetivo-cognitivo) presentes na compreensão do objeto de estudo da ciência psicológica.

González Rey (2002) dirige-se a questões semelhantes quando se refere à construção de uma epistemologia que fundamente um método de pesquisa capaz de visualizar objeto tão complexo quanto a constituição psíquica humana. É neste viés que propõe o estudo da subjetividade. A Epistemologia Qualitativa aproxima-se do tema da subjetividade na construção de caminhos para a pesquisa qualitativa.

A Epistemologia Qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 29)

Se Vigotski propõe um método que considera os fenômenos psicológicos articulados a uma historicidade permeada por construções dos sistemas sociais e culturais; estes só podem ser estudados enquanto processos relacionais.

Na estreita relação do sujeito com o seu mundo sócio-cultural, envolvem-se produções simbólicas, afetivas, cognitivas, emocionais, que criam “sistemas complexos”, constituintes do sujeito e de sua subjetividade.

Assim, uma produção científica que vise a uma abordagem qualitativa em pesquisa parte de uma metodologia própria, segundo Chizzotti (1995, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

A este respeito González Rey (2002) observa que a ciência não é só racionalidade, é também a contradição integrada no fluxo da vida humana em sua expressividade.

Para este autor a Epistemologia Qualitativa, enquanto metodologia da pesquisa qualitativa em Psicologia está pautada por três princípios:

- A. O conhecimento enquanto uma produção construtivo-interpretativa em que se busca dar sentido às expressões do sujeito estudado. A interpretação orienta a construção teórica sobre este sujeito, considerando sua situação social em contingentes, como a escola, a família, o trabalho, a comunidade e a própria configuração de individualidade (o sujeito individual).
- B. O caráter interativo do processo de produção do conhecimento, que assimila os imprevistos da comunicação humana como situações significativas para o percurso

da pesquisa. Assim, o “cenário da pesquisa são as relações pesquisador-pesquisado e as relações dos sujeitos pesquisados entre si” (GONZÁLEZ REY, 2002, p. 34), sendo o pesquisador um elemento de interlocução das idéias, emoções e reflexões que surgem no desenvolvimento do trabalho de pesquisa.

- C. A significação da singularidade ao nível legítimo da produção do conhecimento, ou seja, a legitimidade da pesquisa se configura na possibilidade de estudar o sujeito enquanto único e singular e, além disso, identificá-lo como forma diferenciada de subjetividade. Sobre o objeto de estudo (a subjetividade), há inúmeras possibilidades de visualizar os sentidos subjetivos da vivência do sujeito concreto.

Na pesquisa qualitativa, conforme argumenta Chizzotti (2002), todos os participantes são reconhecidamente sujeitos que elaboram conhecimentos, incluindo-se o pesquisador enquanto sujeito ativo e participante na interação com o pesquisado no transcorrer do estudo e da produção do conhecimento.

Como foi dito anteriormente, a presente pesquisa está de acordo com a proposição epistemológica em que o conhecimento produzido se afirma pela qualidade da expressão dos sujeitos a serem estudados e não da predição e quantificação desta expressão.

O cenário social no qual se constituem os grupos de gangue são espaços produtores de subjetividade. Refletir a forma desse espaço social de subjetivação se articular aos processos do sujeito participante do grupo, leva o pesquisador a estabelecer uma interação dialógica e dialética capaz de integrar as contradições na produção de indicadores de sentidos para se pensar a constituição subjetiva dos sujeitos que participam dos grupos de gangue. Assim, a investigação da constituição subjetiva é possível por meio de diálogos, formas de ação e expressão estabelecidos entre os integrantes do grupo de gangue, entre eles e suas famílias (ou familiares), entre eles e a escola, entre eles e outros grupos sociais.

É importante ressaltar que o sujeito pesquisado é dotado de uma expressão emocional, de intencionalidade e, segundo Morin (1996), auto-organizador de seu processo vital e, ao mesmo tempo, definindo-se subjetiva e biologicamente enquanto ser complexo para além do individual, dotado de uma subjetividade ímpar.

Se o tema central deste trabalho é o estudo da subjetividade, compreendida como parte constitutiva do sujeito e das diferentes formas de organização social, o conhecimento gerado por ele leva em consideração como esta subjetividade está permanentemente atravessada por uma práxis Histórico-Cultural.

Diante disso, apresenta-se o pressuposto de que o acesso à subjetividade se realiza por meio da expressão do sujeito, ou seja, é imprescindível buscar interagir com o sujeito, estabelecendo um trânsito comunicacional.

A esse respeito Portillo (2003), ao estudar gangues juvenis em San Salvador (El Salvador), propõe uma metodologia que considere a interação direta entre pesquisadores e membros de gangues de rua, diferentemente das metodologias aplicadas ao estudo desse tema na América Central nas últimas três décadas. O autor atenta para um ponto fundamental do estudo do sujeito participante de gangues, a sua participação ativa no processo de construção de informações durante a pesquisa, um modo facilitador de acesso à subjetividade, também considerado neste trabalho.

González Rey (2002, p. 84), abordando a comunicação como um processo histórico e facilitador ao aparecimento dos sentidos subjetivos no curso da pesquisa, afirma que:

A pesquisa se organiza como processo de comunicação nos diálogos, tanto entre pesquisador e sujeito pesquisado, como entre os sujeitos pesquisados entre si; processos esses que dependem do tipo de pesquisa e dos instrumentos utilizados.

Os instrumentos qualitativos podem ser de expressão individual, oral e escrita, ou interativos.

O processo de construção de informações na pesquisa qualitativa é diferente da coleta de dados presente nas pesquisas de caráter descritivo-quantitativo. Neste trabalho a construção das informações acontece simultaneamente à produção de idéias sobre os sentidos gerados no percurso da pesquisa. Assim, todas as fontes de informação, que possibilitam novas construções de sentido sobre o fenômeno estudado, serão consideradas.

3.2 O Percurso da Pesquisa

O presente trabalho orienta-se pela metodologia construtivo-interpretativa da Epistemologia Qualitativa proposta por Fernando Gonzalez Rey. Desta maneira, os caminhos trilhados, para a sua realização passam pelos pontos inter-relacionados da teoria em diálogo com o trabalho de campo.

Os primeiros contatos realizados no trabalho de campo partiram da idéia inicial de compreender a constituição subjetiva dos participantes de gangue. Para isto, fizemos contato com escolas de ensino fundamental e médio, no intuito de compor grupos de alunos que pudessem relatar e compartilhar suas vivências em movimentos de gangue.

Os critérios utilizados para a escolha desses sujeitos foram:

- a) experiências com a gangue, ou seja, ser integrante ou ex-integrante de um grupo;
- b) disponibilidade para participar da pesquisa.

Os critérios de escolha do contexto social foram:

- a) relação com escolas situadas nas regiões periféricas da cidade e com relatos de alunos integrantes de gangue;
- b) maior incidência do movimento de gangues nos bairros de população de baixa renda e situados na região periférica da cidade onde a pesquisa foi realizada

Esses critérios foram baseados nos objetivos deste trabalho, apreender a constituição subjetiva do indivíduo inserido em grupos de gangue e, concomitantemente, proporcionar visibilidade nos processos subjetivos que configuram esses sujeitos, também considerando os cenários em que se apresentam na forma de espaços sociais de subjetivação:

- a) Família;
- b) escola;
- c) “grupos de bairro”⁵;
- d) gangue.

Inicialmente, visamos com a pesquisa trabalhar com grupos de alunos que se dispusessem a abordar o tema em reuniões. Com o transcorrer do trabalho tornou-se necessário reformularmos a maneira de contatar esses sujeitos, já que, no momento da pesquisa com os grupos de alunos, os integrantes de gangue não se manifestaram.

Assim, o percurso do trabalho indicou que os sujeitos de gangue necessitavam de uma abordagem que não os expusesse dentro da escola, enquanto membros desses grupos. Então, optamos pela realização de entrevistas individuais, em ambientes escolhidos pelos sujeitos, onde pudessem se expressar com mais liberdade e segurança pessoal.

O procedimento de abordagem dos sujeitos se deu em contatos nossos com os possíveis participantes, por meio de uma aproximação pessoal, quando foram convidados a participarem deste trabalho de pesquisa.

O nosso contato acontecia com a apresentação dos objetivos do trabalho, de que forma seria feito e do sigilo quanto à identidade dos sujeitos pesquisados. Ainda foi discutida a sua disponibilidade em participar do processo e condições a serem consideradas, tais como, local das entrevistas, permissão para gravação das entrevistas e para contatar algum familiar para ser entrevistado.

⁵ Grupos de bairro especifica a reunião ou agrupamento de crianças e jovens que residem na mesma rua ou bairro e estabelecem laços de amizade e cumplicidade. Eles se encontram para conversar, brincar e divertir.

Por se orientar pelo método da pesquisa qualitativa, em que as informações são construídas ao longo de todo o processo investigativo, as entrevistas foram semi-estruturadas, possibilitando o estabelecimento de situações dialógicas entre nós e os sujeitos.

Essa abordagem permitiu-nos maior flexibilidade quanto ao número de encontros individualmente. Em cada caso, foram compostos os caminhos, pois cada sujeito disponibilizou-se ao percurso do trabalho de diferentes maneiras. Sendo assim, os encontros com os sujeitos não seguiram uma pré-determinação e se constituíram no alcance da relação estabelecida entre nós e o sujeito.

A compreensão do fenômeno estudado se construiu na análise dos momentos de diálogo no campo. Foi um trabalho configurado de forma processual e interativa, pois na medida em que vislumbrávamos pontos de conhecimento da vivência do indivíduo de gangue, direcionávamos a construção de indicadores que orientaram os possíveis caminhos e passos a serem seguidos.

A opção por situações dialógicas pautou-se principalmente pela busca de como os sentidos subjetivos se constituem, organizando a subjetividade social no contingente das gangues. Acessar a subjetividade por meio do discurso e do emprego das palavras é entendido tal qual uma orientação necessária ao percurso desta pesquisa, já que “o emprego das palavras é uma expressão simbólica, que além de mostrar um ou vários sistemas discursivos, significa também a história única de quem fala, o que diferencia as emoções associadas do emprego das palavras, dando lugar ao seu sentido.” (GONZÁLEZ REY, 2003, p. 213).

Diante disto, o presente trabalho e o método utilizado não têm a pretensão de esgotar o fenômeno psíquico estudado. Contudo, objetiva gerar possíveis olhares para a sua compreensão. O processo de construção das informações é perpassado pelas contradições e sentidos produzidos na realidade vivida no momento empírico. Além do mais, a processualidade do trabalho é marcada pela possível abrangência do nosso olhar.

3.3 O Contexto da Pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido na cidade de Araguari-Minas Gerais, caracterizando-se como um estudo de caso e por um recorte do momento vivido pelo pesquisador e pelo sujeito na produção de idéias.

Com base na visão Histórico-Cultural do desenvolvimento humano, este estudo busca investigar a inserção dos grupos de gangue no processo de subjetivação dos indivíduos que se relacionam com as atividades desse grupo, além de possibilitar a compreensão das relações estabelecidas com os vários parceiros dentro e fora do grupo e, ainda, visualizar os sentidos subjetivos e significados produzidos nesse ambiente social.

Participaram da pesquisa três jovens com vivência em grupos de gangue, sendo todos do sexo masculino. O primeiro entrevistado foi Levi, de 22 anos, residente no bairro próximo à escola onde integra o curso noturno de **Educação de Jovens e Adultos**⁶- EJA, para conclusão do 1.º grau. Também entrevistamos Talisson, de 27 anos, residente em um bairro distante daquele em que Levi mora. Talisson também estuda no curso noturno no programa EJA na escola de seu bairro. Por fim, entrevistamos Bruno, de 18 anos, que, no momento da pesquisa, não freqüentava nenhuma escola.

Procurando vislumbrar a interlocução entre a constituição subjetiva do indivíduo e a subjetividade social gerada nos espaços sociais, como a escola e a família, foi criado o momento de diálogo com a escola. Assim, entrevistamos educadoras (duas professoras e uma diretora), que tivessem contato com a realidade dos grupos de gangue e conhecessem alguns dos sujeitos entrevistados.

⁶ EJA – É um programa de aceleração do ensino denominado Educação de Jovens e Adultos. Foi implantado em Araguari no ano de 2004 e visa possibilitar o acesso à escola de jovens e adultos que não concluíram o 1º grau, cursando semestralmente cada série.

O contato com familiares foi mais restrito, já que, dos três sujeitos da pesquisa, apenas dois permitiram que entrássemos em contato com suas mães.

A construção e análise de informações surgem no processo de compreensão das redes relacionais no contexto que envolve o sujeito com os grupos de gangue, com o grupo familiar e com a instituição escolar.

Os eixos da construção e análise de informações foram:

- a) Situações dialógicas com os sujeitos participantes de gangue, com um familiar seu e com educadores, que compartilham ou já compartilharam sua vivência escolar.
- b) As situações dialógicas nesta pesquisa caracterizaram-se por entrevistas semi-estruturadas, grupo focal e situações de diálogos.
- c) A análise de informações aparece no texto a partir de recortes do conteúdo das entrevistas realizadas e transcritas, consecutivamente organizadas em tabelas que apresentam os indicadores de sentido subjetivo destacados em negrito. Dessa maneira, indicando as informações norteadoras da produção de idéias neste trabalho.

Nessa conjuntura, dinâmica e complexa, as subjetividades são constituintes e constituídas no momento do percurso da pesquisa. Consecutivamente, a pesquisa traça caminhos possíveis na apreensão do fenômeno psíquico, que vai se configurando na integração com esse cenário.

CAPÍTULO IV CONSTRUÇÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1 O Contexto Social das Gangues

4.1.1 LEVI

O nosso contato com Levi se deu na escola e no período de seus estudos. O convite para participar da pesquisa aconteceu por intermédio da supervisora da escola, pois ela tinha conhecimento de sua participação em grupos de gangue. Logo após as apresentações pessoais, fizemos os esclarecimentos necessários quanto aos objetivos da pesquisa e à maneira de proceder na construção de informações.

Nosso primeiro contato com Levi foi em um clima amistoso, embora não tenha permitido a gravação das entrevistas em fita cassete, alegando não se sentir à vontade. Assim, as entrevistas e situações dialógicas foram transcritas, em parte, durante a sua realização e, posteriormente, completadas. Levi é um rapaz negro de aproximadamente 1,70 cm de altura, tem 22 anos e cursa a 8.^a série no período noturno do Programa Educação de Jovens e Adultos (EJA). Trabalha o dia todo e, por isso, preferiu que as entrevistas ocorressem na própria escola e em horários disponíveis entre as aulas. É operário de uma fábrica de botinas e gosta do trabalho.

Levi sempre ia para a escola bem arrumado, com roupas novas e coloridas, cabelo bem penteado e modelado, conversava em tom de voz suave e pouco nos dirigia o olhar, enquanto falava. Inicialmente demonstrou certo incômodo em abordar o tema das gangues, parecendo desconfiar ou ter receio em detalhar sua experiência. No momento da pesquisa, relata morar sozinho, em cômodo alugado, e conviver pouco com o pai e a mãe. Gosta de praticar capoeira

e dançar forró e pagode aos finais de semana. Seus pais são separados e Levi tem uma irmã casada, com um filho de quatro anos de idade. Conta também que não gosta da irmã, mas se dá bem com o cunhado e que adora o sobrinho. Não tem boa convivência com o pai e se encontra esporadicamente com a mãe.

Foram realizados cinco momentos de interação com Levi, por meio de entrevistas semi-estruturadas e situações dialógicas. A cada passo da pesquisa, foi possível levantarmos indicadores na construção do percurso de todo o trabalho.

Na primeira entrevista, Levi relata que nunca participou de gangues mas que seu contato foi na condição de vítima de um grupo de gangue. Descreve a situação social que o inseriu no contato direto com um grupo de gangue.

PESQUISADORA	LEVI
- <i>Como aconteceu esse contato com a gangue?</i>	
	- <i>Uma vez eu vinha para a escola e eles me pegaram e me bateram demais. Eram seis(...)</i>
- <i>O que foi que ficou para você depois disso?</i>	
	- <i>Eu senti vontade de matar todo mundo. Não sei porque implicaram comigo quando eu mudei para lá... no bairro (...)</i>

O Contexto Do Grupo De Gangue

A maneira da sua inserção na vivência com grupos de gangue revela dois momentos da vida de Levi e, a partir daí, elementos muito significativos na construção dos sentidos

subjetivos de participar e de estar vinculado a uma gangue.

Para ele, tornou-se vítima devido, unicamente, ao fato de ser um novo morador do bairro, motivo considerado suficiente para implicarem com ele. Levi foi visto como elemento estranho, não aceito por um dos grupos do bairro, criando uma situação social de rivalidade e disputa.

Outro momento crucial em sua experiência foi a emboscada enquanto ia para a escola, pois é, nesse ponto, que a escola começa a integrar o cenário da experiência de Levi.

Esses momentos apontam as necessidades geradas pela expressão emocional do medo, da raiva, da desproteção, da exclusão, etc.

Essa emocionalidade cria possibilidades de se afirmar, garantindo a própria permanência no espaço relacional do contexto social do bairro, da escola e do grupo.

PESQUISADORA	LEVI
<i>- O que pode levar uma pessoa a fazer isto?</i>	
	<i>- Eles querem pegar fama, ser o valentão e sai e brigam. Eles ficam respeitados, os outros ficam sabendo que são bons de briga, ficam respeitados por outras gangues. Ai ninguém mexe com eles.</i>
<i>- Você disse que teve até de mudar de cidade, por ser perseguido; agora voltou. Como está agora?</i>	
	<i>- Eles tiveram que mudar de cidade também porque eles apanharam muito de um grupo de dança de rua que me defendia; eram uns dez que pegaram os seis que sempre me bateram nas quatro vezes.</i>

- Seis?	
	- Estes seis (...) faziam parte de uma gangue.
- Como são as pessoas de gangue?	
	- Tem pessoas de todas as idades na gangue, mas acho que é uma fase.
- Existe um líder?	
	- Sim.
- Como ele é?	
	- O líder é o mais brigão, ele começa a brigar, brigar, aí fica respeitado e vira líder.
- Como a gangue se forma?	
	- Entra pra gangue quando se envolve com amizades e começa a formar um grupo.
- Como você pensa a formação de uma gangue?	
	- O grupo se forma para brigar, isto é diversão! É comentar no outro dia.
- Como as pessoas entram para gangue?	
	- Se uma mulher quer entrar para a gangue, ela tem que ficar com o líder. O homem tem que brigar com um outro mano a mano, se ele apanhar não serve.

A aproximação de um outro grupo capaz de defendê-lo revela a necessidade de proteção, subjetivada positivamente por agregar experiências de amizade, companheirismo e diversão. Assim, Levi constituiu caminhos para lidar objetivamente e subjetivamente com a situação de vulnerabilidade em que se encontrava nos momentos em que foi perseguido pelo

grupo rival.

Há dois indicadores de sentido que constroem os significados das experiências com a gangue; primeiramente, os laços de amizade e afinidades, depois, a busca de autopreservação.

Estar no grupo de gangue em uma fase da vida remete ao pensamento de que esse grupo cria espaço para sociabilidade e constituição de experiências coletivas e culturais.

As relações de poder são significadas por Levi como fundamentais na conquista de identidade e respeito no seu campo social.

Segundo Furtado (2002), a vivência no campo social onde se estabelecem relações com o grupo de pertença; o modo de o outro sujeito avaliar a nossa expressão e desempenho de papéis leva-o a nos atribuir elementos de identidade que, por sua vez, integrarão o nosso próprio repertório.

Compreende-se que Levi vivencia a sociabilidade da gangue como possibilidades para construção de um espaço de reconhecimento e identidade, de expressividade e respeito. Por exemplo, Furtado (2002) considera que a identidade permite ao sujeito reconhecer-se socialmente membro de um determinado grupo e, ao mesmo tempo, afirmar-se indivíduo, sujeito ativo, criativo da própria vida.

PESQUISADORA	LEVI
<i>- Fale sobre sua experiência com a gangue.</i>	
	<i>- Me incomoda falar, não gosto de lembrar pois dá uma revolta!</i>
<i>- O que sente que a experiência trouxe para a sua vida?</i>	
	<i>- Muitas coisas (silêncio, faz expressão de incômodo)... Ah! Vou falar. Já participei do grupo e já fui líder!</i>

- Então fale de sua experiência.	
	- Eram 16 pessoas entre 16 e 20 anos. Se conheceram no bairro. Nós isolávamos a rua, nosso grupo não descia e o deles não subia. Quem dava ordem era eu, (...)
- Como você se tornou líder?	
	- Eu tinha muitos amigos, nós jogávamos bola juntos, até que eu briguei com o outro líder (...) e ninguém tinha coragem de brigar com ele. Assim, eu me tornei líder.
- Como era ser o líder?	
	- Quando a gente tava ali junto era bom e eu me sentia poderoso, mandando.
- Que atividade você comandava?	
	- Muita coisa... Pula esta parte! Um líder de gangue, tudo que ele faz os outros têm que fazer...

Objetivamente, no momento da entrevista, Levi já não participava mais da gangue; no entanto, subjetivamente, não se sente fora. Ao afirmar que não gosta de lembrar das experiências com os grupos de gangue é porque a memória dessas experiências compõe sua história de vida, dotadas de uma emocionalidade constitutiva dos sentidos e significados produzidos pelo sujeito.

A lembrança de ter sofrido agressões evoca sentimentos de fracasso e menos valia, contrafeitos no momento em que Levi se torna líder do grupo. Assim, como sugere Lane (1995) a realidade objetiva vivida pelo indivíduo se torna subjetiva, a qual, por sua vez, se objetivará por meio de suas ações.

O sentido subjetivo de conquistar um lugar de sujeito ativo e capaz de determinar o

próprio mundo (GONZÁLEZ REY, 2003), em contraposição à subordinação sócio-cultural de sua realidade direta, redimensiona a ação de Levi.

Sem dúvida, a experiência de líder de gangue produziu a vivência de sua subjetividade em uma relação de expressão e criação (GUATTARI & ROLNIK, 1986), inseparável de uma carga emocional que tece significações individuais e sociais.

Nesse sentido, estar na gangue é para Levi uma forma de criar um espaço próprio de reconhecimento e construção de identidade.

A demonstração de estar incomodado ao falar de sua situação de participante de gangue sugere que Levi atribui, ao mesmo tempo, diferentes sentidos a essa experiência, o que não significa serem excludentes.

PESQUISADORA	LEVI
<i>(ao perguntar que atividades comandava):</i> - <i>Como o que?</i>	
	- <i>Se eu fumasse (maconha, cigarro, crack), cheirava tiner, cola, os outros tinham que fazer. Se não fizesse era expulso.</i>
- <i>Como conseguiam a droga?</i>	
	- <i>Vaquinha... Reunia...</i>
- <i>O que unia o grupo?</i>	
	- <i>O futebol, morar na mesma rua...</i>

A fala de Levi traz a dimensão da sua vivência dentro do grupo de gangue, que possibilitou a ele sentir-se superior e ser reconhecido. No entanto, ao mesmo tempo, a constituição do grupo impõe certas condutas e normas massificadoras dos indivíduos, já que a maioria segue as ordens ou o comando de um líder, revelando, assim, relações de submissão

do sujeito, ou seja, de certo modo, reproduzindo em algum nível a situação social vivida nos contextos sociais instituídos em nossa sociedade.

Ocorre, então, um movimento contraditório em que, simultaneamente, a gangue é viabilizadora e cerceadora da expressão do sujeito.

Se os sentidos iniciais para entrar e estar na gangue passavam pela necessidade de proteção e de reconhecimento pessoal para Levi, com o passar do tempo, a experiência agrega novos sentidos. Por exemplo, ao apontar o futebol que o grupo praticava junto e a proximidade física das residências dos participantes da gangue como fator importante para permanecer no grupo, Levi indica que se sentia ligado ao grupo por relações de companheirismo e amizade, além daquelas já estabelecidas no uso da força (para tornar-se líder) e exercício do poder (“mandar” nos outros, impor-se).

PESQUISADORA	LEVI
<i>- O que a liderança trouxe à sua vida?</i>	
	<i>- Eu não parava em casa, vivia em boates e festas.</i>
<i>- Como saiu?</i>	
	<i>- Eu não quis mais, eu saí aos poucos. Tinha os dias de se encontrar e eu já não ia.</i>
<i>- O que mudou para você sair do grupo?</i>	
	<i>- Minha mãe foi me dando conselho, vivia chorando, “tadinha”!</i>
<i>- Quais conselhos?</i>	
	<i>- Para parar com isso e não dava futuro.</i>
<i>- Fale o que quer para o futuro?</i>	

	<p>- É a pessoa querer alguma coisa e lutar por ela. Estou lutando pra mim mesmo!</p> <p>Eu quero ter minha vida, ser independente, ter minha casa...</p>
--	---

Como foi dito anteriormente, Levi, ainda, se sente ligado à gangue, muito possivelmente devido à importante construção de sentidos e significados produzidos por ele nesse momento específico de sua história de vida, sem dúvida, que se integra no atual vivido, experienciado e constituído. Para ele, o grupo pode ter funcionado como “um objeto e espaço transicional. A turma propicia a formação de identidade”, (ROCHA, 2002, p. 37). O grupo ou a turma teria o papel de elemento intermediário entre a família e a sociedade, em determinados momentos da vida do sujeito.

Ao sofrer a perseguição de um grupo, e encontrando-se em situação de desproteção e vulnerabilidade, Levi experimenta na realidade objetiva vivida sentimentos de raiva e auto-desvalorização. Essa emocionalidade tem um papel de mediadora da ação de Levi, que, na processualidade de suas experiências, gera a necessidade de aceitação pelo grupo social com que convive.

É certa a necessidade emergente de ser aceito no meio social, pois fora agredido assim que chegara ao bairro e à escola, apresentando-se, dessa forma, como um novo elemento agregado ao contexto relacional escola-bairro-grupos identitários. Assim, diante dessa necessidade, Levi criou possibilidades de ser aceito, motivado, principalmente, pela busca de um outro grupo que o protegesse e estabelecesse a geração de afetos e sentimentos positivos em uma relação de amizade, porque, além de exercerem as atividades do grupo de gangue, também compartilhavam, ainda enquanto parceiros, outros espaços de trocas e interações, tais como os jogos de futebol programados semanalmente para diversão e manutenção dos laços de proximidade do grupo.

Um outro lado de sua experiência demonstra que Levi também significa sua

participação na gangue como algo prejudicial à sua vida. Isto aparece quando relata a decisão de se afastar do grupo por um pedido de sua mãe. De certo modo, a expressão do afeto de sua mãe, quanto à sua maneira de viver, suas ações e comportamentos, acessa em Levi pontos de conflitos entre necessidades advindas de sua constituição histórica e social.

Os sentidos subjetivos são gerados por toda emoção, motivação e todos os sentimentos de diferentes procedências no curso das ações realizadas por Levi. O fato de sua mãe demonstrar tristeza, chorar e pedir para ele buscar “algo que dê futuro” fora da gangue é subjetivado por Levi como um ponto importante do vínculo afetivo na relação com sua mãe.

Uma vez que os laços familiares são elementos muito importantes na constituição subjetiva, as entrevistas subseqüentes abordam o contexto familiar e suas interações com o contexto da gangue.

O Contexto Familiar

Ao abordar a história de sua família, Levi se situa próximo da mãe e distante da irmã e do pai. Descreve momentos de bem-estar nesse convívio familiar e, ao mesmo tempo, situações de violência, agressões e conflitos graves.

PESQUISADORA	LEVI
<p><i>- Fale de sua mãe: como ela era com você, como foi e é a relação de vocês?</i></p>	
	<p><i>- Minha mãe é legal, gente boa. Minha mãe sempre bateu mais em nós do que meu pai, é nervosa demais!</i></p> <p><i>Minha mãe trabalha, quase não pára em casa. Ela brigava demais com meu pai, ele</i></p>

	<p><i>trancava ela fora de casa e ela foi desgostando...</i></p> <p><i>Depois que separou do meu pai, virou a cabeça, começou a beber, arrumou um namorado aí...</i></p>
- E seu pai?	
	<p><i>- Meu pai sempre foi esquisito, ele é crente. Ele tem hora pra dormir, ele deitou aí todo mundo tem que ir, não gosta de conversa, nem de luz acesa.</i></p>
- Como era a vida familiar quando você era criança?	
	<p><i>- Era divertido e legal, pois a família de minha mãe ia pra nossa casa e fazia festa. A gente estava sempre juntos e reunidos. Era ruim as brigas de meus pais, minha mãe era nervosa demais, nunca baixou a voz para meu pai e virava uma “brigaiada”, um fala, o outro fala, até que eles “grudavam” (...) Em casa as coisas eram todas separadas (...)</i></p>
- Quais os motivos das brigas?	
	<p><i>- Meu pai chegava bêbado em casa, muitas vezes ela foi buscá-lo em barzinhos e ele não gostava...</i></p> <p><i>Nesse tempo, eu tinha oito anos e meu pai era carinhoso, dava mais atenção.</i></p>
- Você fala que seu pai mudou com a família? Como foi?	
	<p><i>- Eu devia ter uns dez anos e nós mudamos para São Paulo. Foi quando meu pai começou a mudar. Deixou de beber e entrou para a igreja crente. Quando a gente mudou</i></p>

	<p><i>pra cá (Araguari) ele começou a ficar agressivo comigo e com minha irmã. Ele dava cada tapa no rosto dela que ela chegava a cair. Em mim ele não batia mais. A minha irmã saía e chegava só no outro dia, fumava droga.</i></p>
--	---

Ao falar da família descreve um cenário conturbado, alternando momentos de união, proximidade e diversão, com outros de brigas, afastamento e separação.

A família e o vínculo afetivo entre seus membros são cruciais para o desenvolvimento das emoções de Levi, pois, é nas relações familiares que a “criança aprende a expressar seu afeto quando o recebe” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 30); nela também a vivência emocional produz sentidos para a permanente produção de subjetividades.

A atribuição de qualidades às figuras materna, paterna e à irmã mostra que as relações de Levi dentro da família percorreram diversas emoções. Por exemplo, ele subjetivamente atribui à mãe o papel de boa mãe, enquanto estava casada com seu pai, embora sofrendo com as agressões do marido.

Levi entende que a separação dos pais afastou de si sua mãe, que “virou a cabeça”. Ele a vê e sente de outra maneira, o que implicará rupturas dessa relação. Isto sugere que Levi representa o ideal de família tradicional, ao nível individual, em relação à subjetividade social, que tece significações e sentidos em torno dos lugares do homem e da mulher no casamento.

Ao abordar a relação que construiu com seu pai, Levi traz à tona sentimentos de estranheza, pouca interlocução afetiva saudável, pouca intimidade, ou seja, atribui ao pai um caráter destrutivo atuado no comportamento agressivo com a mulher e os filhos. Outro indicador importante da destrutividade do pai é o uso contínuo de bebidas alcoólicas.

PESQUISADORA	LEVI
- <i>Como você acha que dá pra relacionar o jeito de seu pai com a gangue?</i>	
	- <i>Ele não gosta de ninguém. Ele é esquisito. Um dia jogou no chão a bicicleta de um amigo meu, só porque ela encostou no carro dele. Eu achei ruim e saí de casa.</i>

Levi fala de um pai autoritário com vias comunicacionais permeadas de agressividade, o que compõe a quebra de vínculo afetivo saudável entre pai e filho.

Levi opta por se afastar do pai, por não encontrar espaço de interlocução, subjetivando um relacionamento de indiferença e insegurança. Relacionar o comportamento “esquisito” do pai com a gangue gera em Levi idéias portadoras da necessidade de não estar junto desse pai.

Durante a entrevista propusemos que Levi esboçasse no papel um retrato de sua família indicando o lugar de cada um nesse quadro. (ver anexos)

Levi organizou o quadro da seguinte forma (ver anexos):

- A. A mãe está no centro e comenta que ela está no comando, é o “braço direito” de todos na família;
- B. Levi se posiciona do lado direito no retrato atribuindo o valor de estar neste lugar porque “sempre estou do lado de minha mãe”;
- C. O pai está do lado esquerdo e oposto ao de Levi que lhe dá o sentido de seu pai ser “mais afastado” dos membros da família;
- D. Inclui no retrato o sobrinho e o cunhado nos extremos esquerdo e direito, respectivamente, e fala sobre gostar deles e, por isto, tê-los incluído no retrato de família;

Quando perguntamos qual seria o retrato de uma família ideal para ele, Levi dispõe um ao lado do outro, na seguinte ordem: pai, mãe, Levi, sua irmã, seu sobrinho e seu

cunhado. Nesse momento, Levi comenta que “bom e ideal é que cada um da família fique ao lado do outro.” (ver anexos)

Na comparação entre os dois quadros, pedimos que comentasse o que percebeu. Levi, então, olha, respira, põe os papéis sobre a mesa e diz: “No quadro da minha família cada um para um canto...” Depois fica em silêncio um tempo. Então, comentamos, “A sua irmã não está neste primeiro quadro?” Levi olha o papel e depois o empurra sobre a mesa dizendo: “É, esqueci dela! Eu não gosto muito dela!”

O arranjo familiar de Levi entra em conflito com o modelo idealizado e desejado por ele. Isto o leva a desenvolver sentimentos ambivalentes quanto ao estabelecimento de suas relações afetivas dentro da família. De um lado, aceita a situação de cada um para seu lado, sem proximidade e/ou intimidade, por outro, deseja união e aproximação entre os membros da família.

Levi subjetiva sua família como inadequada e insatisfatória diante de suas necessidades emocionais. Estabelece vínculos carregados de emoções positivas com a mãe, o sobrinho e o cunhado, mas principalmente com sua mãe:

PESQUISADORA	LEVI
<i>- Cite uma lembrança boa de alguém de sua família, alguém em quem você pense e se sinta bem. Por quê?</i>	
	<i>- Minha mãe. Ela conversa comigo, me dá conselho. Hoje a gente se dá bem (...) Eu deixei de morar com ela quando ela arranjou outro marido.</i>

Se for também à família que a constituição de elementos da subjetividade se formam no entrelace com processos de diversas fontes, tais como formação da personalidade dos

indivíduos, apropriação e criação de uma cultura coletiva e individual de valores éticos e estéticos, a busca da identidade, etc. A família é parte fundamental da compreensão da constituição subjetiva de Levi e de como isto o constitui enquanto sujeito, pois aponta ser muito importante em sua vida o espaço de cuidado e diálogo construído na relação com sua mãe. De acordo com González Rey (2004), uma comunicação autêntica possibilita o desenvolvimento emocional saudável da personalidade.

O vínculo com o pai é para Levi a negação de suas necessidades singulares.

PESQUISADORA	LEVI
<p><i>- Na entrevista sobre sua família, você fala sobre seu pai não gostar de ninguém, ser esquisito. Como é ou seria um pai ideal para você? (...)</i></p>	
	<p><i>- Gostaria de ter um pai que conversasse mais comigo e que a gente pudesse se abrir com ele. Ele é fechado demais, ele não demonstrava gostar de mim. Eu acho que ele não gostava de mim.</i></p>

A figura paterna é simbolizada como uma pessoa fria e indiferente aos outros. Levi subjetiva o papel de seu pai na demonstração de não gostar das pessoas, gerando pontos de tensão psicológica presentes nos sentimentos de exclusão, não pertença ou menos valia. Essa tensão psicológica se reafirma nos significados e sentidos atribuídos aos comportamentos agressivos do pai na relação com a esposa e com os filhos.

Portanto, há duas questões importantes ao considerarmos o padrão estabelecido nas relações primárias da família de Levi: uma delas remete ao uso da força e exercício autoritário do poder; outra evoca o uso do diálogo como momentos prazerosos de convivência e criação de laços na expressão de carinho e de amor.

Essas questões descritas são indicadores de sentidos desenvolvidos por Levi no meio familiar, que se integrarão em suas relações sociais mais amplas.

A demonstração de desamor do pai torna-se, para Levi, um dos sentidos atribuídos à sua relação com o pai, o que subjetivamente gera uma necessidade de se afastar desse espaço relacional onde a condição de sujeito lhe é negada. Não há espaço de interlocução com o pai capaz de propiciar uma comunicação autêntica.

Os sistemas de comunicação e as relações advindas da família se inter-relacionam a outros sistemas e relações que Levi estabelece no meio social tanto da gangue quanto da escola. A subjetividade social da família de Levi é constituída a partir de vários momentos de interrupção do bom relacionamento de vínculos afetivos, principalmente na vivência de situações de atos de hostilidade e agressividade. Conforme estudos de Antoni e Koller (2002), essas situações influenciam na motivação, na auto-imagem e na auto-estima, constituindo-se, também, na forma de uma emocionalidade oriunda de situações de humilhação, rejeição, agressões física e verbal, medo, raiva, etc.

O transcurso familiar de Levi engendra uma subjetividade social na interlocução dos processos sociais, culturais, econômicos e históricos presentes na realidade de nossa sociedade instituída. Trazendo para Levi a reciprocidade na constituição subjetiva individual com as instâncias sociais de sua vida.

Passando a vislumbrar o aspecto do contexto escolar em diálogo com a família e a gangue, Levi traz indicadores de sentido nas categorias de exclusão e preconceito.

O Contexto Escolar

Na sociedade ocidental a escola se apresenta com a função de formadora, ou seja, ao

nível da subjetividade social, ela cumpre um papel social de produção de conhecimentos e preparação do indivíduo para o trabalho, além de espaço de sociabilidade.

Abordando a experiência de Levi na escola:

PESQUISADORA	LEVI
- <i>Fale sobre sua vida escolar.</i>	
	- <i>Eu era bagunceiro demais na escola... não prestava atenção nas aulas, ficava conversando. Eu não gostava de estudar não, eu vinha por causa que minha mãe pedia. Eu vinha por vir. Teve uma professora que marcou. Eu não gostava dela, dava aula de ciências. Ela me maltratava, dava mais atenção aos outros alunos. Eu também era bagunceiro demais... eu tomei raiva dela. Ela me ignorava quando eu a chamava para me explicar alguma coisa e ela não vinha. Todos tiravam nota boa, menos eu. (Não se lembra de nada que o marca positivamente na vida escolar).</i>
- <i>Como a escola o aceitava no momento em que estava na gangue?</i>	
	- <i>Eles não sabiam... senão, não me aceitariam na escola.</i>
- <i>O que a escola é na vida de um rapaz de gangue?</i>	
	- <i>Isso aí a gente aprende com o tempo. Eu me arrependi de perder tempo na minha vida. É que eu não levei o estudo a sério e hoje eu já poderia estar formado, ser</i>

	<i>alguma coisa na vida.</i>
<i>- Faça uma relação de sua experiência com a gangue e sua vida escolar.</i>	
	<i>- Mudou tudo no jeito de ver a escola quando eu estava na gangue. Eu fiquei agressivo na escola, com todo mundo, professores, diretor, alunos. Eu brigava dentro da escola. Eu queria estudar, mas não queria ao mesmo tempo. Eu vinha pra escola para passar o tempo. Eu não estudava, ficava fora da sala.</i>
<i>- O que a gangue é para a escola? Como ela vê a gangue?</i>	
	<i>- Sei lá. Eles não entendem, eles vêm como vagabundos, maconheiros... A escola precisa entender que precisa de atenção, conversar e não maltratar. Chamar cada um e conversar, explicar. Ter uma pessoa para dar conselhos e que se possa abrir, falar da vida, contar os problemas.</i>
<i>- O que você diria para uma pessoa que entra para a gangue? E para os que estão entrando?</i>	
	<i>- Pra não entrar. Não é bom!</i>

Relembrar sua história escolar indica a atribuição de um sentido carregado de emoções negativamente significadas.

A constituição do espaço relacional com o professor descreve o lugar de aluno excluído do processo educacional. O fato da professora não se atentar aos chamados de Levi o fez constituir subjetivamente a dimensão de exclusão, já que era o único que não tirava boas notas.

Vale a pena observar que a avaliação por nota constitui a subjetividade social na escola, enquanto fator de competência, desempenho satisfatório e aceitação, o que Levi aponta, mas no nível subjetivo individual, como os estudos lhe possibilitariam “ser alguém na vida”. Mais uma vez se posiciona no lugar de exclusão social no momento em que não tira boas notas. De acordo com Sawaia (1999), a exclusão é processo complexo, sutil e dialético, pois é produto do funcionamento do sistema de relações vigentes. Nessa configuração, a escola nega a constituição do sujeito.

Não há interlocução positiva com o pai, nem com a escola. A fala de Levi não é escutada, ou seja, sua expressão de sujeito não encontra respaldo nos contextos sociais em que circula. A partir daí, estados de tensão e conflitos são criados, levando à ruptura com esse estado que lhe é atribuído em seu meio sócio-histórico.

A entrada para a gangue é o desfecho da ruptura de Levi com essa posição de exclusão no círculo relacional da família, da escola e do bairro, como já foi explicitado em análises anteriores neste trabalho.

PESQUISADORA	LEVI
<i>- A atitude da professora que ignora o aluno facilita a gangue?</i>	
	<i>- Às vezes, o aluno é certinho e o professor ignora, aí ele procura amizades e ter alguém pra conversar, se abrir... Mas conforme o tipo de amizade, a pessoa se envolve com a gangue. Porque tem amizade boa ou ruim. Se a amizade é ruim ele vai para a gangue.</i>

Os processos constituídos a partir de sua entrada para a gangue elaboram novas formas de se situar dentro da escola. Levi fala da necessidade de ser reconhecido e de experimentar

uma identidade singular, ao dizer que o aluno procura amizade e espaço de diálogo, ponto comum tanto na sua vivência familiar quanto escolar, apontando aí uma dimensão de sua subjetividade individual.

Em parte, a vivência da gangue proporciona a Levi espaço de atuação no poder; já que se torna líder; há escuta às suas necessidades e constrói zonas de diálogo com sua realidade. Na gangue Levi é respeitado, reconhecido pelo outro, experimenta a condição de sujeito de criação e ruptura (GUATTARI & ROLNIK, 1986), pois, antes, via a escola como local de busca de sociabilidade, mas é inserido em um cenário de exclusão. Depois que entra para a gangue, Levi assume diante da escola o posicionamento de resistência à conjuntura institucional, atuando agressivamente e na ambivalência, do querer e não querer, ao mesmo tempo, estar na escola.

PESQUISADORA	LEVI
- <i>Você fala que mudou seu jeito de ver a escola, quando estava na gangue. Conte mais sobre isto?</i>	
	- <i>Quando eu estava na gangue, eu virava a noite na rua, não trabalhava e ficava na rua conversando com os amigos do grupo. Tinha boas conversas sobre o que acontecia no dia-a dia. Era conversa normal de qualquer... Eu nem queria saber de escola!</i>
- <i>Como a escola pode dar atenção ao aluno da gangue?</i>	
	- <i>Tratar com mais educação, não gritar. Tem que ser mais liberal com os horários, ter aulas diferentes, ter esporte (futebol), não prender o aluno só na sala de aula.</i>

O movimento de resistência à escola produz pontos de reflexão em Levi sobre a própria ação, suas motivações, intenções e necessidades, assim, visualizando no espaço das relações na gangue o que o dotava de motivação e intencionalidade para estar na escola.

Isto aparece quando aponta que a escola precisa modificar seu modo de funcionar, não excluir nenhum aluno, viabilizar diálogos verdadeiros, acolhendo as diferenças.

No entanto, o contexto social da gangue se constitui também por relações de autoritarismo, pois os outros tinham que seguir as imposições do líder. Este exercia o controle e praticava a exclusão, reeditando no espaço social do grupo de gangue as mesmas relações vividas por Levi nos contextos escolar e familiar.

Os processos constituídos na experiência com a gangue remetem à dialética tensão e ruptura, característica da trajetória histórica de Levi.

A compreensão da constituição subjetiva de Levi, enquanto participante de gangue, foi possível no estudo de alguns indicadores de sentido:

- 1) Entrar no grupo de gangue para sua proteção e autopreservação, diante de sua vulnerabilidade social, ao sofrer de agressões no bairro onde mora;
- 2) permanecer no grupo por estabelecer laços afetivos de amizade e afinidades;
- 3) encontrar no grupo espaço para diversão, expressão de rivalidades e vivências relacionais prazerosas no compartilhamento de experiências;
- 4) afirmar-se como sujeito na gangue, cujo espaço torna-se próprio da gangue, trazendo sentidos e significados subjetivados nas relações de poder, reconhecimento e construção de identidade;
- 5) fazer parte da gangue constitui a vivência dos sentidos atribuídos às experiências de exclusão no círculo relacional da família e da escola, assim como a atribuição de sentidos às práticas de violência também nesses círculos de relacionamentos.

4.1.2 TALISSON

Os momentos de interação com Talisson realizaram-se em três encontros. O primeiro ocorreu na escola onde ele estuda, após nosso convite em sala de aula. Talisson se dispôs espontaneamente e se apresentou com muita simpatia.

Talisson é um jovem de 27 anos, trabalha na colheita de café periodicamente e também em fábrica de botinas. Atualmente mora com a mãe e com o irmão caçula, faz o curso noturno no Programa EJA e cursa a 5ª série na escola do bairro em que reside.

Ele é de estatura baixa (em torno de 1,60m), branco, cabelos lisos, castanhos e compridos, motivo de satisfação para ele. Veste-se com camiseta e bermudão, usa vários brincos nas orelhas e correntes no pescoço, exibindo com orgulho tatuagens nos braços. Participou de alguns grupos de gangue desde os nove anos de idade, tendo experiência de ser líder de um deles. No momento da pesquisa, ele não mais integrava grupo de gangue.

Talisson demonstrou interesse em participar da pesquisa, permitiu a gravação em fita cassete e também o nosso contato com a sua família, no caso, a sua mãe.

Na primeira entrevista, fala de sua experiência com os grupos de gangue, conta sobre sua história e mergulha em lembranças e sentimentos. Sua fala é rica de exemplos figurativos, o que tornou o nosso diálogo uma interação muito importante no levantamento de alguns indicadores sobre a constituição subjetiva do participante de gangue nesse sujeito.

Contudo, Talisson, ao mesmo tempo em que demonstrava necessidade de proximidade, também se distanciava das situações dialógicas, não comparecendo às entrevistas marcadas.

Em nenhum momento se posiciona sem interesse de participar da pesquisa, porém se afasta momentaneamente, o que descreve em seu percurso possíveis dificuldades de aprofundar alguns momentos de sua história.

O nosso segundo momento de interação chamamos de informal, pois aconteceu sem programação prévia e contribuiu para compreendermos como Talisson se organiza socialmente e os sentidos e significados produzidos por ele acerca de sua realidade objetiva.

O terceiro momento, também na escola, é uma entrevista em que Talisson fala da sua relação com as drogas, o papel de sua família e da escola em sua vida.

Na primeira entrevista, Talisson, ao discorrer sobre sua experiência com grupos de gangue, conta que entrou gradualmente e era um tipo de diversão ou brincadeira. Relata que entrou nas gangues, principalmente, por se sentir isolado, sem lugar em sua família. Fala de um lugar de exclusão afetiva.

Para Talisson, o contexto da gangue aparece a todo o momento em interação direta com os contextos familiar e escolar. Por isto, a compreensão de sua constituição subjetiva articula, neste estudo, os três contextos na construção dos sentidos produzidos, percorrendo, assim, os caminhos perpassados pela tríade grupo de gangue, vivência escolar e família.

O Contexto Escolar

PESQUISADORA	TALISSON
<p><i>- Fale de sua experiência com a gangue: como se aproximou, que idade tinha...</i></p>	
	<p><i>- Eu participei de dois grupos. Tudo começou porque meu pai e minha mãe brigavam muito e aquilo me doía. Doía ver aquilo e não poder fazer nada. Sabe, eu ficava isolado num canto... Chegava em casa era briga, ia pra escola e o tempo foi passando... com o decorrer do tempo, fui estudar à noite e comecei a trabalhar com meu pai na fábrica de botinas, eu tinha nove</i></p>

	<p>anos.</p> <p><i>Foi na escola à noite que tive contato com o pessoal e achei que era uma boa e foi onde comecei a caminhar pro lado errado. Meus pais não preocupavam comigo, ficava um pra cada lado... Eu chegava da rua e eles não perguntavam nada... Eu parti pra rua, isolei minha casa. Aí, na turma da escola, eles disseram: “É seu pai tem cola, pega uma pra gente cheirar!”</i></p> <p><i>No começo eu dizia: “Não, não faço isso não!” Só que faltava o afeto dentro de casa. Porque toda criança quando estuda e trabalha quer estar em casa e ter o carinho dos pais...</i></p>
<p><i>- De que maneira faltava este carinho?</i></p>	
	<p><i>- De todas! Eu tinha de tudo, roupa, brinquedo, comida, casa, só que só isso não enche, a pessoa vai se isolando. Aí, você se pergunta: “Não é possível esperar um abraço?”... Aí você chega na escola a mãe do fulano fala: “Tchau meu filho, eu te amo!” Você vê aquilo e... (olhos enchem de lágrimas). Eu não tinha prazer em ficar em casa, faltava algo...</i></p>
<p><i>- Você se lembra qual sentimento acontecia nesta situação?</i></p>	
	<p><i>- Eu pensava que não tinha aquilo, e que lá em casa é diferente, foi onde eu comecei a envolver com a gangue. Porque além de mim, tinham outros que sentiam as mesmas coisas. A gente se revolta, desconta a revolta do amor que não tem em casa nas pessoas.</i></p>

<p>- <i>Você procurou se aproximar de pessoas com sentimentos parecidos aos seus?</i></p>	
	<p>- <i>É, de não ter carinho em casa, do pai e da mãe. A gente se reúne se abre uns com os outros. No começo é um tipo de reunião para falar dos problemas, depois já começa a “matar” aula e ir para a praça. Depois a turma sai e começa com brincadeiras de desligar padrão. Riscar carro, furar pneus e quebrar vidraças. E na gangue há um vínculo onde um socorre o outro.</i></p>

Ao falar de sua experiência com a gangue, Talisson tece um elo entre família, sua realidade social de ser criança e de trabalhar e estudar.

A indicação de sentimentos de desamparo na vivência familiar e a falta de reciprocidade às suas necessidades afetivas revelam que Talisson subjetiva sua aproximação inicial com as gangues como possibilidade de acolhimento e de constituição de um espaço de solidariedade, companheirismo e identificação.

Embora as relações dentro da escola o tenham aproximado de seus pares da gangue, a dimensão emocional das relações da família de Talisson é muito importante no que diz respeito à sua condição de sujeito. Assim, a emocionalidade produzida no seio de sua família vincula-se à motivação de construir um espaço social capaz de lhe propiciar também experiências de prazer e diversão, o que foi possível encontrar na gangue naquele momento e não no contexto das relações escolares.

A idéia de que no grupo de gangue se encontra um lugar de expressão e criação, uma alternativa à insatisfação de necessidades individuais, como reconhecimento, aceitação e amor leva Talisson a significar necessária sua entrada para a gangue na sua condição de vida, pois, o espaço social da escola e da família nesse quadro se mostra insuficiente no estabelecimento

de vínculos afetivos, intelectuais, identitários, etc.

A gangue torna-se, então, facilitadora da interlocução de Talisson com o mundo interno e externo. Dito de outra maneira, ao se relacionar com os parceiros do grupo e com as atividades desenvolvidas por eles, cria-se um espaço alternativo ao da família e da escola. E nessa interação há a vivência do sentir-se capaz, do falar e do pensar o que acontece em sua história de vida.

Com o transcorrer da experiência de participante de gangue, Talisson produz novos sentidos subjetivos:

PESQUISADORA	TALISSON
<i>- Ao falar sobre as atividades do grupo de gangue: O que era isso para vocês?</i>	
	<i>- Era um meio de desabafar na rua, igual quando fala uma coisa e você não pode falar nada ou não tem autoridade... É como dar um tapa na parede quando se está com raiva. É uma maneira de quebrar o estresse.</i>
<i>- Mais adiante na entrevista acrescenta outras idéias: Como é fazer parte da gangue?</i>	
	<i>- Ninguém é mais que você! Você bate e se enche, as pessoas te idolatram! Aí você fica o “rei das mulheres” e fica conhecido como “bom de briga”! Às vezes a pessoa entra porque no grupo ele perde o medo. Por exemplo: se eu quero uma menina e chego perto dela e diz que prefere o fulano que sabe nadar, pois ele já está com</i>

	<p><i>ela. Pode reparar que os outros vão pular dentro d'água mesmo tendo medo. É o que acontece na gangue. É igual uma seita, numa seita todo mundo tem que fazer um sacrifício, você tem que abandonar alguma coisa, dar alguma coisa. Igual a mim, moro aqui no Novo Horizonte e se eu for lá pro Miranda eu vou passar por algo tipo uma aula. Como um teste de sobrevivência, vou ter que brigar com um, com outro, depois mais outro. Vou ter que mostrar para eles que eu sou capaz... Um dia eu tomo a iniciativa de pegar um cara e bater. É uma coisa que pra quem vê, pensa que é tudo combinado e não é, porque vai crescendo dentro de você. Vai acontecendo...</i></p>
--	--

No relato de Talisson, as atividades do grupo de gangue (arranhar carro, quebrar vidraça, reunir-se para conversar, brigar etc.) ocupam o lugar simbólico de projeção de vivências articuladas em outros espaços sociais, como família e escola, ou seja, “desabafar na rua”, o que é silenciado em outros “locais” de sua vida; ponto crucial da constituição subjetiva de Talisson.

O Contexto Do Grupo De Gangue

Para Vigotski (1998), o sujeito se envolve simbolicamente na cultura, integrando as vivências emocionais de diversas fontes de afeto. Assim, os sentidos subjetivos produzidos no contexto social da gangue aproximam-se de diferentes experiências do sujeito na intercomunicação dos espaços sociais, em que estabelece relações com outros sujeitos e com

o próprio meio social.

Ao afirmar que fazer parte de um grupo de gangue o fez se sentir poderoso, reconhecido pelos outros e respeitado socialmente, Talisson traz à tona o sentido subjetivo de que dentro da gangue, e por meio dela, foi possível vivenciar a conquista de uma identidade social. Ou seja, Talisson descreve que fazer parte de um grupo de gangue propiciou alcançar um espaço social seguro para afirmar sentimentos de superioridade subjetivados como poder e conquista de respeito e reconhecimento (MARTINS e TELAROLLI, 2004).

O contexto descrito por Talisson, o grupo ocupa uma função de organizador da experiência individual, assim como um espaço social em que se procura afirmar sua condição de sujeito ativo e criativo da própria vida.

PESQUISADORA	TALISSON
<i>- Você falou que fez parte de dois grupo., Como eles eram?</i>	
	<i>- O primeiro foi de turminha da escola e foi aquilo que lhe falei das brincadeiras de arranhar carro e furar pneu. O segundo grupo eu conheci na boate, quando comecei a freqüentar estes lugares. Eu tinha 14 anos e chegou a ser um grupo de até 60 pessoas.</i>
<i>- Como você falaria das pessoas que são de gangue?</i>	
	<i>- Não é nada demais. O pessoal da gangue durante o dia são pessoas normais, elas trabalham e estudam. Eles se revelam à noite, pois todos se reúnem e só há briga à noite.</i>

A maneira de descrever sua história com os grupos de gangue conduz à idéia de que Talisson subjetiva as relações entre os pares e suas atividades, como fonte de satisfação, já que muitas dessas atividades adquirem o sentido e o significado de “brincadeiras”, algo divertido. Por conseguinte, a gangue aparece como local onde o sujeito se afirma por meio de uma linguagem própria à subjetividade social desse contexto, por exemplo, a linguagem expressa no simbolismo do brigar em situações apropriadas a essa atividade.

Os sentidos e significados das vivências dentro do grupo de gangue também se produzem na expressão da agressividade e por meio do norteamento ético das atividades desenvolvidas.

PESQUISADORA	TALISSON
- <i>Como as brigas aconteciam?</i>	
	- <i>A gente ia para a porta de um bar, o 1.º que passar a olhar para a gente pergunta o que ta olhando e se responder... Ah! É ele mesmo. A gente batia na pessoa que não tem nada haver, podia ser até pai de família ou até um “à toa.”</i>
- <i>Vocês batem em pessoas de qualquer idade?</i>	
	- <i>Não, se for mais de idade não batia. No máximo era entre 15 e 30 anos e em homens.</i>
- <i>Como era decidido no grupo em quem bater?</i>	
	- <i>Isso era dividido, depende do dia. Tem dia que sai de 20 pessoas, outros de 15... Por exemplo: eu estava na minha casa e meu dia não foi bom. Aí passa uma pessoa me olhando, eu já estou estressado, aí quero</i>

	<p><i>pegar o cara, mas tem outro do grupo que está mais calmo e diz: - “Não mexe com isso, o cara é velho, deixa pra lá!”</i></p> <p><i>Então, o próprio grupo controla a pessoa, porque pra bater não tem muita escolha. É igual quando você está dentro da boate e você está envolvido com mulher e chega um cara que você quer bater. É só falar pra menina: - “Vai lá e fica com ele!” Às vezes ela é até namorada sua mesmo, ela vai ficar com o cara e a gente chega e fala: - “O que você está fazendo com a minha namorada?”</i></p> <p><i>Aí ele apanha até sem saber porque apanhou. Então, na gangue você mesmo cria uma maneira de estar brigando. A gente apanhava muito também! Porque briga assim em grupo, em gangue você bate e apanha. Porque hoje sai a turma inteirinha, mas vai acontecer um dia de sair sozinho ou só três e aí você apanhava. Eu cansei de apanhar num sábado e no outro sair para bater. Para estar na gangue você tem que ter coragem, tem que ser uma pessoa que não se importa se o fulano quer te pegar porque é isso mesmo!</i></p>
--	--

O significado atribuído ao valor de ter coragem é um elemento de produção de sentidos na constituição subjetiva de Talisson, o que integra a sua expressão de sujeito e a construção de sua identidade.

Para Talisson, ter coragem é muito importante para o participante de gangue. Isto ele subjetiva enquanto disposição no enfrentamento da ameaça, superação do medo e demonstração de poder do homem e de sua força. Essas idéias são, ao mesmo tempo,

construções individuais e sociais do sujeito, que, segundo Furtado (2002, p. 98), integram a categoria identidade, descrevendo a ligação entre subjetividade singular e social, e concebendo a identidade como o “momento em que o sujeito é ele e a forma como é representado socialmente o seu próprio eu”.

Nesse ponto, a gangue gera a possibilidade de reconquistar o papel masculino de força e poder que se tem perdido na cultura ocidental contemporânea, tornando-se um dos pontos fundantes da construção da identidade de Talisson.

PESQUISADORA	TALISSON
- <i>Você sabia que poderia se machucar?</i>	
	- <i>Sabia, eu pensava que hoje estou pro que der e vier. É só isso. Ter coragem é enfrentar a ameaça. É como encarar um grupo, você quer crescer mais ainda!</i>

O sentido de estar no grupo, compartilhando de suas experiências, compõem a subjetividade social da gangue que se integra na constituição subjetiva de Talisson.

PESQUISADORA	TALISSON
- <i>Como é ser “bom de briga”?</i>	
	- <i>É o cara que não corre de briga, este é mais considerado no grupo de que um que é melhor para brigar. Ele pode apanhar, mas vai em cima para mostrar que não tem medo. Geralmente a gangue segura mais este tipo de pessoa. Já teve vezes de uns apanharem, não dar conta de brigar, igual</i>

	<i>quando eu treinava capoeira, tinha uns que não davam conta de aprender. A questão de ser bom ou não para brigar não conta muito.</i>
<i>- Fale de seu treino de capoeira. Era o grupo inteiro?</i>	
	<i>- Eu ia para a capoeira para ter resistência e agilidade. O treinamento não era para a briga e sim para a defesa, porque para brigar não há muita igualdade e se você solta um golpe e a pessoa te agarra? A maioria das brigas os caras grudam e não tem muito espaço. Em briga de rua não tem muitos golpes planejados nos treinamentos... É bom ter resistência para agüentar paulada, bicudo, soco e agilidade para fugir de faca. Uma vez levei uma pedrada na cabeça e tive que correr do centro da cidade até (Bairro Santa Helena). Cheguei quase morto, mas você tem que correr. A lei é essa, senão eles te matam! Ninguém é obrigado a entrar na gangue, mas você precisa ter consciência que se entrou... (aumenta o tom de voz). Está ali para viver ou morrer! Você está arriscado a qualquer coisa.</i>

As brigas, a expressão da agressividade e outras atividades desenvolvidas no grupo possuem um norteamento ético, que caracteriza toda produção de sentidos e significados do contexto social da gangue e de seus participantes. Por exemplo, Talisson refere-se ao integrante de gangue como aquele que “vai pra cima” e não tem medo. No entanto, para ser líder, é preciso ter essas características e mais algum requinte na prática e posturas diante das atividades do grupo, tais como, não demonstrar medo, preparar-se fisicamente para as brigas, criando estratégias de resistir ao embate sem precisar fugir, o que assume o sentido de tornar-

se grande, corajoso, forte e capaz. Além disso, essa estrutura organizacional do grupo propicia aos sujeitos referenciais de organização psíquica, a partir da expressão e geração de valores éticos, morais e estéticos.

A postura de prontidão e enfrentamento nas situações de perigo é forma subjetivada de se organizar dentro da gangue e de se afirmar sujeito dentro das limitações sociais.

O espaço fabricado pela gangue torna-se, para Talisson, um elo com o mundo, em que os sentidos e significados de suas escolhas e decisões articulam-se intimamente à sua inserção no grupo e no estabelecimento de vínculos afetivos com seus parceiros.

Ao descrever como as brigas assumiram a dimensão de risco à sua vida e à de seus companheiros, demonstra um movimento contraditório, desejar sair e, também, permanecer no grupo.

PESQUISADORA	TALISSON
- <i>Como você e seu grupo pensavam esta questão de estar ali para viver ou morrer?</i>	
	- <i>A maioria do grupo tinha esta consciência, os caras falavam: - “Nossa, a gente tem que sair dessa vida!” Só que quando você tenta sair, você busca e parece que vem algo pra te (suspira) empurrar cada vez mais para aquilo. Com o tempo, começou a morrer “cara da nossa turma”... (silêncio) Aquilo ali, nossa, gerava uma revolta imensa!</i>
- <i>Como eles morreram?</i>	
	- <i>Durante algumas brigas. Só que esta revolta fez a turma crescer e a gente dizia que ia vingar. Aí ficou naquela, a gente pegava eles e depois eles descontavam e foi</i>

	<i>assim. Um dia teve uma briga e foi 25 dos nossos presos. Então, conversamos e combinamos de parar e foi cada um para um lado. Eu parei e fiquei uns dois meses sossegado, ajudando a tirar os outros da cadeia.</i>
- O que você fazia?	
	- <i>La atrás de advogado. Eles saíram... A gente conversou de novo que esse negócio de turma não dá certo, não compensa, mas nesse tempo eles mataram outro da nossa turma. Eles o machucaram muito e a gente se revoltou e decidi acabar com esse problema, mas a polícia conversou com a gente e disse:</i> - <i>Vocês já estão quietos não façam mais essas coisas! Começamos a pensar que se matássemos um deles logo ia ser um de nós, foi onde o grupo, em grande parte, se desfez. Uns se casaram e eu desinvoquei da gangue e fui para outros lados, porque além da bebida eu fui conhecer a droga.</i>

Mesmo sabendo do risco de morrer durante algum conflito entre gangues, Talisson vivencia a emocionalidade da ambivalência de no grupo encontrar, ao mesmo tempo, a dimensão do viver e do morrer. Esta questão configura a complexa procura da condição de sujeito no espaço social e cultural estabelecido.

Vive-se atualmente uma “cultura do corpo, cuja designação imprecisa chama a atenção para o fato de o corpo ter-se tornado um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais” (COSTA, 2004, p. 203). Assim, o sujeito busca afirmar-se no aparente ou naquilo que o corpo, com seus atributos, proporcionam. É daí que a expressão da

agressividade e das ações violentas de Talisson e seus pares, muito antes de serem consideradas “atitudes anormais”, necessitam ser vislumbradas na forma em que são gestadas no caminhar do processo histórico de sua constituição.

Expor-se a situações de vida ou morte representa a interlocução de sentidos subjetivos individuais com os sentidos produzidos no contexto social macrodinâmico, ou seja, para além da gangue e ao mesmo tempo integrando-a. Seria conveniente pensar, então, que o uso da violência do corpo pela força física cria em Talisson a possibilidade de sentir-se vivo, um sujeito ativo possuidor de uma identidade, mesmo que, ao fazer uso da violência, se exponha diretamente à morte.

A produção de sentidos e significados de Talisson é perpassada constantemente pela subjetividade social do mundo contemporâneo e sua produção de valores, marcada pelo consumo em massa, por ideologias de dominação e exclusão, pelo culto ao aparente e esgotamento de vivências moralmente enriquecedoras. E no transcorrer de sua história, a subjetividade social da gangue produzirá sentidos subjetivos que desencadeiam o momento de ruptura com a gangue e de vínculo com as drogas.

PESQUISADORA	TALISSON
<p><i>- Depois que o grupo se desfez é que você começou a usar as drogas?</i></p>	
	<p><i>- Sim. Eu conhecia muitos usuários que já tinham participado da gangue. Primeiro experimentei maconha e não gostei, não fez minha cabeça. Ah! Quando experimentei cocaína achei o que queria! Você fica acelerado, sabe? Eu sou uma pessoa que sempre gostei de balada, eu acho que eu guardei até aos nove anos, as brigas e</i></p>

	<i>discussões (entre meus pais) em casa, também das coisas que eu podia ter feito e não fiz dentro da minha família... (silêncio) É que eu sou uma pessoa que fico guardando e mais pra frente eu vou soltar isto...</i>
- Como você relaciona a droga e a gangue?	
	<i>- A droga não se envolve na gangue, quem usa droga quer ficar só ou com quem também usa. A pessoa não quer brigar.</i>

A experiência de Talisson é marcada por um momento de ruptura com a gangue a partir do sentido de autopreservação, pois afirma ter-se afastado do grupo quando percebeu que corria o risco de morrer ou ser preso (conforme aconteceu com alguns de seus pares). Todavia, relata que, ao sair da gangue, criou vínculos com as drogas, tornando-se usuário, e que, ao se afastar dos companheiros da gangue, aliou-se a outras pessoas usuárias de drogas, não querendo mais saber de brigas.

Esta mudança na vida de Talisson é muito significativa no processo de sua constituição subjetiva, já que explicita uma contradição fundamental, ao sair da gangue para se preservar envolve-se com o mundo das drogas, configurando um novo processo, permeado por comportamentos de autodestruição, antes circulando via violência física e depois no aprisionamento sensorial das drogas psicoativas, que passou a consumir.

Para compreendermos os sentidos e significados de sua passagem pela gangue, somos remetidos à análise da situação social de desenvolvimento, em diferentes pontos e momentos de sua história de vida.

O cenário de entrada, permanência e saída da gangue descreve etapas em que figuram a situação das relações familiares, inserção social no universo escolar e no bairro, ingresso no mercado de trabalho, vinculação afetiva, constituição do sujeito. É um contexto complexo e

multideterminado.

Na fala de Talisson, percebemos que sua experiência nos grupos de gangue atravessa e é atravessada concomitantemente por todas essas etapas.

PESQUISADORA	TALISSON
<i>- Na 1ª entrevista você falou que sentia falta de seu pai e sua mãe cobrarem onde você estava e o que estava fazendo...</i>	
	<i>- É isso que estou te falando, eu comecei novo, desde os nove anos eu era... faltou a parte do meu pai e da minha mãe, mas, na época, meu pai me batia, mas essa juventude hoje quer matar! Não é só culpa da mãe, mas da polícia também, porque estes dias mataram um rapaz lá no Santa Helena e um aqui na vila, aí o cara que matou ficou preso e depois saiu. A gente começa a pensar que o cara matou e está solto! Eles vão pondo na cabeça que nada e ninguém os segura! Posso matar que vou pra cadeia, mas logo estou fora! <i>A culpa é de um monte de coisa: é da polícia, do governo, do presidente, das mães, das drogas, dos amigos! Mas o maior erro pode estar na lei, na mãe... Se a mãe fala: “Filho, o que você estava fazendo, onde estava?” Aí o filho pode se abrir e vai se acostumando com aquilo e vai chegar num ponto que quando precisar, logo procura a mãe! Quando tiver a primeira namorada vai ter vontade de levá-la pra</i></i>

	<i>conhecer a mãe dele. Mas se a mãe não está nem aí pro que o filho faz, ele não leva a namorada dele pra não passar vergonha.</i>
<i>- Você disse que já ficou preso. A cadeia fez você pensar diferente de antes?</i>	
	<i>- Olha, eu ia preso e logo estava solto, mas a partir do momento em que fui levado na frente do juiz, no fórum, e meu pai falou que era a última vez que estava me tirando aí eu comecei a ficar com medo e qualquer lugar que eu ia já criava um medo de ir pra cadeia. Foi onde busquei sair dessa. Porque não é fácil mudar a cabeça de um cara! É difícil fazer o cara mais velho mudar seu jeito, mais um mais novo... Um menino custoso, com diálogo você muda ele! Porque tem muitos meninos na vila que converso e vejo que eles têm o caminho das drogas, das gangues ou se fecha no mundo mais certinho que parece de bobo, de “nerd”... São palavras daqui.</i>
<i>- Então tem um momento decisivo na vida dos meninos daqui da vila?</i>	
	<i>- Tem um momento na vida, ali por volta dos 13 e 14 anos, que vem aquela vontade de namorar. Aí você repara que aquele cara mais brigão que faz isso e aquilo está catando a menina mais bonita. Enquanto o mais certinho que estuda não arruma ninguém! Entendeu? Aquela pessoa que faz tudo certinho demais parece que não tem valor! Aí é onde se parte para a bandidagem. Mas se a mãe dá conselho, ele</i>

	<p><i>pode ser uma pessoa descontraída e uma pessoa limpa, entendeu? Eu já vi muito... Eu converso com os meninos por causa do meu passado, eu falo o seguinte: “Você não precisa ter dinheiro, precisa ser alegre e descontraído”. O cara hoje está pegando as meninas, mas daqui cinco anos você vê um e vê outro. O estudioso está melhor que o que tinha as meninas. É o que aconteceu comigo na vida.</i></p>
--	--

Talisson fala de situações que, de acordo com seu entendimento, circunscrevem sua entrada para a gangue. Descreve pontos conjunturais de seu meio sócio-histórico, ou seja, expressa sua insatisfação em relação à situação social de seu bairro e de sua constituição familiar.

Traz questões, como “a lei” e “a mãe”, subjetiva sua entrada para a gangue em decorrência da falta de acompanhamento, interesse e proximidade de seus pais para suas necessidades afetivas, principalmente. É neste lugar de “um menino solto”, sem a lei familiar, pois os pais não exerciam o papel de auxiliares da ordenação de sua própria vida, que Talisson vê e vivencia a fragilidade da lei social, meio insuficiente para proporcionar a transformação de problemas, como a violência.

Referindo-se aos caminhos dos jovens que vivem a realidade sócio-econômico-cultural de seu bairro, contextualiza um aspecto importante da subjetividade social produzida nesse lugar. Para ele, a situação social de desenvolvimento nesse contexto proporciona “vivências de conflitos, emoções, construções de significados e sentidos entre os sujeitos que interagem nesta situação” (CUPOLILLO, 2004), sendo que a juventude, diante da realidade imposta, estará limitada aos caminhos da droga, das gangues ou do isolamento.

Talisson produz sentidos sobre a conquista de uma identidade própria diante da

necessidade de se afirmar, buscando fontes para construir e expressar o próprio valor ou, dito de outro modo, procura se “articular como tecido urbano, com os processos maquínicos do trabalho, com a ordem social suporte dessas forças produtivas” (GUATTARI & ROLNIK, 1986, p. 26).

Se a subjetividade social se constitui na complexa e dialética relação entre singularidades e pluralidades, conforme analisa Guattari (1992), ela circula nos conjuntos sociais sendo assumida, articulada e vivida por indivíduos em suas particulares existências. É o que Talisson retrata, ao dizer que em seu modo de vida a ordem social produz uma cultura de valores em que a pessoa que faz “tudo certinho” não conquista espaço de reconhecimento e de inserção, pois afirma que sua necessidade de ser percebido e desejado pelas “meninas” realizou-se quando viveu o papel do “brigão”, de forte e poderoso no contexto das gangues. Sendo esta percepção um viés da produção de sentidos e significados de Talisson que associa as idéias, “Quem estuda e é certinho é bobo.”; “ser bandido é algo que torna o sujeito respeitado”, então, praticar atos ilícitos, roubos e venda de drogas, ou atos de violência, brigas, vandalismos e coerção, torna-se imprescindível ao jovem que almeje novas vias de expressão e de vivências pessoais gratificantes, dentro da conjuntura de sistemas e estruturas impostas pela ordem sócio-histórica.

PESQUISADORA	TALISSON
- <i>Você acha que no seu mundo, nas suas relações, não lhe foi permitido ser você mesmo?</i>	
	- <i>Já pensei muito nisto, sei lá... Lá onde eu virei se eu tivesse tentado sair daquilo ali, ao menos um pouco, eu teria sido outro. E penso que se eu tivesse seguido outro caminho poderia ter sido uma pessoa... sei</i>

	<i>lá, vai saber como?(silêncio)</i>
<i>-Você parou de estudar com que idade?</i>	
	<i>- Onze anos, fiz até a 4ª série. Eu já estava na gangue, depois nas drogas. Sabe,você nem se vê sentado em um banco de escola. Voltei o ano passado.Eu pensava que era melhor estar lá fora do que aqui.(refere-se a estar dentro da escola)</i>
<i>- O que é melhor lá fora?</i>	
	<i>- A liberdade que se tinha, porque não tinha polícia, nem mãe, nem pai, nem diretor, não tinha oposição nenhuma. Você faz um mundinho em que o dono daquele mundo é você mesmo. Aquele mundo ali é seu! Você fica tranqüilo... Só que chega uma hora em que a gente não agüenta e pensa: “Isso não é pra mim não!” Eu estava em tempo de ficar louco!</i>

As falas citadas produzem indicadores de sentido riquíssimos, pois desvelam um contingente supradimensionado pelas ordens ética e moral da sociedade contemporânea, aproximando-se da categoria exclusão social, já citada anteriormente neste trabalho e de uma categoria denominada autoritarismo desagregador.

O autoritarismo desagregador evidencia-se na constituição subjetiva de Talisson quando indica em seu relato que toda instância de autoridade é vista como autoritarismo capaz de desinstituir a ordem interna dos sujeitos, submetendo-os, massificando-os. Isto aparece nos indicadores de sentido de que houve momentos em sua vida que não conseguiu vincular-se à escola, à família, pois, agregar-se a qualquer ordem que se estruture por uma organização da autoridade de alguém representa ameaça à liberdade. Também é importante ressaltarmos a

grande falta de referenciais de autoridade saudáveis e provedores. No caso de Talisson, sua situação social do desenvolvimento configura uma condição frágil das relações familiares, escolares, profissionais, amorosas e sociais.

Por isso, ao contar de sua busca por um mundo próprio, ou seja, um espaço de identidade e afirmação da condição de sujeito social, Talisson vive a identidade do desenraizado, de acordo com Costa(2004), desapegado de pessoas, lugares, religiões, políticas etc. Embora realize o constante movimento de busca e construção da identidade, ligando-se a gangues e às drogas, Talisson revive subjetivamente o autoritarismo desagregador

PESQUISADORA	TALISSON
<i>(Ao contar sobre sua experiência com a gangue)</i>	
	<i>No começo são dez, vinte depois trinta e vai indo e quando eu chego ali todo mundo fala: “olha o Talisson!” Acontece que em tudo quanto é lugar as pessoas te reconhecem. O duro não é ser conhecido e sim ser apontado como aquele que não quer nada ou não esquentar com nada, não é deste jeito que quero ser conhecido. Ah, eu to lutando pra ter valor, tentando mudar!</i>
<i>Como você quer ser conhecido?</i>	
	<i>Como uma pessoa que os outros dêem valor.</i>
<i>No grupo de gangue você não tinha valor?</i>	
	<i>Naquele momento era o que eu mais queria, aquilo para mim era a melhor coisa que existia, mas agora não é o valor que eu</i>

	<p><i>quero. As pessoas riem e perguntam até que dia vou ficar na escola. Até aqui, na vila, quando eu passo na rua as pessoas olham e acham que sou só isso.</i></p>
--	---

Diante dos sentidos e significados de sua experiência com a gangue, Talisson descreve as mudanças em seu desenvolvimento individual. Desde seu ingresso na gangue pode reconstruir necessidades e produzir sentidos subjetivos criando motivações.

Refere-se à qualidade de ser uma pessoa de valor, algo que se modificou ao longo de sua vivência, assim, configurando atualmente o espaço da gangue como inapropriado e insuficiente, descrevendo, em parte, sua busca da condição de sujeito e elaboração de uma auto-imagem que o vincule com o mundo ao seu redor.

Nesse ponto, está outro indicador de sentido do afastamento de Talisson do grupo de gangue. A emocionalidade gerada a partir da conjuntura social do bairro e da gangue indica o conflito entre a realidade material e a necessidade de se incluir no mundo, tornando-se sujeito.

As falas citadas conduzem à visualização de um dos pontos da constituição subjetiva de Talisson, ou seja, a busca de aceitação, afirmação e construção de uma imagem masculina socialmente construída, procura de um elo com o mundo.

O Contexto Familiar

O contexto familiar é fundador e determinante da constituição subjetiva de Talisson, por isso, optamos por fazê-lo como um tópico destacado.

Assim como em outros contextos sociais, nas relações familiares o homem vive momentos decisivos de seu desenvolvimento. Os relacionamentos no contexto familiar geram

fontes de aprendizagem, formação de sentimentos, desenvolvimento da expressão afetiva, constituição da personalidade, entre outras.

Diante disto, Sousa (2004) afirma que o ser humano encontra na família um lugar privilegiado para a construção de sua subjetividade, pois “a família independentemente do arranjo familiar ou da forma que está estruturada, é espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, do desenvolvimento e de proteção de seus membros, um lugar privilegiado de socialização” (SOUSA & PERES,2002 apud SOUSA, 2004, p. 61)

Por meio da fala de dona Juliana, mãe de Talisson, foi possível delinear a configuração familiar e suas implicações, no transcorrer da constituição subjetiva de Talisson.

PESQUISADORA	JULIANA
- Conte um pouco da família e de como viveram.	
	- O meu marido, a gente discutia muito e os meninos viam. Ele chegava em casa e se eu perguntava onde estava ele respondia que não me interessava... Às vezes, eu falava pra ele que estava faltando às coisas, não tem arroz, nem leite, mesmo assim ele saía e só voltava depois de três dias e sem as coisas. E, se eu reclamasse, ele me agredia. Quando isso acontecia os meninos corriam e escondiam. O Talisson mesmo, era um que escondia debaixo da cama.
- O que fazia seu marido ficar tanto tempo fora de casa?	
	- Ele não tinha problema com bebida, só com jogo e mulherada.
- O que foi mudando depois da separação?	

	- <i>Foi aí que o Talisson começou a mexer com bebida e droga... Minha filha mais velha também, mas depois ela parou. Meus outros meninos também experimentaram... Só o Talisson que não parou!</i>
--	---

Dona Juliana discorre sobre os sentidos e significados da visão que possui de seu relacionamento com o marido e de que forma indicou o caminho de seus filhos.

O percurso histórico de Talisson, sob a produção subjetiva de dona Juliana no quadro da família indica que seu lugar de filho é subjetivado por meio de crenças e valores que perpassam desde seu biotipo constituído, até pontos de sua personalidade. Dessa maneira, dona Juliana constitui subjetivamente o lugar de Talisson enquanto uma pessoa revoltada.

PESQUISADORA	JULIANA
- <i>Na história de vida do Talisson, o que mais você poderia dizer?</i>	
	- <i>Ele é o terceiro filho, era uma criança muito agitada, a gente passava dificuldade. O marido tinha vezes que trabalhava, outras ficava desempregado. Também saía e passava dias na rua e eu tinha que pedir ajuda pros outros. A gravidez foi difícil por isso. Meu marido dizia que o Talisson não era filho dele, me batia... Um pouco o Talisson é revoltado por causa disto, porque ele escutou o pai falando isso. É que o Talisson é diferente dos outros meninos, ele se parece comigo, tem o cabelo liso, a pele clara. O pai dele é moreno do cabelo ruim...</i>

	<p><i>Os outros saíram mais ao lado do pai. Acontecia que meu marido fazia distinção, ele dava as coisas pros outros e não dava pro Talisson. Olha, quando esse menino adoeceu com a meningite, eu só o levei pra medicina porque pedi dinheiro pras pessoas na rua e aí comprei passagem!</i></p>
<p><i>- Ele disse que o filho não era dele depois que o viu após o nascimento?</i></p>	
	<p><i>- É, e foi porque ele nasceu clarinho. Teve um dia que o Talisson estava brincando de carrinho e o pai dele chegou. Uma vizinha veio e falou que os filhos dele eram muito bons e comportados, eles respeitam as pessoas. Aí ele respondeu que o Talisson tinha a natureza muito ruim, pois parecia comigo e ficou marcado porque tudo foi dito na frente dele. Meu marido sempre falava que os meninos iam mexer com droga e de tanto falar, falar... os meninos fizeram.</i></p>
<p><i>- Você disse que o Talisson se parece fisicamente com você. Há mais alguma coisa em que se parecem?</i></p>	
	<p><i>- Ele se parece comigo por ser trabalhador, amigo das pessoas, gostar de ajudar os outros; é impaciente e não gosta de esperar. Eu não entendo bem... O Talisson e minha filha mais velha foram os filhos que eu mais dediquei, no entanto, são os mais afastados de mim! Eles brigam comigo... Olha, o Talisson foi tratado que nem um bibelô porque era um menino doente...</i></p>
<p><i>- O Talisson ajuda nas despesas da casa?</i></p>	

	- <i>Ultimamente não! Mas antes ele ajudava, a gente dividia. Eu pagava um tanto, ele outro tanto e meu outro menino também. O Talisson é responsável, é trabalhador, é inteligente, mas é esse negócio de droga que atrapalha ele! O meu medo é que quando ele era criança ele deu meningite e ele pode ter ficado com a mente fraca.</i>
--	--

A interlocução da vida pessoal de dona Juliana, na construção das relações familiares e no estabelecimento dos vínculos afetivos com seus filhos é ponto muito importante na compreensão da subjetividade de Talisson.

A família é um dos espaços sociais em que os indivíduos se compõem e redimensionam a sua singularidade existencial. Pela família o sujeito entra em contato com uma heterogeneidade de relações envoltas por um universo cultural e histórico que configurará diversos caminhos. Nesse ponto, o fato da conturbada relação familiar de Talisson na figura de seu pai e sua mãe e ter uma condição sócio-econômica difícil é determinante dos vínculos afetivos de Talisson em outros grupos, por exemplo, a gangue.

PESQUISADORA	JULIANA
- <i>Pra você viver com estes filhos sem o apoio do pai foi difícil. Que sentimentos você tinha a este respeito?</i>	
	- <i>A falta do pai pros filhos eu não dizia nada e nem sabia o que falar. Eu pedia ajuda pra conseguir as coisas de comer, as vezes só tinha fubá e eu dizia: “Vocês vão comer o que tem!” Eu já fiquei sem comer pra dar a eles. As vezes eu mandava um dos meninos irem atrás do pai pedir a comida pra nós, mas o pai deles mandava eles de</i>

	<p>volta porque a mulher dele não aceitava os meninos. E a gente ia assim de ganhar pão velho... Ajuda de vizinho. As vezes eu trabalhava contando com o dinheiro e a patroa pagava só no outro dia.</p>
<p>- No meio disto tudo o que se passava?</p>	
	<p>- Eu sentia uma revolta! Era uma dor! Eu nunca tive carinho de pai e de mãe... Eu fui adotada, a minha mãe me teve e jogou no lixo! Esse casal que chamo de pai e de mãe me criou... (chora novamente). Só que eles me davam roupa e comida, mas eu era um tipo de empregada da casa.</p>
<p>- Seus pais adotivos tratavam você assim como empregada?</p>	
	<p>- Minha mãe até dizia que eu era o tapete da casa e que ia limpar os pés em mim... Foi aí que com 14 anos eu casei pra sair de casa, eu me entreguei pro meu marido... De tanto minha mãe me chamar de puta! Só que eu casei e não conheci o amor, porque meu marido também me tratou mal. Ele reclamava de tudo que eu comprava, até remédio! Se o Talisson está vivo hoje, foi porque eu lutei muito. Quando ele teve meningite, meu marido não quis ajudar e nem comprar um remédio! (chora)</p> <p>Eu fiz o que pude por meu filho e uma coisa eu sei, ele é bom sabe tratar as pessoas... Eu não conformo dele hoje mexer com drogas, eu preciso de ajuda! Este final de semana o pastor da igreja vai lá em casa visitar o Talisson.</p>

Há uma aproximação do modo como os vínculos familiares são construídos e a dependência química. Existe toda uma história produzida pelos membros do quadro familiar que circunscrevem a situação social do desenvolvimento na família.

Para Talisson seu envolvimento com drogas indica o sentido subjetivo de aliviar o desprazer das relações insípidas no seio da família e, também nos contextos sociais do trabalho, da escola, da gangue, mais uma vez, denotando a questão do homem desenraizado.

PESQUISADORA	JULIANA
<p><i>- Como é a relação do Talisson com a bebida e como isto foi acontecendo na vida de vocês?</i></p>	
	<p><i>- Ele trabalhava com uns rapazes na roça e lá todos bebiam... quando eu percebi que ele estava bebendo já era tarde estava viciado. Eu saía cedo pra trabalhar e só voltava a noite por que eu tinha que pagar aluguel, por as coisas dentro de casa pra comer. Os meninos estudavam numa escola perto de casa, mas os meninos matavam aula e a diretora começou a buscá-los em casa pra eles irem a escola. Enquanto eu morava lá no centro as pessoas me ajudavam, mas depois que eu mudei aqui pra cima ficou só eu e os meninos ficaram cada vez mais... eu não tinha tempo de dar atenção pra eles, eu tinha de trabalhar!</i></p>

Analisando as informações no estudo da constituição subjetiva de Talisson, foi possível vislumbrar os seguintes indicadores de sentido:

- a. O grupo de gangue representa a possibilidade de vivenciar necessidades silenciadas em outros espaços sociais, como a família e a escola;
- b. a entrada e permanência no grupo são uma busca para se criarem laços afetivos, de amizade e companheirismo, além de se compartilharem experiências e sentimentos;
- c. as atividades da gangue possibilitaram a construção de uma identidade centrada na reconquista, ao nível individual, do papel masculino de força e poder, que socialmente deixou de ser referência no meio cultural em que vive;
- d. procura a condição de sujeito no aparente, no corpo, nas drogas. A busca da felicidade está centrada no sensorial e no aparente, um retrato da subjetividade social;
- e. Talisson se constitui subjetivamente no entrecruzamento de múltiplos componentes: inconscientes, do domínio de corpo, da experiência nas gangues, na família, no bairro e na escola, outras advindas das instâncias produtoras de poder situadas na ordenação da sociedade (leis, policiamento etc).

4.1.3 BRUNO

O contato com Bruno inicialmente foi por meio de um telefonema em que realizamos o convite para participar da pesquisa. Ele foi indicado por um de seus amigos do grupo de gangue e, assim que foi convidado, aceitou prontamente.

As entrevistas foram marcadas em horários após o turno de trabalho de Bruno e ocorreram em uma sala da clínica psicológica onde a pesquisadora trabalha.

Bruno tem 18 anos, é magro, alto (em torno de 1,80 m) tem cabelos crespos e curtos, tom de pele morena clara, usa piercing na sobrancelha e brinco na orelha, gosta de usar bonés, calça jeans, bermudas, camisetas e tênis. É bastante sisudo, fala pouco e breve, mas permitiu a gravação das entrevistas em fita cassete e, também, o nosso contato com sua mãe a fim de realizarmos entrevistas com algum membro de sua família. É participante de gangue há três anos e estudou até a 8ª série, não tendo mais retornado à escola.

Bruno, apesar de ter uma postura reservada, fazendo pouco contato visual, mostrou-se bastante disposto a participar das entrevistas sempre comparecendo pontualmente.

As entrevistas aconteceram no momento em que estava começando no seu primeiro trabalho remunerado. Era operário de uma fábrica de botinas e comentou que estava gostando do serviço e também de ter o próprio dinheiro. Outra questão é que, alguns meses antes, havia sido preso por causa de uma briga e que ainda estava respondendo a processo criminal.

Bruno deixa transparecer que esta experiência foi fundamental para a sua tomada de decisões mais recentes, principalmente arranjar um emprego.

Na primeira entrevista, falou muito pouco e, por vezes, respondia pontualmente às questões levantadas. No entanto, revelou pontos importantes para o levantamento de alguns indicadores de sentido sobre sua constituição subjetiva. Abordou sua experiência com o grupo

de gangue e de como esta se configurou em sua vida.

Na segunda, entrevista já foi possível aprofundar em questões como os significados de sua história em diferentes contextos, como na família, na escola, e no grupo de gangue. Houve também um momento informal em que um dos amigos de Bruno falou sobre a relação dos dois, mediada pelas atividades das gangues. Esse momento se deu ao final da primeira entrevista, quando Bruno compareceu acompanhado de Quim.

O primeiro momento de diálogo com Bruno propiciou a visualização da situação de sua aproximação do grupo de gangue, assim como os sentidos subjetivos produzidos neste ínterim de sua história de vida.

PESQUISADORA	BRUNO
<i>- Fale de você e de como entrou para a gangue.</i>	
	<i>- Começou mais na escola, eu fui enturmando com os caras... virei colega deles e fiquei deste tipo assim que saio com o grupo e a gente briga.</i>
<i>- O que você acha que leva uma pessoa a entrar para a gangue?</i>	
	<i>- Ah, você fica empolgado quando vê a briga. Fica louco para entrar... Você pensa que vai ter uma fama, nome na cidade... É isso aí!</i>

Bruno descreve dois pontos a respeito de sua experiência com o grupo de gangue, o primeiro voltado para o contexto social da escola que, segundo ele, o aproximou dos “caras” de gangue. O outro ponto diz respeito ao sentido subjetivo de que as atividades do grupo de gangue, principalmente as brigas e as relações de parceria e proximidade dos seus membros

propiciam espaço de vivência de necessidades de reconhecimento social ou visibilidade na comunidade.

O Contexto Do Grupo De Gangue

Ao caracterizar as atividades do grupo e suas formas de organização, Bruno produz indicadores de sentidos relativos aos valores éticos e morais constituídos nesse contexto relacional.

PESQUISADORA	BRUNO
- <i>Você disse que sai com o grupo e briga, como isto acontece?</i>	
	- <i>A gente vai nas festas e a hora que encontra os outros bairros tem o confronto. Aí sai briga, tem uns que são esfaqueados, aí sai tiro.</i>
- <i>Como é este grupo do qual você participa?</i>	
	- <i>Tem um dia de se reunir, mas só tem briga quando a gente vai pras festas. Tem meninas e elas são até mais “doida” do que a gente.</i>
- <i>Você é muito conhecido no seu bairro, isto se deve à gangue?</i>	
	- <i>É, dizem que sou “bom de briga”. Eu não corro da briga e não deixo ninguém apanhar sozinho.</i>
- <i>Para entrar na gangue você teve que fazer algo?</i>	

	<i>- É tive que brigar com um cara aí...</i>
<i>- A gangue para você é um espaço de que?</i>	
	<i>- A turma que eu fico junto sempre deve ter uns vinte e tem homem e mulher, mas quando junta com mais outros chega a oitenta pessoas. E a gente fica junto porque se sair sozinho as outras gangues bate na gente. Um defende o outro.</i>

Uma das atividades centrais desenvolvidas dentro do contexto social da gangue é o desfecho dos embates entre grupos rivais. De acordo com Bruno, brigar faz parte da rotina de uma pessoa participante de gangue e, justamente pelo fato de se sair bem nas brigas, foi aceito para integrar o grupo.

As características de sua turma indicam que na linguagem do grupo as rivalidades com outras turmas reafirmam o sentido de união e proteção dentro da gangue, em que um defende o outro. Também é importante ser companheiro, estar sempre junto e não deixar seu amigo enfrentar briga sozinho.

O Contexto Escolar

PESQUISADORA	BRUNO
<i>- Você fala que brigou já no 1.º dia e brigava muito na escola, em quais situações você brigava?</i>	
	<i>- Eu era muito nervoso mesmo!</i>
<i>- O que o deixava nervoso?</i>	
	<i>- Ir à escola. Eu não gostava de ir à escola.</i>

	<i>Nunca gostei!</i>
<i>- Pense um exemplo de algo que você não gostava na escola.</i>	<i>- Ah, não sei... A única coisa boa que lembro foi que na escola eu conheci os caras que até hoje somos amigos.</i>

A subjetivação social e o sentido de estar na gangue para Bruno configuram necessidades de proteção, reconhecimento e respeito principalmente na escola e no bairro.

Para Bruno a escola não possibilita a expressão de suas necessidades afetivas, emocionais e sociais. Na escola, ele não podia expressar a agressividade, nem na família, ponto marcante de sua constituição psíquica. No espaço da gangue, a agressividade aparece como algo corpóreo, de ação diretiva, configurando um espaço de constituição do eu.

PESQUISADORA	BRUNO
<i>- O que você diria de você nestes três anos que faz parte da gangue?</i>	
	<i>- Mudou muita coisa. As pessoas me olham diferente só porque brigo falam que sou malandro. Me sinto julgado!</i>
<i>- O que você diria para uma pessoa que quer entrar para a gangue?</i>	
	<i>- Ah, eu diria para não entrar, porque agora não é só briga, né? Sai tiro e morte... Eu sempre aconselho para não começar. porque agora quando eu vejo uma briga, já não consigo ficar de fora, eu tenho que entrar!</i>
<i>- Você atribui isso a que?</i>	
	<i>- Eu tenho que ajudar meu colega, eu não agüento ver!</i>

A experiência com a gangue gera em Bruno o sentimento de ter um lugar próprio, configurando parte de sua identidade, por meio do estabelecimento de vínculos e laços de amizade e proteção mútua.

PESQUISADORA	BRUNO
<i>- O que a gangue trouxe para sua vida?</i>	
	<i>- Fama, todos vêm conversar com você e querem fazer amizade... Mas já não tenho liberdade para ir em qualquer lugar, uma que a polícia me marcou, outra, que só posso sair com o grupo. Porque se os outros caras me pegam sozinho, eles me quebram... Ah! As meninas se aproximam mais e querem namorar quando sabem que a gente é bom de briga.</i>
<i>Em outro momento de diálogo Bruno também se refere à mesma questão: - Bruno, você agora tem fama?</i>	
	<i>- Sim. Mas agora está muito chato porque todo lugar que eu vou a polícia me pára.</i>
<i>-</i>	

A subjetividade social da gangue aparece na linguagem do grupo, na organização social e ética, na punição e no autoritarismo. A ordem social reproduzida na microestrutura grupal da gangue está diretamente relacionada aos comportamentos constituídos em outras ordens sociais. De acordo com Martins e Telarolli (2004), a partir do momento em que o jovem passa a integrar uma gangue, ele tem necessariamente que alterar seus hábitos; andar

sempre acompanhado pelo grupo passa a ser uma espécie de pré-requisito para sua integridade física.

PESQUISADORA	BRUNO
- Como o grupo se relaciona no dia-a-dia?	
	- <i>Temos um acordo principal que se um tiver apanhando, apanha todo mundo. Pode ter 100 pessoas que só a gente tiver só em 12, apanha os 12. A gente nunca deixa o outro “na mão”!</i>
- Já aconteceu de alguém deixar o grupo “na mão”?	
	- <i>Já! Só que depois a gente quebra ele “no pau”.</i>
- Então entre vocês não se deve fugir da briga!	
	- <i>É, não correr e não deixar o colega “na mão”.</i>
- O que geralmente causa uma briga?	
	- <i>Você está numa festa e os caras ficam encarando. Aí a gente pergunta o que tá olhando e começa a briga.</i>

As relações de amizade, vizinhança, afinidades e a autopreservação legitimam os laços de composição e adesão à gangue que Bruno integra. Os sentidos da prática da violência, para ele, integram motivos conjunturais (da história de cada um, do modo de vida, também no âmbito social). Os embates violentos e a prática da agressão entre os grupos rivais, reafirmam relações de poder e força, assim como possibilidade de transgressão, popularidade e companheirismo.

PESQUISADORA	BRUNO
- <i>O que é preciso para a pessoa entrar na gangue?</i>	
	- <i>Não ser “cagueta” e nem “truta” de polícia.</i>
- <i>Drogas e gangue andam juntas?</i>	
	- <i>Não tem nada haver, só tem briga mesmo! A gente bebe cerveja ou pinga nas festas, mas é só.</i>

Para estar na gangue, o sujeito precisa corresponder a toda uma estrutura relacional e ética dentro do grupo, pois, além de desenvolver valores comuns, não se deve correr de briga, nem pode delatar seus pares. Para Rocha (2002), o grupo, enquanto proteção, relação de confiança nos valores de seus pares, mediará a constituição de uma identidade social, reassegurando a auto-estima com base na imagem que os outros lhe remetem.

Bruno, em sua experiência, deixa claro que os valores consolidados por meio das vivências sociais na gangue integram seu modo de viver e torna-se ponto importante de sua constituição subjetiva. Dessa forma, podemos entender que a relação com o grupo de gangue, o modo como cada sujeito avalia a expressão do companheiro e seu desempenho de papéis atribuirá elementos à consolidação de uma identidade articulada no plano singular da subjetividade, em confluência com a subjetividade social.

PESQUISADORA	BRUNO
- <i>Você falou que estudo em várias escolas, como eram estas escolas?</i>	
	- <i>Estudei em cinco escolas, só uma que foi</i>

	<i>melhor as outras foram ruins.</i>
<i>- Você se lembra de alguma situação vivida nestas escolas? Algum exemplo do que você viveu?</i>	
	<i>- Tinha um lado ruim que é quando eu chegava à escola e parecia que os professores me odiavam, porque já me conheciam de outras escolas... Não gostavam de mim não. E a melhor escola foi onde eu encontrei a minha primeira namorada, desta escola eu gostei, das outras não!</i>

A vivência escolar de Bruno indica que o sentido de estar na escola perpassa a necessidade central de ter alguém que gostasse dele. Isso fica evidente ao apontar como boa a escola onde conheceu sua primeira namorada.

O fato de se sentir odiado pelo professores e cerceado dentro do ambiente da escola, faz Bruno significar sua relação com a escola e com os estudos algo que evoca desprazer.

O Contexto Familiar

O contexto familiar configura um espaço social de desenvolvimento e que na dinâmica da cultura e das vivências históricas apresenta estruturas muito variadas e com diferentes modelos para sua organização. Atualmente encontramos famílias nucleares com pai, mãe e filhos, assim como também encontramos famílias formadas de mãe e filhos; pai e filhos; tios, avós e mães entre outras constituições.

PESQUISADORA	BRUNO
- <i>Alguma vez na escola você falou sobre o que precisava fazer para gostar de ir lá?</i>	
	- <i>Tive, aí eu tentava e logo parece que eu não conseguia. Alguma coisa me buscava e eu começava a aprontar de novo. Só uns dias que eu ficava bom, depois eu ficava ruim de novo.</i>
- <i>Esta “coisa” que lhe buscava para começar a aprontar... O que você entende disto?</i>	
	- <i>Eu não sei... Ah! Eu também tinha raiva, meu pai também nunca morou com a gente, só a minha mãe tratava de nós... Eu ficava grilado (abaixa a cabeça).</i>
- <i>Isto de seu pai não morar com você, sua mãe e seu irmão era difícil?</i>	
	- <i>Ficava muito na minha cabeça... Eu pensava que ele tinha abandonado a gente... (silêncio).</i>

A história familiar de Bruno, principalmente sua relação com o pai, configura sentidos e significados de que não é possível atribuir bons sentimentos à figura paterna. Conseqüentemente, levando à criação de conflitos com o papel do masculino, da autoridade e da própria formação, enquanto sujeito. A falta de um vínculo positivo com o pai ou com qualquer figura que pudesse desempenhar esse papel, já que Bruno teve a presença do avô e não criou vínculos satisfatórios com ele (conforme relatado durante as entrevistas), gera uma necessidade de constituir uma identidade masculina.

Os sentimentos de raiva e abandono gerados na experiência com a família permearão

as relações de Bruno no contexto escolar e, mais tarde, no contexto social da gangue. Neste ponto, o sentido de união e proteção dentro da gangue recria um espaço de cuidado, confiança e aceitação negado em outros contextos sociais.

A vivência familiar de Bruno é ponto estruturador dos sistemas de comunicação que criará com o meio escolar e com o meio social do grupo de gangue uma constante interlocução. Se a subjetividade social da família se alimenta de uma emocionalidade originada em situações de abandono, insegurança, rejeição, medo, raiva, agressão física e verbal, esta influencia na motivação e na consolidação de uma auto-imagem suficientemente boa e integradora. Dessa maneira, não há interlocução positiva nem no contexto da família, nem no contexto escolar e educacional, demonstrando que esses agrupamentos não permitem ao sujeito se expressar com autonomia. O que Bruno vive sugere que os grupos sociais, aos quais pertence, não são espaço para expressão, pois o sujeito tem que ser o que o grupo diz que ele precisa ser, mais uma vez, negando-lhe a condição de sujeito.

Nesse cenário, a entrada para a gangue é de grande importância para a constituição subjetiva de Bruno, pois denota sua trajetória na busca de um espaço autêntico na constituição de sua subjetividade.

O sentido de estar na gangue perpassa a história de vida de cada sujeito que se agrega ao grupo e, no caso de Bruno e seus companheiros, há relação direta com a necessidade de se unir e compartilhar experiências, para além do prazer de usar a força física e expressões de agressividade durante as brigas e disputas, pois, na relação do sujeito com o mundo, “Toda intencionalidade emocional recorre à matéria física dos objetos para ganhar consistência e durabilidade cultural” (COSTA, 2005, p. 162). É desse modo que a expressão corpórea das ações agressivas nas brigas e lutas, participam na formação das identidades subjetivas.

PESQUISADORA	BRUNO
<i>(Fala que além de gostar de brigar, a história de vida de cada um, aproximava o grupo): Então pontos em comum na vida familiar de várias pessoas do grupo.</i>	
	<i>Parece que isso nos unia!</i>
<i>Como assim?</i>	
	<i>Nós vimos que não tínhamos isso na família e nós pensávamos que juntando o grupo... vai ser uma família.</i>
<i>Este grupo onde um defende o outro e há pontos comuns na vivência familiar de seus membros, o grupo torna-se uma família?</i>	
	<i>Sim</i>
<i>Se você fosse pintar um retrato dessa família, que é o grupo de gangue, de que forma a vê?</i>	
	<i>É assim, o que faltava para nós a gente tentava ser.</i>
<i>Como se vive essa falta no grupo?</i>	
	<i>Quando um precisa de alguma coisa ou precisava de dinheiro, um dava apoio ao outro. É isso aí!</i>

Sem dúvida, a gangue tornou-se para Bruno um espaço de socialização juntamente com a família, a escola e o bairro. O grupo é subjetivado, como referência fundamental na orientação de suas condutas e, por vezes, ocupando um lugar privilegiado no processo de construção da subjetividade.

Bruno reporta à gangue a condição de tornar-se uma família por meio das relações e vínculos estabelecidos entre seus pares. Nessa aproximação direta com o significado de

família para ele, o grupo de gangue configura-se, então, “um grupo social de expressão de intimidade e espontaneidade geradora de um sistema próprio de normas, estilo de vida etc” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 30).

PESQUISADORA	BRUNO
<i>Nas experiências na gangue você contou que os amigos estão ao lado e não deixam ninguém ameaçar.</i>	
	<i>Ah, você ganha experiência e aprende a viver melhor.</i>
<i>Como é viver melhor depois da gangue?</i>	
	<i>Agora. Qualquer coisa que acontece eu já sei o que faço. Do tipo tomar decisões por si próprio.</i>

O vínculo que Bruno construiu com a gangue é base para reconhecer-se portador de uma identidade social, criando meios para reestruturar a própria vida, por meio das condições materiais, simbólicas e afetivas advindas da conjuntura Histórico-Cultural, que permeia seu processo de desenvolvimento.

O estudo das informações levantadas nas entrevistas de Bruno vislumbrou os indicadores de sentido:

- 1) No grupo de gangue encontra a possibilidade de ser reconhecido, protegido e respeitado no círculo de suas relações sociais;
- 2) as atividades da gangue, principalmente as brigas são fonte de prazer para Bruno, pois rompe, na ação, com a interdição de sua expressividade na família, na escola e em outros espaços;

- 3) as atividades da gangue são pontes para a afirmação e construção de uma identidade social e individual, remetendo também a reapropriação do simbolismo do papel masculino de força e poder;
- 4) o cenário da gangue é subjetivado como fundamental em seu desenvolvimento, pois atribui a esse espaço a geração de aprendizagens para viver melhor a vida, o que não foi encontrado em outros círculos sociais por onde transitou;
- 5) a expressão da agressividade e as brigas aparecem no registro simbólico de afirmação de si mesmo pela ativa expressão corpórea de força. Assim, confere às brigas o sentido de atividade prazerosa, já que rompe com a interdição de sua expressão e afirmação, enquanto sujeito, criando um espaço de constituição do eu;
- 6) a gangue é subjetivada como espaço de expressão da raiva pelo pai, transgressão à condição de exclusão social, de independência e autonomia.

4.2 O Contexto Social Da Escola

A escola, instituição social presente na sociedade contemporânea, é importante elemento possibilitador do desenrolar das inúmeras experiências que compõem os processos do desenvolvimento humano. Portanto, tem-se a necessidade de se articularem os contextos histórico e social para realizar suficientemente a compreensão de seu papel na constituição subjetiva dos sujeitos.

O contexto das duas escolas envolvidas neste estudo será apresentado a seguir. Entretanto, vale dizer, antes disto, que a escolha dessas escolas se deu por se situarem em dois bairros da cidade de Araguari, onde se identifica forte presença de grupos de gangue.⁷

A existência das gangues vincula-se ao contexto sócio-econômico e cultural desses bairros, que, por sua vez, perpassa as escolas enquanto instituições sociais presentes na realidade historicamente construída nesses meios relacionais.

A primeira escola contatada, aqui chamaremos de Escola Gameleira, tem em torno de 35 anos de fundação e foi criada pela Companhia do Exército, destinada à formação básica de filhos de militares. Foi municipalizada alguns anos mais tarde, tornando-se uma escola pública para crianças dos bairros próximos.

A localização geográfica da escola é periférica, ou seja, situa-se em bairro afastado da parte central da cidade, onde historicamente sempre houve melhores condições de infraestrutura para a vida das pessoas, tais como: a) atenção básica à saúde e educação; b) saneamento básico (asfalto, rede de esgoto, água tratada, luz elétrica); c) melhores moradias.

⁷ Informação obtida por meio de relatórios sobre a condição social de vida nos bairros periféricos da cidade de Araguari. “Relatórios da Secretaria Municipal de Ação Social-2004”.

A escola Gameleira recebe atualmente alunos de três bairros próximos e também residentes na zona rural de Araguari e se dedica ao Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

A escola localiza-se muito próxima a uma favela e a um lixão. Contudo, nos últimos anos, o governo municipal implantou a coleta seletiva do lixo e instalou uma usina de separação de lixo e reciclagem de materiais.

Desde então, o cenário do bairro mudou sua configuração, pois os moradores que viviam de catar o lixo no lixão ingressaram na coleta seletiva ou na separação do lixo para a reciclagem, criando, assim, uma alternativa com possibilidade de geração de renda. Entretanto, o tráfico de drogas é fator presente no bairro, gerador de conflitos e situações de risco social para os moradores.

Outra característica do bairro são as casas “aglomeradas”, onde as famílias geralmente vivem, ou seja, moram no mesmo espaço mãe, avó, avô, tios, primos, filhos, netos etc, demonstrando os contornos do contexto relacional familiar das pessoas que lá residem.

A segunda escola contatada chamaremos de Ipê. Fundada em 1980 pelo município, destina-se ao ensino fundamental.

A Escola Ipê também se localiza na região periférica, porém, em uma região comparativamente muito mais distante da parte central da cidade do que a Escola Gameleira.

Visualizarmos o bairro onde a escola se situa é fundamental para compreendermos sua constituição social e histórica, desta forma, entendendo as relações firmadas nesse contexto, assim como seus significados e sentidos, sociais e individuais.

Na cidade de Araguari, ao longo de muito tempo, o bairro da Escola Ipê foi considerado como “esquecido” nas ações políticas dos governantes. Isto se confirma pelo fato de ainda haver pontos do bairro sem iluminação pública e saneamento básico. Apenas a rua de entrada para o bairro é asfaltada e é nessa rua que se encontram a Escola Ipê e a creche do

bairro. Nas ruas ao redor da principal, tem-se a formação de várias pequenas e estreitas ruas (vielas), formando guetos de tráfico e consumo de drogas.

De acordo com moradores do bairro, o tráfico de drogas tornou-se uma fonte de renda para muitos jovens que lá residem.

A Escola Ipê foi criada pelo sistema público de educação do Município de Araguari há 25 anos. A estrutura física da escola é mediana porque, apesar das salas de aula espaçosas, laboratório de informática e refeitório, não conta com biblioteca nem quadra de esportes. A estruturação do ensino é voltada para a educação fundamental e para a educação de jovens e adultos no período noturno.

O contexto escolar aparece neste trabalho por meio dos relatos de educadores e alunos ou ex-alunos, no caso os que participam de gangues, com o intuito de visualizar, no âmbito das relações estabelecidas entre escola-gangue, as nuances e os diferentes matizes da interação nesses contextos sociais, assim, gerando pontos de conhecimento acerca da subjetividade constituída na contingência das gangues.

As práticas educativas e o meio relacional dentro da escola são atravessados a todo momento por questões advindas do bairro e das condições de vida nele encontradas, o que aparece nos discursos carregados de contradições e posicionamentos ideológicos durante todo o processo de constituição de informações.

Diante disto, passemos a analisar as falas de educadores, quanto ao fenômeno das gangues.

Foram convidadas a participar da pesquisa três educadoras: Clarice (professora), Olívia (diretora) e Dorinha (professora).

Um dos principais motivos de convidarmos essas educadoras é trabalharem há mais de cinco anos nessas escolas e serem professoras de alunos que tiveram ou têm experiência com

grupos de gangue. Também levamos em conta a predisposição dessas educadoras em falar sobre o assunto, o que foi demonstrado por meio da grande disponibilidade em nos receber.

4.2.1 A ESCOLA GAMELEIRA

Professora Clarice

Clarice é uma mulher negra, de 41 anos, casada e tem uma filha de dez anos. Mora no mesmo bairro da escola onde trabalha, no caso, a Escola Gameleira.

É muito falante e expansiva na interação com as pessoas. É professora há 17 anos, sendo que, nos últimos dez anos, exerceu sua profissão na Escola Gameleira. Atualmente é professora no programa EJA, já citado anteriormente, leciona no período noturno e diz gostar muito de sua profissão e de trabalhar naquela escola. Por ser do próprio bairro da escola, sente-se “em casa”, pois já conhece seus alunos. Trabalhou também na secretaria da escola e afirma que, nessa época, pôde conhecer muito a vida dos alunos.

As entrevistas, Clarice julgou melhor que ocorressem em sua residência. Ao chegarmos, logo que tocamos a campainha, ela veio nos receber.

Entramos e, na sala, iniciamos nossa entrevista, gravada em fita cassete.

PESQUISADORA	CLARICE
<p><i>- Você poderia falar como vê a questão do movimento de gangues na escola?</i></p>	
	<p><i>- Os meninos de gangue dentro da escola não dão problema... Eles brigam na rua e no outro dia chegam na escola e contam tudo numa boa. Um dia perguntei a um deles que tinha me falado que tinha ido para uma briga numa turma de 23. Você não tem medo de morrer? Ele respondeu que não, a vida para ele tanto faz morrer ou matar. Eu sinto que eles não dão importância para a vida, o futuro é coisa que eles nem falam e nem pensam... Esse negócio de estudar, trabalhar, não há; é só o momento.</i></p>
<p><i>- E o que é o momento presente para eles na escola?</i></p>	
	<p><i>- Eu os vejo na escola assim, como se quisessem fugir... É uma realidade que eles sabem que não vão ter, futuro, mas eles tentam lutar. Muitos ali saem de gangues e vai e volta. Eu tive um aluno que morreu, ele era de gangue. Ele saiu da gangue e foi lá na escola pedir para voltar a estudar, a diretora pediu que ele falasse comigo. Eu falei pode estudar normal... Dentro da sala de aula ele era uma gracinha, só que o pessoal da gangue não aceitou a saída dele e o matou. Eles deram uma facada nele. E ele me falava: “Eu não quero mais!”</i></p>

Clarice, ao falar da questão das gangues, posiciona-se de maneira bastante contraditória, pois coloca a escola no lugar de fluidez e liberdade de comunicação. No entanto, ao afirmar que os “meninos de gangue” não valorizam o estudar ou não aparecem nesse contexto, enquanto sujeitos portadores dessa experiência, nega o sujeito enquanto ativo, criativo e dotado de saber próprio e singular.

Além de descrever e sinalizar um ambiente escolar e educacional onde a condição de sujeito do aluno é negada, Clarice também mostra que, sob o seu olhar, os alunos que participam de gangue desvalorizam a si mesmos, não gostam de estudar e são emocionalmente problemáticos. Dessa maneira, constitui subjetivamente uma categoria muito presente no contexto escolar, o preconceito social.

O preconceito social é uma categoria que se origina nas concepções de que pessoas economicamente desfavorecidas têm dificuldades de aprendizagem, são menos inteligentes, são apáticas ou não se importam em estudar e são violentas, dentre outras atribuições de valor.

Embora esta categoria atribua qualidades ao nível do individual, ela é articulada no social, expressando principalmente questões ideológicas e culturais.

Durante a interação com Clarice, esta categoria se apresentará várias vezes, ao contar-nos sobre um de seus alunos que participava de gangue.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- O que mais ele conversava com você sobre sair da gangue?</i>	
	<i>- Ele morava sozinho, as únicas pessoas que o acompanhavam e davam atenção e apoio a ele era o pessoal da gangue. Ele usava droga, ele vendia, era do tipo um instrumento de arrecadação...</i>
<i>- Fale mais de como é um aluno que faz</i>	

<i>parte da gangue:</i>	
	<i>- Eles vêm para a escola quase como uma fuga, porque eles se sentem gente! Lá na escola a gente os valoriza.</i>
<i>- Você pensa que a escola seja uma forma de fugir da gangue?</i>	
	<i>- Sim porque na escola a gente conversa com eles e então se sentem valorizados. É outra vida. Eu sei que a maioria ali não queria ser de gangue (sentido da professora é oposto ao da gangue). Por exemplo, por que o Levi vai à escola? Ele já repetiu... Para começar ele não aprende, ele não tem aquele aprendizado... E ele vai para a escola e lá ele é outra pessoa... E o único lugar que se sente gente!</i>
<i>- Fale-me melhor sobre como é se sentir gente.</i>	
	<i>- É assim: você chega perto do aluno, conversa, elogia. Lá já vi muitos meninos de gangue que se aproximam da gente e diz "Você gostou da minha roupa?" Quer dizer, é o único lugar que alguém vê alguma coisa de diferente neles, é na escola! Eles recebem atenção e carinho. Eu acho também que vão para a escola para aprender a controlar a agressividade, porque a maioria é agressiva, mas na escola eles controlam.</i>

Novamente a ambigüidade aparece no discurso da professora Clarice, ao relacionar que seu aluno estava na gangue porque no grupo encontrava apoio e atenção, porém, logo em seguida, afirma que a escola é o lugar único onde recebe valor e atenção. Esse sentido que

Clarice produz expressa as contradições inerentes ao sistema educacional da Escola Gameleira.

Clarice subjetivamente compreende que o aluno que se agrega à gangue tem necessidade de estabelecer relações em que possa compartilhar experiências, superar o abandono e a solidão, no entanto, conjuntamente a essa compreensão, operam elementos constituintes da subjetividade social presente no contexto social da escola.

Dentro da constituição da subjetividade social da Escola Gameleira, que aparece na fala de Clarice, um dos papéis da escola é o controle da agressividade ou, de outra maneira, o controle do comportamento e dos “corpos” (Foucault). Clarice dá o sentido de promoção de vivências, emocionalmente positivas, à função do educador no processo educacional, acoplando a esse o sentido de função disciplinadora e controladora do comportamento humano, no que diz respeito às suas expressões corporais, verbais, intelectuais e afetivas.

A afirmação de que a maioria dos seus alunos de gangue não queria ser de gangue demonstra que Clarice interage com seus alunos e suas respectivas histórias, contudo, significando essa interação por meio de conversas como se fossem diálogos e comunicação efetiva, atribuindo, assim, um sentido subjetivo a essa situação social do bairro e da escola, oposto ao sentido dos jovens participantes deste trabalho de pesquisa.

Analisando o contexto de constituição da subjetividade social da escola entraremos, com Clarice, em zonas de sentido quanto à expressão da agressividade, seus significados no ambiente escolar e o que esses comportamentos produzem de sentidos para os sujeitos e para a instituição.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- O que você sabe da vida destes alunos que participam de um grupo de gangue?</i>	

	<p>- <i>A maioria ali tem famílias desestruturadas, a mãe do Renato é alcoólatra. Desde que ele tinha oito anos, ele chegava na escola sem banho, porque ela não levantava da cama nem para arrumá-lo para ir à escola.</i></p> <p><i>Aí um dia a professora dele brigou com ele para não vir sem banho; eu propus que ela em vez de brigar o levasse para tomar um banho. A hora que ele vê comida fica transtornado, ele não está acostumado com comida... Ele come tanto que depois passa mal.</i></p> <p><i>Um dia ele comprou uma roupa e a barra da calça estava enorme. Ele disse que não sabia fazer e eu disse para ele aprender a fazer, se virar sozinho. Eu tenho muito dó dele. A vida dele é sofrida desde os oito anos.</i></p> <p><i>Uma vez chamaram a mãe dele na escola e ela foi chegando com um cabelo todo despenteado, um cobertor nas costas e cara de bêbada. Aí, ele olhou para mim com cara de susto e eu fui lá e parei-a no portão. Ele tem razão de ficar com vergonha; a mãe dele chegar daquele jeito na porta da sala?</i></p> <p><i>Quando ele olhou para mim eu vi que ele não queria que ela entrasse na escola. Falei que era engano e que ela voltasse outro dia. Foi a única vez que vi a mãe do Renato na escola.</i></p>
--	---

A subjetivação do contexto social, que envolve Clarice, o exercício de sua profissão, sua condição de moradora do bairro e as relações geradas no contexto escolar passam fundamentalmente pelos processos sociais e culturais engendrados na história da sociedade contemporânea.

Ao longo da história da humanidade, o papel social da escola foi sendo transformado. Conforme vários estudiosos das ciências sociais e humanas, a sociedade capitalista confere à

escola um lugar de formação e preparação para o trabalho. Isto indica um forte elo entre as produções de sentido subjetivo e as condições materiais, objetivas da realidade posta.

Durante o diálogo, Clarice se reporta à realidade de sua atuação no contexto escolar, permeada de formações de crenças e valores a respeito da função educacional da escola na atualidade.

Clarice remete à história de vida de alguns de seus alunos um significado negativo para a imagem da escola e do próprio aluno. Ela atribui o valor de desestruturador à família que não é nuclear, na visão tradicional em nossa cultura, formada por pai, mãe e filhos. Isto revela que a história deixa de contribuir para a compreensão do processo de constituição do aluno enquanto sujeito, pois a forma como se deu a história de seu aluno (ver quadro anterior), torna-se um determinante negativo dentro da escola.

A subjetividade social da escola configura-se nessa realidade e Clarice, na função de educadora, lida com os conflitos na relação aluno-professor por meio da produção de sentidos e significados do movimento de gangues enquanto consequência de sofrimentos dentro da vivência familiar.

Por sua vez, esse sentido de família produz-se a partir da conjuntura sócio-econômica instituída no bairro da escola e aparece na fala de Clarice.

De acordo com o que foi apresentado no início deste ítem, o contexto social em que a escola está inserida apresenta altos índices de pobreza, venda e consumo de drogas, incluindo bebidas alcoólicas. Também uma realidade de exclusão social está presente nas condições precárias de moradia, trabalho, saúde e alimentação da população que circunda a Escola Gameleira. Segundo Cupolillo (2004)⁸, é importante refletir que cada sujeito nessa realidade está em processo de sofrimento, pressionado no contexto familiar, enquanto instância primária de relações e, posteriormente, na escola estabelece-se um ciclo vicioso, porque

⁸ CUPOLILLO, M. V. Citações durante a orientação do mestrado, 2004.

economicamente tem problemas, não é reconhecido na sociedade como produtivo, é excluído, por ser diferente de um padrão social estabelecido como normal, discriminado pela posição no status social, por sua raça, ou seja, ocupa um lugar fora do sistema social vigente.

A compreensão da história de vida do aluno não ultrapassa os limites de uma imagem de limpeza da escola. Assim, Clarice percebe as experiências negativas na vida de seus alunos com o significado de terem perdido a possibilidade de construir uma vida, sendo que, ao adentrar o universo escolar, esse aluno carrega o preconceito relativo à sua constituição social, histórica e cultural. A escola é subjetivada por Clarice no sentido de ser vinculada à imagem de limpeza diante das máculas do contexto “fora dos muros da escola”, ou seja, do bairro; ela aparece com a imagem de lugar intocado por essas questões do meio sócio-histórico.

A forma que a subjetividade social penetra a produção de sentidos de Clarice também revela o espaço escolar como espaço de negação do sujeito, espaço de repressão e controle:

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- Em sua opinião, o que é o grupo de gangue?</i>	
	<i>- Eu acho que é a única coisa que eles encontram para expandir a agressividade... Porque dentro da escola a maioria... Só alguns não têm lado de chegar, pois são agressivos também dentro da escola. Estes não ficam na escola porque não adaptaram, pois dentro da escola eles são outra coisa. E a gangue não está necessariamente ligada às drogas, pode ser que sim e que não.</i>
<i>- Você acha que a escola aceita o aluno que é da gangue?</i>	
	<i>- Eu acho que a escola tenta modificar, lá dentro não acontece. A gente não é conivente de ver e fazer de conta que não vê. A gente conversa! Fala o que pode e não</i>

	<i>pode.</i>
<i>O que a escola pode fazer em relação á questão dos alunos de gangue?</i>	
	<p><i>- Eu acho que poderia ser feito mais. A gangue é um canal para expressar a agressividade que recebe de casa. Um dia vi um roxo nas costas do menino que o pai o havia batido com um pedaço de pau. E porque tinha comido a “mistura da janta”.</i></p> <p><i>Eu penso que a agressividade na convivência em casa, quando eles não conseguem devolver, eles devolvem na rua.</i></p>
<i>- Porque você diz que os alunos da escola que estão na gangue vão e voltam?</i>	
	<p><i>- Eles não têm incentivos para ficar na escola, não há o habito da família incentivar. A gente incentiva, mas a família não.</i></p> <p><i>Por exemplo: O Renato onde o outro leva ele vai, ficou na escola enquanto sua amiga também vinha; ela chamou para entrar para a igreja e ele foi...</i></p> <p><i>Falta para ele muita “personalidade” ele tem 18 anos e chama a gente de tia até hoje.</i></p> <p><i>O Renato nunca some muito tempo, quando alguém o incentiva ele fica mais tempo. Tem dois anos que ele aprendeu finalmente a ler.</i></p>
<i>- Fale mais da expressão da agressividade:</i>	
	<p><i>- Quando se convive, você percebe a diferença e se pergunta o que foi, eles logo vão falando naturalmente.</i></p> <p><i>Por exemplo: O Levi há uns quatro anos atrás a supervisora chamou a mãe dele na escola, ele estava muito difícil. A mãe dele veio e disse que ele era terrível dentro</i></p>

	<p><i>de casa e usou um termo que eu achei estranho, falou que não era para dizer ao Levi que ela esteve na escola.</i></p> <p><i>E eu perguntei por que, e ela disse: Nossa! Ele é muito agressivo, ele pega as coisas dentro de casa para vender por causa de drogas... Aí eu falei: E aqui na escola o Levi parece um carneiro, quietinho. A mãe dele disse: “É só aqui, precisa ver em casa!” Acho que batia nela!</i></p>
--	--

Historicamente, na subjetividade social, a escola se mostrou um lugar de disciplina e, mais, por meio desta se construiu uma educação pautada na obediência e subordinação, com a função de modelar moralmente os alunos (AQUINO, 1996). Entretanto, o movimento histórico atual confronta o aluno, um novo sujeito, com os padrões tradicionais da educação conservadora do início do século XX. Esses padrões ainda vagam pelo imaginário social de nossa cultura, remetendo-nos à imagem de aluno submisso e normalizado, enquanto um valor ideal.

Ao falar da organização da escola diante da questão das gangues, Clarice relaciona pontos de agressividade, violência doméstica, conflitos familiares, situações de solidão e abandono. Para ela, estes fatos na vida de seus alunos criam fenômenos, como a formação de gangues, assim, situando a problemática fora da escola e no indivíduo, principalmente.

Clarice dá às relações na escola o sentido de funcionarem como adaptadoras, instituidoras de regras e normas por meio de controle e repressão, sendo essa função criadora de alunos submetidos, pois só assim serão aceitos. A ideologia da imposição de uma ordem pré-estabelecida aos sujeitos dentro da escola é prática educativa subjetivada necessariamente dentro dessa realidade social.

PESQUISADORA	CLARICE
<p><i>- A escola não dá espaço para a expressão da agressividade.</i></p>	

	<p>- Não dá. Quando acontece, como naquele caso da briga e do aluno que se drogou dentro da escola, fica todo mundo alarmado... Lá tínhamos um aluno que o problema dele era ser agressivo demais... Mas eu nunca o discriminei assim não. Às vezes eles podem estar brigando, quando você chega ao meio eles calam. Eles respeitam a gente! Isto é o mais interessante. Eu acho que o único lugar que eles encontram respeito é na escola.</p>
- O que é este respeito?	
	<p>- É sentar e conversar, sem agredir... Ser ouvido, ouvir...</p> <p>Por exemplo: Podemos conversar de tudo. Às vezes, eu chegava e dizia, pára de dizer que mora ali na favela... Eles diziam: “Não é favela!” A maioria é revoltada de morar na favela. Mas é horrível lá! Não tem esgoto, as casas uma bagunça. A maioria sente vergonha de morar assim. A maioria que consegue sai, principalmente as meninas!</p>

Assim como para o aluno não há condições de se afirmar sujeito, com o professor acontece algo semelhante, pois, na maioria das vezes, a instituição centra no exercício docente a expectativa do disciplinamento (FONTANA, 2000).

Pensando em sua posição perante seus alunos, Clarice descreve o cenário das relações educacionais permeado pela não aceitação e até negação da realidade vivida, ao afirmar que, na escola, não há possibilidade de se expressar a agressividade. Isto leva ao fechamento de um espaço formador do aluno, no que concerne às suas experiências de vida, de transformar e recriar sentidos e significados para os sujeitos.

A linguagem do professor reproduz, em grande parte, o discurso do sistema produtor de uma cultura massificada e massificadora do sujeito. Ao pedir que seus alunos não se

refiram às suas residências como favela, Clarice atribui sentido de menor valor ao indivíduo que vive nesse lugar. Embora seus alunos se contraponham a ela, afirmando sua realidade, aparece no contexto sentimentos de revolta, devido às condições de vida em que se encontram.

PESQUISADORA	CLARICE
<p><i>- (Ao se referir como a escola lida com aluno da gangue)</i> <i>Você está me dizendo que dentro da escola há uma não aceitação deste fato da realidade?</i></p>	
	<p><i>- Ah, lembrei! Vou falar do Cláudio... Lá dentro da escola ele quis se impor e ninguém aceitou, o que aconteceu, ele não adaptou ao ambiente da escola e saiu...</i></p>
<p><i>- Como foi isso?</i></p>	
	<p><i>- Eu me lembro de vê-lo algumas vezes dentro da escola andando todo “empinadinho”, isto não! Dentro da escola não tem nada a ver.</i></p>
<p><i>- O que é andar empinadinho?</i></p>	
	<p><i>- Assim: ele olhava os meninos e os queria submisso a ele ,porque é líder da gangue. Então lá na gangue ele mandava, mas dentro da escola ele não conseguiu mandar e saiu.</i></p>
<p><i>- Porque ele não conseguiu mandar?</i></p>	
	<p><i>- Ah! Os meninos não aceitam!</i> <i>O dia em que ele pediu para voltar para escola eu comentei com a diretora: “Você vai aceitá-lo de volta de novo?”</i> <i>Ela respondeu: “Ele quer voltar!” Como quem diz: “Quem sabe, né? Ele quer estudar!” Aí eu</i></p>

	<i>disse: “Ah, mas não fica muito tempo!” A gente vai aprendendo a conhecer o aluno.</i>
<i>- Na escola não existe aceitação... (Não espera eu terminar a frase).</i>	
	<i>- Não! Ou fica um “carneirinho” como o Levi, ou sai. Impor-se lá dentro da escola não!</i>

Conforme a professora vai contando seu posicionamento na questão das gangues, aparecem situações que permitem acessar os sentidos produzidos no seio das relações escolares, como ao falar que na escola o aluno de gangue, que tenta se impor enquanto tal, é repreendido, e não é aceito. Tem que ser “carneirinho”, obedecer e ser conduzido por outrem, ou não fica dentro da escola.

Nessa situação, vê-se que não há espaço de diálogo e que as diferenças geram pontos de criação do preconceito e da exclusão dentro do contexto escolar. A constituição desse preconceito e dessa exclusão permeia todos os níveis relacionais dos sujeitos envolvidos, fazendo parte do individual e do social, ao mesmo tempo, em interação constante.

A subjetividade social da escola integra, à sua constituição, um conflito presente na sociedade contemporânea: a escola é idealizada e gerida para um determinado tipo de sujeito mas ocupada por outro. (AQUINO, 1996).

Diante desta condição, a escola se constitui de um modelo autoritário e massificador, que perpassa os sentidos produzidos acerca da tarefa do profissional educador. Assim, Clarice subjetiva posturas repressoras, como ações educativas para com os alunos de gangue.

Em outro momento de diálogo com Clarice, pudemos levantar novos indicadores de sentido, que aparecem na constituição da subjetividade social ao perpassar as relações dentro do contexto escolar e educacional.

Refletindo sobre o papel do educador e a função da instituição – escola diante da realidade das gangues, o posicionamento de Clarice gera zonas de sentido, no que diz respeito à visão de crenças, valores e ideologias presentes no conjunto de situações cotidianas das relações professor-aluno e sistema educacional-aluno.

PESQUISADORA	CLARICE
- <i>Fale sobre o papel do educador diante do aluno que é de gangue?</i>	
	<p>- <i>Conversar com eles que não é uma boa idéia fazer parte da gangue, porque são muito jovens e têm um futuro pela frente.</i></p> <p><i>Às vezes eles falam: Ah, não! A gente foi feito pra morrer!</i></p> <p><i>Aí eu digo que eles são muito jovens pra morrer.</i></p> <p><i>Eu converso, dou muito conselho, têm alguns que mudam, outros não.</i></p>
- <i>Que conselho você dá?</i>	
	- <i>Se você briga, pode levar um tiro, se mata pode ir pra cadeia, mas isso ai pra eles é normal. Eles agem com indiferença...</i>
- <i>Eu lembro que você falou que uma das alternativas para este jovem aluno, era tentar ser “alguém na vida”:</i>	
	- <i>Eles não têm auto-estima!</i>
- <i>Como é ter auto-estima, neste caso?</i>	
	- <i>Tudo que eles fazem não dá certo. Trabalha no café e não dá certo, depois vai catar lixo e não dá certo e eles sempre estão fazendo serviços secundários. Eles precisam ter um serviço melhor. Sabe eles são muito “novinhos” e acham</i>

	<p><i>que a pessoa que é um executivo tem mais condições de viver do que eles.</i></p> <p><i>Eles não têm auto-estima! Assim, acabam sendo violentos!</i></p>
--	---

Quando pensa nas condições de vida de seus alunos, a professora Clarice relaciona a função da família desestruturada ao fato das crianças daquele ambiente terem experiências de vida que os levarão a ser agressivos, sem capacidade de aprender e de construir uma vida digna.

Os sentidos construídos nesse cenário sócio-histórico desenvolvem noções de valores que remetem à conduta repressora e disciplinadora da escola o caráter de qualidade necessária ao cumprimento dos objetivos educacionais a serem alcançados. Dessa maneira, constituem uma subjetividade social em que o convívio humano é prejudicado por sentimentos de inadequação, ou melhor, na escola, circula a visão baseada na crença de que o indivíduo é modelado e passivo diante das situações críticas e até catastróficas em sua vida, como se a escola estivesse isenta do interjogo das emoções manifestadas por seus alunos e se posicionasse enquanto um apêndice nessa conjuntura.

A professora Clarice diz que seus alunos não têm auto-estima porque vivem em ambientes economicamente e culturalmente desfavorecidos. Este ponto de vista a faz vincular a idéia de fracasso ao contexto social e ao percurso da história de vida de seus alunos, já que se tornam violentos, não conseguem aprender na escola, não conseguem bons trabalhos, nem relações afetivas satisfatórias.

PESQUISADORA	CLARICE
<p><i>- Não ter um trabalho que realiza financeiramente e que não dá boas condições para viver a própria vida gera pessoas violentas?</i></p>	
	<p><i>- Isto é para sobressair. Já que eles não conseguem</i></p>

	<i>isto no emprego. Vejo alunos meus que trabalham no café (na colheita) e passam no caminhão, naquela sujeira! Eles abaixam os olhos e não encaram a gente.</i>
<i>- Você falou que a escola tenta fazer um controle da agressividade e destas manifestações violentas.. Como vocês fazem esse controle?</i>	
	<i>- Olha, a diretora conversa muito com os alunos, dá muito conselho. E eu não demonstro ter medo deles e nem de gangue! Porque eles entram e saem. Ou eles se adaptam ao ambiente escolar ou eles saem!</i>
<i>- O que é preciso para se adaptar no ambiente escolar?</i>	
	<i>- É a convivência! Eles têm que aprender a conviver!</i>
<i>- Esta é uma forma de controlar a agressividade?</i>	
	<i>- Não, acho que é uma forma muito boa deles aprenderem a conviver em sociedade se não aprenderem na rua, onde mais vão aprender? É na escola mesmo! Ou eles se adaptam a conversar baixinho, não gritar, ficar tranqüilo, não discutir. É o controle da agressividade.</i>
<i>- E os momentos em que o educador grita com o aluno?</i>	
	<i>- Ah! Mas é preciso mostrar o limite deles! Não pode deixar o aluno à vontade.</i>

A subjetividade capitalista naturaliza as desigualdades e injustiças por meio do discurso ideológico que afirma a igualdade de oportunidades. É como Sawaia (1999) afirma a

“inserção social perversa”, em que a sociedade exclui para incluir, no que a ordem social implica um caráter ilusório da inclusão.

Embora a professora afirme que a escola aceita o aluno de gangue, também se percebe que este só é aceito se não se manifestar enquanto tal.

Como a questão da agressividade, segundo aponta Clarice, aparece como elemento fundador das relações dos participantes de gangue, seja na escola, seja na família, seja no próprio círculo de atividades do grupo, torna-se importante analisar a subjetivação e a atuação da escola nesse ponto.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- Podemos pensar que uma das formas da escola educar é reprimindo certas expressões do aluno?</i>	
	<i>- Não há tanta repressão. Lá na escola é assim: é um tipo de limite que fora da escola você faz o que quiser, mas lá dentro não! Tanto é que eu acho o ambiente da escola supertranquilo, porque os que não conseguem se adaptar, se afastam da escola.</i>
<i>- Como se dá a adaptação do aluno à escola?</i>	
	<i>- Se a escola adaptar ao aluno, ele vai acostumar ao seguinte: em casa adaptado à agressividade e na escola também? Quando ele vai ter consciência de que o que faz é errado?</i>
<i>- A prática educativa da escola é para mostrar o que o aluno faz de errado?</i>	
	<i>- Eu tenho um aluno que na sala ele fica normal, mas a hora que saía para fora ele gritava e assoviava e aí um dia</i>

	<p><i>eu disse para diretora, e ele estava ouvindo: “Não tem jeito, ele fazendo essas coisas de dar um passo fora da sala e gritar e cantar igual louco!” Assim eu fui dando umas broncas nele e o comportamento dele melhorou muito.</i></p> <p><i>Às vezes na escola tem que repreender, porque, às vezes, não aprendeu em casa, então tem que aprender na escola!</i></p>
<p><i>- Você falou que a escola tenta modificar a agressividade e outros comportamentos daqueles alunos que tentam se “impor” por serem de gangue. O que você percebeu que a escola já modificou nesses alunos?</i></p>	
	<p><i>- Por exemplo, o Cláudio, que não se adaptou à escola e saiu, mas se ele chegar amanhã e quiser voltar, ele volta. Ele sabe que a escola é aberta, mas ele vai ter que mudar o jeito de estar na escola, lá é diferente! Não vai poder ameaçar os outros ou querer passar na frente.</i></p>

Para lidar com a agressividade, a escola reprime sua manifestação, atividade subjetivada como manutenção da imagem de limpeza, já discutida anteriormente.

A agressividade no comportamento do aluno, ou em sua formação familiar, faz Clarice significar a prática educativa como “adaptadora” do indivíduo, impondo-lhe suas regras, pois, ou é assim ou não pode permanecer dentro da escola. As regras e normas da escola são impostas e levam à impossibilidade do sujeito se posicionar contrariamente a elas. Isto revela que, embora Clarice signifique sua ação educacional pautada pelo diálogo, contraditoriamente, o espaço da escola não se configura enquanto propiciador de um diálogo efetivo de compreensão das diferentes necessidades dos diferentes sujeitos implicados.

Um diálogo efetivo não permitiria a imposição das regras da gangue dentro da escola e sim possibilidades do outro argumentar, posicionar-se, expressar-se emocionalmente, produzindo novos sentidos e pensamentos a respeito de sua condição de sujeito sócio-histórico. Mas, a esse respeito, Clarice constitui subjetivamente a idéia de que o diálogo entre professor e aluno é uma conversa em que o professor diz ao aluno o que é certo e errado.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- Quando a escola reprime esse aluno que “atrapalha” a aula, ela modifica este comportamento?</i>	
	<i>- Modifica e muito! Mas, é mais conversa. Há advertência, raramente suspensão e em casos extremos transferências. A gente não chega gritando com um aluno que fala baixo, a gente grita se ele grita também.</i>

Há também o sentido de que a repressão modifica aquilo que aparece de forma indesejada ou inadequada à postura do aluno.

Se o meio familiar não possibilita a vida ser boa, para Clarice, a escola assume este papel, que subjetiva ser a vida boa e normal quando se estuda, trabalha e constitui família, assim, seus alunos correm risco de terem uma vida ruim e patológica quando fracassam nesses objetivos. De alguma maneira, Clarice produz o sentido de que estar na gangue é uma escolha do indivíduo, por um modo de vida ruim e patológico.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- Como a escola educa?</i>	
	<i>- A escola educa para vida. Dizendo: Você tem que estudar, trabalhar, constituir</i>

	<i>família. Isto é uma vida normal e não ficar brigando e correndo risco de morrer(...).</i>
--	--

A consciência de que o ato de educar envolve a escuta e aceitação do aluno e os significados de suas experiências emocionais, mas que, mesmo assim, a escola não propicia espaço viabilizador dessa atividade, leva Clarice a subjetivar o professor, nessa realidade, um profissional expropriado de uma elaboração do próprio trabalho.

PESQUISADORA	CLARICE
<i>- Pelo que você disse, a escola não dá muito espaço para entender por que o aluno se expressa assim, estando na gangue ou usando droga.</i>	
	<i>- A maioria dos professores acha que não pode perder tempo de ficar conversando. Os professores são muito cobrados. Às vezes chega o diretor ou supervisor e quer ver o seu roteiro de trabalho, que conteúdo você vai dar, o dia da prova.</i>
<i>- Na escola há prioridade para o que está no roteiro de trabalho?</i>	
	<i>- Sim e há dificuldade dos professores se aproximarem dos alunos, porque as pessoas vêem a escola como perigosa por ter nos arredores a favela e a “boca” de drogas. Aí acontece que o professor fica com receio do aluno que é de gangue e não conversa com ele direito, nem sabe da vida dele.</i>

A escola Gameleira é subjetivada pelos professores como perigosa, difícil, evocando sentimentos de desproteção e necessidade de afastamento. Este ponto é muito importante na compreensão da constituição da subjetividade social no contexto sócio-histórico dessa escola.

4.2.2 A ESCOLA IPÊ

Neste momento, passamos a refletir o contexto escolar, a partir das entrevistas realizadas com a diretora Olívia e a professora Dorinha, educadoras da Escola Ipê, apresentada no início deste tópico. É importante ressaltar que o enfoque no contexto social da escola nos remete à compreensão de como a subjetividade social é produzida nesse meio relacional.

A análise construtivo-interpretativa inicia-se pela apresentação de Olívia e de Dorinha que embora ocupem funções diferentes(uma diretora e outra professora), integram o universo constitutivo da subjetividade social da escola.

Diretora Olívia

Olívia é uma mulher de 48 anos, branca, casada, com uma filha de 25 anos. Reside na parte central da cidade e trabalha como educadora há 16 anos, há nove é diretora da Escola Ipê, coordenando os três turnos (matutino, vespertino e noturno).

A entrevista aconteceu na escola, na sala da direção, durante as atividades do período noturno. A escola estava tranqüila e sem grande movimentação, pois os alunos estavam em sala de aula.

Professora Dorinha

Dorinha tem 42 anos, é branca, casada e mãe de dois filhos, de 16 e 18 anos de idade. É professora na Escola Ipê há 12 anos, iniciando no ensino fundamental e, atualmente,

trabalhando com aulas de história no programa EJA no turno noturno. A entrevista aconteceu na escola e durante uma “janela” em seus horários de aulas.

Os indicadores sobre como o movimento de gangues configura-se na constituição subjetiva de Olívia e da Escola Ipê reporta, inicialmente, como esta diretora percebe a formação do grupo:

PESQUISADORA	OLÍVIA
<p><i>- Como você vê o movimento de gangues, como você percebe o acontecimento?</i></p>	
	<p><i>- A gangue começa assim, um influencia o outro, porque aqui neste bairro não tinha nenhuma gangue, aí fizemos uma festa aqui na escola, um desfile. E veio uma gangue lá da Vila Amorim e brigou, jogou o som no chão, estragou a festa daqui. Aí, então, eu me lembro que os alunos se revoltaram e começaram a unir para vingar deste dia. E começaram. Eram dois, três e ficavam umas conversas... Aí, morreu um moço da gangue da Vila Amorim e falaram que os culpados eram daqui, mas não era! Aí, a outra gangue ameaça e eles eram poucos e foram se agrupando mais para ficar mais fortes!</i></p>
<p><i>- Há quanto tempo você percebe que existem rapazes e moças da escola que são de gangues? E como vocês têm lidado com essa questão?</i></p>	
	<p><i>- Esse povo de gangue não é muito aberto para falar quem são do grupo. Porém, como eu estou aqui no bairro há muito tempo e eu tenho amizade com eles e eles confiam em mim, então eles me contam. Mas não</i></p>

	<p><i>contam para todo mundo o que acontece. Eu já tive aluno aqui que chegou para mim e falou: “Dona Dorinha, ontem eu matei um!”</i></p> <p><i>Eu lido com eles assim: nunca entreguei ninguém, eu sempre converso com eles dizendo para deixarem disso que não vale a pena. Quando o prefeito fez o chamado para reunir com os meninos de gangue, eu os chamei e os levei... Parece que naquela época eles já começaram a mudar de pensamento. Eu percebi que o grupo começou a dar uma enfraquecida. Achei que eles mudaram de comportamento, porque eles estavam assim bem empolgados. Aí, teve aquela promessa de estudo, alguns vieram para a escola, eles tiveram computação. Aí, parece que alguns deixaram a gangue e deu uma enfraquecida no movimento.</i></p>
--	--

Para Olívia, no contexto que envolve a escola Ipê e seus alunos, as gangues surgem como um agrupamento dos jovens para se protegerem dos ataques de outras gangues atribuindo, dessa forma, à formação de gangues o sentido de ser um agrupamento de alunos que se sentiram revoltados, necessitavam se vingar das perdas e construir a condição de força, diante da ameaça de outras gangues.

Por sua vez, Dorinha dá o sentido de que as gangues representam um risco à sociedade, pois praticam maldades por prazer, constituindo subjetivamente uma emocionalidade geradora de medo e da idéia de graves problemas na formação da personalidade do jovem, que participa das atividades do grupo de gangue.

PESQUISADORA	DORINHA
- Como você tem percebido atualmente o movimento de gangues?	
	- Atualmente está crescendo demais e está

	<p><i>prejudicando principalmente os jovens. A gente que é mãe fica muito preocupada quando os filhos saem. E aqui em Araguari, quase todo final de semana tem acontecido o ataque dessas gangues. Às vezes rivalidades entre bairros ou então por puro prazer de fazer maldade. Eu vi no jornal que uma pessoa muito conhecida na cidade foi atacada por uma gangue e a polícia pegou um dos integrantes e eles falaram que fazem por fazer e que não o conheciam e não sabem nem porque bateram. Então, eu acho que está na hora de tomar uma providência séria.</i></p>
--	--

A forma de lidar com a questão das gangues traz um ponto fundamental: como a instituição escolar se vê diante da problemática?

Olívia, ao dizer que procura ter amizade com seus alunos e estabelecer uma relação pautada na confiança, conscientiza-se de que essa ação não é abrangente o bastante para modificar a situação de vida de seus alunos.

Do mesmo modo, a professora Clarice remete à escola uma postura de poucos recursos para lidar com essa realidade, Olívia compreende que o fenômeno das gangues está além do alcance da ação educacional, sugerindo, então, certo cuidado por parte do educador para se relacionar com alunos participantes de gangues.

PESQUISADORA	OLÍVIA
<p><i>- Como você entende sua relação e a da escola com os meninos de gangue?</i></p>	
	<p><i>- Eu vejo. As professoras têm medo quando descobrem que</i></p>

	<p><i>os alunos são de gangue. Elas vêm e me perguntam e eu digo: é, este aluno é perigoso! Ele precisa ser tratado diferente. A pessoa de gangue é assim, você tem que tratá-la com respeito, não pode desrespeitá-lo hora nenhuma... Não sei por que é assim... Mas as professoras têm medo mesmo!</i></p>
<p>- Como é esta questão de tratá-los com respeito:</p>	
	<p><i>- O menino que não é de gangue, o aluno faz uma “arte” qualquer eu falo mais bravo e mais alto com ele. Já o menino de gangue você tem que conversar mais manso e saber lidar com ele. E eu não tenho medo e falo para os meninos que não tenho medo. Eu penso assim: já vivi um tanto bom e muito bem. Até uma vez um menino ficou assim irritado com a professora e com a gente porque chamamos a atenção dele. Aí, ele falou que ia jogar uma bomba aqui e eu respondi assim: “Olha, eu não tenho medo de morrer e se você quiser jogar uma bomba aqui, faça o seguinte: jogue só na hora que estiver eu, porque fui eu quem tomou atitude com você. Não jogue quando estiverem outras pessoas, porque eu já vivi muito, já criei minha filha, eu vivi muito feliz e o tanto que eu vivi está bom!” Então, conversei assim com ele e expliquei que gosto muito dele, que eu nunca tive que tomar aquela atitude e que eu, não queria que ele fizesse mal a ninguém.</i></p>
<p>- Que atitude você tomou com este aluno?</p>	
	<p><i>- Foi uma atitude de punição. Ele estava usando droga dentro da escola e eu tive que chamar a polícia para fazer a busca e pegou a droga. E ele ficou revoltado. Depois que conversei com ele, ele falou que não ia jogar bomba não e que disse aquilo no momento da raiva... Eu acho que tenho um bom relacionamento com esses meninos de</i></p>

	<i>gangue. Alguns foram meus alunos no pré. Estou há muitos anos, então, os que já conheço eu acho mais fácil de lidar.</i>
--	---

Considerar o aluno de gangue uma pessoa que representa perigo ao professor é uma crença que permeia as relações estabelecidas na Escola Ipê. Este fato faz parte da constituição da subjetividade social dessa escola e gera o sentido de que professor e aluno vivem em conflito iminente, causando estados de tensão e sentimento de medo cotidianamente.

No entanto, Olívia diz que sua posição não é de medo, em relação a dos professores, entendendo que o fato de trabalhar há muitos anos naquela escola, faz com que conheça seus alunos, facilitando o enfrentamento de conflitos. Porém, pode-se dizer que o contexto social da Escola Ipê é subjetivado como melindroso e permeado pelo medo da ação educativa gerar uma reação nos alunos, que venha expor a escola à mesma conjuntura de violência e rivalidade vivida dentro das gangues.

Durante a entrevista, Olívia aponta o elo principal para a formação da gangue, o uso de drogas.

PESQUISADORA	OLÍVIA
<i>- O que você percebe que existe em comum aos jovens do grupo de gangue?</i>	
	<i>- É a droga, todos da gangue mexem com droga.</i>
<i>- Você percebe que a droga é um canal de entrada no grupo?</i>	
	<i>- Sim. Mas acho também que aqui na escola o problema é muito familiar, as famílias, 99%, o menino desde o pré, em vez de ensinarem as crianças a serem humildes e passivas, eles ensinam a serem agressivas, porque falam assim: se o menino</i>

	<p><i>de bater, você bate também. E eu, há muitos anos, venho lutando com isto e em reuniões de pais eu falo, gente, vocês estão ensinando violência, eles falam, mexeu comigo eu tenho que bater!</i></p> <p><i>Eu acho que falta uma boa estrutura familiar, e aquela formação desde pequeno de bater e descontar. Igual quando eles formaram a gangue para vingar dos meninos da Vila Amorim, eles acharam um absurdo eles terem vindo aqui estragar a festa. Eles não têm nada na cabeça, aquela formação de perdão e humildade. É um problema familiar, que vem desde pequenininho e que a maioria não ensina o filho a ser humilde. E também a droga, porque todos mexem com droga!</i></p>
<p><i>- Aqui no bairro tem muito problema com droga? E na escola?</i></p>	
	<p><i>- Tem. Na escola eu tenho sorte. Estou aqui há muitos anos e eu sei quem mexe com droga e vou conversando com eles. De manhã eu não tenho nenhum aluno que mexe com droga, mas à noite tem! E eu falo com eles que meu desejo é que não usassem drogas. Mas sei que entraram e é difícil sair, porém dentro da escola não quero que usem! Você pode ver que fizemos até um projeto, todo ano realizamos o projeto, fazemos festa no encerramento.</i></p> <p><i>Então, são alunos que me conhecem e, dentro da escola, eu não tenho esse problema. Às vezes quando vem um aluno de fora e que vai mexer com droga aqui dentro, eles mesmos vêm e me falam. Aí, converso e falo, não faça isto aqui dentro!</i></p> <p><i>Se eles mexem é muito escondido, porque nunca peguei ninguém. Só peguei, há muito tempo atrás, dois casos.</i></p>

A droga aparece como elemento comum a todos os participantes de gangue, na perspectiva em que Olívia significa a vivência de seus alunos, mas os sentidos que produz remetem à estrutura familiar, ou seja, à formação familiar, que ensina seus filhos a serem agressivos. Olívia subjetiva a gangue uma consequência direta da desestruturação da família. Porém, diferentemente de Clarice, que relaciona a desestruturação à ausência do pai ou da mãe e de cuidados, atenção e carinho com a criança; ela atribui à falta de uma formação moral de valores, por exemplo, serem humildes, passivos e pacíficos.

Entra aqui um elemento essencial para a compreensão da subjetividade social da Escola Ipê, que é considerar a família em si o ponto crítico da constituição do sujeito, em que a escola, mais uma vez, é considerada um lugar limpo aonde os conflitos vêm de fora e lá apenas encenados.

Dentro desta análise, durante o diálogo com Dorinha (também educadora da Escola Ipê), o mesmo sentido subjetivo de Olívia é atribuído à realidade social da escola.

PESQUISADORA	DORINHA
<i>- Para você que está na prática educacional, como vê esta questão dos grupos de gangue?</i>	
	<i>- Eu acho que a gente tem que procurar a causa. E a causa, aqui para nós na escola, vem da família e da base da estrutura familiar que eles têm. Então, acho que temos que procurar conhecer sempre o aluno e sua família e como eles vivem. Acho que o problema parte daí.</i>
<i>- De que maneiras o problema parte daí?</i>	
	<i>- Porque sempre que a gente conversa com eles, principalmente os alunos mais revoltados, eles contam que a mãe está presa, o pai também e vivem com uma tia... Ou</i>

	<i>outros que vivem no meio do tráfico de drogas e, assim, temos o depoimento de muitos menino, porque, quando a gente vai falar com esses mais rebeldes, ficamos sabendo de histórias assim.</i>
--	---

Indiretamente, Dorinha remete à realidade objetiva do bairro o papel de facilitador da desestruturação da família, pois a questão do tráfico de drogas passa a ser um dos determinantes da desagregação da família, com pai e mãe presos, deixando os filhos desamparados.

De acordo com Olívia e Dorinha esse tipo de vivência familiar gera indivíduos revoltados, agressivos, que dificilmente se submetem às normas e regras da escola, indicando o sentido subjetivo de ver o aluno a partir da determinação de sua pertença a um local, uma raça, uma classe, um tipo de família etc.

Esse sentido subjetivo configura a constituição do preconceito, categoria que possibilita compreender que, na subjetividade social da Escola Ipê, seus alunos são vistos a partir do preconceito de que suas famílias desestruturadas geram comportamentos de revolta à prática educacional e posterior afastamento do contexto escolar e, ainda, aproximando-os da drogadição e criminalidade. Consecutivamente, este sentido também configura a constituição da exclusão, categoria que clarifica o processo de não pertença do aluno de gangue ao contexto escolar.

Para Gonzalez Rey (2003), os processos de funcionamento social estão implícitos nas situações escolares e são parte dos processos tanto de subjetivação social da escola, quanto da subjetividade individual dos alunos e professores. A realidade social vivida pela Escola Ipê acerca-se de muitas questões importantes, a exemplo das características do bairro indicar condições precárias de habitação e trabalho de seus moradores, o comércio de drogas e entorpecentes, atividade econômica corrente entre outras.

Tanto Olívia quanto Dorinha subjetivam socialmente o bairro como um território que favorece o consumo de drogas, o que conseqüentemente produz pessoas agressivas e predispostas a se engajarem em grupos de gangue.

PESQUISADORA	OLÍVIA
<p><i>- Fale melhor porque você considera que a droga leva para a gangue.</i></p>	
	<p><i>- Eu acho que a droga leva para a gangue porque, quando o menino já está muito envolvido com droga, ele não se importa com nada em sua vida e fica muito agressivo. Volto a dar o exemplo: de manhã não tenho nenhum aluno que mexe com droga e nenhum aluno que é de gangue. Os alunos do noturno é que são de gangue e mexem com droga. Dentro da droga a pessoa se transforma, às vezes, não é agressiva e se torna.</i></p>

PESQUISADORA	DORINHA
<p><i>- Tem algum aluno seu no ensino fundamental que hoje faz parte de alguma gangue?</i></p>	
	<p><i>- Já tive notícias e ex-aluno que estavam envolvidos com drogas e agora já estão envolvidos com gangue também.</i></p>
<p><i>- E o que você percebe nesses alunos em sala de aula?</i></p>	
	<p><i>- Este que sei hoje ele não está estudando mais... Mas desde pequeno ele já era muito</i></p>

	<p><i>revoltado. Porque a família era da religião evangélica e ele nunca aceitou isso! Porque ele vinha para a escola e a maioria dos alunos não eram dessa religião e conversavam sobre o videogame, a televisão e etc, se interessavam muito. Só que em casa, ele era muito reprimido quanto a isto. Eu percebi que ele se revoltava com isto e comentava que em casa queria ver TV e jogar e a mãe e o pai batiam. Depois ele foi ficando revoltado e só ficou na escola até o 4º ano e saiu.</i></p>
--	---

Embora as educadoras reconheçam as condições difíceis de vida dos seus alunos, elas tendem a produzir sentidos e significados sobre os alunos de gangue, situados somente ao nível individual. Ou seja, elaboram uma compreensão linear e quase determinista: o aluno que vem de uma família desestruturada, que vive nas condições de pobreza e miséria do bairro vai tornar-se usuário de drogas e participante de gangues; conseqüentemente, perdem o interesse pelos estudos e se afastam da escola.

PESQUISADORA	DORINHA
<p><i>- De um modo geral, como os jovens entram na gangue? Como eles são na escola?</i></p>	<p>.</p>
	<p><i>- Aqui na escola, mesmo, acho que não há nenhum que faz parte de gangue, porque quando eles entram pra isto, logo se afastam de tudo, inclusive da escola e já não têm interesse pelo estudo. Eu acho... Os próprios alunos chegam comentando o que aconteceu no fim de semana e em uma festa... É aí que nós percebemos que estão entrando para a gangue.</i></p>

PESQUISADORA	OLÍVIA
<p><i>- Você citou situações em que houve morte em brigas de gangues. O que você acha que pode ser feito, enquanto educadora, na questão das gangues?</i></p>	
	<p><i>- Eles tinham que querer sair da droga e fazer um tratamento. Eu até já encaminhei alguns, porque a primeira coisa é sair da droga. Porque quando vão para um tratamento eles desenturmam, mas tem que querer. Tem um aluno aqui, que está parado na 8ª série; eu já tentei muito tirá-lo disso, porque é um aluno bom, inteligente, mas ele não quis. Esses dias atrás ele estava preso... E para desmanchar essa gangue mesmo é por aí.</i></p>

A questão das drogas e o que isto traz para a realidade da escola faz as educadoras construírem uma imagem de alunos marginais e excluídos do processo escolar. No entanto, atribui em grande parte a uma escolha do próprio aluno o sentido de marginalização.

PESQUISADORA	OLÍVIA
<p><i>- Que tipo de drogas eles usam?</i></p>	
	<p><i>- Craque, maconha, cola, álcool. Eu converso muito com eles e sei que, quando o dinheiro não dá, eles partem para o roubo. Muitos trabalham no café a semana toda e no final de semana compram a droga. É um trabalho pesado e sofrido. Eu acho também que o fato de no período de manhã não ter nenhum caso de drogadição é por causa do projeto que fazemos diariamente, com palestras sobre drogas, conversas sobre os fatos (de manhã temos 340 alunos – 9 a 17</i></p>

	<i>anos – 5ª a 8ª séries), como por exemplo: um aluno da escola que enterraram vivo, ele era envolvido com droga e foi briga, mas não era de gangue. A gente explica e fala que o moço viveu pouco por causa da droga e da bebida, pela falta de humildade...</i>
PESQUISADORA	DORINHA
<i>Quando eles entram para a gangue não vêm para a escola?</i>	
	<i>Aí eles abandonam mesmo! Este grupinho que fica aqui na esquina à noite usa drogas abertamente, estão ali e não se preocupam com quem está vendo. Agora parou um pouco porque a polícia vem sempre e dá “batidas” no quarteirão da escola.</i>
<i>E no bairro da escola? Como acontecem as gangues?</i>	
	<i>Quando tem alguma festividade na escola, eles ficam rodeando e tentando entrar e, às vezes, a gente barra a entrada deles e faz alguma coisa para virem só os alunos e a família e eles ficam rodeando, jogando pedra e atacando as pessoas que passam na rua. Com isto, a gente percebe que vêm do grupinho, eles são bem conhecidos e se reúnem aqui na esquina da escola, às vezes ficam esperando o aluno sair para pegá-lo.</i>
<i>Neste grupo há ex-alunos daqui?</i>	
	<i>- Sim, são quase todos ex-alunos.</i>

Dorinha tem consciência de que a escola também exclui o aluno de gangue, do mesmo modo que a sociedade o faz. Os sentimentos de temor e insegurança levam à desconfiança de que os participantes da gangue representam perigo se adentrarem na escola.

Diante disso, a professora subjetiva o integrante de gangue um sujeito à parte, não reconhecido como semelhante aos alunos da escola (ou aos alunos que deseja).

Mello (1999) analisa que a ordem social brasileira é elitista e constitui uma subjetividade social que coloca no sujeito excluído a definição de serem portadores de “características desabonadoras, de traços de caráter indesejáveis, de um potencial de violência que os torna pouco humanos” (p.135).

A subjetividade de Dorinha se constitui na relação dialética da inclusão/exclusão, pois apresenta uma produção de sentidos e significados marcada pela contradição.

Por um lado, Dorinha diz que a escola barra a entrada do aluno de gangue, por outro, diz da necessidade de trazê-lo para dentro e gerar condições para que fique.

PESQUISADORA	DORINHA
<i>- Como você percebe que a escola tem seu papel educacional diante desta questão das gangues, da violência como você citou?</i>	
	<i>- Acho que eles precisam de um local diferenciado que ofereça aula de computação... Acho que é por aí mesmo... Tem que tentar inclui-los na sociedade, porque com essa nova onda de inclusão que a gente está estudando é isto mesmo.</i>
<i>- Então fale mais da inclusão e como pode ser feita?</i>	
	<i>- Tem que tentar chegar neles e conversar porque não adianta ficar só recriminando e ficar sem saber qual a causa disto. É preciso se aproximar mais deles. É igual o aluno da escola quando ele está com problema e revoltado, não adianta chegar nele e querer brigar ou partir pra ignorância... Tem que ser conversando e saber a causa do problema...</i>

Dorinha subjetiva a inclusão do aluno de gangue na escola, criando um mecanismo de exclusão, ou seja, trazê-lo para a escola em horários diferentes dos outros alunos. Conforme analisa Sawaia (1999) e em referência já utilizada anteriormente, a sociedade articula dialeticamente uma ordem social desigual de excluir para incluir gerando um campo ilusório para a inclusão social.

PESQUISADORA	DORINHA
<p><i>- O que você entende, por exemplo: um ex-aluno da escola que está ali na esquina fazendo o uso de drogas e às vezes esperando alguém para bater ou jogando pedra na escola quando não pode entrar na festa. Como seria uma ação educativa para incluir este aluno na escola?</i></p>	
	<p><i>- Tem que ter algum atrativo na escola para trazê-lo de volta, mesmo que fosse em horários diferentes dos que os colegas estudam, mas acho que tem que trazê-lo para a escola, porque senão o processo de inclusão não terá sentido.</i></p>

Olívia e Dorinha, enquanto educadoras da Escola Ipê, assinalam os limites de suas ações educativas instituídas. Para Olívia, o alcance da escola é pequeno, reservando à política social a amplitude de atuação capaz de transformar a situação social de seus alunos participantes de gangue.

PESQUISADORA	OLÍVIA
<i>- Como foi o projeto que o prefeito fez com as gangues?</i>	
	<i>- Ele fez uma chamada em todas as escolas dos bairros da cidade, pediu que as diretoras chamassem os rapazes para uma reunião e foram encaminhando: uns voltaram para a escola e outras para formação profissional. Foi uma proposta de retirá-los da marginalidade e socializá-los. Eu percebi que aqui deu resultado, pois parece que a gangue perdeu aquela força, mas eu fui atrás e convidei esses alunos para voltar à escola.</i>

Para Dorinha, o principal limite para a escola é a dificuldade de se colocar em interação com esse aluno e lidar com o seu modo de expressão, o que origina posturas pautadas no medo e no distanciamento entre as pessoas na relação educador-aluno, incertezas e sentimentos de insegurança. A vivência dessa emocionalidade constitui subjetivamente o educador, desenvolvendo uma prática educativa de posição defensiva, impedindo, assim, a construção de uma comunicação autêntica entre os sujeitos implicados no sistema relacional da instituição escolar.

A professora percebe que o seu papel social está confuso, diante das demandas divergentes nos discursos gerados pelo sistema de políticas educacionais, como, por exemplo, a discussão em torno da inclusão, na escola regular, de crianças com necessidades educacionais especiais ou, então, da política de “toda criança na escola”.

Dorinha significa o lugar de educação da escola como facilitador do controle dos problemas causados para a própria escola, pelos alunos participantes dos movimentos de gangue.

PESQUISADORA	DORINHA
- <i>A escola atualmente exclui esse tipo de aluno?</i>	
	<p>- <i>Fala em tom de desabafo:</i> <i>Não é excluído não! É porque a gente não sabe como lidar com eles, não estamos preparados para lidar com eles. Precisamos partir daí e ter mais apoio e preparação. A gente fica sem saber como trabalhar com este aluno, como trazê-lo de volta e como fazer para que eles permaneçam na escola.</i></p>
- <i>Referindo-se à situação do educador na conjuntura atual da relação com o aluno: O que necessita de mudança?</i>	
	<p>- <i>Dar, talvez, uma chance para eles participarem. Por exemplo, fazer uma festa ou alguma coisa que eles gostam e que possam estar presentes. Quem sabe conversar com eles e dando uma chance para ver como se comportam, às vezes, criando algumas atividades para eles participarem e ajudarem... Um campeonato na escola, sabe lá... Qualquer coisa que vá atrair o interesse deles de vir para a escola e parar de perturbar um pouco, né?</i></p>
- <i>Você comentou da realidade da escola e dos alunos que participam de gangues. Fale mais sobre isto.</i>	
	<p>- <i>Eu acho que a escola está deficitária na questão de inclusão, porque é muito difícil, né?</i> <i>Uma vez que esses alunos saíram da escola envolveram nesta... Envolveram com drogas, de violência, de gangues, eu acho que é muito difícil trazê-los de volta pra escola...</i></p>

Conscientemente Dorinha percebe o distanciamento da escola em relação ao conhecimento do aluno e de quem ele é, suas necessidades e como as expressa.

Esse distanciamento encontra terreno fecundo na geração do terror, do medo, do preconceito e da discriminação. A professora, em seu viver cotidiano, experimenta emoções que são sociais e históricas, pois, no atual momento, vivencia-se a cultura do medo diante dos altos índices de violência urbana (roubos, assaltos, seqüestros, assassinatos, etc), difundidos nos meios de comunicação de massa, enquanto características presentes em nossa sociedade contemporânea.

PESQUISADORA	DORINHA
<i>- Falando sobre o afastamento do aluno de gangues da escola. Será que não é algo que começa dentro da escola?</i>	
	<i>- Mas nós temos muita dificuldade de saber como proceder com este aluno. Porque quando eles começam a entrar nessa vida, eles saem da escola, então a gente não convive mais com ele e não sabe o que se passa na cabeça deles.</i>
<i>- De que maneira este aluno que se envolve com drogas, violência e gangues assustam o educador?</i>	
	<i>- A gente às vezes tem medo de chegar perto do aluno e conversar, porque não sabemos qual vai ser a reação dele. E isso pode atrapalhar a gente se aproximar e tentar saber o que os meninos estão vivendo. Acho que esse medo é um dos primeiros fatores que atrapalham.</i>
<i>- A escola acaba desconhecendo</i>	

<i>esse aluno?</i>	
	- <i>É justamente pelo medo. O educador sente medo, aí acaba se afastando e tenta não se envolver muito.</i>

4.2.3 O GRUPO FOCAL

O terceiro momento de análise do contexto escolar se fez por meio de um grupo focal, com a participação das três educadoras entrevistadas.

O grupo focal aconteceu no período noturno, em horário vago da professora Dorinha, em uma sala reservada na Escola Ipê. Olívia participou prontamente e convidamos Clarice para ir até lá, visto que o encontro foi organizado em dia livre de suas aulas.

Após apresentarmos a proposta do grupo, iniciamos, mas antes de analisarmos as zonas de sentido sobre a constituição da subjetividade social da escola, vale ressaltar que a situação dialógica estabelecida no grupo focal foi de suma importância, possibilitando gerar novos campos de visão sobre a constituição complexa do cenário social da escola, dentro das redes relacionais da sociedade como um todo.

Primeiramente apresentaram-se as pessoas do grupo, por sua vez, educadoras da rede municipal de ensino há mais de dez anos e já se conheciam. Nesse dia, Clarice comentou estar triste porque uma colega de trabalho ficou sem sua turma de alunos. A secretaria de educação constatou que havia poucos alunos em sua sala e fundiu duas turmas, formando apenas uma, assim ela perdeu o cargo de professora do EJA. Olívia e Dorinha demonstraram estar consternadas com a situação e teceram comentários a respeito.

O grupo inicia a partir da seguinte situação, por nós relatada:

Um participante de gangue fala:

“Teve uma professora que me marcou! Quando eu a chamava para explicar a matéria; eu era ignorado! Todos os meus colegas tiravam boa nota, menos eu”.

Clarice é a primeira a falar, mas de um modo geral, Olívia e Dorinha reiteram os mesmos sentidos e significados, configurados na subjetividade social da escola, que apareceram na construção dos indicadores durante os nossos momentos individuais de interação. Sobre o relato do aluno de gangue as professoras analisaram:

PESQUI-SADORA	CLARICE	OLÍVIA	DORINHA
			<p><i>Tem que perceber que o aluno precisa de espaço para falar do que ele vive. Porque a vida deles não é fácil, mas também tem momentos em que pedem a bronca. É uma forma de eles sentirem que o professor está percebendo tudo o que eles fazem.</i></p>
		<p>(...)</p>	
<p>(...)</p>		<p><i>Eu penso que quando você se coloca primeiro como amiga do aluno, fica mais fácil conseguir</i></p>	

		<i>que ele aproveite as aulas.</i>	
	<i>É não foi uma experiência boa! O aluno da 5ª série tem dificuldade em adaptar com os vários professores e conteúdos, porque antes ele tinha apenas uma professora como referência...</i>		
			<i>Os nossos alunos destas escolas de bairros pobres não têm o principal, que é a família dar importância ao estudo! E o professor tem que gostar de seus alunos, se eu não gostasse, não tinha como dar aulas para eles... Porque é muito difícil trabalhar com eles, vivem em um meio muito violento... O pai não educa o filho!</i>
	<i>O aluno pode até ser perigoso, do tipo bandido, mas depende da forma como o professor o trata. A gente precisa ver o lado humano, por exemplo, se você vai à cadeia e conversa com um preso e pergunta</i>		

	<p><i>como viveu em família, eles dizem: “Ah, minha mãe nunca ligou se eu saía, aonde ia...” Entende? A gente percebe que eles precisam de limites, embora tenha gente, que vivendo isto, debande pro crime e outras não!</i></p> <p><i>Assim como têm uns que a família cuida e ainda o filho vai pras drogas...</i></p>		
			<i>É verdade!</i>
		<p><i>Se eles já não têm respaldo na família e encontra isto na escola também! Eles se sentem inferiores.</i></p>	

O diálogo sobre a situação apresentada produz em Dorinha as idéias de que o aluno tem necessidade de falar do que ele vive e de suas dificuldades; Olívia se posiciona na mesma direção e acrescenta que a relação de amizade com o professor facilita o aproveitamento do aluno nas aulas. O foco desses diálogos se volta para a relação professor-aluno e os elementos da realidade destas educadoras. A comunicação estabelecida relaciona questões, como situação social do bairro, alunos economicamente desfavorecidos, família descompromissada com a educação dos filhos, que, conseqüentemente, dificulta o trabalho do professor. A idéia central que circula, no momento da interação, é que os alunos das escolas da periferia apresentam muitas dificuldades dentro da escola, sendo estas resultado de uma série de carências durante suas vidas que, de alguma maneira, torna esse aluno difícil para o professor.

Mais uma vez a família aparece como determinante quase exclusivo na formação do sujeito. No entanto, durante os diálogos, novos sentidos são gerados, reiterando o importante lugar da escola.

De acordo com Vigotski(apud CUPOLILLO ET AL, 2004), a educação escolar é uma ação direta na realidade social, pois a prática pedagógica é influenciada pelo contexto histórico produzido na sociedade.

A subjetividade social constituída na escola é permeada constantemente por contradições nos discursos e nas práticas. Enquanto Dorinha atribui a qualidade de ser difícil ao exercício docente na realidade sócio-cultural da escola em que trabalha, Clarice e Olívia levantam as questões da postura do professor na interação com o seu aluno e do modo de se organizar institucionalmente o ensino.

Clarice dá um novo sentido à idéia de que aluno pobre tem problemas na família e tem vivências de violência, assim, serão alunos perigosos e difíceis. Ela traz a reflexão de que nem todos que passam por essas experiências se tornarão violentos, bandidos ou perigosos.

Nesse momento, amplia-se a noção de que os impasses na prática educativa vão além da situação do bairro e da família. Ponto muito importante para a compreensão da visão dialética do desenvolvimento humano.

PESQUISADORA	CLARICE	OLÍVIA	DORINHA
<i>Vocês falam da questão da família desestruturada ou ausente. Como a escola poderia atuar nesta conjuntura?</i>			
			<i>Este é um problema social, primeiramente, e a escola</i>

			<i>não pode resolver isto. A escola hoje está deixando de ser um meio educacional e tem responsabilidade de dar comida, uniforme, caderno... O que o educador tem para atuar é a palavra!</i>
<i>A escola não faz parte deste social, quando o aluno vem para dentro dela com toda essa história de vida?</i>			
		<i>O professor dá conselhos, conversa, mas na escola tem muita cobrança para cumprir os conteúdos. A sala está lotada...</i>	
			<i>Vou tocar num assunto que é a falta de liberdade para trabalhar, você tem que cumprir o tempo, a matéria e às vezes não tem como parar a aula para debater uma situação ocorrida, porque senão desvia a atenção da matéria a ser dada!</i>
		<i>Acontece que, atualmente, nós não temos mais apoio no geral para fazer o que</i>	

		<i>fazíamos há uns anos atrás, como festas e eventos para os alunos. Parece que a escola é só para aula! Todos ficam com muito medo porque no bairro tem traficante, tem gangue!</i>	
--	--	--	--

Dorinha expressa, em tom de desabafo, a dificuldade de compreender qual o papel da escola atualmente. As possibilidades de atuação profissional demonstram ser contraditórias, embora não sejam excludentes, no decorrer da vida e da configuração do “ser profissional” (FONTANA, 2000).

Durante a construção dialógica, visualizamos junto com as educadoras que os sentidos e significados sobre a função da escola na sociedade atual integram pontos da constituição histórica do sistema escolar, com pontos da produção sócio-cultural da sociedade capitalista e seus “componentes maquínicos.”⁹

Fontana (2000) analisa a escola, enquanto instituição que ocupa um lugar específico na divisão social do trabalho, cabendo-lhe operar um modo de produção do conhecimento. Essa instituição atua perante a normalização do comportamento tanto do professor quanto do aluno.

Diante disso, as educadoras, em diálogo, subjetivam seu espaço de trabalho como cerceador da liberdade de atuação e criação do próprio ofício, seja pela imposição de posturas e cumprimento de normas na educação seja pela cultura do distanciamento um modo de proteger a escola dos “alunos perigosos”

⁹Expressão desenvolvida por Guattari (1986) e se refere à idéia de subjetividade, enquanto produção social e resultado dos modelos produzidos dentro do capitalismo, associando valores, idéias, identidades, a impessoalidade da produção em série, consumo em massa. Estes componentes maquínicos produzem o controle social, o que dificulta a singularização.

Compreender a subjetivação dessas vivências no âmbito da composição do cenário escolar foi possível a partir das falas sobre práticas educacionais, voltadas para a condição social de vida dos alunos de escolas de periferia ou de população pobre

PESQUISADORA	CLARICE	OLÍVIA	DORINHA
			<i>Ah, mas é complicado abrir as portas da escola para a comunidade usar! Eles estragam tudo!</i>
		<i>Eu penso que se abre para a família e para a comunidade, isto aproxima o aluno da escola!</i>	
	<i>E parece que nada pode na escola!</i>		
			<i>O governo fica preocupado com números e não se o aluno está aprendendo!</i>
<i>Quando existiam esses programas de festas para os alunos e suas famílias ou o Domingo na Escola para a comunidade era diferente?</i>			
		<i>Sim! Eles vinham com mais prazer</i>	

		<i>para as aulas!</i>	
	<i>De fato o bairro tem problemas, mas a escola não pode negar o acesso do aluno, se ele quiser vir à biblioteca fora do seu horário de aula!</i>		

Neste momento ficam claros os elementos de tensão e conflito, presentes na vida social, adentrando na escola e produzindo sentidos para a ação educacional nesse contexto.

Estão presentes também elementos de desqualificação social dos alunos, da comunidade escolar, pois são vistos como vândalos, sem limites, pouco capacitados para uma convivência harmoniosa e pacífica, sentido subjetivo já indicado em momentos anteriores nesta análise.

Entretanto, diante de algumas experiências de integração com a comunidade, percebemos que a aproximação melhorou a qualidade de vida dos alunos e professores, pois, segundo Olívia “eles vinham com mais prazer para as aulas!”.

Contudo, há a outra face da moeda, a cultura do medo que se agrega à subjetividade social das escolas brasileiras, principalmente públicas e situadas em regiões de pobreza.

A cultura do medo é gestada nas vivências cotidianas de violência, insegurança e desordem da vida urbana (MELLO, 1999).

A partir daí, entra-se em zonas de sentido produtoras do preconceito, caracterizando, principalmente, as populações de desempregados, “sem-teto”, moradores de rua ou de regiões de pobreza e miséria como “perigosa e indignas de confiança” (MELLO, 1999, p. 139).

PESQUISADORA	CLARICE	OLÍVIA	DORINHA
<p><i>Nesse contexto em que vocês falam do sistema educacional, vou colocar outra situação: Um aluno relata:</i></p> <p><i>“Depois que entrei pra gangue a escola não me aceitou mais, qualquer coisinha eu já era logo expulso...”</i></p>			
	<p><i>Este aluno, para entendermos precisaria saber a vida dele! É muito difícil dizer porque a escola não o aceitou. Como será que ele vivia com sua família?</i></p> <p><i>Eu tenho alunos que são de gangue, mas eles me tratam bem e gostam de mim. Acho que o professor tem que os olhar como sendo pessoas normais, porque se eu começar a tratá-los como de gangues, eles se tornarão meus inimigos, vão até na porta da minha casa me atormentar! E tem professor que tem medo do aluno!</i></p>		
			<p><i>Ele deve ter</i></p>

			<i>aprontado muito!</i>
<i>Qual a diferença entre o bom relacionamento que você estabelece com esses alunos e com aqueles professores que não estabelecem este bom relacionamento?</i>			
	<i>Penso que devo tratar o aluno da mesma maneira que eu gostaria que tratassem meus filhos. Eu não posso tratar mal um aluno! Eu os trato com educação... O aluno é uma pessoa, faz parte da minha vida!</i>		
		<i>O aluno valoriza o mínimo de atenção que a gente dá a ele. O pior de tudo que os meninos daqui vivem é o abandono. Não tem carinho de família, nem o que comer ou vestir... E, infelizmente, acontece que na escola não se aceita o menino que é de</i>	

		<p><i>ganguê. Tem muita bagunça sabe, eu acho que eles têm que vir ao menos um pouco para a escola para transformarem aquele pouco em algo de bom na vida deles! O aluno valoriza quando a gente chama a atenção na hora certa!</i></p>	
--	--	--	--

No contexto escolar, a situação social do desenvolvimento¹⁰ envolve os sujeitos na cultura do medo e na relação dialética inclusão/exclusão.

Assim, as formas de ação, de pensamentos e de estabelecimento de interlocução entre os sujeitos são permeadas pela emocionalidade produzida nessa situação social do desenvolvimento.

Pode-se dizer que “a dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o se sentir incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado” (SAWAIA, 1999, p. 9).

A dimensão do sofrimento integra-se ao contingente da constituição da subjetividade social da escola, seja nos aspectos atribuídos às vivências do abandono, conforme fala Olívia, seja nos aspectos das vivências compartilhadas entre educadores e alunos, segundo aponta Clarice.

¹⁰ Conceito desenvolvido por Vigotski em que as experiências do sujeito produzem sentidos e significados que caracterizam a realidade objetiva. A situação social do desenvolvimento traduz-se como o contexto que envolve o indivíduo e a criação de zonas de sentidos subjetivos. (CUPOLILLO, 2004).

É de suma importância considerar a constituição histórica e social das emoções que circulam na dimensão dos sofrimentos, enquanto qualidade dos processos de subjetivação dentro da escola.

De uma maneira geral, grande parte dos indicadores de sentido levantados nestas entrevistas está em confluência com os que foram apresentados por Clarice na Escola Gameleira. No entanto, vale ressaltar que há significativas diferenças de olhares. Produzindo, ao mesmo tempo, singularidades próprias à constituição da subjetividade social da Escola Ipê.

A partir da análise do contexto escolar, por meio das falas das Educadoras Clarice, Olívia e Dorinha, pode-se construir e interpretar indicadores da constituição da subjetividade social da escola em inter-relação com a constituição subjetiva do aluno participante de gangue:

- 1) A escola é subjetivada, com as funções de disciplinadora, repressora e controladora, diante do movimento de gangues.
- 2) Dentre as situações que levam o jovem aluno a ingressar na gangue estão: família desestruturada, ausência da figura paterna como autoridade educativa da família e exposição a condições de violência. Este sentido faz as educadoras constituírem a idéia de que o aluno com problemas na família será um aluno difícil na escola (nos aspectos da aprendizagem e do comportamento nas inter-relações).
- 3) Há a visão centrada no indivíduo, por vezes, compreendendo o papel do social enquanto coadjuvante na situação de desenvolvimento dos alunos e responsabilizando o indivíduo por suas condições de exclusão.
- 4) O papel do educador é subjetivado como uma tarefa difícil, ao mesmo tempo em que vivem a imposição institucional para seguir a ordem estabelecida versus as demandas contrárias à ordem, que aparecem durante o percurso do

trabalho docente. Não há espaço para se contrapor e gerar conflitos, pois ainda são necessários o controle, a adaptação e a submissão, ou seja, é negada a expressão do sujeito. Educar, em parte, é obedecer regras e passar os conteúdos programáticos.

5) Os significados e sentidos produzidos na visualização dos problemas sociais, violência, desemprego, drogadição, “desestruturação” da família etc. repassam por uma idéia de impossibilidade de “vida normal”. Idéia perpassada por padrões da cultura tradicional em nossa sociedade capitalista.

6) Especificamente, cada educadora produz sentidos individuais, que certamente intercomunicam-se com os sentidos subjetivados socialmente:

- Para **Clarice**, a gangue é resultado de desamparo da família. É uma forma de expressar a agressividade vivida na família e afirmação da identidade, por meio do poder e da força. Ainda considera que o uso de drogas não tem relação direta com a gangue.

- Para **Olívia**, a gangue se forma por causa da droga e que esta torna as pessoas agressivas.

- Para **Dorinha**, além das drogas, a gangue é resultado de problemas sociais e/ou características individuais de formação moral de valores “desviantes”.

Como **Clarice**, **Dorinha**, considera a estrutura familiar o principal fator para o jovem se inserir em um grupo desses, além da necessidade de proteção e vingança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A GANGUE COMO ESPAÇO DE SUBJETIVIDADES:

a complexa relação sujeito e sociedade

A realização desse trabalho, sem dúvida, enriqueceu nosso aprendizado frente à Psicologia e às questões sociais fundantes da sociedade contemporânea, bem como orientou uma melhor compreensão da intrínseca relação entre constituição psíquica humana e o meio social. Entretanto, longe de abarcar a totalidade do fenômeno estudado, nossa pesquisa desenvolveu-se na direção de conhecer o sujeito que participa ativamente do movimento de gangue e de refletir sobre a complexa relação desse sujeito com a sociedade.

A ciência é uma produção humana articulada na construção da história da humanidade com seus vários desdobramentos culturais. Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural dialogando com a Teoria da Subjetividade, a questão do desenvolvimento associa-se à visão de homem ao mesmo tempo singular, único, social e histórico. Esse posicionamento procura analisar as expressões individuais à luz dos espaços sociais e do contexto enquanto elementos constituidores da subjetividade, por exemplo, gênero, classe social, cultura etc.

Ao buscarmos compreender o desenvolvimento do homem nos diferentes espaços sociais de suas experiências, e de que maneira se configuram subjetivamente tais vivências dos processos formadores de fenômenos como as gangues juvenis; verificamos que cada um dos sujeitos participantes da pesquisa construiu sentidos e significados singulares. No entanto,

percebemos, também, que os indicadores construídos no percurso do trabalho descreveram a universalidade dos processos subjetivos configurados no contingente sócio-histórico numa relação direta com a cultura.

É muito importante atentarmos para a temática da formação e presença de gangues juvenis na sociedade atual. Esta forma de organização e expressão dos jovens deflagra um fenômeno de profundo significado na constituição do homem contemporâneo.

Os estudos sobre gangues caracterizam e descrevem diferentes agrupamentos, relacionam tipos de comportamentos, fatores de risco (uso de drogas, exposição à violência, uso abusivo de álcool, modelos de família e vínculos afetivos inadequados etc), vulnerabilidade social, expressão individual de comportamentos patológicos ou patologia social.

De um modo geral, a revisão da bibliografia demonstrou que as pesquisas sobre gangues levantam muitos indicadores para a sua compreensão, mas nenhuma delas aborda a inter-relação do social - individual.

Apontou, ainda, que poucos trabalhos percorrem o estudo do fenômeno a partir do espaço subjetivo gerado pela própria gangue enquanto situação social do desenvolvimento, ou seja, esse tipo de organização social torna-se a cada dia instância formadora dos indivíduos, desse modo, surge no constante movimento dialético que integra as relações sociais e a produção da cultura e da história.

O fenômeno das gangues descreve uma resposta social e simbólica à vida colocada diante dos indivíduos e organizações sociais. A sociedade capitalista criou nas grandes cidades a cultura do isolamento, da competição, da perversidade da inclusão social, em que grande parte das pessoas encontra-se à margem dos processos produtivos. A gangue se institui socialmente desde que outras instâncias sociais, como família, trabalho e escola deixam de atender às necessidades emergentes do sujeito.

As características do grupo de gangue são características da subjetividade social do momento, composta por diversas questões que constituem a produção das relações sociais. A subjetividade é produzida na contínua interação dos espaços sociais e individuais. Guattari (1992) analisa o modo de vida dos homens na sociedade capitalista a partir da atribuição de valores às atividades humanas, entendendo que a subjetividade é produzida na heterogeneidade das instâncias individuais, coletivas e institucionais.

A gangue torna-se espaço organizador da experiência do sujeito na geração de valores, como fontes de aprendizagens, formação e expressão de sentimentos e na constituição da personalidade. Assim construindo novas formas de ver o mundo

Atualmente, a sociedade delinea a expressividade dos homens por meio da relação de pertença a um grupo. A sociedade, de acordo com González Rey (2004, p.29) “atua mediante múltiplos mecanismos e relacionamentos que têm uma expressão formal em órgãos, sistemas de leis, mas têm uma representação informal, no sentido subjetivo que todo esse sistema possui para os diferentes sujeitos, grupos e classes sociais que integram a sociedade”.

Por meio do relacionamento com o outro, jovens e adolescentes delimitam espaço de afirmação do sujeito, ao transitar pelos espaços sociais, vivenciando processos de exclusão, quase sempre velados. Defronte à situação de exclusão e negação da condição de sujeito, as gangues, e outros tipos de agrupamentos de jovens, possibilitam a formação identitária, uma nova via de expressão, um modo de intensificar suas vivências pessoais, encontrar um núcleo gratificante para expressão da emocionalidade gerada em diversas instâncias da vida.

Em se tratando de estrutura social, vale ressaltar que os processos de exclusão são sutis e dialéticos, pois a sociedade exclui para incluir num movimento de afirmação das desigualdades. Diante desse quadro, as gangues se consolidam na dinâmica exclusão/inclusão, pois substituem funções de autoridades e criam alternativas a dificuldade de trabalho, formação escolar de qualidade, acesso a serviços públicos e lazer.

Nossa sociedade vive uma crise que denominaremos de crise das diferenças. Se nos parágrafos anteriores abordamos a questão da exclusão é porque a entendemos enquanto categoria fundamental na complexa relação sujeito e meio social. Transitamos por uma ordem cultural que expressa a incógnita da redefinição de papéis para a família, para a escola, o trabalho, modo de vida e saúde.

Se a vida social passa por uma crise, ampliando a exclusão social, no Brasil também vivemos a crise da “juvenilização” da violência, pois é crescente o número de jovens e adolescentes que se inserem em situações que implicam alguma ordem de violência.

O fenômeno da violência é multifacetado e suas causas agregam múltiplos fatores, tais como, individuais, grupais, culturais, sociais, econômicos e políticos. As gangues são organizações sociais de pessoas que, geralmente, vivenciaram uma situação de exclusão. A proximidade da violência e da exclusão social fica evidente ao percebermos, nesta pesquisa, que ser parte de uma gangue dá ao sujeito um senso de identidade, principalmente pela integração a um grupo, além da experiência de poder e força.

É na falta de alternativas melhores, ou, então, na falta de trânsito social por diferentes grupos, que crianças e jovens cada vez mais se afiliam ao espaço social da gangue, pois tanto a escola quanto a família não conseguem articular seus grupos, agregando as diferentes formas de expressão das subjetividades individuais e coletivas.

Como ponto integrante da análise da gangue enquanto espaço de constituição de subjetividades, destacamos o contexto escolar, pois nesse trabalho a escola é considerada espaço de formação para o aluno, o educador e a comunidade escolar. Dessa forma compreendemos que a participação ativa do jovem em seu processo educacional é muito importante. A escola torna-se acolhedora e assim possibilita a criação de espaço de expressão de motivações e necessidades dos jovens, construção de identidades positivas e não estigmatizar os jovens em determinadas realidades sociais.

No contexto escolar a situação educacional da escola necessita integrar-se com as reais demandas da comunidade em que se insere. Assim nutrir-se de uma visão mais abrangente do papel da escola e do educador posicionando-se criticamente sobre o próprio papel diante da realidade de exclusão social. A Psicologia diante deste quadro pode ajudar na compreensão e no reconhecimento da heterogeneidade dos jovens e como cada um compõe a própria história e ao mesmo tempo atua na composição da história do outro. A ciência psicológica necessita manter sempre o diálogo com a cultura, com as ideologias e representações sociais na dialética realidade objetiva/subjetiva, pois isto possibilita a construção de atuações profissionais preventivas em saúde pública e em educação.

A atuação preventiva e a reintegração de jovem ao processo educacional levam em conta um conjunto de fatores como a educação, a saúde, a cultura, lazer e trabalho.

Ao trabalhar com a realidade e com o fenômeno das gangues, a psicologia precisa atentar-se repensando nossa maneira de criar relações sociais e, mais, compreender o modo como reproduzimos a exclusão em diferentes níveis de consciência do alcance desta situação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (org.) (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Unesco. Banco Interamericano de desenvolvimento.

AGUIAR, W. M. J. (2002) A pesquisa em Psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. *In: BOCK, A. M. B; GONÇALVES M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 2 ed rev. São Paulo: Cortez.

AGUIAR, W.M; BOCK, A. M. B e OZELLA, S. (2002). A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. *In: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez.

ANTONI, C. D.; KOLLER, S.H. (2002). Violência doméstica e comunitária. *In: Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Coord. Maria de Lourdes Jeffery Contini; org. Sílvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

AQUINO, J. R. G. (1996). A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. *In: AQUINO, J. R. G. (org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

BOCK, A. M. B. (2002). A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. *In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs.) Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 2. ed. rev. Sao Paulo: Cortez.

CHIZZOTTI, A. (1995). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez.

CONTINI, M. de L. J. (2002). A adolescência e Psicologia: práticas e reflexões críticas. *In: Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Coord. Maria de Lourdes Jeffery Contini; org. Sílvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

CONOLEY, J. C.; GOLDSTEIN, A. P.(2004). The Known, Unknown, and future of violence reduction. *In: Goldstein, A. P. e Conoley, J. C. (2004) School violence intervention: a practical handbook*. New York: Guilford.

COSTA, J. F. (2004). *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond.

CUPOLILLO, M. V. Aprendizagem e desenvolvimento em crianças com necessidades especiais. *Jornal da APAE*. dez/2003.

CUPOLILLO, M. V.; CUNHA, A. L.; S.; FERNANDES, R. S. (2004). Creche e situação social do desenvolvimento. *Revista Estudos*. Especial. Goiânia, v. 31, p. 85-109.

CUPOLILLO, M.V.; NASCIMENTO, A. P. do; GALVAGNI, D.; BACCARIN, G.C.; CARRER, L. (2004). O processo de comunicação no cotidiano de atividades educacionais. *In*: CUPOLILLO, M.; COSTA, A. de O. B. *A psicologia em diálogo com a educação*. Goiana: Alternativa.

FALEIROS, V. P. (1998). A questão da violência. Disponível em: <www.faleiros.com.br> Acesso em: 12 jan. 2005.

FONTANA, R. C. Trabalho e subjetividade. Nos rituais da iniciação, a constituição do ser professora. *Cadernos Cedes*. Campinas, ano XX, n. 50, p. 103-119, abril/2000.

FURTADO, O. (2002) As dimensões subjetivas da realidade: uma discussão sobre a dicotomia entre subjetividade e a objetividade no campo social. *In*: FURTADO, O.; González Rey, F. L. *Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

_____. (2002). O psiquismo e a subjetividade social. *In*: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez.

GALANO, M. H. (1995). As emoções no interjogo grupal. *In*: Lane, S.T. M.; SAWAIA, B. (orgs). *Novas veredas da Psicologia social*. São Paulo: Brasiliense/Educ.

GONÇALVES, M. G. M. (2002). A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: o debate pós-moderno. *In*: BOCK, A. M. B; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (orgs). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez.

GONZÁLEZ REY, Fernando González (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. *In*: REY, Fernando González (org) *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira/Thomson

_____. (2002). *Sujeito e subjetividade: uma aproximação Histórico-Cultural*. São Paulo: Pioneira/Thomson.

_____. (2002). *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thomson/Pioneira.

_____. (2004). *O social na Psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito*. Petrópolis: Vozes.

_____. (2004). *Personalidade, saúde e modo de vida*. São Paulo: Pioneira/Thomson.

_____. (2003). *Subject, subjectivity and development in cultural Historical Psychologys*. Texto ministrado durante aulas do mestrado em Psicologia, p. 1-15.

GUARESCHI, P. A. (1996). Relações comunitárias – relações de dominação. *In: CAMPOS, R. H. F. (org.). Psicologia social e comunitária da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. B. (1986). *Mioropolítica: cartografias do desejo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.

GUATTARI, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: 34.

GUIMARÃES, A. M. (1996). Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. *In: AQUINO, J. R. G. (orgs). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

JANKOWSKI, M.S. As gangues e a estrutura da sociedade americana. Disponível em: <www.ufrj.br/bibliotecas> Acesso em: 6 mar. 2005.

LANE, S. T. M. (1995). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. *In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B, B. (orgs). Novas veredas da Psicologia social*. São Paulo: Brasiliense/Educ.

LANE, S. T. M.; CAMARGO. D. (1995). Contribuição de Vigotski para o estudo das emoções. *In: LANE, S. T. M.; SAWAIA, B, B. (orgs). Novas veredas da Psicologia social*. São Paulo: Brasiliense/Educ.

KODLUBOY, D. M.(2004). Gang – Oriented interventions. *In: GOLDSTEIN, A. P.; CONOLEY, J. C. School violence intervention: a practical handbook*. New York: Guilford .

MARTINS, R. H. O.; TELAROLLI, T. C. (2004). Experiências de violência: gangues e armas. *RBSE*. João Pessoa: GREM, v. 3, n. 7, p. 55-82.

MELLO, S. L. (1999). A violência urbana e a exclusão dos jovens. *In*: SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.

MORAES, T. D.; NASCIMENTO, M. L. Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas. *Psicologia estud.* v. 7, n. 1, p. 91-102, jan-jun. 2002.

MORIN, E. (1996). A noção de sujeito. *In*: Schnitman, D F. (org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

MORRISON, A. R.; BIEHL, M. L. (2000). *A família ameaçada - violência doméstica nas Américas*. Banco Interamericano de Desenvolvimento/Fundação Getúlio Vargas.

NOTO, A. R.; SILVA, E. A. da. (2002). Dependência química, adolescência e família. *In*: *Adolescência e Psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas*. Coord. Maria de Lourdes Jeffery Contini; org. Sílvia Helena Koller. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

OLIVEIRA, M. K. (1995). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione.

PALANGANA, I. C. (2001). *Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social*. São Paulo: Summus.

PECHANSKY, F.; SZOBOT, C. M; SCIVOLETTO, S. Uso de álcool entre adolescentes: conceitos, características epidemiológicas e fatores etiopatogênicos. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. v. 26 (supl.1), SI 17, maio/2004.

PAUGAM, S. (1999). O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. *In*: SAWAIA, B. (org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.

PEGORARO, Juan S. Notes on youth bearing juvenile violence within post – industrial societies. *Sociólogos* n. 8, p. 276-317, jul/dez. 2002.

PETRAGLIA, I. C. (1995). *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. Petrópolis: Vozes.

PORTILLO, N. Estúdios sobre pandillas juveniles em El Salvador y Centroamerica: uma revision de su dimension participativa. *Apuntes-de-Psicologia*. n. 3, v. 21, p. 475-493, Dec/2003.

REGO, T. C. R. (1996). A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vigotsriana. In: AQUINO, J. R. G. (orgs). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

SARTI, C. A. (2000). Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez.

SAWAIA, B.(1999). Identidade: uma ideologia separatista? In: *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes

SCHNITMAN, D. F. (1996). Introdução: ciência, cultura e subjetividade. In: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

SOUSA, S. M. G. (2004). Perfil, cotidiano e subjetividade da criança goianiense. *Revista Estudos*. Especial. Goiânia, v. 31, p. 45-65.

STENGEL, M. Desafios à paternidade: pais de adolescentes que têm a guarda de seus filhos. *Revista Estudos*. Especial. Goiânia, v. 31, p. 129-155.

SZYMANSKI, H. (2000). Teorias e “Teorias” de famílias. In: CARVALHO, M. C. B. *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez.

VÉRAS, M. P. B. (1999). SAWAIA, B. (org). Exclusão social, um problema de 500 anos. In: *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes.

VIGOTSKI, LEV SEMENOVICH. (1998). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1993). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

_____. The concrete human psychology – um manuscrito inédito de Vigotski. (trad. Enid Abreu Dobranszky) *Psikhologiya*. Moscou, n. 1, 1986.

_____. (1996). O significado histórico da crise da Psicologia: uma investigação metodológica. *In: VIGOTSKI L. S. Teoria e método em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

VITALE, M. A. F. (2000). Socialização e família: uma análise intergeracional. *In: CARVALHO, M. C. B. A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/Cortez.

WAISELFISZ, J. J. (1998). *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. Unesco/Cortez.

WILCZYNSKI, J.D. (2004). *Na evaluation of a high school alternative to suspension program for students with gang-related disciplinary violations*. Dissertation – Abstract (PsycINFO database record).

ANEXOS

ENTREVISTAS TRANSCRITAS

A primeira e a segunda entrevistas aconteceram na biblioteca da escola, após a pesquisadora explicar os objetivos do trabalho. Levi pediu para não gravar enquanto falava.

PRIMEIRA ENTREVISTA (15/4/2004)

LEVI

P – Como aconteceu este contato com a gangue?

L – Uma vez eu vinha para a escola (*à noite*) e eles me pegaram e me bateram demais. Eram seis. Eles me bateram e a hora que eles quiseram foram embora. Eu tinha uns 15 anos.

P – O que foi que ficou para você depois disso?

L – Eu senti vontade de matar todo mundo. Não sei porque implicaram comigo, quando eu mudei para lá... no bairro. Minha mãe e eu mudamos de cidade.

P – Explique melhor como tudo aconteceu.

L – Eles me pegaram de muito, na emboscada, acertaram socos, chutes.

P – O que pode levar uma pessoa a fazer isto?

L – Eles querem pegar fama, ser o valentão e sai e brigam. Eles ficam respeitados. Os outros (*IS*) ficam sabendo que são bons de briga, ficam respeitados por outras gangues. Aí, ninguém mexe com eles.

P – Você disse que teve até que mudar de cidade por ser perseguido. Agora voltou. Como está agora?

L – Eles tiveram que mudar de cidade também porque eles apanharam muito de um grupo de dança de rua que me defendia. Eram uns dez que pegaram os seis que sempre me bateram nas quatro vezes.

P – Seis?

L – Estes seis sempre eram os mesmos e faziam parte de uma gangue. Mas um deles chegou a perder dois dedos, pois brigava demais e apanhou.

P – Como são as pessoas na gangue?

L – Tem pessoas de todas as idades na gangue, mas acho que é uma fase.

P – Existe um líder?

L – Sim.

P – Como é ele?

L – O líder é o mais brigão. Ele começa a brigar, brigar, aí, fica respeitado e vira líder.

P – Como a gangue se forma?

L – Entra pra gangue quando se envolve com amizades e começa a formar um grupo. (IS)

P – Nas gangues que você conheceu, como as mulheres estão?

L – (*Antes de responder ri e fala: - Parece que você fala como se eu fosse da gangue! Eu não sou!*) Explico que estou conversando sobre sua experiência, não faço indicações ou julgamentos. Então, continua: No grupo da gangue, mulher briga com mulher, homens vão só para ver se vai entrar homem.

P – De que maneira a escola se relaciona com a gangue?

L – A escola dá mais facilidade para montar a gangue, porque ela junta os grupinhos. (IS)

P – Como você pensa a formação de uma gangue?

L – O grupo se forma para brigar. Isto é diversão, comentar no outro dia! (IS)

P – Como as pessoas entram para a gangue?

L – Se uma mulher quer entrar para a gangue, ela tem que ficar com o líder. O homem tem que brigar com um outro mano a mano, se ele apanhar, não serve. (IS)

P – O que você sabe sobre a forma de a gangue se organizar?

L – Eles têm a preocupação em ter armas, as mais fracas, como 22, porque não conseguem as mais fortes. Tem facas, soco inglês, correntes. As armas ficam na casa do líder. As drogas são para usar e vender e juntam para comprar as armas.

OBS: A entrevista foi encerrada, pois demonstrou cansaço e comentou querer sair para comer. O próprio cansaço.

SEGUNDA ENTREVISTA (18/5/2004)

P – O primeiro contato com a gangue foi quando um grupo “implicou” com você. Fale sobre a experiência de entrar neste contato:

L – Me incomoda falar. Não gosto de lembrar, pois dá uma revolta! (*Lembrar tudo o que passou*)

P – Quando o grupo de dança de rua lhe defendeu, não lhe deu um alívio?

L – Não, tinha de ser eu mesmo a ter descontentado. Se fosse para as brigas eu ia ser marcado.

P – Como o grupo te defendia? Ou te protegia?

L – Eu andava com eles...

P – É por estar junto?

L – Sim. (*Faz com a cabeça*) (*Fala várias vezes que não gosta de lembrar*)

P – Quando você sabe de alguma briga de gangue, como se sente?

L – A gangue deles? (*Da 3ª*) Se eles pegam os outros, eu fico contra eles.

P – Em qualquer situação em que a gangue da 3ª estiver, você é contra eles?

L – Sim

P – Qual grupo você simpatiza?

L – Todos, menos os da 3ª.

P – O que sente que a experiência trouxe para a sua vida?

L – Muitas coisas (*Silêncio, faz expressão de incômodo*) Ah! vou falar, já participei de grupo e já fui líder.

P – Então, fale-me da sua experiência?

L – Eram 16 pessoas entre 16 e 20 anos. Se conheceram no bairro. Nós isolávamos a rua; nosso grupo não descia e o deles não subia. Quem dava ordem era eu, ninguém podia pegar alguém sem ordem minha.

P – Como você se tornou líder?

L – Quando a gente tava ali junto, era bom. Eu me sentia poderoso, mandando.

P – Que atividade você comandava?

L – Muita coisa. Pula essa parte... Um líder de gangue, tudo que ele faz os outros têm que fazer...

P – Como o que?

L – Se eu fumasse (*maconha, cigarro, craque*), cheirava tiner, cola, os outros tinham que fazer. Se não fizesse, era expulso.

P – Como conseguiam a droga?

L – Vaquinha – reunia

P – O que uniu o grupo? (*Ele entendeu o que te mantém unido*)

L – O futebol, morar na mesma rua. (*Ele fala dele, o porquê dele estar na gangue*) (*entra com o afeto dele*), sentido subjetivo

P – O que a liderança trouxe à sua vida?

L – Eu não parava em casa, vivia em boates e festas.

P – Como saiu?

L – Eu não quis mais, eu saí aos poucos. Tinha os dias de se encontrar e eu não ia.

P – O que mudou para você sair do grupo?

L – Minha mãe foi me dando conselho, vivia chorando, “tadinha” !

P – Quais conselhos?

L – Para parar com isso e não dava futuro.

P – Fale o que quer para o futuro.

L – É a pessoa querer alguma coisa e lutar por ela. Estou lutando para mim mesmo... Eu quero ter minha vida, ser independente, ter minha casa.

TERCEIRA ENTREVISTA (1/6/2004)

A terceira entrevista aconteceu no pátio da escola, por sugestão de Levi, que alegou ser mais tranquilo, pois estava vazio naquele horário e os bancos disponíveis.

P – Fale-me de sua mãe, como era com você? Como foi e é a relação de vocês.

L – Minha mãe é legal, gente boa. Minha mãe sempre bateu mais em nós do que meu pai. É nervosa demais! Minha mãe trabalha, quase não pára em casa. Ela briga demais com meu pai. Ele trancava ela de fora de casa e ela foi desgostando...Depois que separou do meu pai, virou a cabeça, começou a beber, arrumou um namorado, aí...

P – Fale-me do seu pai.

L – Meu pai sempre foi esquisito. Ele é crente. Ele tem hora pra dormir, ele deitou aí todo mundo tem que ir, não gosta de conversa, nem de luz acesa. Em casa, as coisas eram todas separadas, ela (*a mãe*) tinha o fogão dela e meu pai o dele, a geladeira também.

P- Como era a familiar quando você era criança?

L – Era divertida e legal pois a família de minha mãe ia para nossa casa e fazia festa. A gente estava sempre juntos e reunidos. Era ruim as brigas de meus pais, minha mãe nervosa demais, nunca baixou a voz para meu pai e virava uma “brigaiada”, um fala, o outro fala, até que eles “grudavam”.

P – Quais os motivos das brigas?

L – Meu pai chegava bêbado em casa. Muitas vezes ela foi buscá-lo em barzinhos e ele não gostava. Neste tempo (*eu tinha oito anos*) meu pai era carinhoso, dava mais atenção.

P – Você fala que seu pai mudou com a família? Como foi?

L – Eu devia ter uns dez anos e nós mudamos para São Paulo. Foi quando meu pai começou a mudar. Deixou de beber e entrou para a igreja crente. Quando a gente mudou para cá (*Araguari*) ele começou ficar agressivo comigo e com minha irmã. Ele dava cada tapa no rosto dela que ela chegava a cair. Em mim ele não batia mais. A minha irmã saía e chegava só no outro dia; fumava droga. Eu não pensava nada dessa situação. Eu também não gostava muito da minha irmã, a gente discutia muito e brigava até de faca e de tirar sangue um do outro.

P – Como você acha que dá para relacionar o jeito do seu pai com a gangue?

L – Ele não gosta de ninguém. Ele é esquisito. Um dia jogou no chão a bicicleta de um amigo meu, só porque ela encostou no carro dele. Eu achei ruim e saí de casa.

RETRATO DE FAMÍLIA

M – Centro

D – Lado direito superior

P – Lado esquerdo superior

S – Sobrinho do lado esquerdo inferior

C – Cunhado do lado direito inferior

Esqueceu da irmã – não a incluiu no quadro familiar

Pedi Levi que montasse um retrato de família, organizando o lugar de cada membro no quadro e depois comentasse de cada um:

“A mãe está no comando, é nosso braço direito!”

“Meu pai é mais afastado de nós.”

“Eu sempre estou do lado de minha mãe!”

“Os outros, cada um para um canto”

“Gosto do meu cunhado e também do sobrinho!”

P – A sua irmã não está nesse quadro?

L – “É, esqueci dela. Não gosto muito dela!”

QUARTA ENTREVISTA (17/6/2004)

A quarta entrevista também transcorreu no pátio da escola.

P – Na entrevista sobre sua família, você fala sobre seu pai não gostar de ninguém, ser esquisito. Como é ou seria um pai ideal para você? Fale-me mais sobre seu pai ser esquisito.

L – Gostaria de ter um pai que conversasse mais comigo e que a gente pudesse se abrir com ele. Ele é fechado demais, ele não demonstrava gostar de mim. Eu acho que ele não gosta de mim.

P – Cite uma lembrança boa de alguém de sua família, alguém em quem você pense e se sinta bem. Por quê? Explique melhor sua escolha.

L – Minha mãe. Ela conversa comigo, me dá conselho. Hoje a gente se dá bem. Eu deixei de morar com ela quando ela arranhou outro marido.

P – Fale sobre sua vida escolar:

L – Eu era bagunceiro demais na escola... não prestava atenção nas aulas, ficava conversando. Eu não gostava de estudar não, eu vinha por causa que minha mãe pedia, eu vinha por vir. Teve uma professora que marcou eu não gostava dela, dava aula de ciências. Ela me maltratava, dava mais atenção aos outros alunos. Eu também era bagunceiro demais... Eu tomei raiva dela. Ela me ignorava, quando eu a chamava para me explicar alguma coisa e ela não vinha. Todos tiravam nota boa, menos eu.

P – Como a escola o aceitava no momento em que estava na gangue?

L – Eles não sabiam... Senão, não me aceitariam na escola.

P – O que a escola é na vida de um rapaz de gangue?

L – Isso aí a gente aprende com o tempo. Eu me arrependi de perder tempo na minha vida. É que eu não levei o estudo a sério e hoje eu já poderia estar formado, ser alguma coisa na vida.

P – Faça uma relação. (“*Experiência com a gangue e a sua vida escolar:*”)

L – Mudou tudo no jeito de ver a escola, quando eu estava na gangue. Eu fiquei agressivo na escola, com todo mundo, professores, diretor, alunos. Eu brigava dentro da escola. Eu queria estudar, mas não queria, ao mesmo tempo. Eu vinha para a escola para passar o tempo. Eu não estudava, ficava fora da sala.

P – O que a gangue é para a escola? Como ela vê a gangue?

L – Sei lá... Eles não entendem. Eles vêm como vagabundos, maconheiros... A escola precisa entender que precisa de atenção, conversar e não maltratar. Chamar cada um e conversar, explicar. Ter uma pessoa para dar conselhos e que se possa abrir, falar da vida, contar dos problemas.

P – O que você diria para uma pessoa que entra para a gangue? E para os que estão entrando?

L – Pra não entrar. Não é bom!

P – Fale-me de sua vida atual na escola.

L – Eu quero terminar a 8º logo. Acho que a escola precisa melhorar muita coisa, o jeito que está ensinando, a gente não entende direito.

P – Fale-me de seu trabalho.

L – Trabalho com fabricação de botinas, estou gostando... não preciso ficar no sol como era no outro emprego.

P – Fale-me de sua vida na família.

L – Está bem.

QUINTA ENTREVISTA (27/8/04)

A quinta entrevista foi rápida, pois Levi afirmou que estava sem paciência para falar. Aconteceu na biblioteca da escola.

P – Você falou que as pessoas estão na gangue por ser uma fase da vida. O que tem nessa fase que leva a pessoa a participar do grupo?

L – Amizades fica unido. Convive junto e um protege o outro. Pense em curtir a vida, nesta fase é querer só farra e diversão. É isto que leva ao grupo. É uma fase de crescimento, da idade. Tem pensamentos de festejar bebendo, fumando e batendo.

P – A escola facilita a gangue, porque junta os grupinhos?

L – No recreio as pessoas conversam e fazem amizades. Quem entra na gangue gosta de estar no meio da bagunça, fumar.

P – Fale-me do pai que parece não gostar de ninguém, ser esquisito e bruto. Como relaciona isso com a gangue?

L – Desde quinze anos acho que meu pai não gosta de mim. Ele me batia era de soco em qualquer parte do corpo. Sentia raiva só na hora, a gente não guardava raiva do pai.

P – A atitude da professora que ignora o aluno facilita a gangue?

L – Às vezes, o aluno é certinho e o professor ignora, aí ele procura amizades e ter alguém para conversar, se abrir... Mas conforme o tipo de amizade a pessoa se envolve com a gangue. Porque tem amizade boa ou ruim. Se a amizade é ruim ele vai para a gangue.

P – Você fala que mudou seu jeito de ver a escola, quando estava na gangue. Conte mais sobre isso.

L – Quando eu estava na gangue, eu virava a noite na rua, não trabalhava e ficava na rua conversando com os amigos do grupo. Tinha boas conversas sobre o que acontecia no dia-a-dia. Era conversa normal de qualquer amigo... Eu nem queria saber de escola!

P – Como a escola pode dar atenção ao aluno de gangue?

L – Tratar com mais educação, não gritar. Tem que ser mais liberal com os horários, ter aulas diferentes, ter esporte (*futebol*), não prender o aluno só na sala de aula.

P – Como a escola maltrata?

L – Gritando, ignorando, expulsando. Dá atenção e ensina só para os outros alunos. Senti isto, depois que entrei para a gangue fui ignorado e vivia levando advertência e expulsão; antes era elogiado pelas professoras, era um bom aluno.

ENTREVISTAS GRAVADAS EM FITA CASSETE

PRIMEIRA ENTREVISTA (8/5/2004)

TALISSON

Aconteceu na escola durante intervalo entre aulas.

P – Fale-me de sua experiência com a gangue. Como se aproximou, que idade tinha...

T – Eu participei de dois grupos. Tudo começou porque meu pai e minha mãe brigavam muito e aquilo me doía. Doía ver aquilo e não poder fazer nada. Sabe, eu ficava isolado num canto... chegava em casa era briga, ia pra escola e o tempo foi passando... Com o decorrer do tempo, fui estudar à noite e comecei a trabalhar com meu pai na fábrica de botinas. Eu tinha nove anos... Foi na escola à noite que tive contato com o pessoal e achei que era uma boa e foi onde comecei a caminhar pro lado errado. Meus pais não preocupavam comigo, ficava um pra cada lado... Eu chegava da rua e eles não perguntavam nada... Eu parti pra rua, isolei minha casa. Aí, na turma da escola, eles disseram: “É seu pai tem cola, pega uma pra gente cheirar!” No começo eu dizia: “Não, não faço isso não!” Só que faltava o afeto dentro de casa. Porque toda criança quando estuda e trabalha quer estar em casa e ter o carinho dos pais...

P – De que maneira faltava esse carinho?

T – De todas! Eu tinha de tudo, roupa, brinquedo, comida, casa, só que só isso não enche, a pessoa vai se isolando. Aí, você se pergunta: Não é possível esperar um abraço?... Aí você chega à escola, a mãe do fulano fala: “Tchau meu filho, eu te amo”! Você vê aquilo e. (olhos enchem de lágrimas) Eu não tinha prazer em ficar em casa, faltava algo...

P – Você se lembra qual sentimento acontecia nessa situação?

T – Eu pensava que não tinha aquilo e que lá em casa é diferente. Foi onde eu comecei a envolver com a gangue. Porque além de mim, tinham outros que sentiam as mesmas coisas. A gente se revolta, desconta a revolta do amor que não tem em casa nas pessoas.

P – Você procurou se aproximar de pessoas com sentimentos parecidos aos seus?

T – É, de não ter carinho em casa, do pai e da mãe. A gente se reúne se abre uns com os outros. No começo é um tipo de reunião para falar dos problemas, depois já começa a “matar” aula e ir para a praça. Depois a turma sai e começa com brincadeiras de desligar padrão, riscar carros, furar pneus e quebrar vidraças. E na gangue há um vínculo onde um socorre o outro.

P – O que era isso para vocês?

T – Era um meio de desabafar na rua, igual quando seu pai fala uma coisa e você não pode falar nada ou não tem autoridade... É como dar um tapa na parede quando se está com raiva. É uma maneira de quebrar o estresse.

P – De onde vinham as idéias do que fazer?

T – Do grupo inteiro...

P – Como era a sensação de fazer isto?

T – Era divertido comentar quantos carros a gente arranhou. Parece que aquilo que faltou durante o dia a gente encontrava ali à noite. Quando chegava em casa o pai não estava nem aí e a mãe também, nem perguntavam nada.

P – Você esperava que seus pais lhe perguntassem onde estava?

T – Sim, porque se eles me perguntassem e falassem sobre o que eu fazia fora de casa, ficassem em cima, eu acho que não estaria fazendo aquilo. Mas minha mãe, quando vivia com meu pai, não demonstrava muito que gostava de mim, e como eu era muito novo eu pensava que ela não gostava mesmo! Bom, começou com essas brincadeiras. Aí, a turma ia para a porta só forró e foi juntando mais gente que começamos a brigar.

P – Como as brigas aconteciam?

T – A gente ia para a porta de um bar, o primeiro que passar a olhar para a gente pergunta, o que tá olhando e se responder... Ah! É ele mesmo. A gente batia na pessoa que não tem nada a ver, podia ser até pai de família ou até um “à toa”.

P – Vocês batem em pessoas de qualquer idade?

T – Não, se for mais de idade, não batia. No máximo era entre 15 e 30 anos e em homens.

P – Como era decidido no grupo em quem bater?

T – Isso era dividido, depende do dia. Tem dia que saem de 20 pessoas, outros de 15... Por exemplo, eu estava na minha casa e meu dia não foi bom. Aí, passa uma pessoa me olhando, eu já estou estressado, aí quero pegar o cara, mas tem outro do grupo que está mais calmo e diz: “Não mexe com isso, o cara é velho, deixa pra lá!”. Então, o próprio grupo controla a pessoa, porque pra bater não tem muita escolha. É igual quando você está dentro da boate e você está envolvido com mulher e chega um cara que você quer bater. É só falar pra menina: “Vai lá e fica com ele!” Às vezes ela é até namorada sua mesmo, ela vai, fica com o cara e a gente chega e fala: “O que você está fazendo com a minha namorada?” Aí, ele apanha até sem saber por que apanhou. Então, na gangue, você mesmo cria uma maneira de estar brigando. A gente apanhava muito também! Porque briga assim em grupo, em gangue você bate e apanha. Porque hoje sai a turma inteirinha, mas vai acontecer um dia de sair sozinho ou só três e aí você apanhava. Eu cansei de apanhar num sábado e no outro sair para bater. Para estar na gangue você tem que ter coragem, tem que ser uma pessoa que não se importa se o fulano quer te pegar porque é isso mesmo!

P – Que idade você tinha quando participou da gangue?

T – Fiz parte de onze a 16 anos mais ou menos.

P – Fale-me melhor do que é ter coragem para estar no grupo da gangue.

T – É uma maneira de... Sabe aquilo que eu falei, você vê seu pai e sua mãe dentro da sua casa e quer ajudar e não tem como... Você resolve assim, em casa eu aceito ser mandado, mas na rua ninguém me manda! Então na rua você cresce a coragem. Quantas vezes já fui ameaçado, eu falava “Eu só respeito o meu pai!”

P – Você sabia que poderia se machucar?

T – Sabia. Eu pensava que hoje estou pro que der e vier. É só isso. Ter coragem é enfrentar a ameaça. É como encarar um grupo, você quer crescer mais ainda!

P – Como é fazer parte da gangue?

T – Ninguém é mais que você! Você bate e se enche, as pessoas te idolatram! Aí, você fica o “rei das mulheres” e fica conhecido como “bom de briga”! Às vezes a pessoa entra porque no grupo ele perde o medo. Por exemplo, se eu quero uma menina e chego perto dela e diz que prefere o fulano que sabe nadar, pois ele já está com ela. Pode reparar que os outros vão pular dentro d água mesmo tendo medo. É o que acontece na gangue. É igual uma seita, numa seita todo mundo tem que fazer um sacrifício, você tem que abandonar alguma coisa, dar alguma coisa. Iguais a mim, moram aqui no Novo Horizonte e se eu for lá pro Miranda eu vou passar por algo tipo uma aula, como um teste de sobrevivência. Vou ter que brigar com um, com outro, depois mais outro. Vou ter que mostrar para eles que eu sou capaz... Um dia eu tomo a iniciativa de pegar um cara e bater. É uma coisa que pra quem vê, pensa que é tudo combinado e não é, porque vai crescendo dentro de você. Vai acontecendo...

P – Você percebe que não é planejada a atitude de bater?

T – Nada é planejado. Aí, tem um momento que a gangue já começa a envolver bebida e ninguém segura. Se a pessoa estiver na gangue e usar a bebida aí não tem muito limite pra bater, não tem dó de ninguém. Quanto mais a pessoa está sangrando mais prazer você sente, mais você bate. É uma coisa que a bebida estimula...

P – Como é ser “bom de briga”?

T – É o cara que não corre da briga. Este é mais considerado no grupo do que um que é melhor para brigar. Ele pode apanhar, mas vai em cima para mostrar que não tem medo. Geralmente a gangue segura mais este tipo de pessoa. Já teve vezes de uns apanharem, não dar conta de brigar, igual quando eu treinava capoeira, tinha uns que não davam conta de aprender. A questão de ser bom ou não para brigar não conta muito.

P – Fale-me de seu treino de capoeira, era o grupo inteiro?

T – Eu ia para a capoeira para ter resistência e agilidade. O treinamento não era para a briga e sim para defesa, porque para brigar não há muita igualdade. E se você solta um golpe e a pessoa te agarra? A maioria das brigas os caras grudam e não tem muito espaço. Em briga de rua, não tem muitos golpes planejados nos treinamentos... É bom ter resistência para agüentar paulada, bicudo, soco e agilidade para fugir de faca. Uma vez levei uma pedrada na cabeça e tive que correr do centro da cidade até o (bairro) Santa Helena. Cheguei quase morto, mas você tem que correr. A lei é essa, senão eles te matam! Ninguém é obrigado a entrar na gangue, mas você precisa ter consciência que se entrou... (aumenta o tom de voz). Está ali pra viver ou morrer! Você está arriscado a qualquer coisa.

P – Como você e seu grupo pensavam esta questão de estar ali para viver ou morrer?

T – A maioria do grupo tinha esta consciência, os caras falavam: “Nossa, a gente tem que sair dessa vida!” Só que quando você tenta sair, você busca e parece que vem algo pra te... (suspira) empurrar cada vez mais para aquilo. Com o tempo começou a morrer cara da nossa turma... (silêncio). Aquilo ali, nossa, gerava uma revolta imensa!

P – Como eles morreram?

T – Durante algumas brigas. Só que essa revolta fez a turma crescer e a gente dizia que ia vingar. Aí, ficou naquela a gente pegava eles e depois eles descontavam e foi assim. Um dia teve uma briga e foram 25 dos nossos presos, então conversamos e combinamos de parar e foi cada um para um lado. Eu parei e fiquei uns dois meses sossegado, ajudando a tirar os outros da cadeia.

P – O que você fazia?

T – Ia atrás de advogado. Eles saíram... A gente conversou de novo que esse negócio de turma não dá certo, não compensa, mas nesse tempo eles mataram outro da nossa turma. Eles o machucaram muito e a gente se revoltou e decidi acabar com esse problema, mas a polícia conversou com a gente e disse “vocês já estão quietos não façam mais essas coisas!” Começamos a pensar que se matássemos um deles logo ia ser um de nós, foi onde o grupo, em grande parte, se desfez. Uns se casaram e eu desinvoquei da gangue e fui para outros lados. Porque além da bebida eu fui conhecer a droga.

P – Depois que o grupo se desfez é que você começou a usar drogas?

T – Sim. Eu conhecia muitos usuários que já tinham participado da gangue. Primeiro experimentei maconha e não gostei, não fez minha cabeça. Ah! Quando experimentei cocaína achei o que queria! Você fica acelerado, sabe? Eu sou uma pessoa que sempre gostei de balada, eu acho que eu guardei, até os nove anos, as brigas e discussões (entre meus pais) em casa, também das coisas que eu podia ter feito e não fiz dentro da minha família... (silêncio). É que eu sou uma pessoa que fico guardando e mais pra frente eu vou soltar isto...

P – Como você relaciona a droga e a gangue?

T – A droga não se envolve na gangue, quem usa droga quer ficar só ou com quem também usa. A pessoa não quer brigar.

P – Você falou que fez parte de dois grupos, como eles eram?

T – O primeiro foi de turminha da escola e foi aquilo que lhe falei das brincadeiras de arranhar carro e furar pneu. O segundo grupo eu conheci na boate quando comecei a freqüentar estes lugares. Eu tinha 14 anos e chegou a ser um grupo de até 60 pessoas.

P – Como você falaria das pessoas que são de gangue?

T – Não é nada demais, o pessoal da gangue durante o dia são pessoas normais elas trabalham e estudam. Eles se revelam à noite, pois todos se reúnem e só há briga à noite.

P – Atualmente, você faz parte de algum grupo?

T – Não, embora tenha muito cara que me provoca, mas sei que se eu revidar começa tudo de novo. Então fico quieto. Por exemplo, não posso ir para os lados do bairro Goiás... Tem muitos lá que ainda querem me pegar.

P – Como se sente falando disto?

T – Eu me arrependi por ter machucado muita pessoa inocente.

Momento “informal” e imprevisto (13/11/2004)

Após várias entrevistas desmarcadas por Talisson eu o encontrei caminhando perto do seu bairro. Dirigi-me a ele e começamos a conversar. Após os cumprimentos, ele foi logo dizendo:

T – Nossa, eu tô em falta com você! Mas minha vida tá uma loucura... (respira fundo) só de pensar dá vontade de chorar.

P – O que está acontecendo?

T – Eu estava trabalhando muito aqui na plantação de café, pros lados de Santa Luzia (povoado há 45 km de distância de Araguari) Agora saí e sabe... Ontem fiquei sabendo que meu irmão mais novo teve um ataque e foi na casa do meu pai e quebrou tudo lá. Agora, pensa o cara fazer um negócio desses! A mulher dele está grávida e o filho nasce mês que vem! Amanhã eu vou lá ajudar meu pai e depois vou resolver do meu seguro desemprego... Meu pai está superabalado...

P – E agora, como está em sua casa?

T – Estou bravo com minha mãe porque meu irmão foi preso e ela foi lá e tirou ele da cadeia. Acho que ele precisava de uma lição e tinha que ficar preso! Acho que ele tá usando droga.

(Nesse momento Talisson olha para os lados e me convida a sair dali).

T – Vamos sair daqui e andar mais porque não é bom você ser vista comigo. Eu não quero te comprometer.

P - Como assim?

T – Ah, eu tenho ajudado muito uns amigos e... Ah, a polícia tem andado muito por aqui e tem me parado muito.

P – É está difícil para você...

T – É sim! Quando eu falo com você, contando aquelas histórias, eu acabo comprometendo muitos caras. O meu nome posso falar, mas os outros... Isso envolve a vida de muita gente!

P – Você sabe que as identidades serão resguardadas!

T – Eu sei, mas quando envolve a vida de outras pessoas é difícil! Sabe, eu penso no que aconteceu... Poucos dias depois que você gravou aquela entrevista, os traficantes mataram um amigo meu. Tá difícil, viu! O cara estava lá e agora não está mais.

P – A morte de seu amigo fez você mudar?

T – Não é que eu não queira mais falar é que não estou com cabeça pra isto. Eu até parei com a escola... Mas eu vou retomar porque tenho meu sonho de ser Psicólogo, igual você, e eu vou conseguir!

P – Agora que você não está mais trabalhando, o que vai fazer?

T – Talvez eu vá embora procurar trabalho em outra cidade. Preciso ir, os caras estão me esperando, tenho compromisso... Mas eu vou lá te ajudar a terminar o trabalho! Meu sonho é ajudar os caras. Eu falo pra eles que dinheiro não é tudo. Sabe, eu já tive carro, moto e roupa bonita, hoje eu não tenho mais, e isto não é o mais importante. Porque isto não traz felicidade. Eu falo isso, porque eles às vezes ficam revoltados e com raiva dos “riquinhos”. Eu acho que a gente precisa ficar bem e não depender só de dinheiro. É... Um dia ainda vou conseguir publicar um livro de minha vida.

SEGUNDA ENTREVISTA DE TALISSON (15/2/2005)

De acordo com a sugestão de Talisson, a entrevista ocorreu na escola, durante intervalo entre atividades de estudo.

P – Após muito tempo sem nos falarmos, vou deixar você falar um pouco sobre o que quiser.

T – Foi mais ou menos assim... Tem muita coisa que está acontecendo... Eu gostei da idéia de lhe mostrar o livro que estou escrevendo da minha história de vida!

P – Tudo bem, você pode separar algumas partes para que eu veja.

T – É, não está muito organizado... Não tem muitos detalhes...

P – Não tem problema!

T – Sabe, eu estava assim... tipo quando um cara vai ao confessionário, às vezes ele nunca fala aquilo por completo por medo de prejudicar alguém.

P – É, eu me lembro que você falou estar com medo de comprometer outras pessoas.

T – Isso aí me deixou grilado e fiquei um tempo sem querer falar, porque envolve outros.

P – O que aconteceu que você saiu da escola?

T – Foi o serviço, estava trabalhando direto. Arrependi, viu! Eu estava trabalhando na lavoura, no trator e vou optar pela escola porque ainda quero conquistar o que eu já te falei. E agora voltei a minha antiga profissão de sapateiro... Quer dizer, (risos) também do meu pai... (silêncio). Eh pai complicado! Eu falo pai, mas também é o filho complicado.

P – Quem é complicado', o pai ou o filho?

T – O pai! (risos) Ele não quer me entender e eu também não fico atrás...

P – O que aconteceu?

T – Você lembra do que eu falei que meu irmão fez, que quebrou a casa de meu pai tudo? Aí, no outro dia eu passei lá à noite. Mas eu acho que ele ficou com uma cisma e como eu sempre fui o mais rebelde da família ele

pensou que eu ia fazer igual meu irmão... Ah, nós discutimos, meu outro irmão, que é filho só do meu pai, veio e pediu pra gente parar. Eu fui embora. (silêncio) Esses dias atrás, não vou negar, caí nas drogas de novo! Já tem uns seis meses!

P – Você estava usando o quê?

T – Pedra (craque) e pinga!

P – Como você ficou?

T – Ah, eu não queria saber de nada, nem da minha mãe... Ela falava... Eu não queria saber de ninguém! Por isso eu não ia pras entrevistas com você. Saí da escola e do serviço também...

P – E como aconteceu essa volta pra droga?

T – Foi uma possibilidade de me acalmar, porque igual eu já falei, às vezes, o próprio julgamento da família a pessoa leva ela a fazer isto.

P – A sua família julga você?

T – Assim, verbalmente não! São formas de ficarem em volta.

P – Como?

T – Ficavam jogando na cara... Não confiavam em mim. Por exemplo, se você um dia quer ficar em casa é porque você aprontou alguma coisa, eles não acreditam que é porque você quer ficar quieto em casa! Ou, então, eu digo que vou estudar e começo a vir para a escola, aí você está saindo para aprontar alguma coisa. Você nunca tem aquele... Quando eu vi, estava caindo no mesmo buraco! Parei! Aí, minha mãe veio e falou que eu estava diferente e eu disse que ia dar seguimento à minha vida, eu quero só eu mesmo agora. A minha cunhada veio falar que eu não tenho jeito mais não, como se diz... A minha mãe é que fala isso de mim, mas pra quem já foi custoso é difícil dizer que regenerou. Até mesmo o meu patrão atual falou que a hora que me viu não dava nada por mim, mas que depois mostrei que não sou o que aparento ser. É, não se escolhe um livro pela capa.

P – Você acha que a sua mãe faz assim?

T – Não é bem isto, minha cunhada também disse que minha mãe me elogiou, mas o problema é que ela me elogia longe de mim e quando chega a casa vira a cara! Ela precisa me dizer pessoalmente e isso vai indo e você vai juntando problema com pai, com mãe, com irmão... Porque mesmo que você ignore seus parentes, tudo o que acontece com eles você sente. Quando fui procurar meu pai, foi para conversar, dar uma arejada, explicar o que meu irmão fez e chega lá e briga, fica uma mágoa que parece que vai explodir.

P – A sua mãe fez o que, nesse episódio do seu irmão quebrar a casa de seu pai?

T – Ela ficou com um pouco de receio e com medo, mas eu nunca fiz isto. Só uma vez que eu levantei a mão pra ela, mas não cheguei a fazer nada.

P – O que aconteceu entre seu irmão e seu pai?

T – Eles não conversam mais, né? Aconteceu... É a mesma coisa que é comigo, não tinham aquele amor e aquele carinho. E ele também já envolveu com drogas, com roubo esses “trem”. Nesse dia, ele estava trabalhando na pizzaria e começou a beber junto com a gente. E ele então falou: “Meu pai nunca deu nada pra nós, nunca deu amor, nunca deu carinho e o outro filho dele com a outra mulher têm de tudo”! Naquilo ali, meu irmão se revoltou e fez o que fez. Só que tem um detalhe, meu irmão diz que não se lembra de nada. Lá de casa ele é o mais ressentido porque se falar no nome de meu pai já fica bravo. E eu digo que meu pai o aconselhava quando ele aprontava e ele diz que o pai não fazia mais do que a sua obrigação.

P – E seu pai com você?

T – Depois que eu parei com as drogas a gente estava até bem. Só que depois da briga eu não ligo mais pra ele. Ele até mandou recado pra eu ligar pra ele, mas até hoje eu não liguei... Meu pai tem aquele sistema de... Porque

não é fácil o seu filho ir lá e quebrar a casa inteirinha. Ele ficou traumatizado! Mas eu fiquei magoado dele ter gritado comigo e neste ponto sou ignorante, pois quando uma pessoa me maltrata não vou mais atrás.

P – Aquele dia em que nos encontramos você falou que a polícia estava na sua cola, estava lhe parando.

T – Isso mesmo! Eu voltei pras drogas, tem brigas... Até mesmo sábado eles me pararam, falando que eu sou chefe de gangue e eu falei pra eles: “Rapaz, tem uns oitos anos que quase não saio do bairro e não vou às festas lá do centro da cidade!” Aí eles disseram que eu era sim e eu disse que não sou! Sabe o que é; os meninos aqui do bairro têm richa com os meninos do Santa Helena. E eu já te falei que eu já tive gangue aqui, no Amorin, no Santa Helena. E por eu morar aqui eles, acham que eu estou com esses meninos aí.

P – E nessas vezes, você foi chefe das gangues?

T – Mais ou menos... Não... (risos) É já fui! Então até hoje eles acham que eu sou líder da gangue. Fui duas vezes.

P – A polícia tem lhe parado por causa disso?

T – Também. O que acontece é que fiquei muito junto com os caras nas bocas de craque. Aqui no bairro deve ter sete ou oito bocas. Quando você está andando na rua, sai da escola e vai pra casa, a polícia te pára revista seu material, te põe com as mãos pra cima... Quer saber de onde você veio, fala que vai pegar fulano de tal e fala o nome do traficante, então eles perseguem mesmo!

P – Aqui em seu bairro, há muitos pontos de venda do craque?

T – Toda hora que você quer tem a droga! Vamos supor, hoje é mais fácil que comprar uma balinha.

P – Quanto custa uma pedra de craque?

T – Depende, mais ou menos dez reais pra frente. Só que até com três reais consegue. Sabe por quê? É que se a pessoa fuma aqueles três ou quatro reais, depois ela fuma dez e depois ela quer voltar pra fumar 20. Eu mesmo, quando eu consumo o craque... Tinha noite que era 150 reais que eu deixava na boca. Eu chegava nove horas e as onze já tinha gastado 150 reais.

P – Aquele dia que encontramos você disse que tinha compromisso...

T – Não! Aquele dia eu ia pro bingo mesmo!

P – Eu me lembro que você disse que não seria bom conversarmos ali na rua e que poderia gerar problema. O que o preocupa?

T – Porque os caras ficam me vigiando. E houve um tempo que eu vendia e qualquer movimento diferente ou alguém diferente conversando comigo acham que estou vendendo. Então, acontece que tenho muitos amigos de outras cidades e eles vêm passear na minha casa e depois me param pra perguntar quanto eles vieram buscar!

P – É a polícia que te pára?

T – Não, são os caras das bocas! A polícia não joga na cara direto, apenas diz que está de olho em você, fica esperto! Eles falam te vi tal dia em tal lugar! Isso aí não é ruim! Isso aí é assim: eu sou uma pessoa que nunca tive medo de polícia, mas hoje em dia que pretendo e vou conseguir meus objetivos eu já fico cismado. Porque eu penso, se for ali e comprar o negócio e a polícia me parar e já tem uns que não gostam de mim e colocam mais 50 gramas. Cinquenta gramas são quatro anos de cadeia! Então, eu tenho receio, já estive na cadeia sei que não presta. A tal da droga, eu estava conversando com um colega que também era usuário e parou e está com uns quatro meses que parei.

P – Tem quatro meses que você não usa?

T – É, em média, assim... Eu até evito ficar aqui no bairro aos finais de semana. Eu vou pra casa de uns amigos em outro bairro (lá na 3ª), ou eu fico em casa mesmo. Porque é difícil estar ali assim. Aqui na vila, toda hora tem

um te oferecendo ou te chamando, você entendeu? Isso é difícil pra quem é usuário e quer parar... Pra mim, a pior droga é a pinga! A pessoa fica sem fumar a pedra até um tempo, mas se beber um dose de pinga, aquilo parece que... É uma coisa muito estranha... Como eu vou dizer... A pedra é tipo um casamento, depois que entra fica difícil de sair. Você pensa assim, não é possível. Igual casamento que não dá certo, só te leva pra baixo! O negócio é que se fuma dez reais vai... Se tiver 100, 300 ou 1000 tudo fica na boca. Já aconteceu comigo de entrar na boca cinco horas da tarde e sair às sete da manhã no outro dia! Iih! Quantas vezes fiz isso! Eu pensava, meu Deus, isso não é vida! Enquanto você esta usando, é a melhor coisa que tem, não vou negar, a cabeça da pessoa fica... tipo assim, você pensa muitas coisas que você gosta. Mas quando a gente sai, nossa! Você sai excomungando você mesmo, é uma coisa que não tem como falar é do diabo mesmo! Porque a pessoa ali na hora acha bom mesmo, mas depois...

P – Assim está sua vida...

T – Sabe, já fui crente e fiquei na igreja três anos. Lá dentro era assim: “não vou excluir seu estilo, nem suas amizades e nada não! Mas enquanto não estiver preparado, ou seja, limpo, não pode conviver no meio daquelas pessoas que estão sujas ainda.” Porque aquilo ali pode te sujar! A pedra é a mesma coisa, se você fala que vai parar, não pode ficar perto de maneira alguma. Pra você ver, eu fiquei três anos sem usar droga nenhuma...

P – Eu me lembro de que você falou que estava acontecendo uma série de problemas e que estava trabalhando demais, com a cabeça muito preocupada e que acabou voltando para o uso da pinga e da droga.

T – Isso aí a gente usa... Realmente problemas estavam acontecendo, mas a maioria das vezes a gente fala isto pra não dizer que foi fraco, entendeu? Vamos supor que você já usou drogas, aí você tem um problema na sua casa, por mais simples que seja, mas ali na sua mente tem um gravadorzinho dizendo para ir lá que logo você fica tranquilo. Era em casa e no serviço eu não estava satisfeito com o canalha que estava lá me tratando mal e aquilo ali foi acumulando. Também terminou meu namoro...

P – Como terminou esse namoro?

T – O pai dela chegou a mim um dia e falou que nós dois não podíamos ficar juntos e eu perguntei por que e ele falou que eu não valia nada e que não ia com o meu estilo, assim de ser cabeludo, ter tatuagem, usar camiseta de banda de rock. E eu falei para ele que gostava dela, que eu trabalhava e parei de estudar pra trabalhar... E ele disse que esta era uma desculpa minha. Sabe, ninguém acredita... Igual a professora acabou de falar em sala que não adianta entrar na sala com livro e não estudar é igual o rap que diz: “Eu não preciso me esconder atrás da Bíblia!” Porque quando eu procurei a igreja, isto me ajudou a sair das drogas, mas eu não queria abandonar aquela vida que eu tinha aqui de fora, eu ainda bebia e ficava junto dos meus amigos que usam drogas. Eu não estava usando, mas convivía. Aquilo ali era a coisa mais errada porque eu dava conselho pra eles, mas junto com eles bebendo. Eles diziam que tanto faz usar quanto beber e que eu estava sujo do mesmo jeito. Muitos caras me falam: “Sai fora, isso não presta!” E têm outros que falam: “Larga de ser bobo!” Esta cidade de Araguari não tem nada, mas a vida não é só aqui. Eles dizem que vão morrer aqui, mas eu não quero isso pra mim! Olha, eu já usei todo tipo de droga, todos... Mas a pedra... Ta certo, Deus fez o pó porque ele vem de uma planta e do pó faz a pedra. O pó é tipo um analgésico, porque até sobre isso eu já estudei! A pedra não, a química dela é tanta que ela fica viciando e com a pinga!

P – Você disse que está parando com as drogas. E voltar pra escola tem a ver com essa decisão?

T – Eu estava até pensando em desistir de novo, mas os professores aqui são muito legais e eu fico com vontade de estar aqui na presença deles. Minha relação aqui está 100% e eles me tratam superbem. Um colega meu falou que apostava que eu era o mais custoso da sala, mas eu sou o mais quieto.

P – Até quando você estudou?

T – Até uns nove ou dez anos. Quando eu entrei na gangue, aí eu já não voltei mais pra escola. Era assim, quando eu entrei gostava muito daquilo, nossa! Eu podia ir à melhor festa, mas se não brigasse não prestava. Igual esse negócio de gangue. Tem gente que acha que tem droga no meio, mas não tem. Quem sabe brigar não usa droga, só a pinga. Eu mesmo, se tivesse com raiva de alguém era só virar uma dose de pinga. Parece que eu virava outro, aí não tinha nada que me segurava, nem polícia, nem gangue.

P – E como você virou líder?

T – Ah, era porque eu não tinha medo de nada, você entendeu? Eu ia preso e saía da cadeia, aquilo ali pros caras eu era no meio da galera aquele que não tinha medo de apanhar, eu era grande. Lá no meio da galera tem umas brincadeiras de brigar, porque quando não brigamos na rua lá no meio é tipo academia de um bater no outro aí o que for mais forte sempre é o que vai comandando e os outros vão pegando respeito.

P – Como você era líder?

T – Geralmente o grupo não se organiza pra sair, tem sempre o ponto de encontro. Ai vem todo dia, se algum amigo apanhou na escola a gente vai lá buscar este amigo e depois bate em quem bateu nele. Mas pra sair uma briga, igual fiquei sabendo que saiu uma, lá no centro e num bar lá da 3ª, porque o cara que comanda a turma ele não aparece no meio da briga, ele fica mais disfarçado e os outros olhando esperando algum sinal. Eles respeitam se você diz que é ou não pra brigar. Sabe, até hoje aqui na vila aonde vou os meninos novos de seis, dez anos querem andar comigo é porque sou famoso na cidade.

P – O que falam de você?

T – Alguns falam bem, outros já falam que eu sou perigoso. E eu penso, perigoso? Não entendo!

P – O que é ser perigoso?

T – Pra mim, por exemplo... Tá certo, antigamente eu era perigoso, o cara me olhava e eu já queria mostrar que quem mandava era eu! Quem comanda é respeitado até pelos caras da outra gangue; eles passam por você e vão pegar os outros, ninguém mexe com você!

P – Quem comanda dá a palavra decisiva na hora da briga?

T – Por exemplo, esses dias atrás um cara de outro bairro queria bater em um colega meu e por acaso eu estava passando na hora. Quando eu vi pensei em ficar quieto e não entrar na briga dos outros e passei direto. Foi quando um conhecido me chamou e falou que eles iam matar o moleque só por causa de uma sinuca. Aí eu só entrei no meio e falei pra eles jogarem as pedras fora e tomarem o rumo do lado deles porque senão o negócio ia virar pro meu lado! E eles largaram as pedras e foram embora, então eu tenho certa autoridade que as pessoas te respeitam.

P – O que significa virar pro seu lado?

T – É que aí eu volto a ser o que eu era, aquele da gangue. Nossa, eu invadia os outros bairros pra pegar os caras eu aprontei tudo!

P – Aprontou tudo?

T – Volta lá atrás, o cara nem precisava bater na gente, bastava falar que queria me pegar que eu já reunia a turma e ia atrás dele e a gente ia lá e resolvia. Mas hoje em dia não tem gangue igual era uns tempos atrás.

P – Será que não estão surgindo outros grupos?

T – É, está sim! Inclusive esta que não deixei matar o moleque é uma das que estão surgindo.

P – O que há de diferente nas gangues que estão surgindo e nas que você participava?

T – É porque as gangues de hoje em dia não usam a mão igual antigamente, era só briga. Era assim: vou pegar vocês dois, apanhou e, então, tchau. Ficava com umas dores, mas nada que não recuperasse. Hoje em dia os meninos na gangue querem é matar! Naquele dia o cara estava caído, com a testa rachada e eles em cima. Se eu não entro, eles matavam o cara! Eu sei que isto aí faz parte da gente e eles estavam todos tontos, então eles não tinham noção do que estavam fazendo. Aquilo pra eles é diferente do que era pra mim antigamente. Porque a gente só dava soco, murro... e ia embora. Mas hoje em dia não! Eles querem matar por qualquer briguinha.

P – Você entende que isto acontece por quê?

T – Eu acho que a educação que as mães dão, porque precisa saber tudo o que acontece em casa e tudo o que o filho faz fora de casa. Depois mexe com droga e com gangue e a culpa é do povo da rua! Não é bem assim não! Eu vejo menino de dez anos que a mãe larga solto.

P – Na primeira entrevista, você falou que sentia falta de seu pai e sua mãe cobrar onde você estava e o que estava fazendo.

T – É isso que estou te falando. Eu comecei novo desde os nove anos eu era... Faltou a parte do meu pai e da minha mãe. Mas na época meu pai me batia, mas essa juventude hoje quer matar! Não é só culpa da mãe, mas da polícia também. Porque estes dias mataram um rapaz lá no Santa Helena e um aqui na vila. Aí, o cara que matou ficou preso e depois saiu. A gente começa a pensar que o cara matou e está solto! Eles vão pondo na cabeça que nada e ninguém os segura! Posso matar que vou pra cadeia, mas logo estou fora! A culpa é de um monte de coisa: é da polícia, do governo, do presidente, das mães, das drogas, dos amigos! Mas o maior erro pode estar na lei, na mãe... Se a mãe fala “Filho, o que você estava fazendo, onde estava?” Aí, o filho pode se abrir e vai se acostumando com aquilo e vai chegar num ponto que, quando precisar, logo procura a mãe! Quando tiver a primeira namorada, vai ter vontade de levá-la pra conhecer a mãe dele. Mas se a mãe não está nem aí pro que o filho faz, ele não leva a namorada dele pra não passar vergonha.

P – Você disse que já ficou preso. A cadeia fez você pensar diferente de antes?

T – Olha, eu ia preso e logo estava solto. Mas, a partir do momento em que fui levado na frente do juiz no fórum e meu pai falou que era a última vez que estava me tirando, aí, eu comecei a ficar com medo e qualquer lugar que eu ia já criava um medo de ir pra cadeia. Foi onde busquei sair dessa. Porque não é fácil mudar a cabeça de um cara! É difícil fazer o cara mais velho mudar seu jeito, mas um mais novo... Um menino custoso, com diálogo você muda ele! Porque tem muitos meninos na vila que converso e vejo que eles têm o caminho das drogas, das gangues ou se fecha no mundo mais certinho que parece de bobo, de “nerd”... São palavras daqui.

P – Então, tem um momento decisivo na vida dos meninos daqui da vila?

T – Tem um momento na vida, ali por volta dos 13 e 14 anos, que vem aquela vontade de namorar. Aí você repara que aquele cara mais brigão que faz isso e aquilo está catando a menina mais bonita. Enquanto o mais certinho que estuda não arruma ninguém! Entendeu? Aquela pessoa que faz tudo certinho demais parece que não tem valor! Aí, é onde se parte para a bandidagem. Mas, se a mãe dá conselho, ele pode ser uma pessoa descontraída e uma pessoa limpa, entendeu? Eu já vi muito... Eu converso com os meninos por causa do meu passado, eu falo o seguinte: “Você não precisa ter dinheiro, precisa ser alegre e descontraído”. O cara hoje está pegando as meninas, mas daqui a cinco anos você vê um e vê outro. O estudioso está melhor que o que tinha as meninas. É o que aconteceu comigo na vida.

P – O que aconteceu com você na vida?

T – Nada! Eu tô aqui na sua frente e não conquistei nada.

P – Nada?

T – Não conquistei nada... O que conquistei e que não me arrependo ao mesmo tempo me arrependo... Eu não tenho bens materiais, conquistei e joguei fora. Eu conquistei a cabeça que eu tenho pra viver o mundo de hoje. Pra ver... Eu fico indignado de ver aqueles meninos novos na rua e que estão acostumados com aquilo ali pra eles era o que importava. E por que estavam naquela vida? Porque nunca tiveram acompanhamento maternal e paternal.

P – E seu pai e sua mãe o acompanharam?

T – O que falo de minha mãe... Meu pai me julgava quando eu era mais novo, me julgava muito.

P – Como assim?

T – Teve um dia que ele estava em casa e começou a falar que não sei quem disse que eu estava mexendo com droga. E eu discuti com ele. Depois fui pro canto chorar e minha mãe veio e conversou comigo para eu não ligar pra meu pai e o que ele falou. Aí, aquilo ali já começou a me pesar, entendeu? Aí eu pensava... Igual eu te falei, eu não fazia nada. Eu ia pra escola, mal estava na sala, ele estava lá na porta pra conferir, só que era escondido! Ele não tinha a iniciativa de dizer: “Vamos filho, vou te levar pra aula!” Porque toda criança quer isto! Que é poder chegar à escola com o pai e com a mãe. É muito ruim uma criança de sete ou oito anos chegar sozinho na escola e todo mundo com o pai. Pô, aquilo ali você fica olhando! Ou, eu nunca fui de chegar na minha mãe e dar um abraço nela! Nunca! Por quê? Ela nunca chegou e me deu um abraço, ela não me ensinou ser assim. Sabe, foi agora no ano novo que dei um abraço nela. Nunca abracei no dia das mães, nem das mulheres...

P – E como foi esse abraço?

T – Parecia que tinha uma parede... Pra te falar a real. Olhei pra minha irmã e pra outra e resolvi levantar e abraçar. Só que do mesmo jeito que saí, ela saiu... Ela falou que pedia a Deus pra eu mudar meu jeito de pensar e de agir e eu disse que já estava mudando. Porque a única coisa que ela sabe falar pra mim é isto. Até ontem, ela falou isto.

P - Mudar seu jeito, como?

T – Cortar o cabelo, tirar o brinco, parar de sair... Casar... Nossa, Deus me livre! (risos) Aí, ela fica e eu digo que sou feliz do jeito que sou. Ela fala pra eu parar de beber e eu digo que já parei...

P – Você fala como se quisesse desfazer esta fama de líder de gangue ou de usuário de drogas, mas não consegue.

T – Eu acho que pela minha aparência...

P – O que em sua aparência?

T – Meu estilo de cabelo grande, brinco... Isto que eu sou... Colar, camiseta... Eu não consigo me imaginar de cabelo cortadinho e sem os brincos. Eu já usei camisa social e sapato, mas aquilo estava me apertando... Não dá! Não é o meu estilo!

P – Você acha que no seu mundo, nas suas relações, não lhe foi permitido ser você mesmo?

T – Já pensei muito nisto. Sei lá... Lá aonde virei, se eu tivesse tentado sair daquilo ali, ao menos um pouco, eu teria sido outro. E eu penso que se eu tivesse seguido outro caminho poderia ter sido uma pessoa... Sei lá, vai saber como? (silêncio)

P – Você parou de estudar com que idade?

T – Onze anos, fiz até a 4ª série. Eu já estava na gangue, depois nas drogas. Sabe, você nem se vê sentado em um banco de escola. Voltei o ano passado. Eu pensava que era melhor estar lá fora do que aqui escutando uma mulher falar lorota lá na frente.

P – O que é melhor lá fora?

T – A liberdade que se tinha. Porque não tinha polícia, nem mãe, nem pai, nem diretor, não tinha oposição hora nenhuma. Você faz um mundinho em que o dono daquele mundo é você mesmo. Aquele mundo ali é seu! Você fica tranquilo... Só que chega uma hora em que a gente não agüenta e pensa: “ Isso não é pra mim não !” Eu estava em tempo de ficar louco!

P – Por quê?

T – No começo são dez, 20, depois 30 pessoas, e vai indo e quando eu chego ali todo mundo fala: “ Olha lá o Talisson !” Acontece que em tudo quanto é lugar as pessoas te conhecem. O duro não é ser conhecido e sim ser apontado como aquele que não quer nada ou não esquentar com nada. Não é deste jeito que quero ser conhecido. Ah, eu tô lutando pra ter valor, tentando mudar !

P – Como você quer ser conhecido?

T – Como uma pessoa que os outros dêem valor.

P – No grupo de gangue, você não tinha valor?

T – Naquele momento era o que eu mais queria. Aquilo pra mim era a melhor coisa que existia, mas agora não é o valor que quero. As pessoas riem e perguntam até que dia vou ficar na escola. Até aqui na vila, quando eu passo na rua, as pessoas olham meu visual e acham que sou só isto.

P – Você fala de um desejo de ser visto diferente do modo como é agora. Lá na gangue você era respeitado e isto lhe fazia bem. Entretanto, isto mudou !

T – Fazia bem até certo ponto. Você se torna tudo pra fazer qualquer coisa e aquilo ali enche, não dá! Tinha até umas meninas que iam lá em casa só por causa do meu nome e até hoje acontece assim. Não quero mais ser visto pelo meu visual. É como ver um cara bêbado, caído ali na esquina, e as pessoas dizem que ele podia estar trabalhando e não bebendo, podia estar limpinho, casado e com uma família. Mas ninguém sabe o que vai na cabeça dele e por que está daquele jeito. Será que a vontade dele não é justamente ter tudo isto? Aposto que quando ele levanta quer isto também, mas as portas são muito fechadas! Você trabalha no cabo da enxada e ganha nada!

PRIMEIRA ENTREVISTA COM A MÃE DE TALISSON - D. JULIANA (24/1/05)

Após contato telefônico, marcou a entrevista no nosso consultório. Ao entrar na sala, já foi logo dizendo:

- Sabe, o Talisson tem muita imaginação. Ele fica falando que nós já internamos ele e nós nunca fizemos isto.

P – A senhora tem quantos filhos?

J – Tenho seis e o Talisson é o terceiro. Só ele e o caçula moram comigo, os outros são casados.

P – São quantos homens e quantas mulheres?

J – Quatro homens e duas mulheres.

P – Então, fale-me um pouco da sua relação com Talisson.

J – Ah, ele é assim por causa da separação minha e do pai. Foi quando ele tinha uns nove anos. Ele começou a beber, muitas vezes peguei ele caído na porta de casa... Foi assim, pelejando... Aí ele começou a cheirar cola, agora o irmão dele acha que está mexendo com droga pesada, esse tal de craque.... A gente se dá bem, converso com ele e discuto às vezes quando ele faz umas coisas erradas.... Igual esses dias em que ele arrumou um serviço bom, mas precisava cortar o cabelo. Eu falei pra ele cortar o cabelo, que não podia perder esta oportunidade. Ele não me responde mal, só fica calado. Agora ele está trabalhando de sapateiro que é a profissão dele desde os nove anos. Aprendeu com o pai. Ele voltou a estudar e esses dias a professora o elogiou, que na sala ele é o “cabeça”, que é inteligente e explica para os colegas... Eu fiquei feliz...

P – A senhora contou para ele esse elogio, e o quanto ficou feliz?

J – Eu falei e ele saiu pra lá rindo...

P – O Talisson é o seu terceiro filho?

J – É sim, tem uma irmã e um irmão mais velhos que ele.

P – Conte um pouco da família e de como viveram.

J – O meu marido, a gente discutia muito e os meninos viam. Ele chegava em casa e se eu perguntava onde estava ele respondia que não me interessava.... Às vezes eu falava pra ele que estava faltando as coisas, não tem arroz, não tem leite, mesmo assim ele saía e só voltava depois de três dias e sem as coisas. E se eu reclamasse ele me agredia. Quando isto acontecia, os meninos corriam e escondiam. O Talisson mesmo era um que escondia debaixo da cama.

P – Tinha muitas brigas em casa?

J – Tinha! Aí, quando eu descobri que ele tinha várias mulheres na rua, falei com meus meninos que não dava mais pra viver aquela vida, eu disse: “vou largar do seu pai porque ele tem outra companheira e ele não vai ficar com todos ao mesmo tempo”... Eu lembro que os outros meninos não falaram nada, só o Talisson. Ele disse: Se a senhora está sofrendo.... nenhum cachorro passa o que nós passamos.... é melhor a senhora largar o pai.

P – Que idade o Talisson tinha quando isto aconteceu?

J – Ah, nove anos. Depois que nós separamos ele foi morar com a outra mulher e teve um dia que ele pediu pro Talisson levar um colchão pra ele dormir com a mulher porque ainda não tinha arrumado casa direito. O Talisson ficou muito chateado! Ele só me contou depois. Ele usou o filho dele.

P – O que fazia seu marido ficar tanto tempo fora de casa?

J – Ele não tinha problema com bebida, só com jogo e mulherada.

P – Vocês moravam em que bairro quando eram casados?

J – No centro. Foi depois da separação que me mudei pra cima.

P – O que foi mudando depois da separação?

J – Foi aí que o Talisson começou a mexer com bebida, droga..... Minha filha mais velha também, mas depois ela parou. Meus outros meninos também experimentaram..... Só o Talisson que não parou!

P – Você diz que a separação fez com que seus filhos experimentassem drogas e bebidas?

J – É, mais ou menos.... O Talisson acho que tem ciúme do pai com o outro filho dele com a outra mulher. Ele diz que o pai dá tudo pro outro e nada pra ele. Esses dias.... Acho meus meninos tudo revoltado com isto! Meu outro filho foi lá e quebrou a casa do pai dele, foi preso e eu fui lá na delegacia e tirei ele.

P – Por que ele foi na casa do pai e quebrou as coisas dele?

J – Foi revolta! Ele pediu dez reais pro pai dele inteirar pra comprar um gás, a mulher dele estava grávida, aí o pai dele não deu. Mas no dia de natal ele bebeu tudo o que tinha direito. A gente até acha que tinha alguma coisa na bebida, porque ele fez coisas que não tem cabimento! Ele pulou muro, virou armário pesado, quebrou televisão, computador, tudo o que se pode pensar!

P – Como a senhora vê esta revolta de seus filhos com o pai?

J – É porque o pai os renegava, não dava apoio. Desde os oito anos o Talisson não convive com o pai dentro de casa. Ele diz que o pai só considera o outro como filho, porque, muitas vezes, eu precisei de dar as coisas pros meninos, até mesmo remédio e o pai deles não me dava. Já pro outro, faz tudo! Os meus meninos pedia as coisas e ele dizia que não ia dar que era malandragem. Eles queriam sair com os amigos pra jogar bola o pai não deixava e dizia que eles iam enturmar e mexer com droga e roubar... Ele falava isto pros meninos e ficou guardado isto na cabeça deles. O Talisson diz que pra ele o pai não deixou fazer nada direito, não estudou, não teve uma bola, um videogame e o outro tem!

P - Como é viver tudo isto?

J – É muito difícil. Teve uma época que o Talisson estava tão viciado que ele me enfrentava com faca, com cadeira.... Eu não demonstrava medo e mandava ele largar... Agora, o pai dele quer interná-lo, eu fiquei sabendo esses dias.

P – Como é o seu contato com seu ex-marido?

J – Quando precisa a gente conversa. Agora eu não estou conversando mais, porque, depois que o mais novo quebrou a casa dele, ele disse pra mim que os filhos dele morreram. Meus filhos nem sabem, não posso nem contar pra eles, senão a revolta vai ser pior!

P – Por que ele quer internar o Talisson?

J – Porque ele está bebendo de novo e nós achamos que está usando droga também. Porque o Talisson foi lá na casa do pai e brigou com ele... O pai disse pra ele não aparecer mais naquele estado. Ele acha que o Talisson está ficando fraco da cabeça. Uma vez o Talisson começou a participar de um grupo de tratamento, mas ele depois abandonou...

P – Como você conversou com o Talisson sobre esta experiência dele com as drogas?

J – Olha, pra eu conversar com ele... Ele já vem com dez pedras, não aceita!

P – O que ele lhe fala?

J – Ah, fica agressivo, fala que é dono da vida dele e sabe o que está falando... Ele não aceita a gente falar que ele está errado. Eu digo que isto vai acabar com a vida dele. Ele tem muita vontade de ter um filho e eu digo que enquanto estiver na bebida não vai poder ter filho porque isso vai diminuir a sua capacidade e moça nenhuma vai querer namorá-lo. Ele tem que parar!

P – Como você percebe que ele esta bebendo, o que acontece?

J – Ele chega tonto em casa e esses dias atrás ele pediu ao vizinho pra dar um dos remédios controlados pra ele. Também me contaram lá no bairro que tinha visto ele no bar e na boca perto da escola. Olha, mas nunca ele pegou nada dentro de casa pra comprar droga! Ele trabalha e paga com dinheiro dele! O salário dele vai tudo!

P- O Talisson ajuda nas despesas de casa?

J – Ultimamente não! Mas antes ele ajudava, a gente dividia, eu pagava um tanto, ele outro tanto e meu outro menino também. O Talisson é responsável, é trabalhador; é inteligente, mas é nesse negocio de droga que atrapalha ele! O meu medo é que quando ele era criança ele deu meningite e ele pode ter ficado com a mente fraca.

P – Quando aconteceu essa meningite?

J – Ele estava com um ano, começou de uma febre e foi internado aqui no pronto-socorro. Depois ele piorou e mandaram ele pro hospital de medicina em Uberlândia. Ai, fez o tratamento, tomou gardenal até os três anos e depois foi tirando aos poucos. Ele dava desmaio, mas hoje não tem problema nenhum.

P – E hoje, como é a vida dele?

J - Ele sai com amigos, vai pra casa de alguns às vezes, não tem namorada, está trabalhando... Ele morou com uma menina uns dois anos, mais se separaram por causa da bebida. Ele bebia e batia nela, ele dizia que não, mas ela contou e eu mesmo vi. Eu sei que gosta dela até hoje e já tentou voltar, mas ela não quer porque sofreu muito.

P – Como é a relação do Talisson com a bebida e como isto foi acontecendo na vida de vocês?

J – Ele trabalhava com uns rapazes na roça e lá todos bebiam... Quando eu percebi que ele estava bebendo já era tarde estava viciado. Eu saía cedo pra trabalhar e só voltava à noite por que eu tinha que pagar aluguel, pôr as coisa dentro de casa pra comer. Os meninos estudavam numa escola perto de casa, mas os meninos matavam aula e a diretora começou a buscá-los em casa pra eles irem à escola. Enquanto eu morava lá no centro, as pessoas me ajudavam, mas depois que eu mudei aqui pra cima ficou só eu, e os meninos ficaram cada vez mais...eu não tinha tempo de dar atenção pra eles, eu tinha de trabalhar!

P - O que você fez quando percebeu que seus filhos estavam sem estudar e usando drogas?

J – Tentei levar ao médico e ao psicólogo, só que eu não quis internar. Eu acho que internar pode ser por que lá alguém leva escondido. Lá ele vai se sentir desamparado da família, vai achar que ninguém gosta dele. Tem que conversar e dar carinho. O Talisson acha que a gente não gosta dele e fala que não tem pai e nem mãe.

P – Por que a senhora diz que o Talisson fala que ninguém gosta dele?

J – Ele fala isto! Principalmente quando está tonto. Quando ele está sóbrio me trata superbem! Agora estes dias ele chegou tonto em casa e ficou bravo comigo porque falei pra ele parar com isto pra não mexer com isto... Isto é o meu desgosto. Não criei meus filhos pra fazerem isto! Eu quero coisa melhor pra eles! Olha, o Talisson já me enfrentou com faca na mão!

P – Como aconteceu?

J – Ah, é quando ele bebe... Nos finais de semana eu e o irmão dele escondemos as facas de dentro de casa pra ele não achar! O meu filho até falou: “Mãe, está parecendo que temos criança pequena, a gente tem que esconder as facas pro Talisson não achar!”

P – Vocês têm medo?

J – Olha... medo de morrer eu não tenho! Apenas penso que se ele faz isto vai estragar a própria vida. Ficar lá na cadeia!

P – Alguma vez ele foi preso?

J – Já! Por causa de briga! Envolveu com gangue e até quiseram matá-lo! Agora ele não mexe com gangue mais e quase não sai direito. Fica ali no bairro e tem lugar na cidade que não pode ir.

P – Como foi o envolvimento de Talisson com a gangue?

J – Isso aí eu não sei falar, eu só sei que ele brigava muito. Ele saía, ia nas boates, entrava em briga... Acabava preso.

P – E você o tirava da cadeia?

J – Era o pai dele que o buscava. Ele ainda era menor de idade. Porque eu nem tinha dinheiro pra pagar fiança...

P – Quando foi que ele parou de sair para as boates?

J – Foi depois que mataram um amigo dele e também depois que ficou maior de idade. Esse amigo dele foi esfaqueado e de lá pra cá parece que ficou mais receoso. Ele era um rapaz popular que gostava de sair e depois que isto aconteceu ele parou. Ah, também entrou pra igreja e aí quietou.

P – No período que ele freqüentou a igreja como era no dia-a-dia?

J – Ele não bebia, a gente ia juntos pra igreja. Olha, ultimamente nós não temos nem conversado direito. Se eu falo, logo ele vem com agressão. Eu não agüento mais isto! (silêncio)

Juliana começa a chorar e diz:

J - O Talisson acha que eu gosto mais da irmã dele, que é minha filha mais nova, mas eu digo a ele que não é bem assim. É que a mulher é mais frágil que o homem, por isso eu ajudo ela! Eu digo que amo todos os meus filhos até os que são rebeldes! Eu amo da minha maneira, acho que não sei demonstrar.

P – O que ele diz quando a senhora fala assim?

J – Ele diz que sabe que eu gosto deles. Meus filhos são muito educados, as pessoas até elogiam. Só que em casa são revoltados. Algumas vezes, o Talisson chegou a pegar a faca e dizer que ia matar o pai. Nós é que seguramos ele! O outro menino, não entendo porque quebrou a casa do pai, ele nunca falou nada!

P – Pra você viver com estes filhos sem o apoio do pai foi difícil. Que sentimentos você tinha a este respeito?

J – A falta do pai pros filhos eu não dizia nada e nem sabia o que falar. Eu pedia ajuda pra conseguir as coisas de comer, às vezes só tinha fubá e eu dizia: “Vocês vão comer o que tem!” Eu já fiquei sem comer pra dar a eles. Às vezes eu mandava um dos meninos ir atrás do pai pedir a comida pra nós, mas o pai deles mandava eles de volta porque a mulher dele não aceitava os meninos. E a gente ia assim de ganhar pão velho... Ajuda de vizinho. Às vezes, eu trabalhava contando com o dinheiro e a patroa pagava só no outro dia...

P – No meio disto tudo, o que se passava?

J – Eu sentia uma revolta! Era uma dor! Eu nunca tive carinho de pai e de mãe... Eu fui adotada, a minha mãe me teve e jogou no lixo! Esse casal que chamo de pai e de mãe me criou... (chora novamente) Só que eles me davam roupa e comida, mas eu era um tipo de empregada da casa.

P – Seus pais adotivos tratavam você assim, como empregada?

J – Minha mãe até dizia que eu era o tapete da casa e que ia limpar os pés em mim... Foi aí que, com 14 anos, eu casei pra sair de casa. Eu me entreguei pro meu marido... De tanto minha mãe me chamar de puta! Só que eu casei e não conheci o amor, porque meu marido também me tratou mal. Ele reclamava de tudo que eu comprava, até remédio! Se o Talisson está vivo hoje, foi porque eu lutei muito. Quando ele teve meningite, meu marido não quis ajudar e nem comprar um remédio! (chora). Eu fiz o que pude por meu filho e uma coisa eu sei, ele é bom, sabe tratar as pessoas... Eu não conformo dele hoje mexer com drogas. Eu preciso de ajuda! Este final de semana o pastor da igreja vai lá em casa visitar o Talisson...

SEGUNDA ENTREVISTA DE JULIANA (mãe de Talisson) (16/2/05)

J – Hoje eu queria contar que os irmãos da igreja vieram visitar o Talisson e eu passei vergonha, porque ele falou tanta coisa... Às vezes, eu acho que ele pensa que eu quero o mal dele, porque não entende as coisas que eu falo. Ele fica nervoso...

P – Que coisas a senhora fala?

J – Por exemplo, para não ficar na casa de uns vizinhos que bebem e na mesma hora em que estão bem, já começam a brigar. Eu não quero ele lá no meio.

P – Como é o convívio de vocês?

J – Com as pessoas da rua ele é simpático, mas em casa ele fica nervoso.... Comigo ele implica, acha ruim eu pedir pra ajudar na despesa da casa. Ele acha que não é obrigação dele. Também é ciumento se eu saio pra passear, se eu arrumo namorado.... Ele se relacionava bem com meu segundo marido, mas tinha ciúme. Parece que ele achava que eu não podia por outra pessoa no lugar do pai dele. Eu não consigo ficar em casa sozinha porque logo começo a corroer o passado. Mas se os meninos estão em casa, eu fico.

P – Você chegou falando que recebeu a visita de irmãos da igreja. Como foi?

J – Teve uma época, logo que o Talisson entrou para a igreja, que ele morou um tempo com minha cunhada. E ela veio na visita, então o Talisson desabafou. Porque ela saía e o deixava olhando os filhos dela e ele perdia a hora de ir para a igreja também.

P – Qual foi a proposta de conversa nessa visita?

J – Falaram sobre a religião, a bíblia.... Pra ele voltar a freqüentar a igreja, porque depois que saiu andou por caminhos errados.... O pastor disse que foi bom o Talisson dizer o que sentia, mas eu saí da sala....

P – Ele falou o que ele viveu quando morou lá?

J – Sim. Depois que eles fizeram a oração, convidaram para entrar num grupo da igreja que tem trabalho. Aí, o Talisson me disse que se sentiu aliviado porque se livrou daquela mágoa.

P – O que mais vocês conversaram?

J – Ele disse que quando era criança eu dei cerveja pra ele! Eu não lembro disto! Eu nunca fiz isto! Eu brigava com o pai deles, porque ele dava.

P – Que idade o Talisson tinha?

J – Uns dez anos mais ou menos. Teve um dia que fui buscar meus meninos no bar, estava os quatro e já estavam tontinhos. Foi o pai que pagou a cerveja pra eles! Dar o pão ele não dava! A coisa mais difícil que tem é criar filhos de pais separados, porque um ensina uma coisa e o outro ensina outra. Chegou uma hora que pensei, vou lavar minhas mãos!

P – O que mais você conversa com o Talisson?

J – Esses dias está difícil de conversar com ele porque ele quase não pára em casa. A gente conversa o essencial. Quando era criança, eu ensinava o certo e o errado para meus filhos. Eles tratavam as pessoas bem, não roubam, ajuda uma pessoa necessitada e idosa...

P – Na história de vida do Talisson o que mais você poderia dizer?

J – Ele é o terceiro filho. Era uma criança muito agitada, a gente passava muita dificuldade. O marido tinha vezes que trabalhava, outras ficava desempregado. Também saía e passava dias na rua e eu tinha que pedir ajuda pros outros. A gravidez foi difícil por isto. Meu marido dizia que o Talisson não era filho dele, me batia... Um pouco o Talisson é revoltado por causa disto porque ele escutou o pai falando isto. É que o Talisson é diferente dos outros meninos. Ele se parece comigo tem o cabelo liso, a pele clara o pai dele é moreno do cabelo ruim.... Os outros saíram mais ao lado do pai. Acontecia que meu marido fazia distinção, ele dava as coisas para os outros e não dava pro Talisson. Olha, quando esse menino adoeceu com a meningite eu só o levei pra medicina porque pedi dinheiro pras pessoas na rua e aí comprei passagem!

P – Ele disse que o filho não era dele depois que o viu após o nascimento?

J – É, e foi porque ele nasceu clarinho. Teve um dia que o Talisson estava brincando de carrinho e o pai dele chegou. Uma vizinha veio e falou que os filhos dele eram muito bons e comportados, eles respeitam as pessoas. Aí, ele respondeu que o Talisson tinha a natureza muito ruim pois parecia comigo e ficou marcado porque tudo foi dito na frente dele. Meu marido sempre falava que os meninos iam mexer com droga e de tanto ele falar, falar... os meninos fizeram...

P – Como o Talisson contou esta história?

J – Ele chegou em mim e disse: “É mãe, o pai não gosta de mim!” “Ele disse que eu sou da natureza ruim igual a senhora!” Aí eu disse que ele falou da boca pra fora e que gostava dele sim.

P – Como era a convivência na família?

J – Os irmãos se davam bem, menos com a irmã mais velha, que o Talisson brigava.

P – Como ele era na escola?

J – Ah, era rebelde e brigava, só na 1ª série, depois melhorou. Ele era um menino daqueles que se alguém encostasse no brinquedo dele ele brigava. E eu acho que até errei porque eu mimei demais depois que ele sarou da meningite. Porque o médico me falou que ele não podia ficar nervoso e nem agitado. Foi assim, se ele quisesse um doce eu tirava da boca dos irmãos pra dar a ele! Uma vez a gente estava passeando e ele viu um menino com uma bola igual a dele. Ele pegou a bola do menino dizendo que era dele e não queria devolver. Ele chorava e esperneada. Foi preciso o pai buscar a bola em casa e trazer pra ele devolver a do menino. Aí, pediu desculpa e fomos embora. Assim, a gente veio contornando as coisas pra ele não ficar nervoso... Quando ele entrou na escola, brigou por causa de um brinquedo, ele derrubou as carteiras e fez uma bagunça grande! Eu fui chamada lá, mas eu não sabia o que dizer pra ele...

P – Até que série ele estudou?

J – Até a 4ª, depois ele se enturmou na rua, não ia mais à escola. Como eu trabalhava fora de casa o dia inteiro eles (os filhos) ficaram soltos... Ah, acho que faltei com meus filhos! Eu não conversei sobre coisas que precisavam... Mas eu nunca soube o que era um carinho de mãe! Isto dificultou... Eu casei pra sair daquele inferno que era a minha vida. A minha mãe me batia porque gostava de fazer isto e não porque precisava!

P – Como você faltou com os filhos?

J – Até o momento em que era casada cuidei muito bem de meus meninos: dava banho, penteava o cabelo, fazia comida, levava pra escola. Mas depois que separei, eu trabalhava pra colocar as coisas dentro de casa. Aí, eu já não podia dar aquela assistência...

P – Você disse que o Talisson se parece fisicamente com você. Há mais alguma coisa em que se parecem?

J – Ele se parece comigo por ser trabalhador, ser amigo das pessoas, gostar de ajudar os outros, é impaciente e não consegue esperar. Eu não entendo bem... O Talisson e minha filha mais velha foram os filhos que eu mais dediquei, no entanto, são os mais afastados de mim! Eles brigam comigo... Olha, o Talisson foi tratado como um bibelô porque era um menino doente...

No dia 30/3/05, dona Juliana telefonou dizendo que Talisson havia levado uma facada na barriga e tudo aconteceu no final de semana em uma briga no bar onde estava. Talisson havia passado por uma cirurgia e continuava internado no hospital sob observação. Ele pediu à mãe para me telefonar, pois gostaria de falar comigo. Ao visitá-lo notei que se encontrava fora de perigo. Falou que sentiu sua vida mudar e pediu que eu o ajudasse a escrever o livro de sua vida.

ENTREVISTAS GRAVADAS EM FITA CASSETE

PRIMEIRA ENTREVISTA BRUNO (22/10/04)

Após contato telefônico, as entrevistas foram marcadas em horários fora do expediente de trabalho de Bruno, na clínica onde trabalhamos.

P – Fale-me de você e de como entrou para a gangue.

B – Começou mais na escola, eu fui enturmando com os caras...virei colega deles e fiquei deste tipo assim que saio com o grupo e a gente briga.

P – Conte-me um pouco de sua vida:

B – Eu sou de boa, minha vida é normal... Moro com minha mãe, atualmente não estou estudando, parei em 2003 e estava fazendo a 8º série. Estou na gangue há três anos... Agora enfrento um processo porque um dia o rapaz da outra gangue efetuou uns disparos e nós fomos pra cima pra desarmá-lo aí a policia chegou e prendeu todo mundo.

P – Você disse que sai com o grupo e briga. Como isto acontece?

B – A gente vai nas festas e a hora que encontra os outros bairros tem o confronto. Aí, sai briga, tem uns que são esfaqueados, aí sai tiro...

P – Como é esse grupo do qual você participa?

B – Tem um dia de se reunir, mas só tem briga quando a gente vai pras festas. Tem meninas e elas são até mais “doida” do que a gente.

P – Você é muito conhecido no seu bairro. Isto se deve à gangue?

B – É , dizem que sou “bom de briga”. Eu não corro da briga e não deixo ninguém apanhar sozinho.

P – Para entrar na gangue você teve que fazer algo?

B – É tive que brigar com um cara aí...

P – A gangue para você é um espaço de quê?

B – A turma que eu fico junto sempre deve ter uns vinte e tem homem e mulher, mas quando junta com mais outros chega a 80 pessoas. E a gente fica junto porque se sair sozinho as outras gangues bate na gente. Um defende o outro.

P – O que você acha que leva uma pessoa a entrar para a gangue?

B – Ah, você fica empolgado quando vê a briga. Fica louco pra entrar...Você pensa que vai ter uma fama, nome na cidade ...é isso aí!

P – Bruno, você agora tem fama?

B – Sim. Mas agora está muito chato porque todo lugar que eu vou, a policia me pára.

P – Como você relacionaria a escola com a gangue?

B – A escola junta as pessoas. Foi lá que eu conheci “os caras” e fui entrando... pra esse negócio aí de gangue...

P – Quando você entrou para a gangue, mudou sua vida na escola?

B – Eu acho que sim! Toda hora eu queria brigar, eu xingava os professores. Eu fiquei mais rebelde, mais bravo.

P – O que você diria de você nestes três anos que faz parte da gangue?

B – Mudou muita coisa... As pessoas me olham diferente, só porque brigo, falam que sou malandro... Me sinto julgado!

P – O que você diria para uma pessoa que quer entrar para a gangue?

B – Ah, eu diria para não entrar, porque agora não é só briga, né ? Sai tiro e morte... Eu sempre aconselho para não começar. Porque agora quando eu vejo uma briga, já não consigo ficar de fora, eu tenho que entrar!

P – Você atribui isso a quê?

B – Eu tenho que ajudar meu colega, eu não agüento ver!

P – Como o grupo se relaciona no dia-a-dia?

B – Temos um acordo principal que se um tiver apanhando, apanha todo mundo. Pode ter 100 pessoas que se a gente tiver só em doze, apanha os doze. A gente nunca deixa o outro “na mão”!

P – Já aconteceu de alguém deixar o grupo “na mão”?

B – Já! Só que depois a gente quebra ele “no pau”

P - Então entre vocês não se deve fugir da briga!

B – É, não correr e não deixar o colega “na mão”.

P – O que geralmente causa uma briga?

B – Você está numa festa e os caras ficam encarando. Aí a gente pergunta o que tá olhando e começa a briga.

P – Como é sua vida familiar.

B – Moro com minha mãe e meu irmão. Meu pai... eu não convivo com ele... ele tem outra família (*silêncio*).

P – Fale de você quando criança.

B – A vida era normal... tranqüila... Para criança tudo na vida é normal e tranqüilo, mas depois que cresce... (*suspira*) Tem mais... fica estranho... Eu era um menino que “todo mundo” ficava batendo, na escola e na rua de casa. As pessoas tiravam “onda” com a minha cara (*faziam piadas e o depreciavam*).

P – O que a gangue trouxe para sua vida?

B – Fama, todos vem conversar com você e querem fazer amizade... Mas já não tenho liberdade para ir em qualquer lugar, uma que a polícia me marcou, outra que só posso sair com o grupo, porque se os outros caras me pegam sozinho, eles me quebram... Ah! As meninas se aproximam mais e querem namorar quando sabem que a gente é bom de briga.

P – O que é preciso para a pessoa entrar na gangue?

B – Não ser cagüeta* e nem truta** de polícia

P – Drogas e gangues andam juntas?

B – Não tem nada haver, só tem briga mesmo! Agente bebe cerveja ou pinga nas festas, mas é só.

P – Como está sua vida hoje?

B – Estou namorando, parei de estudar e estou em um trabalho. Fiquei dois meses preso. Lá dentro você sofre, passa fome... é muito ruim... (*silêncio*). Mas eu não entreguei ninguém, falei que só estava eu. Agora estou respondendo ao processo.

P – Você foi acusado de que?

B – Tentativa de homicídio.

***cagüeta= delator**

****truta= gíria que refere a pessoa que é do grupo, fiel, companheiro, amigo.**

SEGUNDA ENTREVISTA BRUNO (25/11/04)

Aconteceu no mês seguinte à primeira entrevista e foi marcada novamente na clínica onde trabalhamos.

P – Fale-me de seus primeiros anos na escola e como era, para você, estar lá.

B – Os primeiros dias foram ruins porque eu não conhecia ninguém. Aí, o tempo foi passando, eu fui conhecendo e foi ficando melhor... O que tinha de ruim é que eu brigava muito na escola, é... Eu brigava muito!

P – Com que pessoas você brigava?

B – Com os meninos da escola, só os meninos!

P – Que motivos levavam à briga?

B – Ah, porque ficavam me olhando, me encostavam e eu achava ruim e saía briga. Aí, foi me expulsando de várias escolas.

P – Como aconteciam as expulsões. Conte-me o que você viveu.

B – No meu primeiro dia de aula eu já briguei. E aí todos ficaram de olho em mim e o tempo foi passando e eu só brigando, só brigando. Minha mãe teve que ir lá várias vezes. E eles não me agüentaram, quando fui para a 3ª série, eles me tiraram de lá. Não deixaram eu permanecer na escola.

P – Como assim?

B – Fui umas quatro vezes suspenso das aulas e depois expulso, não aceitaram minha matrícula na 4ª série. Não me queriam lá mais não!

P – Você fala que brigou já no primeiro dia e brigava muito na escola. Em quais situações você brigava?

B – Eu era muito nervoso mesmo!

P – O que o deixava nervoso?

B – Ir á escola. Eu não gostava de ir à escola. Nunca gostei!

P – Pense um exemplo de algo que você não gostava na escola.

B – Ah, não sei... A única coisa boa que lembro foi que na escola eu conheci os caras que até hoje somos amigos.

P – São os mesmos caras que estão com você na gangue?

B – São os mesmos.

P – Vocês entraram juntos para o grupo de gangue?

B – Tem dois ou três que a gente se conhece desde a 1ª série e depois entramos juntos pra gangue.

P – O que te estimulava a estar na escola?

B – No começo, os amigos e conhecendo as pessoas e aprendendo um pouco. Mas depois da 3ª série eram as meninas, eu ia para vê-las.

P – Você namorava?

B – Não, só dava “selinho”.

P – E o que era ruim na escola?

B – Era ruim porque eu brigava demais. Não sei o que acontecia comigo. Eu brigava demais, mesmo! Todo dia eu tinha de ter uma briga. Isso era ruim.

P – O que você pensa que acontecia para todo dia ter uma briga?

B – Eu pensava que eu era muito rebelde e podia melhorar um pouco, mas sempre eu fui assim mesmo.

P – Você falou que estudou em várias escolas. Como eram estas escolas?

B – Estudei em cinco escolas. Só uma que foi melhor, as outras foram ruins.

P – Você se lembra de alguma situação vivida nessas escolas? Algum exemplo do que você viveu?

B – Tinha um lado ruim, que é quando eu chegava na escola e parecia que os professores me odiavam, porque já me conheciam de outras escolas... Não gostavam de mim, não. E a melhor escola foi onde eu encontrei a minha primeira namorada. Desta escola eu gostei, das outras não!

P – Os professores odiavam você?

B – É, porque muitos deles eu já havia estudado e eles me conheciam e sabiam o jeito que eu era e não davam muita bola pra mim.

P – Como assim?

B – Eles me ignoravam, eu perguntava as coisas pra eles que diziam que depois iriam me mostrar e não mostravam nada. Ficavam fazendo minha “caveira” pra me tirar da escola.

P – Você entende que eles faziam isto, por quê?

B – Ah, eu era muito atentado e não deixava eles darem aula.

P – Que relação pode haver entre como eles agiam com você e como você era dentro da escola?

B – Quando eu perguntava e eles não explicavam, eu já largava tudo e ia fazer bagunça. Isto aconteceu várias vezes, eu ia pro fundo da sala e começava a cantar, levar som pra escola escondido. E eles grilavam (risos).

P – Alguma vez na escola você falou sobre o que precisava fazer para gostar de ir lá?

B – Tive, aí, eu tentava e logo parece que eu não conseguia. Alguma coisa me buscava e eu começava a aprontar de novo. Só uns dias que eu ficava bom, depois eu ficava ruim de novo.

P – Esta “coisa” que lhe buscava para começar a aprontar... O que você entende disto?

B – Eu não sei... Ah! Eu também tinha raiva. Meu pai também nunca morou com a gente, só a minha mãe tratava de nós... Eu ficava grilado (abaixa a cabeça).

P – Isto de seu pai não morar com você, sua mãe e seu irmão era difícil?

B – Ficava muito na minha cabeça... Eu pensava que ele tinha abandonado a gente... (silêncio).

P – Conte-me um pouco mais da sua história com seu pai.

B – Ah, pra te falar eu nem gosto dele! A gente nem conviveu. Ele foi lá teve um relacionamento com minha mãe e foi viver com a família dele de novo. Por isso que eu não gosto dele... E eu ficava com isso na cabeça!

P – De ele ter abandonado vocês e ir morar com outra família?

B – Sim

P – Você diz que ficava com esta história de seu pai na cabeça e que isto lhe fazia sentir muita raiva. Como você vivia isto no seu dia-a-dia.

B – Tinha vez que nós passávamos falta das coisas e eu pensava que ele podia estar ajudando e eu já ficava mais grilado, mais nervoso ainda.

P – Alguma vez você conviveu mais próximo de seu pai?

B – Não! Eu nunca gostei dele! Ele já tentou, mas eu não quis não. Nunca dei certo com ele.

P – Seu avô paterno morava com vocês?

B – Sim

P – Como era viver com ele?

B – Ah, não era muito bom não, porque ele bebia e queria vir bater na gente e eu tinha que ficar escondendo dele. Não era muito bom também.

P – Seu avô ajudava sua mãe a cuidar de você e de seu irmão?

B – Tinha vezes que sim e tinha vezes que não.

P – Conte-me um pouco mais sobre como era viver com seu avô:

B – Também não dava certo, porque ele sempre bebia e queria bater em mim e em meu irmão. Discutia muito com minha mãe. Só quando ele não bebia é que a gente dava certo. Quando ele ficava são a gente conversava de boa e ficava todo mundo unido, mas quando ele estava tonto não tinha jeito de conversar, era enjoado, tudo pra ele era agredir e já pegou faca pra nós. Nossa! Ele bebia quase todo dia! Eu nem podia sair na rua que ele já queria bater... Não queria que a gente ficasse na rua com os meninos.

P – Vamos voltar a falar das primeiras experiências que você viveu na gangue. Conte-me como foi o primeiro contato. Pense que você vai filmar o que foi vivido e, então, o que se vê?

B – No começo era bom, ficava umas briguinhas ali e aqui e tinha muita menina que queria ficar comigo. Eu pensava que isso ia ser bom assim pro resto da nossa vida. Aí, é que foi passando o tempo e eu fui vendo que não era o que eu pensava.

P – Então, volta e diz como era estar neste momento bom das briguinhas e das meninas:

B – Ali você brigava perto de muitas pessoas e todos falavam muito no seu nome. Meu nome chamou a atenção e fiquei falado eu vou ficar bem.

P – Ficar bem?

B – Trouxe uma fama, meu nome ficou falado na cidade!

P – A fama o fez ter que idéias?

B – Eu pensava que eu era o “bichão”, que estava bom na briga mesmo!

P – Ser o bom de briga, além da fama, o que mais traz para sua vida?

B – É bom porque muitos caras que “te tiravam” quando eu era mais novo e bobo nem passa perto agora.

P – Te tiravam?

B – É, batiam, corriam atrás pra fazer graça com a gente. E nós éramos mais fracos e tínhamos que sair correndo. Aí, o tempo foi passando e nós jurávamos eles: “um dia a gente vai crescer!” E foi o que aconteceu e eu dei o golpe.

P – E com as meninas? Ajuda ser bom de briga?

B – Ajudava. É que as mais bonitas vinham é pra você. Isso que é bom! Muitas chegavam perto e faziam perguntas e rolava um clima e... Isso aí.

P – No começo você falou que era muito bom ser da gangue, mas que depois tinham partes ruins. A partir de que momento que ficou ruim?

B – Nossa! (silêncio) Foi depois que começou a dar tiro, morrer gente, ser preso e ficar respondendo processo... (silêncio)

P – Quando você contou do que era bom no grupo de gangue, logo lembrou dos seus amigos que conheceu lá no começo de seus estudos. Então, os amigos que você fez na escola estão com você no grupo de gangue e entraram todos juntos. E esses amigos viveram com você muitos momentos?

B – Quando eu entrei pra gangue achei que ia ser muito famoso e que todo mundo ia baixar a cabeça pra mim. E foi acontecendo essas coisas ruins e virou no que está agora.

P – E esta raiva que você disse sentir de seu pai durante sua infância pode ter alguma relação com suas experiências na gangue?

B – Tem a ver sim. Eu ficava pensando e dizia para os meus amigos: “Eu não preciso do meu pai e nem do meu avô para fazer a minha fama.”

P – Será que a fama conquistada na gangue transformou você?

B – É eu fiquei importante e não preciso deles! As pessoas me respeitam na gangue...

P – E como você se sente na escola?

B – Ah, era ódio de estar lá! Eu não conseguia parar de pensar que meu pai não estava com a gente lá em casa e eu ficava grilado...

P – Como este sentimento pelo seu pai se relaciona com a escola?

B – Eu já saía de casa com isto na cabeça. E isto fica na minha cabeça até hoje!

P – Podemos dizer que a sua experiência com seu pai liga-se de alguma forma à sua experiência com o grupo de gangue?

B – É... Boa parte... Na gangue representa que eu tenho muito ódio e é o que sinto por ele. Não gosto dele! Na gangue eles me reconhecem e dão valor, com meu pai não!

P – Você tem o nome dele em seu registro?

B – Sim, tenho!

P – Nas experiências na gangue, você contou que os amigos estão ao lado e não deixam ninguém ameaçar...

B – Ah, você ganha experiência e aprende a viver melhor.

P – Como é viver melhor depois da gangue?

B – Agora, qualquer coisa que acontece eu já sei o que faço. Do tipo tomar decisões por si próprio.

P – Você falou que mudou sua vida na escola quando entrou para a gangue. O que mudou em você, na escola e na sua maneira de estar na escola?

B – Depois que entrei, os professores ficaram mais com pé atrás porque já sabiam como eu era. Muitas escolas não aceitaram minha matrícula. E lá dentro da escola, eu não conversava com ninguém e ficava no meu canto.

P – Você estudava com outras pessoas de seu grupo?

B – Estudava. Só que dentro da escola a gente não revelava que era de gangue. Isto ficava só entre nós mesmos.

P – Você falou que a gangue é um lugar onde um defende o outro. E o que mais pode ser este lugar na vida de uma pessoa?

B – Eu já tinha isso comigo. Eu gostava de briga desde o começo e vi o que acontecia de briga na gangue e aí entrei.

P – E uma vez você disse que não agüenta ver uma briga sem entrar nela:

B – É, não agüento mesmo! Parece que vejo o cara brigando e penso que vai acontecer alguma coisa de ruim com ele e eu não agüento, sinto uma coisa ruim... Aí é onde pra ajudar um a gente machuca o outro cara tudo!

P – Durante a briga...

B – Iiih! Pior é que a gente não vê nada! Na hora não dá pra ver o que está fazendo, a gente vai batendo até onde tirar. Tinha vezes que nós bebíamos muito e pensávamos em matar os caras. É isso aí!

P – Foi na escola que você conheceu os caras do seu grupo. Como eles eram e o que chamou sua atenção para se aproximar deles?

B – É porque eles eram iguais a mim e gostavam de briga, tomavam as coisas dos moleques; se eles não dessem dinheiro, eles batiam...

P – Havia algo em comum além de gostar de brigar?

B – Muitos não têm pai e são grilados com isso igual eu sou. Tem uns que o pai já morreu ou a mãe já morreu.

P – Então, vocês tem algo parecido em suas vidas familiares.

B – É, só que a gente não conversava muito sobre isto. Era mais sobre as brigas mesmo.

P – Mesmo vocês não conversando sobre a falta do pai ou da mãe, você sabe que a vida de muitas pessoas na gangue tem pontos parecidos e que geram sentimentos e idéias em cada um.

B – Sim

P – Então, esses pontos em comum na vida familiar de várias pessoas do grupo...

B – Parece que isto nos unia!

P – Como assim?

B – Nós víamos que não tínhamos isto na família e nós pensávamos que, juntando, o grupo vai ser uma família.

P – Este grupo onde um defende o outro e há pontos em comum na vivência familiar de seus membros, o grupo torna-se uma família?

B – Sim

P – Se você fosse pintar um retrato desta família, que é o seu grupo de gangue, como você o vê?

B – É assim, o que faltava pra nós a gente tentava ser.

P – Como se vive essa falta no grupo?

B – Quando um precisa de alguma coisa, ou precisava de dinheiro, um dava apoio ao outro. É isso aí

P – Na outra conversa você falou que ficou estranho depois que deixou de ser criança

B – Foi passando o tempo e a gente pensava em parar, mas não dava, sempre outros caras vinham “cutucar”. E aí o ódio voltava.

P – Como é esse ódio que você sente?

B – Ah, nós sentíamos ódio das pessoas ficarem nos discriminando, quando falavam mal da gente. É nós ficávamos grilados. Ficam falando que a gente era vagabundo, marginal e que a gente mexia com droga.

P – É o que é pra você ser um vagabundo e marginal?

B – Ah, é um cara que não faz nada na vida e fica o dia inteiro na rua.

P – Há relação entre drogas e gangues?

B – Nós não mexemos e isto grilava a gente, porque falavam que a gente mexia. Mas quem falava a gente atentava, tocava campainha da casa, quebrava os vidros.... Isso pra ver se nos deixavam quietos, em nosso canto!

P – Como é esse bairro em que você vive?

B – Desde criança moro lá e eu acho o melhor bairro. Eu não dou conta de sair de lá. É bom porque minhas amizades são todas de lá e eu sei que se for pra outro bairro não vou fazer amizades.

P – Você não pode ir para outros bairros?

B – É, eu tenho muitos inimigos.

P – Seu bairro lhe dá segurança?

B – É mesmo! Lá eu sei que esses que não gostam de mim, não vão!

P – O que mais há no seu bairro?

B – O ruim é que vendem muita droga lá, tem muito ladrão...

P – No seu grupo não há droga nem roubo?

B – A gente só gostava de briga! Tem muitos grupos que fazem isto, mas nós só gostamos de briga mesmo.

P – Vamos voltar a falar da escola. Você parou de estudar quando?

B – Parei porque não gostava de ficar perto de moleque e nem ficar perto de professor. Eu parei na 8ª série e o ano passado eu tentei começar, mas não consegui.

P – Você acha que a escola trata de maneira diferente o aluno que faz parte de gangue?

B – Trata sim. Qualquer coisa que você faz, eles já querem expulsar e não dão nem papo.

P – Que tipo de coisa é preciso fazer para chegar à expulsão:

B – Ah, ficar fora da sala, por exemplo. Quando a gente não quer entrar pra aula, já querem mandar pra outra escola e falam que você não é aluno bom pra ficar lá.

P – Alguma vez aconteceu isto com você?

B – A pior coisa que já aconteceu foi o dia em que a diretoria me avançou por causa de um boné.

P – Como aconteceu?

B – É que, na escola, não podia entrar de boné e eu sempre andei de boné. E um dia ela quis tirar meu boné da minha cabeça e me avançou, deu unhada. Eu fui e dei um murro nela, fui obrigado a fazer isto! Eu não gostava de ninguém na escola e nem dentro da sala.

P – Conte-me melhor o que o obrigou a fazer isto?

B – Ela veio “seca de vontade” de pegar meu boné e eu tirei da cabeça e não deixei ela pegar. Depois eu arranhei o carro dela todinho!

P – Quando aconteceu?

B – Acho que eu estava na 7ª série. Foi pouco tempo antes de parar meus estudos. É, neste dia, eu fui expulso da escola.

P – Você usava o boné...

B – É porque eu gostava, não tinha nada haver com a gangue.

P – Na escola lhe falaram que não podia usar boné?

B – Falaram, mas eu não estava nem aí!

P – E você não tentou conversar sobre esta regra?

B – Não, a mulher era muito enjoada! E, nesse dia, do jeito que ela veio pra cima, ela voltou.

P – E o que aconteceu depois deste fato?

B – Ela chamou a polícia e eu saí pulando os muros da escola. Aí, não voltei mais na escola.

P – Teve algum outro episódio em que você foi expulso da escola?

B – Os outros todos foram por causa de briga. Eu bati nos alunos.

P – Houve algum professor que vocês se deram bem?

B – Ah, não! Nunca gostei de professor nenhum!

P – Escolhe um professor que você teve e fale um pouco dele:

B – Ah, era uma mulher. Não podia fazer nada que ela já chegava gritando na sala. Era na 4ª série, eu não agüentava e foi até eu pegar o filho dela.

P – Como assim?

B – Fui obrigado a bater nele lá na escola mesmo. Eu falava pra ela me deixar quieto se não eu ia pegar o filho dela, mas ela duvidou de mim.

P – Ela não lhe deixava quieto?

B – É. Eu não queria escrever e não prestava atenção na aula dela. Ficava fazendo bagunça e tacando borracha nos colegas.

P – Como foi aprender a escrever? O que você lembra deste momento de sua vida escolar?

B – Não foi muito difícil não! Nas primeiras séries eu era mais comportado, só depois que eu fui crescendo é que fiquei mais atentado e não agüentava.

P – Nas primeiras séries você estudava com mais gosto?

B – Não! Eu nem era muito interessado, só era mais quieto.

P – Em que momento pode ter mudado de mais quieto para “atentado”?

B – Foi quando eu conheci os meninos e fiz amizade. Nós víamos os moleques com dinheiro e tomávamos deles, os bonés nós pegávamos, batíamos neles... Nós achávamos bom fazer isto, era engraçado!

P – Se você fosse criar uma escola, como ela seria?

B – Seria uma escola livre, se quiser estudar tudo bem e se não quiser ninguém ia esquentar. Podia ser até baguncenta... As minhas matérias seriam diferentes. Ia dar matéria de briga, luta... Ensinar como é um pouco este mundo que a gente vive! Os professores seríamos nós.

P – O que você gostaria de ensinar sobre o mundo?

B – Ah, que ele é assim de briga e de morte! O mundo é muito estranho!

P – Como você pensa seu mundo agora?

B – Eu imagino mudar...

P – Você disse que na sua escola você ensinaria a brigar porque assim ensinaria como é o mundo, o viver.

B – A gente ia ensinar como vemos este mundo e quem não quisesse isso, eu mandava ir procurar outra escola.

P – Foi isto que a escola fez com você quando disse que não queria estudar daquele jeito?

B – Foi, mas eu nunca gostei de estudar! Agora estou tentando mudar. Eu era só de briga...

ENTREVISTA GRAVADA EM FITA CASSETE (10/12/04)

ENTREVISTA MÃE DE BRUNO: D. MARIANA

P – Fale-me um pouco do Bruno. Como é a relação de vocês?

M – A gente se dá muito bem... Ele não é de desabafar, é nervoso... Às vezes o acho revoltado porque o pai não vive com a gente, tem uma condição financeira melhor e não ajuda.

P – Atualmente como ele está vivendo?

M – Esses dois meses que ficou preso serviram de exemplo, porque ele antes não esquentava se corria risco ou perigo. Depois que caiu lá dentro, deu mais valor na vida dele.

P – Como foi esse período da prisão?

M – Foi no envolvimento com a gangue. Eu acho que ele tinha bebido, pois disse que não viu direito o que fez só depois é que percebeu o estrago que tinha feito.

P – Que briga foi essa?

M – Ele estava numa festa e os caras chegou atirando. Quando a arma descarregou a turma foi para cima dos caras e os espancaram. Ele conta que foi uns 50 para cima deles. Aí, eles fugiram e pegaram uma mulher como refém para eles não matarem esses dois

P – Desde quando ele se envolveu com a gangue?

M – Eles falam que não tem gangue. É porque tem muitos amigos e aí eles entraram para defender uns aos outros. Mas fiquei sabendo depois dessa prisão. Ele não demonstrava nada dentro de casa. Ele não é de chegar e falar comigo. Eu sinto que algo está diferente porque ele entristece...

P – Na escola, como foi?

M – Ele sempre foi agitado, meu pai é quem ia à escola... Ele tinha um jeito e não tinha paciência e queria resolver às pressas. Uma vez ele deu uma crise e chutava as portas (ele tinha uns cinco anos).

P – Você foi casada?

M – Não, sou mãe solteira. O pai dele já é casado, mas estava sempre com a gente, aí a esposa dele descobriu e eu fiquei pra cá e ele pra lá.

P – Como foi a convivência do Bruno com o pai?

M – Até uns dez anos tinha contato, não era muito tempo, eles conversavam e ele parecia gostar, depois ele ficou distante.

P – Ele fala alguma coisa do pai?

M – Acha que o pai deveria fazer mais por nós. Ele queria ser tratado igual aos outros filhos. “Como vou gostar de um cara desses, que nem vem me ver?” Ele se sente rejeitado.

P – Como vocês vivem?

M – Meu pai foi meu braço direito, foi a mãe que eu não tive. O Bruno escutava muito meu pai. Fez dois anos que ele faleceu.

P – Você falou que o Bruno mudou com a morte do avô. Como foi?

M – O Bruno passou a não acreditar nas coisas. Eu quase não o via, nós não conversamos... Parou de estudar...

P – Como ele era na escola?

M – Ele gostava de estudar, mas depois que o avô morreu ele desanimou. Ele também tinha o problema de ser agressivo na escola, batia nos meninos.

P – Como você viveu quando Bruno estava preso?

M – Foi difícil vê-lo preso. Nunca imaginei. Eu ia vê-lo aos domingos. Fiquei abatida e assustada. Tinha medo de perdê-lo.

P – Como você vê o Bruno?

M – Ele é um filho amigo, mas é mais calado. Ele tem uns atritos com o irmão. Gosta de organização. Ele me chama a atenção por eu ser muito parada.

P – Como você vê o movimento de gangues?

M – Acho errado... Eu penso que é uma fraqueza. Às vezes busca segurança, palavra amiga em casa e não encontra.

SEGUNDA ENTREVISTA - Mariana (15/1/05)

P – Vamos conversar um pouco sobre o Bruno?

M – Ultimamente tenho achado ele nervoso e agressivo. Eu converso com ele pra mudar este jeito e melhorar na forma de tratar as pessoas. Ele não se abre comigo!

P – Como é este jeito dele?

M – Ele nunca chegou em mim e expôs se está com algum problema, se tem alguma coisa o deixando chateado. Ele não é de conversar comigo. Às vezes fico esperando pra ver se ele me fala alguma coisa.... Por exemplo, ele não tem paciência de falar baixo e grita muito. Eu queria que ele fosse mais tranqüilo, né?

P – Como ele é com você?

M – Tem vez que ele fica nervoso comigo. Assim, quando vai jantar e encontra cebola na comida, fica nervoso...

P – Como está a vida de vocês neste momento?

M – O Bruno está trabalhando e os amigos dele o incentivam a voltar pra escola e que precisa estudar. O Quim, um amigo de Bruno, está morando aqui em casa e eles vão juntos pra escola. Eu percebo o Bruno muito interessado no trabalho e animado para estudar.

P – Ele vai estudar aqui na escola do bairro?

M – Não, ele vai junto com o Quim para uma escola particular e vai pagar com o próprio salário! Ele está muito animado de ganhar o próprio dinheiro.

P – Como ele era criança?

M – Ele sempre foi problemático, me dava trabalho na escola e na creche. Ele ficava meio agressivo, sempre foi assim! Talvez porque durante a minha gravidez passei muita dificuldade, muita raiva, fiquei desempregada, fui morar com meu pai e com minha madrasta e a gente não se dava bem. Acho que tudo refletiu nele porque o mais novo é mais tranqüilo que o Bruno.

P – Como transcorreu a gravidez?

M – Quando eu me envolvi com o pai deles, ele já era casado e tinha outra família..... Os meninos cresceram sem o pai, só comigo e isto pode ter atrapalhado no crescimento deles.

P – O Bruno falava o que do pai?

M - Ele perguntava.... O pai aparecia, eles conversavam.... Depois que a mulher dele descobriu nós não nos falamos mais. Às vezes, o Bruno comentava que via amigos dele com o pai e ele não tinha o pai ao lado. Acho que isto marcou a vida dele.... Ele perguntava por que o pai dele não vivia com a gente, por que o pai dele não era como os dos outros. Aí, eu explicava pra ele que quando eu conheci seu pai ele já tinha uma família e não tinha como ele viver com a gente e tinha que ser daquele jeito porque o pai dele não podia fazer parte da nossa família. E ele ficava assim calado...

P – Até que idade ele conviveu com o pai?

M – Até uns 13 ou 14 anos eles se encontravam, mas depois disto já não tiveram mais contato...

P – E você não casou ou namorou depois que terminou esse relacionamento?

M – Não, nunca mais. Eu não quis mais, eu vivi foi pros meninos e pro meu trabalho.

P – Como você contaria sua vida com seus filhos?

M – O Bruno ficou na creche desde os oito meses de idade. Nossa vida era difícil. Meu pai estava sempre por perto e eu trabalhava o dia inteiro. Depois ele foi crescendo e tinha mais dificuldades porque eu nunca pude contar com o pai dele para fazer as coisas e ajudar. Tudo dependia mais de mim.

P – O que você sentia dessa condição?

M – As vezes eu ficava revoltada, mas isso era uma coisa que eu tinha de aceitar, porque quando eu conheci o pai do Bruno, ele me disse que era casado e tinha uma família. Mas, mesmo sabendo disto, eu me sentia magoada porque ele não se preocupava com os meninos. Não dava nada pra eles. Quando o Bruno tinha onze anos eu levei ele na lei pra dar pensão, mas eu tive que fazer o DNA do mais novo porque ele não acreditava que ele também era seu filho.

P – O que o Bruno dizia?

M – Ele sempre falava que a gente tinha que ter uma vida melhor e que o pai deles podia ajudar porque tem condições. Ele dizia que não entendia o pai e nem se importava com eles.

- Entra na casa o irmão de Mariana, que mora na casa ao lado.

P – Conte-me mais sobre a vida de vocês?

M – Não me arrependo de ter os meninos, eles são tudo o que eu tenho! Mesmo diante de todos os obstáculos! Eu achava que minha vida ia ser diferente, porque eu sempre fui tranqüila e não achava que ia me envolver com uma pessoa casada e que fosse ter filhos. Tem dia que os meninos me fazem muita raiva, mas sou feliz de tê- los.

P – Você pensava na sua vida de que maneira?

M – Eu achava que fosse casar, ter uma família, um marido. A minha vida é difícil. A gente trabalha e não tem quase nada. Eu queria viver melhor, poder dar as coisas pros meus filhos, entende?

P – O que vocês conversam sobre isto?

M – Para dizer bem a verdade, a gente quase não conversa sobre isto. Nós não dialogamos muito. Eu sou muito calada. Às vezes eu converso e explico as coisas.

P – O que vocês costumam fazer juntos?

M – Quando a gente sai junto conversamos coisas deles, o que estão fazendo, quem estão namorando, mas em relação à nossa vida, eu falo pra eles que eu queria dar uma vida melhor e com mais conforto, uma casa melhor, alguma coisa assim....

P – Vocês sempre moraram neste bairro?

M – Sim, mas nesta casa foi depois que meu pai se separou de minha madrasta. Foi quando morou eu, ele e o Bruno. Hoje o meu menino caçula faz 15 anos. *(Ele entra na sala e Mariana nos apresenta)*

P – Você falou que em casa conversam pouco, mas ainda assim há momentos de conversas:

M – Com o caçula eu falo de escola e ele conta que agora está gostando mais de estudar e com o Bruno falamos do namoro dele. Converso das coisas que estão acontecendo, das violências... E ele tem um problema, não pode

beber! Às vezes quando ele vai em festa e bebe fica meio perdido... Sempre que ele sai, eu falo: “Bruno não bebe, senão você faz besteira!”

P – Você falou que se sente muito sozinha...

M – Eu sinto, sempre! Porque não sou de estar na casa dos outros. Eu fico em casa só com os bichos (*na casa tem gatos, cachorros e galinhas*). Quando os meninos saem e aí sinto falta de alguém pra conversar, distrair.

P – O que o Bruno conversa sobre o namoro dele?

M – Ah, eu falo pra ele ter boa cabeça não fazer coisa errada, pra não acontecer com ele a mesma coisa que aconteceu comigo. Porque ele não está preparado pra assumir um compromisso sério tipo um casamento.

P – Como foi a decisão dele voltar para a escola? Você acompanhou esta decisão?

M – Ele ficava pedindo pra eu fazer a matrícula, só que eu falei que ele é que devia fazer! Penso nas oportunidades de serviço bom que já perdeu por não ter estudo.

P – Como foi a vida dele na escola? Você falou que ele ficou na creche desde bebê, não é?

M – É, mas na escola... Os primeiros meses foram muito bons e depois que foi crescendo e se envolvendo com a meninada, ele começou a me dar problema e a professora já me chamou na escola pra falar que estava agressivo, respondendo a professora... E assim, estudou em várias escolas e teve que sair. Aconteceu que ele sempre era maior da turma e os meninos tinham medo dele. Foi quando a escola resolveu passá-lo para estudar á noite e aí ele não foi mais e não terminou a 8ª série. De tanto eu e os amigos dele darem conselho, agora ele resolveu voltar pra escola.

P – Você disse que com vocês em casa ele não conversa muito. Há alguém com quem ele conversa mais?

M – Não sei ao certo, mas deve ser algum amigo dele, porque nunca foi de chegar e se abrir comigo...

P – Como você conversava com ele sobre o pai?

M – Quando o Bruno começou a entender as coisas eu já falei que o pai dele não convivia com a gente porque ele já tinha uma família e não podia estar junto da gente. Eu sempre falei isto para meus filhos e não escondi nada! Só que o mais novo sofreu mais rejeição que o Bruno, porque ele dizia que o filho não era dele. Tive que fazer DNA. Quando o Bruno era pequeno, era muito amigo do pai. Com o passar do tempo, o pai foi deixando de vir e o Bruno sentiu muita falta.

P – Você disse que se sentia revoltada com esta situação do pai de seus filhos não lhe dar apoio e que sentia isto no Bruno também...

M – Eu achava assim, mesmo ele tendo a família dele e que quisesse manter o casamento, poderia dar mais atenção e estar mais presente na vida dos meninos. Às vezes eu ficava pensando que a culpa era minha de ter escolhido a pessoa errada para ser pai do meu filho. Se fosse uma pessoa livre, seria diferente; talvez estivesse vivendo com a gente. É a formação do Bruno teria sido melhor! Eu agüentei as pontas sozinha.

P – Como que seus filhos falam dos irmãos por parte de pai?

M – Ah, são duas moças e dois rapazes... Eles não falam nada! Não tem contato nenhum!

P – Fale-me mais sobre a infância de Bruno:

M – Ah, praticamente foi criado sozinho porque eu saía de casa às seis da manhã e voltava às seis da tarde. Eu não tinha tempo, eu não vi ele crescer! Nossa, quando eu vi... Sabe, eu não tive muito espaço na vida dele!

P – Que pessoas tiveram neste espaço da vida de Bruno?

M – Eu acho que meus filhos aprenderam as coisas sozinhos, na rua... Comigo mesma nunca sentei com eles e falei e conversei. Eu chegava em casa e eles já estavam quase na hora de dormir. O que mais acontecia era que

meu pai ficava presente para resolver um problema na escola, por exemplo. Às vezes, penso que fui falha na criação do Bruno, porque eu tinha pena dele não ter o pai e eu pensava: “Não vou ficar brava com ele.”

P – Você disse que o Bruno sempre foi nervoso. O que ele fazia?

M – Teve uma vez, quando eu estava grávida do meu outro menino, e o pai dele ainda vinha na nossa casa, parece que ele sem mais nem menos, começou a chutar a porta. Chutou, chutou e depois ficou quietinho no canto. Eu não fiz nada, o pai dele não fez nada... Na gravidez do Bruno, eu passei problemas demais. Fiquei desempregada, o pai dele demorou a aceitar minha gravidez. Desde que ele ficou na creche, as professoras já diziam que ele era muito nervoso. Ele era chorão, chorava, chorava. Hoje ele não sabe falar baixo e grita muito.

P – Como o Bruno se relaciona com o irmão?

M – Ele não tem muita paciência com o irmão... A maneira dele falar é agressivo... É ciumento da namorada e fala agressivo com ela também. Às vezes, ele fala nervoso ao telefone com ela.

P – Você disse que quase não acompanhou o crescimento de Bruno. Quando foi que você percebeu este modo “agressivo” de lidar com as pessoas e situações ?

M – Comecei a perceber quando apareceu os problemas na escola. Às vezes me chamavam na escola, só que eu entregava pro meu pai resolver, porque ele era mais enérgico e tomava conta. Meu pai conversava, dava umas correições. Eu mesma não fiz nada não! Eu chegava muito cansada, meu pai vinha me falar as coisas e eu não tomava atitude... Às vezes, eu conversava...

P – Como era a família? Que era você, seu pai e seus filhos?

M – Você quer saber como era ? Era muita briga! Briga mesmo! (*umenta o tom de voz*). Meu pai era muito nervoso, brigava e quando ele bebia nos xingava. Eu acho que o Bruno cresceu com muita briga. Meu pai e meu irmão nunca deram certo.

P – A sua rotina levou a ter pouco contato com seus filhos.

M – Eu queria ter criado o Bruno de uma forma mais tranqüila. Como eu nunca tive condições de viver em outro lugar e vim morar aqui com meu pai. Eu criei eles no meio de brigas e discussões. Eles cresceram com aquilo. Meu pai bebia muito e batia demais nos meninos. Eles sofreram muito, principalmente o Bruno sofreu com isto e eu não podia ficar em casa. Eu tinha que trabalhar pra manter os meninos, mas em casa aconteceu muita coisa errada.

P – Vocês conversavam pouco. Como faziam quando a escola chamava ?

M – Às vezes eu ia lá as professoras diziam que ele respondia, era agressivo e precisava mudar. Aí eu conversava com ele, mas ficava bom só um tempo, depois voltava ao que era antes. Elas diziam que se ele continuasse assim perderia a vaga na escola. Foi assim muito tempo... Depois que foi crescendo e foi enturmando... Só fui saber que ele estava brigando na rua quando ficou preso!

P – Você conversou sobre isto com ele?

M – Depois que tudo aconteceu, que ficou preso, teve um conhecido da gente e que viu o Bruno crescer disse pra mim que ele estava envolvido nessas brigas e que a polícia já estava de olho nele. Aí, eu contei pro Bruno. Ele negou, mas acho que estava no meio das brigas sim! Quando ele saiu da cadeia eu falei que se acontecesse qualquer coisa, a polícia ia pegá-lo de novo e ia ser pior. Ele foi entendendo mais as coisas, mais o jeito de ser ainda é o mesmo.

P – Você diz que seu filho mais novo é mais tranqüilo que o Bruno. Como você percebe isto?

M – Ele não é de briga e na gravidez dele eu não sofri como na de Bruno. Meu pai não aceitou a gravidez, fiquei desempregada, eu rejeitei bastante a gravidez!

P – Quando você pensava em sua situação com seus filhos e se sentia revoltada o que mais lhe passava pela cabeça?

M – Pensava em fazer muita coisa, muita besteira. Por vezes pensava em levar os meninos pra ele criar, porque na casa do pai deles tinha mais conforto, mais coisas!... Eu ficava muito nervosa com a situação de ter que trabalhar pra dar as coisas pros meninos e nunca dava do jeito que eu queria dar. Os meninos falam que queriam uma casa melhor e uma condição de vida melhor. Eles acham que o pai deles tinha a obrigação de fazer algo pra ajudar. O Bruno queria que o pai fizesse algo...

P – Como era a relação do Bruno com o pai?

M – Enquanto ele ia em minha casa, o Bruno nunca foi de chamá-lo de papai... Não era um relacionamento de pai e filho, eles só conversavam. Eles não brincavam, não tinha abraço.

P – E você e o Bruno?

M – Tinha abraço... Meu pai sempre falava que eu dava mais atenção ao Bruno...

ENTREVISTA COM EDUCADORES GRAVADA EM FITA CASSETE

Clarice - Professora (16/6/04)

Aconteceu na casa de Clarice e em horário marcado, depois de contato telefônico.

P – Você poderia falar de como vê a questão do movimento de gangues na escola?

C – Os meninos de gangue dentro de escola não dão problema... Eles brigam na rua e no outro dia chegam na escola e contam tudo numa boa. Um dia perguntei a um deles que tinha me falado que tinha ido para uma briga numa turma de 23. Você não tem medo de morrer? Ele respondeu que não. A vida para ele tanto faz morrer ou matar. Eu sinto que eles não dão importância para a vida, o futuro é coisa que eles nem falam e nem pensam... Esse negócio de estudar, trabalhar, não há, é só o momento.

P – E o que é o momento presente para eles na escola?

C – Eu os vejo na escola assim: como se quisessem fugir... É uma realidade que eles sabem que não vão ter futuro, mas eles tentam lutar. Muitos, ali, saem de gangues e vai e volta. Eu tive um aluno que morreu; ele era de gangue. Ele saiu da gangue e foi lá na escola pedir para voltar a estudar. A diretora pediu que ele falasse comigo. Eu falei pode estudar normal... Dentro da sala de aula ele era uma gracinha, só que o pessoal da gangue não aceitou a saída dele e o matou! Eles deram uma facada nele. E ele me falava: “Eu não quero mais!”.

P – O que mais ele conversava com você, sobre sair da gangue?

C – Ele morava sozinho. As únicas pessoas que o acompanhava e dava atenção e apoio a ele era o pessoal da gangue. Ele usava droga, ele vendia, era do tipo um instrumento de arrecadação...

P – Fale-me mais de como é um aluno que faz parte da gangue.

C – Eles vêm para a escola quase como uma fuga, porque eles se sentem gente! Lá na escola a gente os valoriza.

P – Você pensa que a escola seja uma forma de fugir da gangue?

C – Sim. Porque na escola a gente conversa com eles e então se sentem valorizados. É outra vida. Eu sei que a maioria ali não queria ser de gangue. Por exemplo, por que o Levi vai na escola? Ele já repetiu... Para começar ele não aprende, ele não tem aquele aprendizado... E ele vai para a escola e lá ele é outra pessoa... E o único lugar que se sente gente!

P – Fale-me melhor sobre como e sentir-se gente.

C – É assim: você chega perto do aluno, conversa, elogia. Lá já vi muitos meninos de gangue que se aproxima da gente e diz “Você gostou da minha roupa?” Quer dizer, é o único lugar que alguém vê alguma coisa de diferente neles, é na escola! Eles recebem atenção carinho. Eu acho também que vão para a escola para aprender a controlar a agressividade, porque a maioria é agressivo, mas na escola eles controlam.

P – O que tem na escola que ajuda a controlar a agressividade?

C – Não sei... Eu acho que é o jeito que a gente trata eles, o jeito que senta e conversa, porque a gente conversa, não vai deixar de lado só porque é de gangue.

P – E dentro da escola se fala de gangue?

C – Não, só quando eles vêm falar. Aí, a gente fala “Você acha isto bonito?” Igual quando eu soube de uma briga e fui falar com o aluno e ele disse que tanto faz. Mas me deu uma tristeza de pensar que para ele, com 17 anos, tanto faz matar ou morrer...

P – O que você sabe da vida destes alunos, que participam de um grupo de gangue?

C – A maioria ali tem famílias desestruturadas, a mãe do Renato é alcoólatra. Desde que ele tinha oito anos, ele chegava na escola sem banho, porque ela não levantava da cama nem para arrumá-lo para ir à escola. Aí um dia a professora dele brigou com ele para não vir sem banho, eu propus que ela em vez de brigar o levasse para tomar um banho. A hora que ele vê comida fica transtornado, ele não está acostumado com comida... Ele come tanto e depois passa mal. Um dia ele comprou uma roupa e a barra da calça estava enorme, ele disse que não sabia fazer e eu disse para ele aprender a fazer, se virar sozinho. Eu tenho muito dó dele. A vida dele é sofrida desde os oito anos. Uma vez chamaram a mãe dele na escola e ela foi chegando com um cabelo todo despenteado, um cobertor nas costas e cara de bêbada. Aí, ele olhou para mim com cara de susto e eu fui lá e parei-a no portão. Ele tem razão de ficar com vergonha, a mãe dele chegar daquele jeito na porta da sala? Quando ele olhou para mim, eu vi que ele não queria que ela entrasse na escola. Falei que era engano e que ela voltasse outro dia. Foi a única vez que vi a mãe do Renato na escola.

P – Você tem uma boa proximidade com os alunos?

C – Eu converso com eles e falam na maior naturalidade a vida deles.

P – Em sua opinião, o que é o grupo de gangue?

C – Eu acho que é a única coisa que eles encontram para expandir a agressividade... Porque dentro da escola a maioria... Só alguns não têm lado de chegar, pois são agressivos também dentro da escola. Estes não ficam na escola porque não adaptou, pois dentro da escola eles são outra coisa. E a gangue não está necessariamente ligada às drogas. Pode ser que sim e que não.

P – Você acha que a escola aceita o aluno que é da gangue?

C – Eu acho que a escola tenta modificar, lá dentro não acontece. A gente não é conivente de ver e fazer de conta que não vê. A gente conversa! Fala o que pode e não pode.

P – O que a escola pode fazer em relação à questão dos alunos de gangue?

C – Eu acho que poderia ser feito mais. A gangue é um canal para expressar a agressividade que recebe de casa. Um dia vi um roxo nas costas do menino, que o pai o havia batido com um pedaço de pau. E porque tinha comido a “mistura da janta”. Eu penso que a agressividade na convivência em casa, quando eles não conseguem devolver eles devolvem na rua.

P – Porque você diz que os alunos da escola que estão na gangue vão e voltam?

C – Eles não têm incentivos para ficar na escola. Não há o hábito da família incentivar. A gente incentiva, mas a família não. Por exemplo, o Renato aonde que o outro leve ele vai, ficou na escola enquanto sua amiga também vinha ela chamou para entrar para a igreja e ele foi... Falta para ele muita “personalidade”. Ele tem 18 anos e chama a gente de tia até hoje. O Renato nunca some muito tempo, quando alguém o incentiva ele fica mais tempo. Tem dois anos que ele aprendeu finalmente a ler.

OBS: Lúcia passa a falar da favela perto da escola, que as condições são precárias e que os alunos contam que não gostam de morar lá. Ficam aflitos para se mudar. Falam também de que não sabe de meninos de gangues.

P – Fale-me mais da expressão da agressividade.

C – Quando se convive, você percebe a diferença e se pergunta o que foi, eles logo vão falando naturalmente. Por exemplo, o Levi há uns quatro anos atrás, a supervisora chamou a mãe dele na escola, ele estava muito difícil. A mãe dele veio e disse que ele era terrível dentro de casa e usou um termo que eu achei estranho, falou que não era para dizer ao Levi que ela esteve na escola. E eu perguntei por que e ela disse: “Nossa! Ele é muito agressivo, ele pega as coisas dentro de casa para vender por causa de drogas...” Aí, eu falei, e aqui na escola o Levi parece um carneiro, quietinho. A mãe dele disse: “É só aqui, precisa ver em casa”... Acho que batia nela!

P – A escola não dá espaço para a expressão da agressividade?

C – Não dá, quando acontece, como naquele caso da briga e do aluno que se drogou dentro da escola, fica todo mundo alarmado... Lá tínhamos um aluno que o problema dele era ser agressivo demais... Mas eu nunca o

discriminei assim não. Às vezes eles podem estar brigando, quando você chega no meio eles calam. Eles respeitam a gente! Isto é o mais interessante. Eu acho que o único lugar que eles encontram respeito é na escola.

P – O que é este respeito?

C – É sentar e conversar, sem agredir... Ser ouvido, ouvir... Por exemplo, podemos conversar de tudo. Às vezes, eu chegava e dizia, pára de dizer que mora ali na favela... Eles diziam: “Não é favela!” A maioria é revoltada de morar na favela: “Mas é horrível lá! Não tem esgoto, as casas uma bagunça.” A maioria sente vergonha de morar assim. A maioria que consegue sai, principalmente as meninas!

P – Qual seria o papel da escola em relação à questão da gangue?

C – Lá na escola existem professores que quando sabem que o aluno é de gangue já falam assim: “Nossa, que coisa mais perigosa do mundo!” Não, eles não atacam assim não. Eles já têm o grupo que vão atacar. Eles não brigam por qualquer motivo, é por coisa boba, mas é lá na rua. Dentro da escola eles não brigam. Não me lembro de uma briga dentro da escola, que tivesse a gangue no meio.

P – Você está me dizendo que dentro da escola há uma não aceitação deste fato da realidade?

C – Ah, lembrei! Vou falar do Cláudio... Lá dentro da escola ele quis se impor e ninguém aceitou. O que aconteceu? Ele não adaptou ao ambiente da escola e saiu...

P – Como foi isso?

C – Eu me lembro de vê-lo algumas vezes dentro da escola andando todo “empinadinho”. Isto não! Dentro da escola não tem nada a ver.

P – O que é andar empinadinho?

C – Assim, ele olhava os meninos e os queria submisso a ele, porque é líder da gangue. Então, lá na gangue ele mandava, mas dentro da escola ele não conseguiu mandar e saiu.

P – Porque ele não conseguiu mandar?

C – Ah! Os meninos não aceitam! O dia em que ele pediu para volta para a escola eu comentei com a diretora: “Você vai aceitar o Isaiás de volta de novo?” Ela respondeu: “Ele quer voltar!” Como que diz: “Quem sabe, né? Ele quer estudar!” Aí, eu disse ah, mas não fica muito tempo! A gente vai aprendendo a conhecer o aluno.

P – Na escola não existe aceitação... { *NÃO ESPERA EU TERMINAR A FRASE* }.

C – Não! Ou fica um “carneirinho”, como o Levi, ou sai. Impor-se lá dentro da escola não!

P – O que a escola poderia fazer, já que você diz que ela deveria fazer mais em relação a esta questão?

C – É preciso conversar e não discriminar. Não adianta discriminar, se não o aluno sai da escola. Tem que conversar de boa. Assim eles contam o que acontece. Quando este meu aluno morreu (*REFERE AO CASO QUE CONTOU NO ÍNCIO DA ENTREVISTA*), os outros dois que estavam com ele disseram que levaram um susto quando via. Não teve briga nem nada, o cara chegou e simplesmente deu uma facada na virilha dele. Olha, só para ver onde ele se sente segurança, ele morreu tentando pular para o lado de dentro da escola. Ele estava sentindo que se pulasse para dentro da escola o cara não pegava ele. Eles estavam vindo de uma festa e encontrou com o cara no meio do caminho e tentou pular o muro para dentro da escola, mas o cara o pegou.

P – E isto significa segurança?

C – Sim. Ele sabia que dentro da escola tinha um guarda.

P – Você falou de professores que preferem nem chegar perto de alunos de grupos de gangue.

C – Tem gente que prefere não escutar, querem sair de perto. Mas hoje, vejo as gangues estão diminuindo, uns casam, outros arrumam serviço. Claro, dos que tenho contato, pois há tantos que não sabemos. Eu gostaria de comentar que não tenho medo de meninos de gangue, ao menos dos que estudam na escola.

SEGUNDA ENTREVISTA (10/7/04)

Clarice

P – Fale-me como é o papel do educador diante do aluno que é de gangue.

C – Conversar com eles que não é uma boa idéia fazer parte da gangue, porque são muito jovens e têm um futuro pela frente. Às vezes eles falam, ah, não! A gente foi feito pra morrer! Aí, eu digo que eles são muito jovens para morrer. Eu converso, dou muito conselho; têm alguns que mudam, outros não.

P – Que conselhos você dá?

C – Se você briga, pode levar um tiro, se mata, pode ir pra cadeia. Mas isso aí pra eles é normal. Eles agem com indiferença...

P – Eu lembro que você falou que uma das alternativas para esse jovem aluno era tentar ser “alguém na vida”:

C – Eles não têm auto-estima!

P – Como é ter auto-estima, neste caso?

C – Tudo que eles fazem não dá certo. Trabalha no café e não dá certo, depois vai catar lixo e não dá certo e eles sempre estão fazendo serviços secundários. Eles precisam ter um serviço melhor. Sabe, eles são muito “novinhos” e acham que a pessoa que é um executivo tem mais condições de viver do que eles. Eles não têm auto-estima! Assim, acabam sendo violentos!

P – Não ter um trabalho que realiza financeiramente e que não dá boas condições de viver a própria vida gera pessoas violentas?

C – Isto é para sobressair, já que eles não conseguem isto no emprego. Vejo alunos meus que trabalham no café (na colheita) e passam no caminhão, naquela sujeira! Eles abaixam os olhos e não encaram a gente.

P – Você falou que a escola tenta fazer um controle da agressividade e dessas manifestações violentas, como a gangue. Como vocês fazem este controle?

C – Olha, a diretora conversa muito com os alunos, dá muito conselho. E eu não demonstro ter medo deles e nem de gangue! Porque eles entram e saem. Ou eles se adaptam ao ambiente escolar ou eles saem!

P – O que é preciso para se adaptar ao ambiente escolar?

C – É a convivência! Eles têm que aprender a conviver!

P – Esta é uma forma de controlar a agressividade?

C – Não, acho que é uma forma muito boa deles aprenderem a conviver em sociedade se não aprendeu na rua, onde mais vão aprender? É na escola mesmo! Ou eles se adaptam a conversar baixinho, não gritar, ficar tranqüilo, não discutir. É o controle da agressividade.

P – E os momentos em que o educador grita com o aluno?

C – Ah! Mas é preciso mostrar o limite deles! Não pode deixar o aluno à vontade.

P – Podemos pensar que uma das formas da escola educar é reprimindo certas formas de expressão do aluno?

C – Não há tanta repressão. Lá na escola é assim, é um tipo de limite que fora da escola você faz o que quiser, mas lá dentro não! Tanto é que eu acho o ambiente da escola supertranquilo, porque os que não conseguem adaptar se afastam da escola.

P – Como se dá a adaptação do aluno à escola?

C – Se a escola adaptar ao aluno ele vai acostumar ao seguinte, em casa adaptado à agressividade e na escola também? Quando ele vai ter consciência de que o que faz é errado?

P – A prática educativa da escola é para mostrar o que o aluno faz de errado?

C – Eu tenho um aluno que na sala ele fica normal, mas a hora que sai pra fora ele gritava e assoviava e aí um dia eu disse pra diretora e ele estava ouvindo: “Não tem jeito, ele fazendo essas coisas de dar um passo fora da sala e gritar e cantar igual louco!” Assim eu fui dando umas broncas nele e o comportamento dele melhorou muito. Às vezes na escola tem que repreender, porque às vezes não aprendeu em casa, então tem que aprender na escola!

P – Você falou que a escola tenta modificar a agressividade e outros comportamentos daqueles alunos que tentam se “impor” por serem de gangue. O que você percebeu que a escola já modificou nesses alunos?

C – Por exemplo, o Cláudio, que não se adaptou à escola e saiu, mas se ele chegar amanhã e quiser voltar, ele volta. Ele sabe que a escola é aberta, mas ele vai ter que mudar o jeito de estar na escola; lá é diferente! Não vai poder ameaçar os outros ou querer passar na frente na hora do lanche.

P – E como a escola mostra que é diferente?

C – Através de conversa...

P – No caso deste aluno, o Cláudio, porque ele não se adapta à escola?

C – Ele acha que na escola, por a maioria das professoras serem mulheres, ele pode querer mandar.

P – Se fossem homens, os professores, seria diferente?

C – Sim, porque eles são machistas. Esses alunos de gangue não aceitam serem subordinados a mulheres. Pode ver que há pouquíssimas meninas nas gangues.

P – A escola trata de maneira diferenciada o aluno que é de gangue?

C – Quando o aluno é diferente da maioria o tratamento dele tem que ser diferenciado. Pra quê zangar com um aluno que não dá problema? O professor não pode deixar um aluno atrapalhar a aula.

P – Quando a escola reprime este aluno que “atrapalha” a aula, ela modifica este comportamento?

C – Modifica e muito! Mas, é mais conversa. Há advertência, raramente suspensão, e em casos extremos, transferências. A gente também não chega gritando com um aluno que fala baixo. A gente grita se ele grita também.

P – Fale-me que possíveis alternativas podem-se pensar para que a escola lide com as gangues.

C – A primeira coisa que tinha a fazer é ver a situação da família deste aluno, porque às vezes a gente conversa com o aluno e não sabe como é o restante da família dele, como é a casa dele e o que ele vive lá. Porque geralmente a maioria vive só com a mãe, e cadê o pai?

P – De que maneira a escola pode atuar nesta situação?

C – Fazendo um trabalho, primeiro com a família, conhecendo esta família, mas infelizmente isto não funciona, porque as mães nem vão à escola. Antes a gente fazia assim, o menino deu problema na escola, vamos à casa dele e conversa... O menino que dá problema na escola tem problema em casa.

P – Faça uma relação entre a forma de o jovem estar na escola e de estar na gangue, já que você apontou que o comportamento dele muda dentro da escola depois que entra pra gangue:

C – É totalmente diferente, às vezes você conversa e percebe que eles quando estão na gangue não têm dó, e querem aparecer sendo violentos. Tem menino que você olha e diz “Não acredito!” Eles são “loucos” com armas de fogo. É o caso de um ex-aluno, que hoje está preso por ter matado durante uma briga de gangue. Aquele lá, desde pequeno era assim, gostava de arma, dava problema na escola e, quando a gente chamava a mãe, ela dizia que não dava conta dele.

P – E o que a escola faz diante disto?

C – Fazer o quê? Se ela que é a mãe não dá conta dele! Porque ela não procurou ajuda? Depois que ele cresceu um pouco enfiou a faca no outro e agora está lá na cadeia. Na escola a gente fala muito o exemplo dele.

P – O que pode ter na vivência deste aluno que o levou a fazer assim?

C – É querer ser superior aos outro, é ele não querer acatar a ordem. Sabe como? Não é regime militar, mas você fala pra ele fazer isto e ele faz o contrário do que foi dito para não ser submisso e se sente superior. Tem pessoa que não se adapta a ser submissa, acha que o professor está mandando demais. O termo mais exato é que a gente orienta e não quer mandar. A gente orienta, na escola você faz assim e assim.

P – Você fala em adaptação. Como se dá isto na escola?

C – O aluno precisa se adaptar na escola, já que não fez isto em casa, porque senão ele acaba ficando fora da escola. Ele precisa aprender a ter regra, não é na rua e não foi em casa!

P – O que o ato de educar envolve?

C – Eu educo os meus alunos como se fossem meus filhos. Por exemplo, tinha um aluno que ficou uns dois meses na escola dando trabalho. Mudou de professor e dava problema e, então, ele foi para minha sala e depois de certo tempo ele falou: “Tia, você sabe que meu pai matou minha mãe? Ela estava dormindo e ele veio com a faca e fez assim nela!” E ele fazia gesto... Ele via tudo! Depois, conversando, ele falou que o pai era alcoólatra e que quando crescesse iria matar o pai dele igual ele fez com sua mãe. Este aluno só queria falar e os outros professores não deram ouvidos.

P – Então, a escola não dá muito espaço para os alunos falarem livremente?

C – É, nem sempre a escola oferece o espaço que o aluno precisa.

P – Podemos pensar que o aluno que está na gangue também não encontrou espaço na escola?

C – É, a gangue é uma forma de se sentir macho e ganhar espaço! Há professores que não deixam os alunos falarem, é preciso deixá-los se manifestarem.

P – E pensando na questão que você falou sobre ensinar regras, será que a visão geral de educar e fazer o aluno obedecer a regras?

C – Às vezes sim. Às vezes é cale a boca que eu estou explicando! Tem hora que é preciso, senão o aluno extrapola.

P – Como a escola educa?

C – A escola educa pra vida, dizendo, você tem que estudar, trabalhar, constituir família. Isto é uma vida normal, e não ficar brigando e correndo risco de morrer com 14 anos, nem matar com 16 ou 17 anos. Ir pra cadeia pra quê?

P – Pelo o que você disse, a escola não dá muito espaço para entender por que o aluno se expressa assim, estando na gangue ou usando drogas:

C – A maioria dos professores acha que não pode perder tempo de ficar conversando. Os professores são muito cobrados. Às vezes chega o diretor ou supervisor e quer ver o seu roteiro de trabalho, que conteúdo você vai dar, o dia da prova.

P – Na escola há prioridade para o que está no roteiro de trabalho?

C – Sim e há dificuldade dos professores se aproximarem dos alunos, porque as pessoas vêm a escola como perigosa por ter nos arredores a favela e a “boca” de drogas. Aí, acontece que o professor fica com receio do aluno que é de gangue e não conversa com ele direito, nem sabe da vida dele.

ENTREVISTA COM PROFESSORA

Dorinha (14/4/04)

Aconteceu na escola e em horário vago das aulas de Dorinha.

P – Como você tem percebido atualmente o movimento de gangues?

D – Atualmente está crescendo demais e está prejudicando principalmente os jovens. Agente que é mãe fica muito preocupada quando os filhos saem. E aqui, em Araguari, quase todo final de semana tem acontecido o ataque dessas gangues. Às vezes, rivalidades entre bairros ou então por puro prazer de fazer maldade. Eu vi no jornal que uma pessoa muito conhecida na cidade foi atacada por uma gangue e a polícia pegou um dos integrantes e eles falaram que fazem por fazer e que não o conheciam e não sabem nem porque bateu. Então, eu acho que está na hora de tomar uma providência séria.

P – Para você que está na prática educacional, como vê esta questão dos grupos de gangues?

D – Eu acho que a gente tem que procurar a causa. E a causa, aqui pra nós na escola, vem da família e da base da estrutura familiar que eles têm. Então acho que temos que procurar conhecer sempre o aluno e sua família e como eles vivem. Acho que o problema parte daí.

P – De que maneiras o problema parte daí?

D – Porque sempre que a gente conversa com eles, principalmente os alunos mais revoltados, eles contam que a mãe está presa, o pai também e vivem com uma tia... Ou outros que convivem no meio do tráfico de drogas e assim temos o depoimento de muitos meninos, porque, quando a gente vai falar com estes mais rebeldes, ficamos sabendo de histórias assim.

P – Tem algum aluno seu no ensino fundamental que hoje faz parte de alguma gangue?

D – Já tive notícias e ex-aluno que estavam envolvidos com drogas e agora já estão envolvidos com gangue também.

P – E o que você percebe nesses alunos em sala de aula?

D – Este que sei hoje ele não está estudando mais... Mas desde pequeno ele já era muito revoltado, porque a família era da religião evangélica e ele nunca aceitou isso! Porque ele vinha para a escola e a maioria dos alunos não eram desta religião e conversavam sobre o videogame, a televisão, e ele se interessava muito, só que em casa ele era muito reprimido quanto a isto. Eu percebi que ele se revoltava com isto e comentava que em casa queria ver TV e jogar e a mãe e o pai batiam. Depois ele foi ficando revoltado e só ficou na escola até os quatro anos e saiu.

P – De um modo geral, como os jovens entram na gangue? Como eles são na escola?

D – Aqui na escola, mesmo, acho que não há nenhum que faz parte de gangue, porque, quando eles entram pra isto, logo se afastam de tudo, inclusive da escola e já não têm interesse pelo estudo. Eu acho... Os próprios alunos chegam comentando o que aconteceu no fim de semana e em uma festa... É aí que nós percebemos que estão entrando para a gangue.

P – E no bairro da escola? Como acontecem as gangues?

D – Quando tem alguma festividade na escola, eles ficam rodeando e tentando entrar e às vezes a gente barra a entrada deles e faz alguma coisa para virem só os alunos e a família e eles ficam rodeando, jogando pedra e atacando as pessoas que passam na rua. Com isto, a gente percebe que vêm do grupinho. Eles são bem conhecidos e se reúnem aqui na esquina da escola, às vezes ficam esperando o aluno sair para pegá-lo.

P – Nesse grupo há ex-alunos daqui?

D – Sim, são quase todos ex-alunos.

P – Quando eles entram para a gangue não vêm para a escola?

D – Ai eles abandonam mesmo! Este grupinho que fica aqui na esquina à noite usam drogas abertamente, estão ali e não se preocupam com quem está vendo. Agora, parou um pouco porque a polícia vem sempre e dá “batidas” no quarteirão da escola.

P – Como você percebe que a escola tem seu papel educacional diante desta questão das gangues, da violência, como você citou?

D – Acho que eles precisam de um local diferenciado que ofereça aula de computação... Acho que é por aí mesmo... Tem que tentar incluí-los na sociedade, porque com essa nova onda de inclusão que a gente está estudando é isto mesmo.

P – Então, fale-me mais da inclusão e como pode ser feita?

D – Tem que tentar chegar neles e conversar porque não adianta ficar só recriminando e ficar sem saber qual a causa disto. É preciso se aproximar mais deles. É igual o aluno da escola quando ele está com problema e revoltado não adianta chegar nele e querer brigar ou partir pra ignorância... Tem que ser conversando e saber a causa do problema.

P – O que você entende, por exemplo, um ex-aluno da escola que está ali na esquina, fazendo o uso de drogas e às vezes esperando alguém pra bater ou jogando pedra na escola quando não pode entrar na festa. Como seria uma ação educativa para incluir este aluno na escola?

D – Tem que ter algum atrativo na escola para trazê-lo de volta, mesmo que fosse em horários diferentes dos que os colegas estudam, mas acho que tem que trazê-lo para a escola, porque senão o processo de inclusão não terá sentido.

P – A escola atualmente exclui este tipo de aluno?

D – Não exclui, não! É porque a gente não sabe como lidar com eles, não estamos preparados para lidar com eles. Precisamos partir daí e ter mais apoio e preparação. A gente fica sem saber como trabalhar com este aluno, como trazê-lo de volta e como fazer para que eles permaneçam na escola.

P – O educador tem que papel quando está junto ao aluno que faz parte de um grupo de gangue?

D – O professor precisa ser o medidor, investigar a causa da briga dos alunos e tentar ajudar e conversar... Aqui os que tenho mais facilidade para trabalhar são os que chegam a ponto de sermos amigos. Porque não adianta a gente querer ir conversando sem que eles sintam confiança na gente. Só assim dá pra tentar uma mudança.

P – O que necessita de mudança?

D – Dar, talvez, uma chance para eles participarem. Por exemplo, fazer uma festa ou alguma coisa que eles gostam e que possam estar presentes. Quem sabe conversar com eles e dando uma chance para ver como se comportam, às vezes criando algumas atividades para eles participarem e ajudarem... Um campeonato na escola, sabe lá... Qualquer coisa que vá atrair o interesse deles de vir para a escola e parar de perturbar um pouco, né?

P – Como que esses alunos ou ex-alunos perturbam?

D – Geralmente atrapalham algum acontecimento na escola que eles não podem participar, depois saem xingando alguém de fora da escola pra ver se provoca uma briga. É esse tipo de coisa... Ou subindo em cima do muro da escola, porque às vezes está acontecendo um jogo de futebol e já teve caso de pularem pra dentro e a gente ter que pedir pra sair. Mas não aceitam sair pela porta, eles pulam o muro de volta... Já teve um caso de uma aluna que namorava um rapaz de gangue e o que interferia é que ela não podia conversar com ninguém e tinha que ficar mais isolada. Não podia ter muita amiga e nem com os próprios colegas de sala. Ele ficava no portão vigiando e deu muito problema porque ninguém podia passar perto dela que ele já ficava esperando lá fora pra bater. Já juntava a sua turma e ficava esperando.

P – Você falou que as gangues estão crescendo e que precisam ser feito alguma coisa e um dos pontos que você levantou foi o de tentar incluí-los na escola. Como isto pode ser feito?

D – Acho que pode ser pensado em um apoio para recuperação, já que a maioria é usuária de drogas. Aqui em Araguari tem trabalhos para este tipo de pessoa. Mas, para isto, tem que ter consciência que querem essa mudança.

P – Que razão levaria um jovem a ficar na gangue?

D – Principalmente por problemas sociais ou às vezes pelo puro prazer de aparecerem. Muitos vão porque vêm os colegas e acham bonito e acompanham.

P – Você comentou da realidade da escola e dos alunos que participam de gangues. Fale-me mais sobre isto.

D – Eu acho que a escola está deficitária na questão de inclusão, porque é muito difícil, né? Uma vez que esses alunos saíram da escola, envolveram nesta... Envolveram com drogas, de violência, de gangues. Eu acho que é muito difícil trazê-los de volta pra escola...

P – Será que não é algo que começa dentro da escola?

D – Mas nós temos muita dificuldade de saber como proceder com este aluno, porque quando eles começam a entrar nessa vida eles saem da escola. Então, a gente não convive mais com ele e não sabe o que se passa na cabeça deles.

P – De que maneira esse aluno que se envolve com drogas, violência e gangues assustam o educador?

D – A gente às vezes tem medo de chegar perto do aluno e conversar porque não sabemos qual vai ser a reação dele. E isso pode atrapalhar a gente se aproximar e tentar saber o que os meninos estão vivendo. Acho que esse medo é um dos primeiros fatores que atrapalham.

P – A escola acaba desconhecendo este aluno?

D – É, justamente pelo medo. O educador sente medo, aí, acaba se afastando e tenta não se envolver muito.

ENTREVISTA COM A DIRETORA: OLÍVIA (06/07/2004)

(Idade: 48 anos; Diretora há nove anos nos três turnos; Educadora há 16 anos)

P – Como você vê o movimento de gangues, como você percebe o acontecimento?

O – A gangue começa assim, um influencia o outro. Porque aqui neste bairro não tinha nenhuma gangue. Aí, fizemos uma festa aqui na escola, um desfile. E veio uma gangue lá da Vila Amorim e brigou, jogou o som no chão, estragou a festa daqui. Aí, então, eu me lembro de que os alunos se revoltaram e começaram a unir para vingar deste dia. E começaram, eram dois, três e ficavam umas conversas... Aí, morreu um moço da gangue da Vila Amorim e falaram que os culpados eram daqui, mas não era! Aí, a outra gangue ameaça e eles eram poucos e foram se agrupando mais para ficarem mais fortes!

P – Há quanto tempo você percebe que existem rapazes e moças da escola que são de gangue? E como vocês têm lidado com essa questão?

O – Esse povo de gangue não é muito aberto para falar que são do grupo. Porém, como eu estou aqui no bairro há muito tempo e eu tenho amizade com eles e eles confiam em mim, então eles me contam. Mas não contam para todo mundo o que acontece. Eu já tive aluno aqui que chegou para mim e falou: “Dona Olívia, ontem eu matei um!” Eu lido com eles assim: nunca entreguei ninguém eu sempre converso com eles dizendo para deixarem disso, que não vale a pena. Quando o prefeito fez o chamado para reunir com os meninos de gangue, eu os chamei e os levei... Parece que naquela época eles já começaram a mudar de pensamento. Eu percebi que o grupo começou a dar uma enfraquecida. Achei que eles mudaram de comportamento. Porque eles estavam assim bem empolgados. Aí teve aquela promessa de estudo, alguns vieram para a escola, eles tiveram computação. Aí parece que alguns deixaram a gangue e deu uma enfraquecida no movimento.

P – Você considera qual o papel da escola?

O – A escola teve um papel fundamental, mas foi através do projeto desenvolvido pelo prefeito. Eles não falam porque parece que têm um pacto um com outro e quando me contam as coisas pedem para eu não fale nada para ninguém. Às vezes pedem para ajudar a tirar da cadeia algum que foi preso.

P – Como você entende sua relação e a da escola com os meninos de gangue?

O – Eu vejo, as professoras têm medo quando descobrem que os alunos são de gangue. Elas vêm e me perguntam e eu digo: é, este aluno é perigoso! Ele precisa ser tratado diferente. A pessoa de gangue é assim, você tem que tratá-la com respeito, não pode desrespeitá-lo hora nenhuma... não sei porque é assim... Mas as professoras têm medo mesmo!

P – Como é esta questão de tratá-los com respeito?

O – O menino que não é de gangue, o aluno faz uma “arte” qualquer, eu falo mais bravo e mais alto com ele. Já o menino de gangue, você tem que conversar mais manso e saber lidar com eles. E eu não tenho medo e falo para os meninos que não tenho medo. Eu penso assim: já vivi um tanto bom e muito bem. Até uma vez um menino ficou assim irritado com a professora e com a gente porque chamamos a atenção dele. Aí ele falou que ia jogar uma bomba aqui e eu respondi assim: “Olha, eu não tenho medo de morrer e se você quiser jogar uma bomba aqui, faça o seguinte, joga só a hora que estiver eu porque fui eu quem tomou atitude com você. Não jogue quando estiverem outras pessoas. Porque eu já vivi muito, já criei minha filha, eu vivi muito feliz e o tanto que eu vivi está bom!” Então conversei assim com ele e expliquei que gosto muito dele, que eu nunca tive que tomar aquela atitude e que eu não queria que ele fizesse mal a ninguém.

P – Que atitude você tomou com este aluno?

O – Foi uma atitude de punição, ele estava usando droga dentro da escola e eu tive que chamar a polícia para fazer a busca, que pegou a droga. E ele ficou revoltado. Depois que conversei com ele e ele falou que não ia jogar bomba não e que disse aquilo no momento da raiva... Eu acho que tenho um bom relacionamento com esses meninos de gangue. Alguns foram meus alunos no pré, estou aqui há muitos anos. Então os que eu já conheço eu acho mais fácil de lidar.

P – O que você percebe que existe em comum aos jovens do grupo de gangue?

O – É a droga, todos da gangue mexem com droga.

P – Você percebe que a droga é um canal de entrada no grupo?

O – Sim. Mas acho também que aqui na escola o problema é muito familiar. As famílias, 99% o menino desde o pré, em vez de ensinarem as crianças a serem humildes e passivas eles ensinam a serem agressivas. Porque falam assim: se o menino te bater, você bate também. E eu há muitos anos venho lutando com isto e em reuniões de pais eu falo: Gente, vocês estão ensinando violência. Eles falam: Mexeu comigo eu tenho que bater! Eu acho que falta uma boa estrutura familiar, e aquela formação desde pequeno de bater e descontar. Igual quando eles formaram a gangue para vingar dos meninos da vila Amorim, eles acharam um absurdo eles terem vindo aqui estragar a festa. Eles não têm nada na cabeça, aquela formação de perdão e humildade. É um problema familiar, que vem desde pequenininho e que a maioria não ensina o filho a ser humilde. E também a droga, porque todos mexem com droga!

P – Aqui no bairro tem muito problema com droga? E na escola?

O – Tem. Na escola eu tenho sorte. Estou aqui há muitos anos e eu sei quem mexe com droga e vou conversando com eles. De manhã eu não tenho nenhum aluno que mexe com droga, mas à noite tem! E eu falo com eles que meu desejo é de que não usassem drogas. Mas sei que entraram e é difícil sair. Porém, dentro da escola não quero que usem! Você pode ver que fizemos até um projeto, todo ano realizamos o projeto, fazemos festa no encerramento. Então são alunos que me conhecem e dentro da escola eu não tenho este problema. Às vezes, quando vem um aluno de fora e vai mexer com droga aqui dentro, eles mesmo vêm e me falam. Aí, converso e falo: não faça isto aqui dentro! Se eles mexem é muito escondido, porque nunca peguei ninguém. Só peguei há muito tempo atrás dois casos.

P – Você citou situações em que houve morte em brigas de gangues. O que você acha que pode ser feito, enquanto educadora, na questão das gangues?

O – Eles tinham que querer sair da droga e fazer um tratamento. Eu até já encaminhei alguns. Porque a primeira coisa é sair da droga. Porque quando vão para um tratamento eles desenturmam; mas tem que querer. Tem um aluno aqui, que está parado na 8ª série. Eu já tentei muito tirá-lo disso, porque é um aluno bom, inteligente, mas ele não quis. Esses dias atrás ele estava preso... E para desmanchar essa gangue mesmo é por aí.

P – Que tipo de drogas eles usam?

O – Craque, maconha, cola, álcool. Eu converso muito com eles e sei que, quando o dinheiro não dá, eles partem para o roubo. Muitos trabalham no café a semana toda e no final de semana compram a droga. É um trabalho pesado e sofrido. Eu acho também que o fato de, no período da manhã, não ter nenhum caso de drogadição é por causa do projeto que fazemos diariamente, com palestras sobre drogas, conversas sobre os fatos (de manhã temos 340 alunos – de 9 a 17 anos – de 5ª a 8ª séries), como por exemplo: um aluno da escola que enterraram vivo. Ele era envolvido com droga e foi briga, mas não era de gangue. A gente explica e fala que o moço viveu pouco por causa da droga e da bebida, pela falta de humildade...

(O PROJETO É ANUAL E DURA TRÊS MESES. TEM ABERTURA E ENCERRAMENTO COM FESTA)

P – Como foi o projeto que o prefeito fez com as gangues?

O – Ele fez uma chamada em todas as escolas dos bairros da cidade, pediu que as diretoras chamassem os rapazes para uma reunião e foram encaminhando: uns voltaram para a escola e outras para a formação profissional. Foi uma proposta de retirá-los da marginalidade e socializá-los. Eu percebi que aqui deu resultado, pois, parece que a gangue perdeu aquela força. Mas eu fui atrás e convidei estes alunos para voltar para a escola.

P – Fale-me melhor sobre porque você considera que a droga leva para a gangue.

O – Eu acho que a droga leva para a gangue porque, quando o menino já está muito envolvido com a droga, ele não se importa com nada em sua vida e fica muito agressivo. Volto a dar o exemplo: de manhã não tenho nenhum aluno que mexe com droga e nenhum aluno que é de gangue. Os alunos do noturno é que são de gangue e mexem com droga. Dentro da droga a pessoa se transforma, às vezes, não é agressiva e se torna.

P – Fale-me um pouco do seu aluno que eu entrevistei.

O – Eu o conheci este ano, é um ótimo aluno, é inteligente, mas falta muito às aulas. Eu sei que o problema dele é a bebida, pois outros alunos me contaram.

RELATO DO GRUPO FOCAL (16/1/05)

Ocorreu na escola, durante o horário vago dos professores.
(gravado em fita cassete)

Presentes: Olívia (diretora), Clarice, Dorinha.

P – Vou apresentar a fala de um participante de gangue e depois gostaria de que vocês comentassem:
“Teve uma professora que me marcou! Quando eu a chamava para explicar a matéria, eu era ignorado! Todos os meus colegas tiravam boa nota, menos eu”...

C – Penso que, a partir do momento em que se escolhe ser professor, você tem que aprender a lidar com as necessidades dos alunos. Eu tive um aluno que hoje está preso e fui visitá-lo na cadeia e ele me disse que nunca assaltou minha casa porque lembrava que eu chamava a atenção dele para que melhorasse. Ele percebeu que o que eu fazia era para o bem dele!

D – Tem que perceber que o aluno precisa de espaço para falar do que ele vive, porque a vida deles não é fácil. Mas também tem momentos em que pedem a bronca; é uma forma deles sentirem que o professor está percebendo tudo o que eles fazem.

O – Eu penso que quando você se coloca primeiro como amigo do aluno, fica mais fácil conseguir que ele aproveite as aulas.

P – Como se constroem essa amizade?

O – Você se aproxima do aluno, conversando com ele, interessando-se pela vida dele, ouvindo suas histórias...

C – Tem que saber o que se passa com o aluno! Tenho um que acorda às quatro da manhã, trabalha o dia inteiro, depois toma banho em casa e atravessa a cidade para vir à escola! A gente precisa dar atenção, senão o aluno não vem!

P – A fala apresentada traz uma situação que hoje faz parte de modo do aluno constituir sua relação com a escola, com o professor.

C – E não foi uma experiência boa! O aluno de 5ª série tem dificuldade em adaptar com os vários professores e conteúdos, porque antes ele tinha apenas uma professora como referência...

D – Os nossos alunos dessas escolas de bairros pobres não têm o principal, que é a família dar importância ao estudo! E o professor tem que gostar de seus alunos. Se eu não gostasse, não tinha como dar aulas para eles... Porque é muito difícil trabalhar com eles, vivem em um meio muito violento... O pai não educa o filho!

C – O aluno pode até ser perigoso, do tipo bandido, mas depende da forma como o professor o trata. A gente precisa ver o lado humano. Por exemplo, se você vai à cadeia e conversa com um preso e pergunta como viveu em família, eles dizem: “Ah, minha mãe nunca ligou se eu saía, aonde ia...” Entende? A gente percebe que eles precisam de limites, embora tenha gente que vivendo isto debanda para o crime e outras não! Assim como têm uns que a família cuida e ainda o filho vai para as drogas...

D – É verdade!

O – Se eles já não têm respaldo na família e encontram isto na escola também! Eles se sentem inferiores.

P – Vocês falam da questão da família desestruturada ou ausente. Como que a escola poderia atuar nessa conjuntura?

D – Este é um problema social, primeiramente, e a escola não pode resolver isto. A escola hoje está deixando de ser um meio educacional e tem responsabilidade de dar comida, uniforme, caderno... O que o educador tem para atuar é a palavra!

P – A escola não faz parte deste social quando o aluno vem para dentro dela com toda esta história de vida?

O – O professor dá conselhos, conversa, mas na escola tem muita cobrança para cumprir os conteúdos. A sala está lotada...

D – Vou tocar num assunto que é a falta de liberdade para trabalhar. Você tem que cumprir o tempo, a matéria e às vezes não tem como parar a aula para debater uma situação ocorrida, porque senão desvia a atenção da matéria a ser dada!

O – Acontece que atualmente nós não temos mais apoio no geral para fazer o que fazíamos há uns anos atrás, como festas e eventos para os alunos. Parece que a escola é só para aula! Todos ficam com muito medo porque no bairro tem traficante, tem gangue!

P – Quem tem medo?

O – Professores, supervisores, diretores, orientadores, enfim, as pessoas que trabalham na escola!

D - Ah, mas é complicado abrir as portas da escola para a comunidade usar! Eles estragam tudo!

O – Eu penso que se abre para a família e para a comunidade, isto aproxima o aluno da escola!

C – É, parece que nada pode na escola!

D – O governo fica preocupado com números e não se o aluno está aprendendo!

P – Quando existiam esses programas de festas para os alunos e suas famílias ou o Domingo na Escola para a comunidade, era diferente?

O – Sim! Eles vinham com mais prazer para as aulas!

C – De fato, o bairro tem problemas, mas a escola não pode negar o acesso do aluno se ele quiser vir à biblioteca fora do seu horário de aula!

P – E isto acontece?

C – É, tem acontecido e dizem que ele vem para fazer bagunça...

O – O sistema educacional tem muita preocupação com o conteúdo e está esquecendo o lado humano.

P – Nesse contexto em que vocês falam do sistema educacional, vou colocar outra situação:

Um aluno relata: “Depois que entrei pra gangue a escola não me aceitou mais... Qualquer coisinha eu já era logo expulso...”.

D – Ele deve ter aprontado muito!

C – Este aluno, para entendermos, precisaria saber a vida dele! É muito difícil dizer porque a escola não o aceitou. Como será que ele vivia com sua família? Eu tenho alunos que são de gangue, mas eles me tratam bem e gostam de mim. Acho que o professor tem que os olhar como sendo pessoas normais, porque se eu começar a tratá-los como de gangues, eles se tornarão meus inimigos, vão até na porta da minha casa me atormentar! E tem professor que tem medo de aluno!

P – Qual a diferença entre o bom relacionamento que você estabelece com esses alunos e com aqueles professores que não estabelecem este bom relacionamento?

C – Penso que devo tratar o aluno da mesma maneira que eu gostaria que tratassem meus filhos. Eu não posso tratar mal um aluno! Eu os trato com educação... O aluno é uma pessoa que faz parte da minha vida!

O – O aluno valoriza o mínimo de atenção que a gente dá a ele. O pior de tudo que os meninos daqui vivem é o abandono. Não tem carinho de família, nem o que comer ou vestir... E infelizmente acontece que, na escola, não se aceita o menino que é de gangue. Tem muita bagunça, sabe? Eu acho que eles têm que vir ao menos um pouco para a escola para transformarem aquele pouco em algo de bom na vida deles! O aluno valoriza quando a gente chama a atenção na hora certa!

C – Tem que saber elogiar e incentivá-los a conversar com a gente! Todo ser humano quer sentir que alguém quer bem a ele! A forma de chamar a atenção e corrigir pode se dar na maneira de olhar para esse aluno. Acho que você pode repreender o aluno sem humilhar ou desrespeitar.

O – Hoje está muito difícil lidar com o aluno, o professor anda se perdendo. Esses dias ouvi um aluno de sete anos de idade, na 2ª série, falar cada palavra agressiva para a professora!

D – É um problema que vem de casa!

P – Vocês apontam que atualmente a escola está sob pressão, o aluno e o professor também estão. Consecutivamente a vida familiar do aluno o deixa em situação de tensão. Como pensar a ação educacional diante disto?

C – Tem que agir com amor, mas por enquanto a escola não tem praticado. A gente tem que encontrar e abraçar as necessidades da escola. Quando encontrar algum aluno fora daqui, conversar, dizer oi, enfim, se aproximar!

O – Tem que se aproximar, chamar pelo nome e mostrar que a gente se importa com eles.

P – O que vocês diriam de um aluno que participa de gangue? Como ele é? Sabendo que ele pode ser também de outros bairros, de classe média e até alta...

C – Ah, primeiramente é o desafio, eles querem desafiar! Desafiar pai e mãe, desafiar professor.

D – Desafiar a autoridade!

C – A forma como o professor repara o aluno na sala de aula é muito importante, porque quando ele começa a participar de gangue logo seleciona os colegas, porque ele não vai ficar com o aluno “certinho”, que faz as tarefas direitinho... Eles precisam de oportunidade, de uma boa referência de pai e mãe, ser mais bem orientados. Isto não é responsabilidade só do professor. Enfim, a escola e os educadores não sabem como fazer direito com este problema dos nossos alunos. Precisamos de ajuda!

O – A escola tem que mostrar que ela é importante na vida do aluno.

P – Como que a escola se torna importante?

C – Eu trago de minha casa uma bagagem de conhecimento que completo com o que recebo na escola. Um integra o outro, porque o que eu trouxe de casa vai valer por causa de tudo o que sabe de suas vivências, se na escola ele consegue complementar o que já sabe e acelerar seus potenciais... A escola é importante no aspecto de entender e aceitar os alunos que têm dificuldade dentro e fora da escola...

O – Nós precisamos de mais estrutura como suporte da atuação da escola, porque em uma sala de aula a gente tem vários alunos com problemas e necessidades diferentes.

D – A escola vai educar o aluno, o professor tenta ajudar, mas não dá para fazer muito fora dos muros da escola.

C – Não dá para atender a todas as necessidades... A escola mudou muito! Os jovens de hoje já não são os mesmos de ontem...

O – Acontece que temos problemas e não enfrentamos as questões, como a evasão do noturno. Tem gente que tem medo de vir aqui no bairro dar aula, sendo que vejo este curso como uma oportunidade para aqueles que um dia abandonaram a escola.

